



Universidade de Brasília (UnB)
Instituto de Letras (IL)
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas (LIP)
Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL)

**MORFOSSINTAXE EM LIBRAS: CATEGORIAS DE NOMES E
VERBOS, PREDICADOS E SUA RELAÇÃO COM A
OMNIPREDICATIVIDADE**

Fabiane Elias Pagy

Brasília-DF
2021

Fabiane Elias Pagy

**MORFOSSINTAXE EM LIBRAS: CATEGORIAS DE NOMES E
VERBOS, PREDICADOS E SUA RELAÇÃO COM A
OMNIPREDICATIVIDADE**

Tese apresentada ao Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutora em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Walkíria Neiva Praça
Coorientadora: Profa. Dra. Roberta Cantarela

Ficha catalográfica elaborada automaticamente, com os dados fornecidos pelo(a)
autor(a)

EP139m Elias Pagy, Fabiane

MORFOSSINTAXE EM LIBRAS: CATEGORIAS DE NOMES E VERBOS,
PREDICADOS E SUA RELAÇÃO COM A OMNIPREDICATIVIDADE /
Fabiane Elias Pagy; orientador Walkiria Neiva Praça;
co orientador Roberta Cantarela. -- Brasília, 2022.
282 p.

Tese (Doutorado - Doutorado em Linguística) -Universidade
de Brasília, 2022.

1. Morfossintaxe. 2. Língua Brasileira de Sinais (Libras).
3. Linguística das Línguas de Sinais. 4. Descrição e Análise
Linguística da Libras. 5. Omnipredicatividade. I. Neiva
Praça, Walkiria, orient. II. Cantarela, Roberta, co orient.
III. Título.

Fabiane Elias Pagy

**MORFOSSINTAXE EM LIBRAS: CATEGORIAS DE NOMES E
VERBOS, PREDICADOS E SUA RELAÇÃO COM A
OMNIPREDICATIVIDADE**

Banca examinadora

Dra. Walkíria Neiva Praça (UnB/PPGL) – Presidente

Dr. Bruno Gonçalves Carneiro (UFT/PPG-Letras) – Membro Externo

Dr. Guilherme Lourenço (UFMG/PPGL) – Membro Externo

Dra. Rozana Reigota Naves (UnB/PPGL) – Membro Interno

Dra. Aline da Cruz (UFG/FL/PPGL) - Suplente

A todos que lutam pela promoção e valorização das Línguas de Sinais, pela acessibilidade e pela inclusão. Que todos possamos desenvolver nossas atividades com igualdade de oportunidades e com o reconhecimento devido. Papai, em especial a você, que esperou que a defesa acontecesse para que fosse morar no céu com o Pai Celestial. A dor é enorme, a saudade cortante, mas o amor por você é infinito e estarás sempre em meu coração. Esta tese é especial para você, paizinho.

Agradecimentos

Inicialmente agradeço a **Deus** pela força, sabedoria, aprendizado e bênçãos concedidas. Obrigada Pai pelo dom da vida e pelas oportunidades. Sem sua Graça nada seria possível.

À minha orientadora e amiga Prof.^a Dr.^a **Walkíria Neiva Praça**, muito obrigada por compartilhar comigo todo o seu conhecimento, por acreditar em mim e em minha capacidade como pesquisadora e por ter me incentivado e desafiado todos os dias a construir um pensamento crítico, desenvolver uma visão acadêmica e por ser modelo para meu desenvolvimento profissional e pessoal. Te adoro Wal!

À minha Coorientadora e também amiga muito querida Prof.^a Dr.^a **Roberta Cantarela**, obrigada por todas as trocas, incentivos e empurrões para que eu me tornasse uma pesquisadora determinada e empenhada em contribuir cada vez mais com a Comunidade Surda. Obrigada por ter se tornado uma amiga tão presente em um momento tão delicado no mundo. Te Adoro Rô!

Ao meu esposo **Israel**, meu muito obrigada por estar sempre ao meu lado, sendo rocha e base. Obrigada pelo incentivo, por nunca me deixar desanimar ou desistir e por me incentivar em meu crescimento pessoal e profissional constantemente. São muitos os motivos para agradecer tudo que você me faz e o quanto você me mantém forte. Te amo muito minha Vida! NEOQEAV!

À minha filha **Isadora**, minha bolachinha mais linda do mundo. Obrigada por estar presente em todos os momentos e por me fazer uma pessoa mais leve e feliz! Mesmo com sua tenra idade você soube compreender os momentos em que a mamãe precisava trabalhar, estudar e se dedicar. Obrigada por suas ‘surpresas de comida’ e por todo o carinho e amor que você emana! Mamãe te ama mais que tudo nesse mundo!

Aos meus pais, **Paulo Maurício** e **Laurimele**, obrigada pelo dom da vida, por terem sido sempre pais dedicados e por terem me ensinado a importância da educação para o crescimento. Palavras não conseguem descrever o quão sou grata a vocês por tudo! Amo muito vocês! **Papai**, em especial dedico a você, que partiu alguns dias após

essa conquista e que deixa em meu coração uma saudade sem fim. Além de agradecida, este trabalho é dedicado a você! Te amo infinito!

Aos meus irmãos **Tathy** e **Celso**, cunhados e cunhadas, sobrinhos e sobrinhas, concunhados, afilhados, obrigada por compreenderem minhas ausências em determinados momentos e por me incentivarem tanto a conseguir mais esta conquista. Meu agradecimento, de coração! Amo vocês.

A todos os meus familiares, em especial minha **Vovó Vera**, mulher forte e determinada que sempre nos ensinou a correr atrás de tudo e ser feliz sempre, e ao meu **Vovô Moysés *in memoriam*** (Vô Budéis), por ter sido um avô presente e fundamental em nossa criação. Amo vocês com todo o meu coração! Tias, tios, primos, primas e agregados (risos), obrigada pela força sempre!!!

Aos meus amigos do coração que sempre me incentivaram a estudar e melhorar sempre! Obrigada **Luciana Lustosa, Romeu Sousa, Ana Carolina Fernandes, Leandro, Guilherme Lourenço, Josiane Marques, Luciana Vale, Falk, João Paulo, Alliny, Marcos Brito (Padinho) e Denise (Madinha), Pier, Kelly, Tuxi, Eduardo Felten** e todos aqueles que aqui não citei o nome, mas que fazem parte dessa história e que tiveram papel importantíssimo em minha vida.

À minha terapeuta, **Amanda**, que teve um papel fundamental nessa jornada. Sem esse acompanhamento minha cabeça não teria aguentado passar por tantas turbulências. Meu mais sincero obrigada!

Aos amigos Surdos e à Comunidade Surda, que me receberam de coração aberto e estiveram também sempre presentes em minha vida. Sem vocês eu não teria chegado onde estou hoje e não seria apaixonada pela Libras como sou. Meu muito obrigada!

Aos colegas da Universidade de Brasília, professores e técnicos, Surdos e Ouvintes, obrigada pela parceria, incentivo e pelas discussões.

Aos alunos, vocês também são responsáveis pelo meu desenvolvimento. Todo o meu trabalho é também para vocês! Obrigada!

À Universidade de Brasília, espaço em que sou eterna estudante e docente orgulhosa. Obrigada pelo espaço de conhecimento e crescimento como pesquisadora e como pessoa.

Enfim, a todos que direta e indiretamente fizeram parte desse processo.

*Em seu coração o homem planeja o seu caminho,
mas o senhor determina os seus passos.
(Provérbios 16:9)*

RESUMO

Muitos têm sido os estudos e as pesquisas sobre os aspectos linguísticos da Língua Brasileira de Sinais (Libras), tema em destaque na atualidade. Porém, poucos são os estudos que detalham e definem os conceitos linguísticos aplicados à Libras. Percebemos que grande parte das pesquisas têm mostrado dados e informações inspirados em trabalhos já existentes sobre outras línguas de sinais no mundo e que muitas vezes se tenta ‘encaixar’ a Libras nesses fenômenos existentes.

O objetivo deste trabalho é o de realizar uma análise da Libras com o mínimo de interferência do português ou de outras línguas de sinais ao observar a conversação espontânea de surdos adultos, em uma abordagem funcional-tipológica. Nosso intuito foi o de identificar e descrever os fenômenos linguísticos encontrados na Libras para depois realizar a comparação com as teorias existentes. Para tal, dividimos este trabalho em 6 capítulos que nos levam a refletir e pensar a Libras por si.

O primeiro capítulo traz informações mais generalizadas sobre a Língua Brasileira de Sinais, com legislações, aspectos da cultura e da comunidade surda, além de conceitos e pesquisas básicas sobre a linguística dessa língua.

No capítulo 2 são apresentados os critérios metodológicos e as formas de direcionamento de nossa pesquisa, com organização, formas de análise dos dados e maneira como são feitas as notações científicas e a apresentação dos exemplos.

O capítulo 3 traz uma reflexão aprofundada sobre o signo linguístico Saussureano, com a aplicação desses conceitos para uma análise detalhada do signo em Libras e de suas características definidoras.

No capítulo 4 são apresentados aspectos de extrema relevância para se compreender a maneira como a Libras se organiza e o uso do espaço, condição fundamental para sua realização, além de transmitir e pensar conceitos relacionados à dêixis e aos processos de referenciação na língua.

O capítulo 5 direciona as análises aos aspectos morfossintáticos, com apresentação das diferenças entre nomes e verbos com base nos estudos Givónianos,

sob uma perspectiva funcional-tipológica, com exposição dos dados analisados e das propriedades básicas que distanciam as línguas de sinais das línguas orais.

Por fim, o capítulo 6 analisa os tipos de predicados existentes na Língua Brasileira de Sinais e suas características morfossintáticas. Após esta descrição é realizada uma reflexão sobre a tipologia de ordem relacionada às variedades de predicados existentes. Finaliza-se com uma possível relação entre os aspectos encontrados e o tipo omni-predicativo de línguas, descrito por Launey (1994, 2004).

Deste modo, compreendemos que este trabalho pode auxiliar na compreensão do funcionamento da Libras e de sua organização, o que contribui para a construção de uma gramática mais detalhada, em um futuro próximo.

ABSTRACT

There have been many studies and researches on the linguistic aspects of the Brazilian Sign Language (Libras), because that is a topic that is currently highlighted nowadays. However, there are few studies that detail and define the linguistic concepts applied to Libras. We realized that most of the researches has shown data and information inspired by existing work on other sign languages in the world. We observe that many times there is an attempt to 'fit' Libras into these existing phenomena.

The objective of this work is to carry out an analysis of Libras with minimal interference from Portuguese or other sign languages, observing the spontaneous conversation of deaf adults, in a functional-typological approach. Our aim was to identify and describe the linguistic phenomena found in Libras and then compare them with existing theories. To this end, we divided this work into 6 chapters that lead us to reflect and think about Libras for themselves.

The first chapter brings more general information about the Brazilian Sign Language, with legislation, aspects of culture and the deaf community, as well as basic concepts and research on the linguistics of this language.

Chapter 2 presents the methodological criteria and ways of directing our research, with organization, forms of data analysis, the way in which scientific notations are made and the presentation of examples.

Chapter 3 brings an in-depth reflection on the Saussurean linguistic sign, with the application of these concepts for a detailed analysis of the sign in Libras and its defining aspects.

Chapter 4 presents relevant aspects to understand the way in which Libras is organized and the use of space, a fundamental condition for its realization, in addition to transmitting and thinking about concepts related to deixis and referencing processes in that language.

Chapter 5 directs the analyzes to the morphosyntactic aspects, presenting the differences between nouns and verbs based on Givonian studies, under a functional-

typological perspective, exposing the analyzed data and the basic properties that distance sign languages from oral languages.

Finally, Chapter 6 analyzes the types of predicates existing in Brazilian Sign Language and their morphosyntactic characteristics. After this description, a reflection on the typology of order relates to the varieties of existing predicates is carried out. It ends with a possible relationship between the aspects found and the omnipredicative type of languages, described by Launey (1994, 2004).

Thus, we understand that this work can contribute to people to understand the functioning of Libras and its organization, which helps to the construction of a more detailed grammar in the near future.

SUMÁRIO

RESUMO	x
ABSTRACT	xii
LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS	xvi
LISTA DE FIGURAS	xx
LISTA DE QUADROS	xxii
LISTA DE GRÁFICOS	xxiii
INTRODUÇÃO	1
0.1. Objetivos	3
0.2. Revisão bibliográfica	4
0.3. Justificativa	9
0.4. Organização da tese	10
CAPÍTULO 1. A Língua Brasileira de Sinais (Libras)	12
1.1. O que é a Libras	12
1.2. Linguística da Libras	19
1.3. Considerações	79
CAPÍTULO 2. Metodologia	81
2.1. Tipo de pesquisa	81
2.2. Etapas da pesquisa	83
2.3. Seleção e análise dos dados	86
2.4. Sistema de Notação Científica	90
2.5. Considerações	91
CAPÍTULO 3. Signo Linguístico em Libras	92
3.1. O Signo linguístico: do estruturalismo ao funcionalismo	92
3.2. Reflexões sobre o Signo em Libras.....	121
3.3. Considerações	126
CAPÍTULO 4. A Referência e a Dêixis na Língua Brasileira de Sinais	128
4.1. A organização espacial da língua	128
4.2. O uso dos espaços mentais: real, sub-rogado e token	131
4.3. Aspectos da Dêixis	137
4.4. Construção de referências.....	144

4.5. Uma reflexão sobre as Expressões Não-Manuais e sua influência na referenciação e na dêixis	152
4.6. Considerações	153
CAPÍTULO 5. As categorias gramaticais de Nomes e Verbos na Libras	155
5.1. Reflexão sobre a literatura: nomes e verbos em Libras	155
5.2. Nomes e verbos na Libras: uma análise da língua em uso	163
5.3. Os fenômenos morfossintáticos: um link entre as línguas de sinais e as línguas orais	184
5.4. A Libras e suas especificidades morfossintáticas	208
5.5. Considerações	209
CAPÍTULO 6. Outros aspectos morfossintáticos da Libras	212
6.1. O predicado em Libras	212
6.2. Tipologia de ordem	231
6.3. A Libras e sua relação com a omnipredicatividade	245
6.4. Considerações	252
CONSIDERAÇÕES FINAIS	254
REFERÊNCIAS	258
ANEXOS	274

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

II- série II

1pl – primeira pessoa do plural

1sg – primeira pessoa do singular

2pl – segunda pessoa do plural

2sg – segunda pessoa do singular

3pl – terceira pessoa do plural

3sg- terceira pessoa do singular

Acus - acusativo

ASL – *American Sign Language*, a Língua Americana de Sinais

asp – aspecto

Ativ - ativo

ben – beneficiário

caus - causativa

CF – Comunidade de Fala

CL – Comunidade de Língua

CLs - classificadores

CM – configuração de mão

Conj - conjugação

decl – declarativo

dem – demonstrativo

DI – Descrição Imagética

Dir - direcional

ELP – empréstimo linguístico do português

ENM – expressões não-manuais

Fem - feminino

GDR – *Graz Database on Reduplication*

hab – habitual

imed – imediato

imit- imitação

imper - imperativo

Indic - indicativo

instr – instrumento

interrog - interrogativo

L – localização ou ponto de articulação

L1 – primeira língua (língua materna)

Libras – Língua Brasileira de Sinais

Lit: - tradução literal

LS – Língua de Sinais

M – movimento

Masc – masculino

N.CIR- nominalização de circunstância

n.sim – não simultâneo

neg – negativa

Nom - nominativo

O- objeto

OM – orientação de mão

Pas - passado

pass – passiva

Pess - pessoa

pl – plural

POS- posposição

Pres - presente

recip – recíproco

R- relacional

RED - reduplicado

RED.ALTERN. – reduplicado com movimento alternado

RED.SIMULT. – reduplicado com movimento simultâneo

ref.1 – um referente

ref.2 – dois referentes

ref.3 – três referentes

REFER- referenciante

refl – reflexivo

rem – remissivo

S – sujeito

Sg - singular

sim – simultâneo

sub – subordinação

V – verbo

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Quadro de Configurações de mão	22
Figura 2: exemplos de tipos de movimento em Libras	23
Figura 3: espaço de sinalização	23
Figura 4: orientações de mão nas línguas de sinais	24
Figura 5: flexão de número em nome e verbo, presente em Pagy (2012 p. 131-132).	34
Figura 6: esquema com os três tipos de flexão verbal de número. (SANDLER & LILLO-MARTIN, 2006, p. 39).	50
Figura 7: derivação na Libras, de acordo com Ferreira-Brito (1995, p. 13).	52
Figura 8: nomes derivados de verbos, presente em Quadros & Karnopp (2004, p.97).	53
Figura 9: processo de composição, apresentado por Quadros & Karnopp (2004, p. 104)	66
Figura 10: sinais da ASL para 'MÃE' e 'MOTHERFUCKER', um xingamento na língua inglesa, presente em Napoli (2019, p. 611)	68
Figura 11: continuum relacionado à tipologia morfológica das línguas, adaptado de Payne (2006, p. 190)	73
Figura 12: Ciclo de mudanças sofridas pelas línguas de acordo com a tipologia morfológica. Adaptado de (Crowley (1992, p. 137)	73
Figura 13: Perspectiva/posicionamento das câmeras dos vídeos do Corpus Libras da Universidade Federal de Santa Catarina	85
Figura 14: Exemplo da tela do ELAN com execução de três vídeos simultâneos	87
Figura 15: Exemplo da tela do ELAN, contendo os vídeos em execução e as trilhas propostas pelo Corpus Libras	88
Figura 16: representação do signo linguístico de Saussure, presente em Saussure (2006[1916], p. 80)	96
Figura 17: representação do signo linguístico de Saussure, presente em Fernandes (2011, p. 170)	96

Figura 18: representação de pantomima para “ovo” e o sinal de “OVO” em ASL, presente em Klima & Bellugi (1979, p. 17)	104
Figura 19: exemplos de sinais icônicos na Libras, presente em Strobel & Fernandes (1998, p. 4)	106
Figura 20: exemplos de sinais arbitrários na Libras, presentes em Strobel & Fernandes (1998, p. 6)	107
Figura 21: O signo linguístico nas línguas naturais, presente em Medeiros (2019, p. 164)	109
Figura 22: mutabilidade do signo linguístico, presente em Saussure (2006[1916], p. 92)	119
Figura 23: Relação sintagmática do signo linguístico	119
Figura 24: Relação paradigmática ou associativa do signo	120
Figura 25: Ilustração das relações sintagmáticas e paradigmáticas na língua ..	121
Figura 26: releitura do Signo Linguístico de Saussure (2006[1916])	123
Figura 27: representação comparativa do signo linguístico 'árvore' na Língua Portuguesa e na Libras	123
Figura 28: Espaço de sinalização da Libras, presente em Pizzio et. al. (2009, p. 1)	130
Figura 29: Avental para histórias infantis	136
Figura 30: formas pronominais com referentes presentes, disponível em Quadros, Pizzio & Rezende (2009, p. 4)	151
Figura 31: formas pronominais com referentes ausentes, disponível em Quadros, Pizzio & Rezende (2009, p. 5)	152
Figura 32: recorte dos vídeos apresentados aos surdos para 'PASSAR-ROUPA' e 'FERRO-DE-PASSAR', presentes em Pizzio (2011, p. 101)	160
Figura 33: imagens apresentadas para o teste de compreensão para os sinais 'PASSAR-ROUPA' e 'FERRO-DE-PASSAR', presentes em Pizzio (2011, p. 102)	161

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Expressões não-manuais na Libras	24
Quadro 2: Flexão versus Derivação, adaptado de Haspelmath (2002, p. 71) ...	54
Quadro 3: Comparação entre as categorias derivacionais e flexionais, adaptado de Payne (2006, p. 39)	55
Quadro 4: Universais Linguísticos segundo Fromkin, Rodman & Hyans (2010)	186

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: quantidade de sinais encontrados para nomes que podem significar verbos	164
Gráfico 2: quantidade de sinais encontrados para verbos que podem significar nomes	164

INTRODUÇÃO

Reconhecida no Brasil como língua utilizada pela Comunidade Surda através da Lei n.º 10.436/02, lei esta que foi regulamentada posteriormente pelo Decreto n.º 5.626/05, a Língua Brasileira de Sinais (Libras) é uma língua de modo viso-espacial, que se utiliza principalmente do espaço para sua realização. Linguisticamente é reconhecida como uma língua natural, pois se desenvolveu de maneira espontânea dentro da Comunidade Surda, além de possuir um arcabouço de regras completas e complexas. Em outras palavras, a Libras não é uma representação manual do Português, não é o Português feito com as mãos. Ao contrário, é uma língua com estrutura complexa, com organização própria e com léxico composto por sinais manuais e não manuais convencionados entre os usuários, característicos de uma língua natural.

A Libras apresenta características próprias que vão além da questão visual, que envolve estruturas e regras muito detalhadas e que ainda carecem de muitas pesquisas para essa descrição e análise.

Todos os trabalhos que existem atualmente foram fortemente influenciados pelos estudos iniciados por Stokoe (1960), que comprovou o *status* linguístico da Língua Americana de Sinais (ASL) e influenciou grandemente os estudos das Línguas de Sinais (LS) pelo mundo. Essa grande influência levou alguns pesquisadores como Quadros & Karnopp (2004), Ferreira-Brito (1995,1999, 2010), Strobel & Fernandes (2008) e outros pesquisadores, à partir da década de 1980, a trazerem para a análise e descrição da Libras características encontradas na ASL. Ocorre que, como podemos perceber nos dias atuais, com os avanços das pesquisas linguísticas voltadas à descrição da Língua Brasileira de Sinais, muito há ainda que se detalhar e aprofundar, devendo diferenciar a Libras não apenas do Português, mas também das outras Línguas de Sinais do mundo. Afinal de contas, não há uma única Língua de Sinais no mundo e as línguas não são ligadas ou presas à língua oral falada no país, o que nos mostra que a variedade de LS's é enorme.

A Libras é uma língua que tem muita visibilidade nos dias de hoje nos diversos meios de comunicação e nos ambientes em que o surdo frequenta (serviços de saúde,

educação, atendimento, entre outros), pois a acessibilidade é um tema em voga na atualidade. Além, no meio acadêmico, a Libras tem despertado grande interesse em ambientes diversos, por ser uma língua relativamente recentes (seus estudos iniciais datam dos anos 1980, como apontado anteriormente), que possui diversos fenômenos ainda não descritos na literatura. Assim sendo, são fundamentais o conhecimento, aprofundamento e a difusão de suas características linguísticas. Inquestionavelmente o estudo da morfossintaxe da Libras é uma dessas áreas que merece ser explorada e detalhada pelos pesquisadores no Brasil.

De maneira geral, a morfossintaxe é vista como a simples junção ou união dos estudos da morfologia e da sintaxe. Para nós, esse estudo vai muito além de uma simples junção. Não é como se colocássemos todas as características morfológicas e sintáticas de uma língua em uma ‘caixinha’ e misturássemos os fenômenos. Ao contrário, percebemos a morfossintaxe como uma relação fundamental, pois trata dos fenômenos que vão desde a criação das palavras até a sua categorização, sua relação com outros itens lexicais para a construção de frases, sentenças, períodos, discursos, textos, enfim, todas as relações gramaticais.

Crystal (2008) define a morfossintaxe como uma área da Linguística que faz referência às categorias ou propriedades gramaticais nas quais são aplicados critérios da morfologia e da sintaxe em diversos aspectos, como para a descrição das características das palavras.

Diante disso, percebemos como indispensável reflexões e análises mais aprofundadas das características morfossintáticas da Língua Brasileira de Sinais, com foco desde as classes de palavras até a constituição e a ordem de sentenças, perpassando pela construção de referências, utilização do espaço em uma língua de modalidade visoespacial, inclusive sobre os aspectos semióticos. Faz-se necessário descrever e conhecer a fundo essas estruturas para que se construa uma teoria mais concisa, clara e completa.

Outro aspecto interessante e que nos chama a atenção nos estudos da morfossintaxe da Libras é um fenômeno descrito por Launey (1994, 2004) conhecido como Omnipredicatividade. De forma geral e simplificada, a Omnipredicatividade é definida por Launey *ibid* como uma característica que algumas línguas possuem de apresentarem a maioria das entradas lexicais com a possibilidade de funcionar, por si só,

como predicados. Outros pesquisadores como Queixalós (2006), Magalhães, Praça & Cruz (2019), seguem a teoria de Launey, e ampliam seus estudos e descobrem que no Brasil há diversas línguas do tronco Tupi-Guaraní que também possuem essas características. Ao analisar esse fenômeno e suas características notamos, pela prática, que há indícios de que a Língua Brasileira de Sinais apresenta características relevantes que possam configurar um tipo de língua Omnipredicativa.

Desta forma, o objetivo desta pesquisa é o de analisar os dados da Libras para constatar, detalhar e descrever, as características morfossintáticas dessa língua. Ainda por cima, pretendemos trazer avanços e novos olhares, em uma abordagem Funcional-Tipológica, com a análise de dados reais produzidos de maneira espontânea por sinalizantes¹ surdos que possuem a Língua de Sinais como principal forma de comunicação em seu cotidiano. Nosso intuito é o de descrever e analisar fenômenos encontrados, tais como as diferenças entre as categorias de nomes e verbos, os tipos de predicados existentes na Libras, além de iniciar uma reflexão acerca das características omnipredicativas descritas por Launey (1994, 2004) que possam estar presentes na Libras.

0.1. Objetivos

0.1.1. Geral

O objetivo principal deste projeto é, a partir de um estudo funcional-tipológico, apresentar dados, descrever, detalhar e refletir sobre fenômenos morfossintáticos da Língua Brasileira de Sinais, para identificar e descrever seu funcionamento, seus fenômenos e sua organização, para assim contribuir com a descrição gramatical da língua. Com efeito, pretendemos também iniciar uma proposta de análise e identificação das características Omnipredicativas descritas por Launey (1994,2004), aplicando-as à Libras.

¹ Denominaremos aqui “sinalizantes” as pessoas usuárias de Línguas de Sinais, sejam elas ouvintes ou surdas, desde que fluentes e com profundo conhecimento de língua.

0.2.2. Específicos

- i. Apresentar as características identificadoras e linguísticas da Língua Brasileira de Sinais, com ênfase nos estudos da Morfossintaxe;
- ii. Refletir o Signo Linguístico e sua constituição na Língua Brasileira de Sinais, com uma discussão sobre o caráter icônico da língua visual, em contraste com a arbitrariedade, com ponderações sobre a motivação ou a influência do conhecimento de mundo nessa constituição;
- iii. Refletir o processo de referenciação na Libras e sua realização nos diversos tipos de espaços mentais utilizados para a construção do discurso, com a compreensão e o esclarecimento sobre como são estabelecidos os referentes no discurso e como se comporta a dêixis em uma língua visuoespacial;
- iv. Detalhar e demonstrar se/como os sinais se organizam nas classes de palavras, mais especificamente os nomes e os verbos, e quais os critérios elencados para esta diferenciação;
- v. Identificar e refletir possíveis características omnipredicativas na Libras.

0.2. Revisão bibliográfica

De acordo com Ferreira-Brito (1995), as línguas de Sinais são consideradas línguas naturais, pois surgiram de maneira espontânea a partir da interação entre os membros da comunidade surda². Os surdos no Brasil utilizam principalmente a Libras³ como forma de comunicação, com aspectos culturais e identidade próprios. Além disso, essa língua permite aos seus usuários expressar qualquer mensagem ou conceito, de qualquer significado decorrente da necessidade de expressão e comunicação dos seres humanos.

² O tema “Comunidade Surda” será melhor discutido no capítulo 1.

³ Importante destacar que a Libras não é a única LS existente no Brasil, porém é a LS majoritária, reconhecida por lei.

Por serem línguas naturais, Quadros & Karnopp (2004) também reforçam o fato de que as línguas de sinais possuem uma gama de propriedades, como proposto por Lyons (1987) e Lobato (1986), que diferenciam as línguas humanas dos sistemas de comunicação animal, como:

- (i) Flexibilidade: diversas possibilidades de uso em diferentes contextos.
- (ii) Arbitrariedade e iconicidade: os itens lexicais que compõem uma língua podem ser considerados arbitrários, quando são resultado de convenções de uso reconhecidas por seus usuários ou icônicos, quando têm uma forma semelhante àquilo que representam.
- (iii) Descontinuidade: as palavras que se diferem minimamente na forma apresentam uma diferença considerável em seu significado, como ocorrem em ‘bato’ e ‘pato’.
- (iv) Criatividade/produtividade: possibilidade de se transmitir qualquer tipo de mensagem de diversas formas, a partir de um conjunto finito de regras.
- (v) Dupla articulação: capacidade das línguas humanas apresentarem-se nos níveis da forma e do significado, sendo respectivamente, unidades menores sem significado e unidades combinadas com significado.
- (vi) Padrão: As línguas humanas apresentam um padrão de organização de seus elementos, sejam eles dentro da palavra ou da sentença, que são regras internalizadas por seus falantes.
- (vii) Dependência estrutural: relação estrutural entre os elementos da língua, não podendo estes ser combinados entre si aleatoriamente.

Quadros (2009), ao analisar os aspectos linguísticos das línguas de sinais, afirma que os sinais utilizados em Libras, diferentemente dos gestos que são apenas mímicas, pertencem a categorias lexicais bem distintas, como nomes, verbos, adjetivos, advérbios, etc. Identificam-se na língua um léxico e um sistema de criação de novos sinais em que unidades mínimas com significado, comparadas aos morfemas, são combinadas. O sinal é formado, então, a partir da combinação de cinco componentes,

denominados na literatura corrente de parâmetros, que se equivalem aos fonemas das línguas orais. Esses componentes são considerados as menores unidades da Libras sem significado e podem ser denominados como: configuração de mão, localização, movimento, orientação de mão e expressões não-manuais.

Quanto às classes de palavras da língua, a Libras possui, assim como as línguas orais, diferentes classes, apresentadas por Ferreira-Brito (1995), Quadros & Karnopp (2004), Pizzio (2011) e diversos outros autores, como nomes, verbos, advérbios, pronomes e preposições, que se combinam com base em regras sintáticas para a construção de sentenças, textos, e estruturas mais complexas.

Entre os estudos relacionados à sintaxe, aspecto importante e que merece atenção está relacionado à ordem desses constituintes na sentença. Felipe (1989) e Ferreira-Brito (2010), afirmam que a ordenação mais básica e mais comum e recorrente na Libras é do tipo SVO (Sujeito-Verbo-Objeto), com possível flexibilidade, para que outras combinações sejam possíveis. Quadros & Karnopp (2004) já afirmam que em Libras todas as sentenças SVO são gramaticais, mas que há outras combinações possíveis em situações específicas, como para a marcação de concordância, sentenças com foco, foco contrastivo, tópico e diversas outras situações, além de demonstrar uma variedade de situações em que é possível essa diversificação, o que coloca em dúvida a afirmação das autoras anteriormente citadas.

Os estudos relacionados às categorias gramaticais e à estrutura e organização dos constituintes nos fazem passar para uma área mais específica e que entrelaça os conceitos e teorias da morfologia e da sintaxe, que trabalham juntas para a construção de sentenças, que é a morfossintaxe, área que pretendemos explorar e aprofundar na Libras. E para que esse aprofundamento seja possível, devemos conhecer melhor os fenômenos de um modo geral. Assim sendo, utilizaremos como base diversos autores funcionalistas, entre eles Givón (2001), Farrel (2005), Payne (2006) e Shopen (2007).

No escopo da Morfossintaxe, Payne (2006, p. 8) afirma que a Morfologia é “simplesmente o estudo das formas”⁴ das palavras, enquanto a Sintaxe, por outro lado, estuda “como as palavras se combinam para formar sentenças”⁵. Para o autor, a

⁴ Tradução nossa para “simply the study of shapes” (PAYNE, 2006, p. 8).

⁵ Tradução nossa para “is how words combine to form sentences” (PAYNE, 1006, p. 8).

morfossintaxe analisa algo mais profundo, sobre como os sons se combinam para formar palavras e sentenças. Para além da simples combinação entre a morfologia e a sintaxe, a morfossintaxe estuda, como definido por Crystal (2008, p. 315), “as categorias ou propriedades gramaticais nas quais são aplicados critérios da morfologia e da sintaxe”⁶ em diversos aspectos, ou seja, ela analisa as classes de palavras e as possibilidades de combinação, usos em diferentes contextos e diversos outros aspectos para a construção da estrutura linguística.

A morfossintaxe para nós envolve também aspectos que vão muito além de uma simples união da morfologia e da sintaxe. É uma área da linguística que trata, analisa, estuda e define as relações gramaticais existentes nas línguas do mundo. Atua, nas línguas de sinais, mais especificamente na Libras sobre: os critérios morfológicos, sintáticos e semânticos de formação de palavras (ver Givón, 2001); as classes de palavras, as combinações entre essas palavras, posições e intenções sintáticas; as relações de significado, que faz um link com os aspectos semânticos, pragmáticos e semióticos; o uso do espaço de sinalização, que envolve aspectos da referenciação e da dêixis, no uso dos espaços chamados de token e sub-rogado; todas as relações estabelecidas na construção de um discurso em Libras.

Ao conhecer essas características mais a fundo, podemos também iniciar uma reflexão acerca de um fenômeno apresentado por Launey (1994, 2004), chamado Omnipredicatividade.

A Omnipredicatividade, como dito anteriormente, foi estudada pela primeira vez por Launey (1994), que analisou e estudou este fenômeno na Língua Nahuatl clássico, língua da família uto-asteca, falada atualmente em território que corresponde à região central do México, do povo Nahuatl. Esse fenômeno trata de que a maioria dos itens lexicais da língua podem funcionar como predicado, designando uma entidade.

Launey (2004), aponta como fundamentais cinco princípios para que uma língua seja considerada Omnipredicativa, quais sejam:

- a. Todos os itens lexicais podem funcionar como predicado;

⁶ Tradução nossa para “gramatical categories or properties for whose definition criteria of morphology and syntax both apply” (CRYSTAL, 2008, p. 315)

- b. Sintagmas Argumentais são predicados subordinados, que designam uma entidade;
- c. Essa subordinação só é possível se, e somente se, houver coindexação entre uma posição argumental no predicado principal e no predicado subordinado;
- d. Em Nahuatl, “a tradução correta para um nome como *mič̄in* não é ‘peixe’, mas ‘ser peixe’, e uma frase como *in mič̄in* pode ser glosada como ‘aquele que é peixe’”⁷ (LAUNEY, 2004, p. 6).

Importante ressaltar que não são apenas essas características que determinam a Omnipredicatividade. Launey (1994, 2004) e Magalhães, Praça e Cruz (2019) ainda detalham e descrevem outras onze características secundárias que podem estar presentes em línguas desse tipo, entre elas: ausência de cópula; evidências de coindexação; ausência de marcação de caso; presença de verbos espaciais; e tantos outros.

Evidenciamos que nosso conhecimento sobre a Libras, sua estrutura e organização gramatical, além do conhecimento linguístico mais aprofundado, nos traz a luz evidências de que a Libras tem em sua estrutura a presença de algumas dessas características omni-predicativas. Identificamos em sua organização aspectos omni-predicativos, como a ausência cópula, presença de verbos espaciais e alguns outros pontos que nos mostram uma necessidade muito grande de uma descrição morfossintática mais detalhada.

Em síntese, o conhecimento aprofundado sobre a morfossintaxe da Libras nos permite desenvolver ferramentas e artefatos para iniciar uma reflexão, se for o caso, da Libras como uma língua omni-predicativa.

⁷ Tradução nossa para “the correct translation of a noun like *mič̄in* is not *fish*, but *be fish*, and a phrase like *in mič̄in* should be glossed like *the one who is fish*” (Launey, 2004, p. 6)

0.3. Justificativa

Os estudos e as pesquisas sobre a Libras têm crescido bastante nos últimos anos, principalmente depois do reconhecimento legal e linguístico da língua, reconhecimento este que fez com que a Comunidade Surda se fizesse presente nos mais diversos espaços.

Em nossas pesquisas e estudos sobre a Língua Brasileira de Sinais, percebemos que há ainda uma variedade de fenômenos, aspectos e até áreas pouco analisadas a fundo e que necessitam de atenção mais que especial. Uma dessas áreas é a da morfossintaxe, uma área ampla e que tem uma relação muito próxima e entrelaçada com as outras áreas, como a semântica e a pragmática, além de uma forte presença de aspectos da semiótica.

Percebemos em nossas leituras e nos trabalhos que são apresentados e discutidos em eventos acadêmicos que muitas teorias acabaram sendo ‘adaptadas’ à Libras, ou seja, fenômenos que são descritos em línguas orais, ou até mesmo em outras línguas de sinais, têm sido ‘traduzidos’ e adaptados à Libras, sem um estudo mais aprofundado e uma análise mais veemente dos dados da língua. Esses estudos tomam como base o que autores de outros países abordam sobre suas línguas de sinais, sem apresentar uma análise aprofundada de fato da Libras, sem uma análise em que não ocorra interferência de outras línguas, como o português, por exemplo.

Desta feita, mediante características apresentadas, que serão melhor detalhadas e esclarecidas na tese, principalmente para o estudo da morfossintaxe da Libras, pretendemos organizar o trabalho de pesquisa, análise e descrição da Libras morfossintaticamente, com abordagem, identificação, descrição, exemplos e conversas com os teóricos existentes sobre temas fundamentais, como: a constituição da Libras como língua natural e suas características; os aspectos semióticos da Libras, com atenção especial às questões relacionadas à iconicidade e arbitrariedade da língua, além do processo de criação dos sinais, com base em suas motivações; a constituição do signo linguístico na Libras; como ocorre a referenciação e o processo de Dêixis na Libras, com o uso do espaço de sinalização e a construção e retomada dos referentes nessa organização espacial; e, características morfossintáticas da Libras.

Após uma análise detalhada dos dados e destacados os aspectos morfossintáticos propostos, poderemos iniciar uma reflexão mais próxima e atenta sobre as possíveis características omni-predicativas da Libras.

Atuar em uma pesquisa dessa proporção nos permite contribuir grandemente para a descrição gramatical e a construção de uma gramática da Língua Brasileira de Sinais. Essa gramática é algo ainda muito desejada pela comunidade surda e trabalhos cada vez mais aprofundados, como este proposto, são fundamentais para que se torne palpável e real.

0.4. Organização da Tese

Com a intenção de organizar as ideias e os dados, organizamos esta tese em uma sequência em que o leitor consiga entender, em uma sequência lógica, nossas intenções.

No capítulo 1 realizamos uma introdução sobre a Língua Brasileira de Sinais (Libras) com definições básicas sobre a língua, como seu povo, Comunidade e Cultura Surda. Na sequência expomos os aspectos linguísticos fundamentais da Libras, que demonstram e comprovam seu *status* de língua natural. Evidenciamos características fonológicas, morfológicas, sintáticas e semânticas da língua, de acordo com as referências e os estudos já existentes.

No capítulo 2 indicamos a metodologia adotada para a pesquisa e descrição presentes nesta tese, com informações sobre o tipo de pesquisa, todas as etapas delimitadas, seleção e análise dos dados e as formas de notação científica adotadas para este trabalho. O objetivo deste capítulo é o de nortear o leitor quanto aos dados apresentados, às características dos dados e à forma de representação escolhida.

O capítulo 3 versa sobre a constituição do signo linguístico proposto por Saussure e como ocorre a constituição do signo na Língua Brasileira de Sinais. Neste capítulo propomos uma reflexão direcionada sobre o signo linguístico e como é possível sua constituição em uma língua de modalidade viso-espacial. Para tanto, inicialmente expomos informações teóricas sobre o signo Saussuriano, desde o estruturalismo até a

visão funcionalista do mesmo. Após, compreendermos sua constituição e hipotetizamos como esses conceitos se aplicam às línguas de sinais, mais especificamente à Libras.

No capítulo 4 direcionamos nossos olhares à construção da referência na Libras e investigamos as formas de realização da dêixis em uma língua com organização espacial, que se utiliza literalmente da apontação em diversas situações. Este capítulo está ordenado inicialmente na organização espacial da Libras, seguido de uma exposição detalhada sobre os espaços mentais real, token e sub-rogado. Após a compreensão dessas informações focamos nossas análises na referência e na dêixis, na Libras, como exposto anteriormente.

O capítulo 5 faz com que possamos associar todos os conceitos e parâmetros expostos e provoca uma reflexão especificamente sobre as classes de palavras da Libras, mais especificamente sobre os nomes e os verbos. Inicialmente exibimos um levantamento teórico existente sobre as classes de palavras e os estudos funcionais - tipológicos já realizados, inclusive na Libras. Seguimos com as evidências e os dados analisados, além dos resultados encontrados. Mesclado à apresentação, tecemos nossas ponderações acerca dos aspectos encontrados e diferenças evidentes para a categorização de nomes e verbos na Libras.

Por fim, no capítulo 6 descrevemos características e aspectos específicos sobre a constituição do predicado em Libras. Discutimos e analisamos características morfossintáticas e formações que permeiam o predicado, com a presença de predicados verbais e não-verbais, além de características morfossintáticas específicas. Discutimos também, com base nos dados encontrados na língua, questões relevantes sobre a tipologia de ordem das palavras e as possibilidades de construções na Língua Brasileira de Sinais. Por fim, encerramos o capítulo com comentários tecidos sobre os possíveis aspectos omnipredicativos encontrados na Libras como forma de postular a possibilidade de enquadramento, após estudos mais aprofundados, da língua em tal tipologia.

CAPÍTULO 1. A Língua Brasileira de Sinais (Libras)

Neste capítulo apresentamos aspectos relevantes para o estudo linguístico da Língua Brasileira de Sinais, com temas como o conceito de língua, legislação, Comunidade Surda, Povo Surdo, e aspectos Culturais, além de características linguísticas fundamentais.

Para organizar as informações, realizamos um levantamento sobre as pesquisas e estudos linguísticos sobre as Línguas de Sinais (LS), com informações mais detalhadas sobre a Língua Brasileira de Sinais (Libras). Abordamos e refletimos sobre: aspectos da Fonologia, com os componentes ou parâmetros dos sinais, considerados pela literatura como os fonemas das LS; morfologia das línguas de sinais, ao mostrar e discutir temas como flexão, derivação e processos morfológicos; além de aspecto da sintaxe, da semântica e da pragmática.

1.1. O que é a Libras

O reconhecimento legal dado à Libras se mostrou uma ferramenta de fortalecimento e valorização da Comunidade e da Cultura Surda, o que traz também mais respeito a essa minoria Linguística, que tem tido cada vez mais visibilidade e apoio de governantes e de políticas públicas. Para além, é básico e fundamental ao desenvolvimento humano o direito à comunicação e aos serviços essenciais como a saúde e principalmente a educação. Para o Surdo sinalizante ter pleno acesso a esses direitos, faz-se necessário que a comunicação ocorra por meio da Libras. Para tanto, fazem-se descrições detalhadas dessa língua, ainda incipientes. Assim, tais descrições enriquecerão não só o conhecimento a respeito da Libras, bem como subsidiarão o ensino-aprendizagem dos surdos, a formação de professores, entre outros, para contribuir com esse fortalecimento e com a garantia de direitos dessa comunidade minoritária.

Para uma melhor compreensão do trajeto percorrido pelos surdos ao ponto de terem o reconhecimento e a posição/visibilidade que possuem hoje, é importante apresentar conceitos fundamentais que permeiam os estudos linguísticos. Ainda além, estudar e conhecer língua, do ponto de vista funcional-tipológico, envolve também o conhecimento sobre o outro, sua cultura e suas vivências.

1.1.1. Comunidade Surda.

Para que o conceito de Comunidade Surda seja esclarecido e compreendido, primeiramente se faz necessário entender o conceito de comunidade. Couto (2005) afirma que comunidade é um termo que possui diversas acepções e cita pelo menos três delas. Para o autor, o primeiro conceito envolve algo que é comum a todas as pessoas no mundo, o segundo está relacionado a um grupo de pessoas que tem algo em comum, e o terceiro, que é o foco de seus estudos, é o conceito da Ecologia Fundamental da Língua, que segue uma abordagem da Ecolinguística e divide o conceito em comunidade de língua e comunidade de fala.

Comunidade de Língua, doravante CL, é considerada por Couto (2005, p.202) como fácil de ser definida pois “é o domínio do que chamamos laicamente de língua. Assim, a CL Portuguesa compreende Portugal, Brasil, Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Timor Loro Sae e outras regiões em que a Língua Portuguesa eventualmente seja usada”. Segundo o autor, “CL é o domínio do código, do Sistema”. Já a Comunidade de Fala, doravante CF, refere-se mais especificamente à interação concreta entre indivíduos. A CF é considerada bem mais complexa pelo autor, pois possui uma CL, além de delimitação territorial, moeda corrente, sistema viário e diversos outros fatores relacionados a um *locus* em que haja interação e comunicação entre as pessoas. Podemos exemplificar essa situação com o que ocorre na Coreia, que é dividida entre Coreia do Sul e a Coreia do Norte. Embora utilizem a mesma língua, Coreia do Sul e do Norte constituem CF diferentes, pois não interagem entre si e desenvolvem particularidades na forma de interação. Isso significa que, nas palavras do autor, “a CF existe em um território delimitado geográfica e politicamente, no seio do qual a interação tem que se dar de alguma maneira”.

No caso da Comunidade Surda, Couto (2005) diz que

A CL dos surdos é constituída por todos os cidadãos surdos que se espalham pelo país e que dominam o sistema da língua brasileira de sinais, também conhecida por LIBRAS. Quanto à CF, como acabamos de ver, não é só uma, mas são diversas. Existem tantas CFs de surdos no Brasil quantas forem as associações de surdos locais. (COUTO, 2005, p. 205)

Em outras palavras, temos uma comunidade de língua ampla, que envolve todo o país, que utiliza a Libras como principal forma de comunicação, mas para além dessa CL, temos uma diversidade muito grande de CFs espalhadas pelo território nacional também. Mesmo que

grande parte dos surdos brasileiros utilizem a mesma língua e constituam uma única CL, por ser um país continental, os surdos se distribuem em diversas CF, que possuem especificidades e características relacionadas à forma como essas comunidades interagem.

Mais especificamente sobre a Comunidade Surda, Padden e Humphries (2000) a definem como um grupo de pessoas que mora em um determinado local, que compartilham objetivos e metas comuns entre seus participantes, e lutam para que sejam alcançadas. Strobel (2008, p. 31) complementa tal conceito, afirmando que “a comunidade surda de fato não é só de sujeitos surdos, há também ouvintes – membros de família, intérpretes, professores, amigos e outros – que participam e compartilham os mesmos interesses em comum em uma determinada localização.” Entende-se que comunidade surda é diferente de Povo Surdo e envolve todas as pessoas que realmente são comprometidas com a causa Surda e que de alguma forma lutam para que as metas e os objetivos dessa comunidade sejam alcançados e respeitados por todos. São pessoas que valorizam o Surdo e que defendem que uma condição, no caso a surdez, não limita a capacidade de desenvolvimento pessoal, profissional, acadêmico e intelectual dessa comunidade.

Strobel (2008) resume essas informações ao definir a Comunidade Surda como um grupo composto por sujeitos surdos, ouvintes (membros da família do surdo), intérpretes, professores, amigos e qualquer outra pessoa que participe e compartilhe interesses comuns a esse grupo denominado “povo surdo”, que possui uma identidade própria, chamada de “identidade surda”, construída a partir da transmissão de comportamentos realizada pelos surdos adultos, que disseminam sua cultura surda e seus costumes surdos.

Dentro da Comunidade Surda, um artefato cultural em especial tem grande valor e merece destaque, o artefato linguístico. Como apontado anteriormente, um dos pontos chave da comunidade surda está no fato de que a comunicação ocorre principalmente através de uma língua de sinais. Strobel (2008) salienta que

Os sujeitos surdos que têm acesso à língua de sinais e participação da comunidade surda tem maior segurança, auto-estima e identidade sadia. Por isto é importante que as crianças surdas convivam com pessoas surdas adultas em quem se identificarem e ter acesso às informações e conhecimentos no seu cotidiano (STROBEL, 2008, p. 45).

Isto significa que o contato precoce com uma língua de sinais permite que o indivíduo surdo tenha um desenvolvimento sadio e uma integração social e cultural no tempo certo. Além disso, ainda sobre a LS, Strobel *op cit* aponta que as línguas de sinais no mundo apresentam variações, como qualquer outra língua. São variações de diversos tipos e em diferentes níveis. Dentre as possíveis variações que ocorrem com a Libras, podemos citar a variação regional, social, referente ao nível de instrução, à faixa etária, e tantos outros, que devem sempre ser considerados em estudos científicos.

1.1.2. Povo Surdo

Diferente da Comunidade Surda, que é algo mais abrangente, o povo surdo tem um conceito mais restrito, mais fechado às pessoas Surdas. Para Strobel (2008)

Quando pronunciamos “povo surdo”, estamos nos referindo aos sujeitos surdos que não habitam no mesmo local, mas que estão ligados por uma origem, por um código ético de formação visual, independente do grau de evolução linguística, tais como a língua de sinais, a cultura surda e quaisquer outros laços. (STROBEL, 2008, p. 31)

Assim, entende-se que povo surdo se refere especificamente ao sujeito surdo que utiliza a língua de sinais para se comunicar, que convive e se relaciona com a comunidade surda, que possui uma cultura surda e uma identidade surda, mas não que necessariamente more em uma mesma região ou localização. Povo Surdo envolve os surdos presentes em diversas comunidades, como interior, zonas rurais, índios, mulheres, sinalizados ou oralizados, implantados, gays e outros.

Ressalta-se que nosso trabalho tem como foco o povo surdo e não os membros e participantes da Comunidade Surda¹. Isso significa que analisamos dados coletados de pessoas Surdas adultas e com experiência mínima de 10 anos com a Libras, que a utilizam como sua principal forma de comunicação no dia-a-dia. Nosso foco é analisar a língua de sinais com o mínimo de interferência da língua oral falada no país, no caso o Português.

¹ Comunidade Surda é, como apontado por diversos autores como Perlin (2003) e Strobel (2008), não se constitui apenas de sujeitos surdos, mas também de pessoas ouvintes, ou não-surdos, que convivem com esse grupo, participam das atividades e compartilham os mesmos interesses e metas em prol do Povo Surdo.

1.1.3. *Cultura Surda*

Falar em Cultura e Povo Surdo nos leva a um terceiro aspecto de extrema relevância e que, no estudo de língua, não pode e não deve ser deixado de lado, que é a Cultura Surda. O termo Cultura é complexo e seu conceito envolve uma série de fatores. Laraia (2001), em um estudo antropológico, define e detalha o conceito de cultura a determinados pontos, como:

1. A cultura, mais do que a herança genética, determina o comportamento do homem e justifica as suas realizações.
2. O homem age de acordo com os seus padrões culturais. Os seus instintos foram parcialmente anulados pelo longo processo evolutivo por que passou. (Voltaremos a este ponto mais adiante.)
3. A cultura é o meio de adaptação aos diferentes ambientes ecológicos. Em vez de modificar para isto o seu aparato biológico, o homem modifica o seu equipamento superorgânico.
4. Em decorrência da afirmação anterior, o homem foi capaz de romper as barreiras das diferenças ambientais e transformar toda a terra em seu hábitat.
5. Adquirindo cultura, o homem passou a depender muito mais do aprendizado do que a agir através de atitudes geneticamente determinadas.
6. Como já era do conhecimento da humanidade, desde o Iluminismo, é este processo de aprendizagem (socialização ou endoculturação, não importa o termo) que determina o seu comportamento e a sua capacidade artística ou profissional.
7. A cultura é um processo acumulativo, resultante de toda a experiência histórica das gerações anteriores. Este processo limita ou estimula a ação criativa do indivíduo.
8. Os gênios são indivíduos altamente inteligentes que têm a oportunidade de utilizar o conhecimento existente ao seu dispor, construído pelos participantes vivos e mortos de seu sistema cultural, e criar um novo objeto ou uma nova técnica. Nesta classificação podem ser incluídos os indivíduos que fizeram as primeiras invenções, tais como o primeiro homem que produziu o fogo através do atrito da madeira seca; ou o primeiro homem que fabricou a primeira máquina capaz de ampliar a força muscular, o arco e a flecha etc. São eles gênios da mesma grandeza de Santos Dumont e Einstein. Sem as suas primeiras invenções ou descobertas, hoje consideradas modestas, não teriam ocorrido as demais. E pior do que isto, talvez nem mesmo a espécie humana teria chegado ao que é hoje. (LARAIA, 2001, p. 48-49)

Em suma, o conceito de cultura envolve o conhecimento de mundo de um determinado grupo de pessoas ou de uma comunidade. Envolve a transmissão de valores, crenças, atitudes e comportamentos, de geração em geração.

Um aspecto interessante no caso da pessoa surda diz respeito ao item '3' de Laraia (2001) *supracitado*, que afirma que “A cultura é o meio de adaptação aos diferentes ambientes ecológicos”. No caso da pessoa surda, esse conceito e a aquisição e transmissão dos bens e artefatos culturais vai muito além da adaptação aos ambientes e do aparato biológico. Pela ausência de um sentido, no caso a audição, o surdo utiliza-se dos outros sentidos, principalmente a visão e o tato, para a transmissão desses valores culturais. Para além, a interação com o meio desenvolve no Surdo uma maior sensibilidade a outras ações e atitudes muitas vezes não percebidas por nós ouvintes, desconectadas da necessidade de sons ao redor.

A Cultura Surda é definida por Perlin (2005) como uma maneira diferenciada que o surdo tem de agir, perceber o mundo, sentir, adquirir experiências, se comunicar, se transformar e adequar o mundo à sua volta. Strobel (2008) reforça esse conceito e detalha um pouco mais afirmando que

Cultura surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável ajustando-os com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das “almas” das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo.

[...] A cultura surda é como algo que penetra na pele do povo surdo que participa das comunidades surdas, que compartilha algo que tem em comum, seu conjunto de normas, valores e de comportamento. (STROBEL, 2008, p. 24 e 25)

Para as autoras citadas, a cultura surda é algo fundamental para a transmissão dos valores, das experiências e das vivências dos Surdos, sendo fundamental o contato com a Comunidade Surda desde a mais tenra idade, quando detectada a perda na audição. Quando se referem às normas, valores e comportamento dos Surdos, as autoras remetem à necessidade do contato para que os surdos mais jovens possam aprender os conceitos básicos relacionados a tudo, inclusive à vida em sociedade, visto que uma grande maioria nasce e vive em lares com pouca ou nenhuma comunicação, com parentes e familiares que não conhecem a Língua de Sinais e que acabam por negligenciar informações mínimas de convívio. Além disso, defendem também que os ouvintes que pesquisam e estudam as línguas de sinais devem conhecer a Cultura Surda, conviver com o Povo Surdo, ter contato constante com a Comunidade Surda, pois torna-se uma ferramenta também de transmissão desse conhecimento. Além disso, destacamos que o aprendiz e o pesquisador devem ter em mente sempre que o estudo e a análise

de língua devem ser baseados no uso da língua dentro de uma dada comunidade, que possui uma cultura diferenciada.

Diante do exposto, inferimos que o desenvolvimento e a transmissão da cultura entre as pessoas, povos e gerações envolvem principalmente a cosmovisão daqueles que as transfere, o conhecimento de mundo de cada indivíduo. No caso dos Surdos, esse conhecimento de mundo está baseado em informações visuais, na aquisição de conhecimento através da janela dos olhos.

1.1.4. Relação entre povo, cultura e língua: uma breve reflexão.

Em uma reflexão quanto aos conceitos expostos, percebemos que a relação entre povo, cultura e língua é muito mais estreita e intrincada do que podemos imaginar. O ser humano tem necessidade de viver em comunidade, em sociedade, em cujas informações são transmitidas de geração em geração através da língua. Um povo recebe e transmite informações sobre suas vivências, lendas, histórias, rituais, crenças, regras sociais e os mais diversos assuntos possíveis através da língua que utiliza. É a língua o instrumento fundamental para que essas informações possam ser passadas de geração em geração, pois somente através dela é possível aprofundar o conhecimento de mundo. Não apenas o que vimos, vemos, vivenciamos, mas tudo que nossos antepassados nos ensinam.

Assim sendo, a relação existente entre povo, cultura e língua se torna algo impossível de dissociar. Impossível falar sobre um povo, com uma cultura rica e única, ao deixar de lado a língua que esse povo utiliza. Por nossa experiência e também pela nossa vivência, percebemos que há determinados conceitos culturalmente enraizados que são difíceis ou impossíveis de serem traduzidos de uma língua para outra. A língua de um povo é um bem, um patrimônio de valor inestimável, e que deve ser sempre considerada em qualquer tipo de estudo ou pesquisa que envolva esse povo. Outrossim, esse conhecimento é fator fundamental para que se compreenda como essa língua se organiza, se estrutura, sobre suas características linguísticas.

1.2. Linguística da Libras

As línguas de sinais começaram a ser analisadas linguisticamente na década de 1960 a partir dos estudos de Stokoe (1960). Stokoe era ouvinte, mas em suas análises percebeu que a ASL (*American Sign Language*) tinha propriedades de língua e comprovou academicamente esse *status*. Essa comprovação se dá através de um extenso trabalho no qual o autor descreve os aspectos linguísticos da ASL, com dados inicialmente sobre a Fonologia (chamada pelo autor de ‘Querologia’, abordado nas sessões que seguem) e sobre os morfoquemas e os morfemas. Os estudos realizados por Stokoe surtiram grande repercussão, visibilidade e influenciaram os estudos linguísticos das Línguas de Sinais no mundo.

No Brasil, os estudos linguísticos da Libras iniciaram-se na década de 1980, com Ferreira-Brito (1990, 1995), Felipe (1988, 1998), Quadros (1999), entre outros, todos ouvintes. Após um certo período os pesquisadores Surdos começaram a surgir, sendo Campelo (2005) um dos primeiros trabalhos defendidos por um pesquisador Surdo no país.

A Libras, assim como as outras línguas de sinais do mundo, é também considerada uma língua natural, como apontado por Ferreira-Brito (1995), Felipe (1998), Gesser (2008) e diversos outros pesquisadores. É uma língua que surgiu na Comunidade Surda de maneira natural, espontânea, em função da necessidade de comunicação que é inerente ao ser humano. Não obstante, sua estrutura permite expressar qualquer conceito ou significado a partir da possibilidade infinita de combinações, respeitando regras finitas.

Com base no que foi apresentado, fica evidente que, como qualquer língua, a Libras possui níveis gramaticais tais como fonologia, morfologia, sintaxe, semântica e podemos acrescentar pragmática. Isto significa que há regras estruturais básicas e fundamentais que devem ser adquiridas, aprendidas, apreendidas e respeitadas por todos aqueles que utilizam esta língua como forma de comunicação, como primeira ou segunda língua, em ambientes familiares, sociais, profissionais ou em qualquer espaço ou momento em que esta comunicação se faça necessária.

1.2.1. Fonologia

Durante muitos anos os estudos voltados à fonologia das LS foram deixados de lado. Por ser uma língua de modalidade visuoespacial e sem realização de som com valor gramatical, Stokoe (1960) defendia que nas línguas sinalizadas não temos um estudo fonológico, propondo

a criação de uma nova área nos estudos linguísticos, denominada Quirologia, que seria análoga à fonologia. Assim sendo, o quirema é a menor unidade de língua sinalizada sem significado, análogo ao fonema. Com a Quirologia, o autor identificou e detalhou 3 unidades mínimas necessárias a compor um sinal, quais sejam: a configuração de mão, o movimento e a localização. Com o avanço dos estudos e das análises das línguas de sinais, os estudiosos, como Klima & Bellugi (1979), Liddell (1984), Liddell & Johnson (1989), passam a seguir a proposta de Battison (1978). Battison *ibid.* defende que não há a necessidade de se criar uma nova nomenclatura para as áreas da linguística nas línguas de sinais e alerta que o conceito de fonologia pode e deve ser aplicado às línguas sinalizadas, mesmo que não haja uma produção de som vocal com efeito gramatical.

Acompanhando a opinião de Battison (1978), de que não há necessidade de criar nomenclaturas novas e diferenciadas para os estudos linguísticos das línguas de sinais, concordamos que devemos utilizar os termos ‘fonema’ e ‘fonologia’ também para as línguas de sinais. Tal uso é cabível pois essas línguas também se referem a entidades abstratas, independente do meio ou do canal de comunicação (oral ou sinalizada). Assim sendo, podemos definir a fonologia como a área do estudo linguístico que é responsável por analisar e estudar as menores unidades sem significado de uma língua, o fonema e as suas regras de combinação e a relação uns com os outros.

Nos estudos da fonologia das Línguas de Sinais, Battison (1978) acrescentou às unidades mínimas das Línguas de Sinais propostas por Stokoe (1960) a orientação da palma, ou orientação de mão, pois percebeu que haviam alguns sinais da ASL com mudança de significado ao se alterar este parâmetro. Mais tarde, Liddell (1984) e Liddell & Johnson (1989) identificam e acrescentam à lista de parâmetros fonológicos as expressões não manuais, que envolvem as expressões faciais e corporais. Napoli (2019), por sua vez, faz um resumo e um apanhado dos componentes fonológicos dos sinais presentes em qualquer LS do mundo, com uma breve reflexão sobre os parâmetros que compõem o sinal com seus significados, além dos componentes não-manuais, relacionando-os com os morfemas.

Inicialmente os estudos sobre a fonologia em Libras não recebiam de seus pesquisadores uma descrição detalhada e, em muitos casos, mesmo que explorados, os fenômenos não eram classificados como fonológicos. Para apresentar os fenômenos pesquisados, autoras como Ferreira-Brito (1990, 1995, 2010), Felipe (1998), Karnopp (1999) e Strobel & Fernandes (2008) abordavam o tema apenas com nomes que não remetiam a uma ou outra área específica. Em

seus trabalhos, cada uma das autoras intitula as sessões sem determinar a que nível linguístico pertencem. Exemplos desses títulos são: “Estrutura Sublexical dos Sinais”, “O sinal e Seus Parâmetros” e “Aspectos Estruturais”, provavelmente seguindo o que era defendido por Stokoe (1960), que considerava que as línguas de sinais possuíam uma forma de organização sublexical.

Esses trabalhos iniciais em Libras serviram de base para que outros pesquisadores se interessassem pela temática, o que provocou um aumento considerável na quantidade e na qualidade das pesquisas realizadas. Assim pesquisadores como Quadros & Karnopp (2004), Stumpf (2005), Xavier (2006), Leite (2008), entre outros, surdos e ouvintes, mesmo que de forma introdutória e mesmo que o foco de seus trabalhos não fosse esse, começaram a desfazer essa indissociabilidade que existia entre a fonologia e a morfologia e comprovaram que há diferenças entre as áreas.

Quadros (2019) argumenta que a fonologia da Libras tem a função principal de “analisar a representação mental dessas formas, identificando quais desses elementos são contrastivos, ou seja, quais deles apresentam propriedades distintivas” (QUADROS, 2019, p. 41). Já a morfologia, de acordo com a autora, foca suas análises nos processos de formação dos sinais, além de ser uma área que carece de mais aprofundamento.

Com base nos estudos fonológicos da Libras, devemos apresentar e conceituar os parâmetros da Libras, ou unidades mínimas que compõem o sinal, que são apresentadas por diversos autores como Quadros & Karnopp (2004), Ferreira-Brito (1995), Pagy (2012), entre outros. As unidades mínimas das línguas de sinais são:

- a. Configuração de Mão (CM): formato que a mão, ou as mãos, assumem durante a realização do sinal. Não se restringem ao alfabeto manual, como apresentado na figura 1². Destacamos que há atualmente uma variedade muito grande de quadros que apresentam quantidades diferentes de configurações de mãos para a Libras, mas selecionamos o quadro abaixo apresentado por ser atualizado com frequência e por conter um número maior de CM.

² Quadro de configurações de mão do Dicionário da Língua Brasileira de Sinais V3 do grupo Acessibilidade Brasil, disponível em <www.acessibilidadebrasil.org.br>.

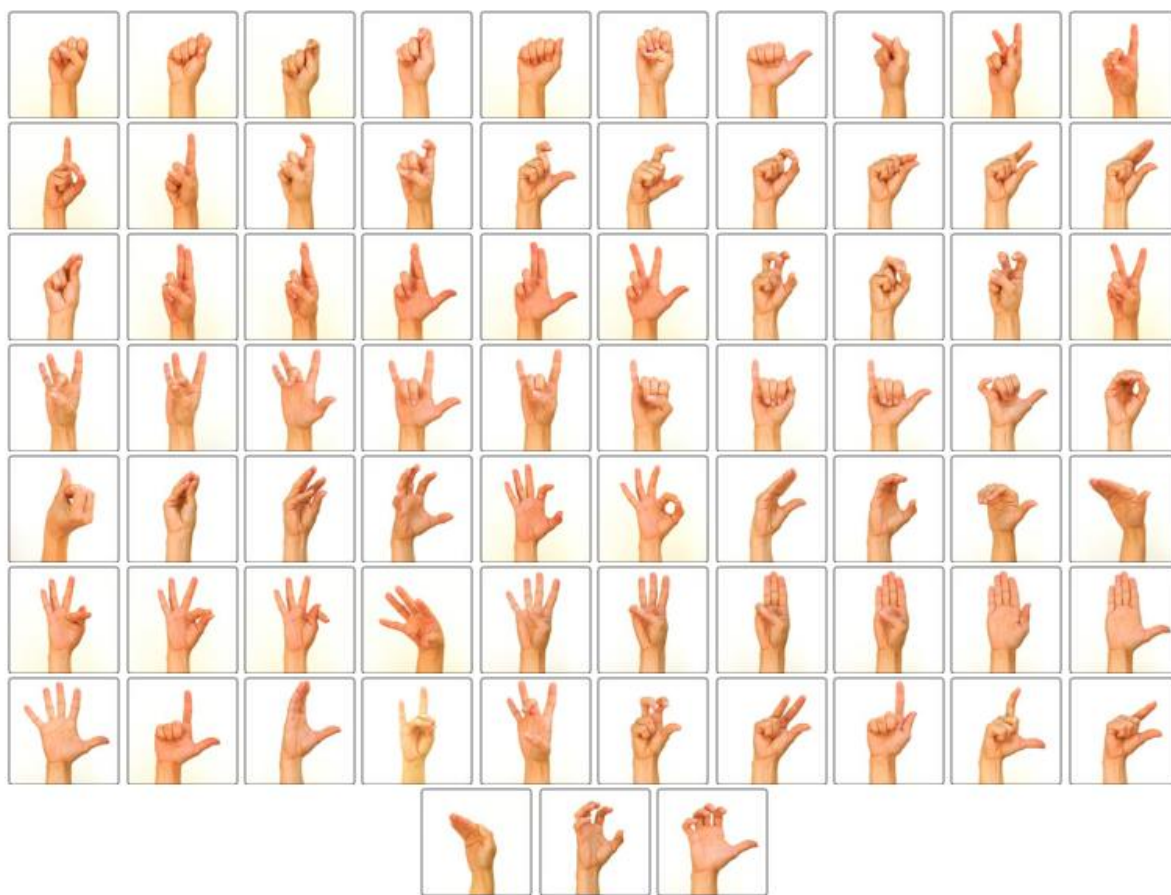


Figura 1: Quadro de Configurações de mão

- b. Movimento (M): é um parâmetro complexo que envolve as diversas possibilidades de movimento das mãos, punhos, dedos, braços, ombro e do corpo no sinal. Exemplos de movimentos podemos encontrar na figura 2³;

³ Imagem extraída de ROSA, I. M. F.; KRIEGER, M.; ARAUJO, R. M. E.; LA PORTA, S. *Mapeamento estruturado da Libras para utilização em sistemas de comunicação*. In: International Research Reports, nº 48. Departamento de Engenharia Elétrica. PUC. Rio de Janeiro, 2016.

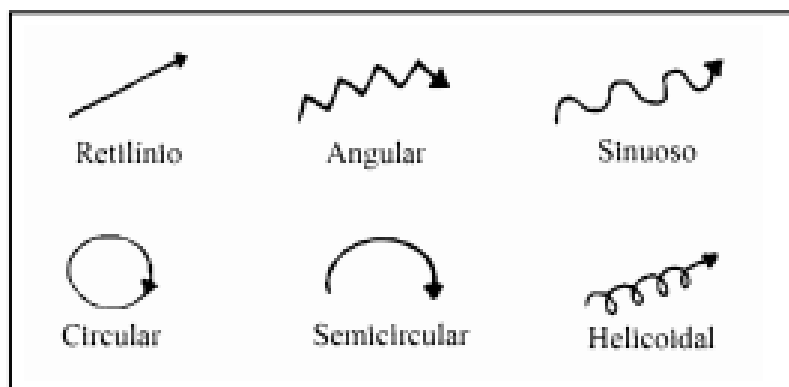


Figura 2: exemplos de tipos de movimento em Libras

- c. Localização ou Ponto de Articulação (L): lugar onde o sinal é realizado, que pode ser ancorado a alguma parte do corpo ou em um espaço neutro à frente do sinalizador, chamado de espaço de sinalização, apresentado na figura 3⁴;



Figura 3: espaço de sinalização

⁴ Imagem extraída de PAGY, F. E. *Reduplicação na Língua Brasileira de Sinais (Libras)*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, do Instituto de Letras da Universidade de Brasília. Brasília, 2012.

- d. Orientação de Mão (OM): diz respeito ao lado para o qual a palma da mão está virada durante a realização do sinal, como mostrado na figura 4;



Figura 4: orientações de mão nas línguas de sinais

- e. Expressões não-manuais (ENM): envolve as expressões faciais e corporais, emocionais e gramaticais. São fundamentais para a modulação da língua, nos tipos de frases e na prosódia. Ferreira-Brito (1995) apresenta detalhes de alguns tipos de expressões encontradas nas línguas de sinais, conforme demonstrado no quadro 1⁵.

Expressões não-manuais da Libras
<p><u>Rosto</u></p> <p>Parte Superior</p> <ul style="list-style-type: none"> • Sobrancelhas: franzidas, levantadas; • Olhos: arregalados, lance de olhos; <p>Parte inferior:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Bochechas: infladas, contraídas, ambas ou apenas uma; • Lábios: contraídos, projetados; • Nariz: franzido.
<p><u>Cabeça</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Balanceamento: para frente, para trás, para os lados; • Inclinação: para frente, para trás, para os lados;
<p><u>Rosto e cabeça</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Cabeça para frente, olhos levemente cerrados, sobrancelhas franzidas; • Cabeça para trás e olhos arregalados;
<p><u>Tronco</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Posicionamento: para frente, para trás • Balanceamento: ombros alternados, simultâneos ou um único ombro.

Quadro 1: Expressões não-manuais na Libras

⁵ Quadro adaptado de Ferreira-Brito, *Por uma Gramática de Língua de Sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, Departamento de Linguística e Filologia, 1995.

Importante ressaltar que essas unidades mínimas, ou parâmetros, são unidades distintas e que, como apontado por Quadros & Karnopp (2004), uma pequena mudança em apenas um desses parâmetros pode resultar em uma mudança brusca e radical no conceito do sinal. Esse conceito se refere aos denominados pares mínimos, como percebemos em (1)⁶, no qual os sinais ‘SÁBADO’ e ‘APRENDER’ diferenciam-se apenas no parâmetro localização, mantendo-se a mesma configuração de mão, movimento, orientação de mão e expressões não-manuais.

(1)

a. <SÁBADO>

< <https://youtu.be/ZoXzC8POy4Y> >



b. <APRENDER>

< <https://youtu.be/g8TMzCDWR7A> >



1.2.2. Morfologia

O termo ‘morfologia’ é de origem grega, sendo *morf-* ‘forma’ e *-logia* ‘estudo’. Por conseguinte, a ‘morfologia’ é o estudo da forma. De acordo com Aronoff & Fudeman (2005), morfologia se refere ao “sistema mental envolvido na formação da palavra ou o ramo da linguística que lida com as palavras, sua estrutura interna, e como são formadas”⁷.

⁶ Ver sistema de notação científica, apresentado no capítulo 2, “Metodologia”.

⁷ Tradução nossa para “...to the mental system involved in word formation or to the branch of linguistics that deals with words, their internal structure, and how they are formed.” (ARONOFF & FUDEMAN, 2005, p. 1).

Nos estudos das línguas de sinais, Stokoe (1960) não trata especificamente sobre morfologia, mas em *morphocherology* ('morfoquiologia'), que seria equivalente à morfofonologia. Em seu trabalho o autor apresenta poucas características morfológicas das línguas de sinais e dá muito mais ênfase às unidades que compõem o sinal, expostas na sessão anterior. Já Sandler & Lillo-Martin (2006) afirmam que

Três considerações sugerem porque a morfologia das línguas de sinais pode nos mostrar muitos *insights* nos trabalhos sobre o sistema gramatical. Primeiro, toda língua natural tem uma base icônica e as palavras das línguas de sinais podem ser também morfológicamente complexas. [...] Segundo, há diversos processos para a formação dessas palavras complexas nessas línguas também. [...] Terceiro, os princípios universais que restringem a morfologia das línguas faladas também se fazem presentes nas línguas de sinais, apesar de sua base icônica. (SANDLER & LILLO-MARTIN, 2006, p. 21)⁸

Entendemos que esse tipo de defesa parece apenas reafirmar o *status* linguístico das LS, pois diferencia os sinais de uma simples mímica ou de gestos limitados e sem sentido. Demonstram que, apesar de a LS ser formada por sinais muitas vezes considerados icônicos, com semelhanças visuais com o que representam, há regras morfológicas para a formação desses sinais que devem ser respeitadas.

Em Libras, durante muitos anos os estudos sobre a Morfologia não pareciam despertar interesse nos pesquisadores. Prova disto é que Ferreira-Brito (2010[1995]), apresenta em um único capítulo conceitos da morfofonologia e da sintaxe da Libras, como feito por Stokoe (1960), que argumenta que as unidades mínimas são os chamados parâmetros, apresentados quando abordada a fonologia. Posteriormente, Quadros & Karnopp (2004) indicam que os limites entre os níveis linguísticos ainda necessitam de muitos estudos, mas definem a morfologia como “o estudo da estrutura interna das palavras e dos sinais, assim como das regras que determinam a formação das palavras” (QUADROS & KARNOPP, 2004, p. 86). Leite (2008) afirma que na Libras o nível morfológico é pouco discutido e limitado se comparado à morfologia das outras línguas do mundo. Porém Pagy (2012, p. 72) aduz que a morfologia da Língua de Sinais “estuda a estrutura gramatical interna das palavras, incluindo a análise de

⁸ Tradução nossa para “Three observations suggest why sign language morphology may give us so much insight into the workings of the grammatical system. First, all natural sign languages have an iconic base. [...] the second noteworthy point is that there are many processes for making complex words in these languages. [...] universal principles of organization and structure that constrain spoken language morphology are active in sign language as well, despite their iconic base.” (SANDLER & LILLO-MARTIN, 2006, p. 21)

todos os processos envolvidos”. Pagy *op cit.* ressalta que a análise da morfologia da Libras deve ser diferenciada e não pode ser baseada em fenômenos das línguas orais, como que ‘forçando’ a Libras a se encaixar nos padrões já existentes, pois esse tipo de visão pode limitar e reduzir a língua de sinais. O ideal é que a Libras seja analisada a partir de seus fenômenos, de sua realização, com respeito às suas particularidades e à sua modalidade. Deve-se descrever cada fenômeno sem a interferência das línguas orais. Apesar, há que se considerar que diversos fenômenos linguísticos podem estar presentes tanto em línguas orais quanto em línguas de sinais, pois são casos em que a modalidade da língua não é fator condicional para a existência ou ocorrência do fenômeno em questão.

Quanto à unidade de estudo da morfologia, o morfema, percebemos que seu conceito na Libras é apresentado por alguns autores de maneira bem generalizada. Ferreira-Brito (1990, p. 13) explica que “os morfemas são unidades que podem ter funções lexicais ou gramaticais”, e os compara com os morfemas da língua portuguesa, mas sem aprofundar e esclarecer o seu significado. Posteriormente, Quadros & Karnopp (2004, p. 86) representam o morfema como “unidades mínimas de significado” e esclarecem que alguns morfemas sozinhos já constituem uma palavra da língua de sinais, enquanto outros morfemas não possuem nenhum significado quando ocorrem isoladamente, o que caracteriza os chamados morfemas livres e presos, respectivamente. Por sua vez, Pizzio (2011) ratifica as informações de Quadros & Karnopp (2004) e explica que Libras é composta por sinais monomorfêmicos, mas também contém sinais complexos, como aqueles chamados de sinais compostos, sinais com incorporação⁹ de numerais e sinais modificados aspectualmente, os quais explicaremos mais adiante. Em (2)¹⁰ conseguimos observar os tipos de sinais citados por Quadros & Karnopp (2004) e Pizzio (2011).

⁹ A incorporação, nos estudos linguísticos da Língua Brasileira de Sinais, tem sido tratada como o fato de um sinal obter, em sua realização, uma ocorrência simultânea de uma informação com o sinal. Em outras palavras, diz respeito ao acréscimo de uma configuração de mão relacionada a algum número ou a algum objeto/instrumento durante a realização do sinal que se deseja representar, conforme exemplo acima demonstrado.

(2)

a. <SOL>

< <https://youtu.be/i7pEBcGNbYA> >



b. <CAVALO LISTRAS>

‘zebra’

< <https://youtu.be/073nKgCBQNM> >



c. <1-SEMANA>

‘uma semana’

< https://youtu.be/BXA_lyEcA3k >



< 2-SEMANA_{RED}>

‘duas semanas’

< https://youtu.be/FfAqI_TuGRA >



< 3-SEMANA_{RED}>

‘três semanas’



< <https://youtu.be/CddiIsgz2sg> >

d. <CASA-PEQUENA>

‘casinha’



< <https://youtu.be/F1-rIqfO0pc> >

<CASA-GRANDE>

‘casarão’



< https://youtu.be/JpI6_pflfBo >

Em (2a) temos o sinal de ‘SOL’, considerado monomorfêmico por Pizzio *op. cit.*, ou simples, por ser um sinal único. Em (2b) é apresentado o sinal de ‘zebra’, que é considerado um sinal composto por resultar da simples junção dos sinais ‘CAVALO’ e ‘LISTRAS’, que gera uma composição. Em (2c) encontramos um sinal com incorporação de numeral, no qual percebemos que a mudança na CM transmite a noção quantitativa relacionada às semanas. Já em (2d) um visualizamos um sinal modificado aspectualmente, em cuja mudança nas expressões não-manuais (faciais e corporais) correspondem a uma mudança em seu aspecto, trazendo uma noção de tamanhos diferenciados.

Segundo Lima (2012), o termo ‘sinal’ para as línguas de sinais é utilizado de maneira análoga à ‘palavra’ nas línguas orais, visto que os processos para a formação de ambos são semelhantes, estudados pela morfologia, contribuem com o vocabulário e o léxico da língua. Ainda além,

[...] *palavra* pode ser considerada uma unidade linguística dotada de significado e, preferencialmente, inserida num contexto. Assim, *sinal* compartilha com *palavra* uma característica fundamental, a saber: transmitir um conceito e promover a interação entre membros que compartilhem do mesmo canal comunicativo. (LIMA, 2012, p. 46)

Assim como Lima *op. cit.* e os demais autores e pesquisadores das línguas de sinais, utilizaremos neste trabalho o termo ‘sinal’ para nos referirmos às unidades linguísticas da Libras, assim como de qualquer outra língua de sinais.

Aronoff & Fudeman (2005) apontam existires diferenças entre essas operações ao afirmar que a flexão envolve a criação de uma nova forma gramatical de um mesmo lexema, enquanto a derivação se foca na criação de um novo lexema a partir de um já existente. Assim sendo, para compreendermos melhor essas operações e refletirmos suas realizações na Libras nós, didaticamente, as abordaremos de forma separada.

1.2.2.1. Flexão

A primeira operação morfológica que abordaremos é chamada de flexão, definida por Aronoff & Fudeman (2005) como a criação de diferentes formas gramaticais para um mesmo lexema. Para os autores, a flexão expressa uma informação morfossintática, isto é, uma informação sintática que é expressa morfológicamente, através de afixos, por exemplo. Reflete na questão sintática pois, como explicado por Pagy (2012, p. 93), o produto da flexão “deve concordar com toda a estrutura frasal em que se encontra”. Exemplo de flexão na língua portuguesa é visto em (3).

(3)

- a. Eu *compro* um livro.
- b. Tu *comprarás* um livro.
- c. Eles *compraram* um livro.

Em (3) percebemos que há situações na língua portuguesa que exigem do falante o uso de morfemas afixados a uma palavra, no caso, um verbo, para demonstrar número, pessoa, modo e tempo. Esses morfemas só devem ser utilizados dentro de um contexto sintático que determine a presença dessas informações. Voltemos nossa atenção ao verbo ‘*comprar*’, em (3).

Podemos perceber que em (3a) o verbo é apresentado no tempo presente, refere-se à primeira pessoa no singular e à raiz ‘*compr-*’ foi acrescentado o morfema ‘-o’, que carrega em si essas informações. Em (3b) foram alteradas a pessoa, que passa a ser a segunda pessoa do singular, e o tempo, futuro, para o qual o morfema flexional mudou para ‘-arás’. Já em (3c) houve mudança na pessoa, tempo e número, ao apresentar a o morfema ‘-aram’, que corresponde à terceira pessoa do plural, no tempo passado. Esses dados ilustram que, como defendido por todos os autores *op. cit.*, a flexão não provoca alteração no significado principal da palavra.

Nas Línguas de Sinais, Klima & Bellugi (1979), analisam a ASL e apresentam oito diferentes processos relacionados à flexão que são considerados pelos autores brasileiros como também aplicados à Libras, quais sejam:

- a. Dêixis, ou indexação referencial: apontada por Klima & Bellugi *op. cit.* como frequente nos verbos, com função de alterar suas referências pessoais. Além disso, os autores

defendem que o sistema de indexação se realiza na marcação da localização do referente no espaço horizontal de sinalização, como em (4).

(4)

a. <PERGUNTAR-VOCE> ‘Te perguntar’

< <https://youtu.be/hb5xMnTnsAk> >



b. <PERGUNTAR-MIM> ‘Me perguntar’

< https://youtu.be/3QBINuWkr_I >



c. <PERGUNTAR-ELE> ‘Perguntar a ele/a’

< <https://youtu.be/p2m6RmwIflc> >



Apesar dos autores *op. cit.* apontarem este processo como flexional, e autores como Quadros & Karnopp (2004), Quadros (2019) e Royer (2019) ratificarem essa informação e defenderem que na Libras a dêixis é flexional e ocorre da mesma maneira que na ASL, refletimos se de fato é assim que podemos considerar. Ao nosso ver, na Libras, como visto em (4), essa ‘dêixis’ ocorre como um padrão sintático. De acordo com Payne (2006, p.11)¹¹,

¹¹ Tradução nossa para “syntactic patterns express regular variations in meaning by combining or rearranging lexical items in relation to each other” (PAYNE, 2006, p. 11).

“padrões sintáticos expressam variações regulares no significado ao combinar ou rearranjar itens lexicais relacionados uns aos outros”, ou seja, são relações estabelecidas através da maneira como os sinais são combinados na sentença. Para nós, essa marcação de localização possa ser considerada um morfema, como os pesquisadores citados apontam, mas sim uma relação entre o posicionamento estabelecido para os referentes do discurso, ou seja, um padrão sintático.

- b. Flexão Recíproca, ou reciprocidade: Klima & Bellugi (1979) defendem que esse processo se realiza no verbo, a fim de demonstrar ações ou relação mútuas. Expressa no verbo em LS a noção gramatical de reciprocidade. Para tal o sinal é reduplicado, com movimento simultâneo e as mãos geralmente posicionadas uma em direção à outra, como em (5), onde são apresentados os sinais de ‘PAQUERAR’ e ‘PAQUERAR_(recíproco)’ na Libras, ou seja, o sinal que significa ‘paquerar’ e o sinal para representar uma ‘paquera mútua’

(5)

- a. <PAQUERAR>

< https://youtu.be/EUW_pzD0SX0 >



- b. <PAQUERAR_(RED)>

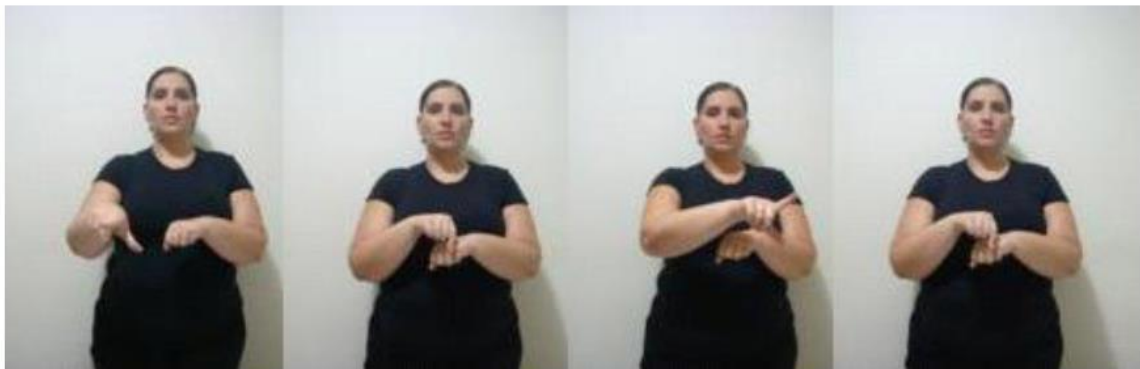
< <https://youtu.be/SUosolb7vo> >



- c. Número: flexão de número que pode, para os autores *op. cit.*, ocorrer com verbos e nomes e indicam variação entre singular, plural, dual, trial e múltiplo. Geralmente essa flexão ocorre através da reduplicação, como descrito por Pagy (2012). A autora aponta a ocorrência de flexão de número na Libras tanto em nomes quanto em verbos, sendo a pluralização uma das realizações mais frequentes, como apresentado na figura 5.



ARGUMENTO



ARGUMENTOS



COLOCAR



COLOCAR-VÁRIOS

Figura 5: flexão de número em nome e verbo, presente em Pagy (2012).

A figura 5 mostra exemplos de realização da flexão de número da Libras, proposto por Pagy (2012). A autora demonstra com seus dados o fato de que, com grande frequência, o fenômeno morfológico da Reduplicação é utilizado como forma de pluralizar nomes, como nos sinais de ‘ARGUMENTO’ e ‘ARGUMENTOS’, assim como em verbos, como ‘COLOCAR’ e ‘COLOCAR-VÁRIOS’. Assim, concordamos com os autores citados quando consideram a reduplicação como um dos processos morfológicos mais presentes na Libras, que podem resultar em processos flexionais.

- d. Aspecto distributivo: é exposto por Klima & Bellugi (1979) com a característica de possuir um foco não apenas na flexão gramatical de número e na seleção de argumentos do verbo, mas também para diferenciar ações denotadas pelo verbo, como indicar uma

ação indivisível ou possível de ser separada em ações, distinção em pontos específicos no tempo, demonstrar a ordem como as coisas ocorrem e como as ações distributivas se comportam na ação. Para os autores, este aspecto pode se dividir em:

- i) **Exaustivo:** a forma da flexão exaustiva é a interação múltipla seriada em um arco no espaço de sinalização, com sucessivas articulações deslocadas lateralmente. Exemplo de flexão exaustiva é visualizada em (6), na qual o verbo ‘dar’ na Libras é apresentado na forma exaustiva, com mudança no referente e, conseqüentemente alterando-se a direção do movimento, o que significa, nas imagens, ‘eu dou a eles’, em (6a), e ‘eles me dão’, em (6b).

(6)

a. <DAR_(exaustivo)>

< <https://youtu.be/Tq1MMWfGY7I> >



b. <DAR-MIM_(exaustivo)>

< <https://youtu.be/T84gnwNp3v8> >



- ii) **Locativo determinado:** enquanto a flexão exaustiva especifica ações distributivas que juntas são vistas como um evento único, duas flexões locativas mostram ações distributivas distintas. Demonstram ações que ocorrem em diferentes momentos e distribuído seletivamente em relação a destinatários definidos. Indica a definição diferenciada da pluralidade de argumento e ação,

separadamente. Conseguimos entender melhor este conceito ao observar (7), no qual mostramos os verbos ‘DAR’ e ‘DAR (locativo determinado)’ na Libras. Esses sinais mostram uma diferença no movimento, mais especificamente no final desse movimento, visto que (7b) aponta para um *loci* determinado, enquanto (7a) é a realização genérica do verbo.

(7)

a. <DAR>

< <https://youtu.be/G8SuuHgHdDI> >



b. <DAR (locativo determinado)>

< <https://youtu.be/-LApn91CAbg> >



iii) Locativo Indeterminado: assim como o locativo determinado, denota ações múltiplas de diferentes eventos, mas com argumentos inespecíficos, indefinidos. Essa diferença é apresentada através da mudança no movimento durante a sinalização, como visto em (8), que não se direciona a um ou outro ponto específico, o que torna este tipo de flexão um pouco mais complexa, na opinião dos autores.

(8) <DAR (locativo indeterminado)>



< <https://youtu.be/EE4zspGoErI> >

Ao pensarmos sobre o que Klima & Bellugi (1979) consideram como aspecto distributivo, assim como acontece com a dêixis, consideramos que o que ocorre de fato é uma relação com padrões sintáticos. O fato de a Libras ser uma língua cuja morfologia é pouco explorada e cujos fenômenos não estabelecem um padrão fortemente presente faz com que muitos fenômenos sejam representados através dessas relações no nível da sentença, pela organização sintática da língua, não com a presença ou não de um morfema.

- e. Aspecto Temporal e Modo: Klima & Bellugi (1979) diferenciam aspecto temporal, foco temporal e gradação. Para os autores, este tipo de flexão pode demonstrar: a duração ou recorrência, com enunciados que trazem noções como ‘por um longo tempo’, ‘regularmente’, ‘frequentemente’, ‘incessantemente’, ‘de tempos em tempos’, etc.; distinção de foco temporal, que pode significar ‘gradualmente’, ‘progressivamente’, ‘resultando em’, etc.; e diferenciação gradativa, que expressa ‘um pouco’, ‘muito’, ‘excessivamente’, etc. Exemplos desse tipo de flexão encontramos em (9), que demonstra a expressão ‘OLHAR-PARA’, em Libras, com diferentes tipos de flexão de aspecto temporal e modo.

(9)

a. <OLHAR>



< <https://youtu.be/Raw4TY9DuZs> >

b. <OLHAR_(incessante)>

< <https://youtu.be/5dFqU2wIQLo> >



c. <OLHAR_(duracional)>

< <https://youtu.be/H0Sv7iZHo7U> >



d. <OLHAR_(habitual)>

< <https://youtu.be/gL9hfHu8K-8> >



e. <OLHAR_(contínuo)>

< <https://youtu.be/JVpjunGN9ZM> >



Diante das informações defendidas pelos autores *op. cit* sobre os processos flexionais nas Línguas de Sinais, percebemos que, apesar da categorização dos processos como exclusivamente morfológicos, todas as relações estabelecidas entre o sinal e sua chamada flexão envolvem aspectos morfossintáticos. Em todas as definições e exemplos observamos que a

estrutura sintática tem forte influência sobre a morfologia dos sinais. Além disso, no caso da Libras, percebemos que falta ainda uma descrição mais detalhada sobre o tema.

Apesar das informações relevantes e detalhadas de Klima & Bellugi (1979), o sistema flexional é demonstrado por Aronoff, Meir & Sandler (2005) como complexo por não serem completamente arbitrários, mas representações motivadas de conceitos visuoespaciais como origem, objetivo, tema, trajetória, tamanho ou forma de um objeto.

De maneira análoga ao que é descrito por Klima & Bellugi *op. cit.* na ASL, Quadros & Karnopp (2004) afirmam que esses processos flexionais, da mesma maneira e com as mesmas características, também estão presentes na Libras. As autoras dão mais ênfase ao que chamam de dêixis, ou flexão de pessoa, que geralmente é utilizada pelos verbos com concordância na língua para retomar uma informação, descrever uma relação nominal no espaço, sendo considerada parte da flexão desses verbos apontados. Essa flexão de pessoa, para as autoras, refere-se à apontação dos referentes estabelecidos, e servem de base para trazer de novo ao discurso as pessoas, no início e fim do movimento do verbo, ao retomar os pontos no espaço indicados anteriormente. Para as autoras, diversas podem ser as formas de recuperar esses pontos estabelecidos no espaço pelo sinalizante, sendo a apontação explícita, ou direta, a mais utilizada tanto para referentes presentes quanto ausentes. Outrossim, julgamos que a direção do olhar e a posição do corpo do sinalizante também são recursos para se estabelecer referentes, acompanhando da mesma forma a flexão verbal. Exemplos de flexão de pessoa encontramos em (10)¹², no qual o verbo responder demonstra claramente a presença desses referentes citados por Quadros & Karnopp (2004).

(10)

a. <IX(eu)-RESPONDER-IX(você)> ‘Eu respondo para você’

< <https://youtu.be/onUMOPj4S2I> >



¹² Exemplo adaptado de Quadros & Karnopp (2004, p. 118).

b. <IX(você)-RESPONDER-IX(eu)> ‘Você responde para mim’



< <https://youtu.be/2b6FZbTrJCI> >

c. <IX(ele/a)-RESPONDER-IX(ele/a)> ‘Ele/a responde para ele/a’



< https://youtu.be/iPn_eZAhzRo >

Em (10a) a posição inicial do movimento do verbo ‘RESPONDER’ marca a 1ª pessoa do discurso e a posição inicial a 2ª pessoa. Em (10b) temos a relação inversa, mostrando que a resposta está sendo dada da 2ª pessoa à 1ª pessoa do discurso. Já em (10c) a relação mostrada é entre duas posições de 3ª pessoa.

Outro tipo de flexão presente na Libras, segundo as autoras *op. cit.*, é a flexão de número, exposta anteriormente em (5) e apresentada com mais detalhe neste ponto, que é encontrada tanto em verbos quanto em substantivos, sendo a mais básica a distinção entre singular e plural. Para as autoras, essa diferença é marcada pela repetição do sinal, posteriormente detalhada por Pagy (2012) como sendo através da reduplicação, apresentada mais adiante. A flexão de número pode também ser marcada nos verbos com concordância através do direcionamento do movimento do “verbo para um, dois, três ou mais referentes. Assim, o verbo que apresenta concordância direciona-se para um, dois, três pontos estabelecidos no espaço ou para uma referência generalizada” (QUADROS & KARNOPP, 2004, p. 119). Esse tipo de flexão, segundo as autoras, caracteriza também a flexão de número com aspecto distributivo, como visto em (11).

(11)

a. <TRANSFERIR-VERBA-IX(ref.1)> ‘transferir’ (para um referente)

< <https://youtu.be/sAZ3t9W-P2g> >



b. <TRANSFERIR-VERBA-IX(ref.2)> ‘transferir’ (para dois referentes)

< https://youtu.be/pV6iM_1m8b0 >



c. <TRANSFERIR-VERBA-IX(ref.3)> ‘transferir’ (para três referentes)

< https://youtu.be/wgz_Y7tqUoc >



Quanto à marcação de reciprocidade, Quadros & Karnopp (2004) afirmam que na Libras ocorre da mesma maneira que foi apresentada por Klima & Bellugi (1979) na ASL, através da realização do sinal com as duas mãos simultaneamente, isto é, através do fenômeno da Reduplicação descrito por Pagy (2012), como em (12)¹³. Na realização deste sinal o movimento, o posicionamento do sinal e a direção do olhar e das mãos, através da reduplicação, demonstram essa reciprocidade.

¹³ Exemplo adaptado de Quadros & Karnopp (2004, p. 122).

(12) <OLHAR_(recíproco)>

< <https://youtu.be/BJBDfc7NoFo> >



Outro tipo de flexão proposto por Quadros & Karnopp (2004) é a flexão relacionada ao aspecto, relacionada “com as formas e a duração dos movimentos” (QUADROS & KARNOPP, 2004, p. 122). De acordo com as autoras, a flexão de aspecto na Libras pode realizar-se das seguintes maneiras:

- a. Incessante: o sinal é realizado demonstrando-se essa ação incessante, como em (13)¹⁴, com movimentos curtos e rápidos.

(13) <CUIDAR_{RED}> (incessante)

< <https://youtu.be/F7-XyHlu95k> >



- b. Ininterrupta: demonstra algo que ocorre sem interrupção, caracterizado por um sinal com parado, com ENM que intensifica a característica ininterrupta, como em (14)¹⁵.

¹⁴ Exemplo adaptado de Quadros & Karnopp (2004, p. 123).

¹⁵ Exemplo adaptado de Quadros & Karnopp (2004, p. 123).

(14) <CUIDAR_{parado}> (ininterrupto)



< <https://youtu.be/tG9PezJ4q3U> >

- c. Habitual: transmite uma mensagem de algo que ocorre habitualmente, que é corriqueiro, através de um movimento reduplicado mais devagar e ENM mais branda, como em (15)¹⁶.

(15) <CUIDAR_{RED}> (habitual)



< https://youtu.be/P_XIWSBvN1k >

- d. Contínua: referente a ações que denotam uma recorrência sistemática, repetitiva. Realiza-se com movimentos mais amplos e reduplicados, como em (16)¹⁷, que apresenta um movimento circular maior, feito com ambas as mãos de forma simultânea.

(16) <GASTAR_{RED.SIMULT.}> (contínuo)



< https://youtu.be/aNzGwU_HlpU >

¹⁶ Exemplo adaptado de Quadros & Karnopp (2004, p. 123).

¹⁷ Exemplo adaptado de Quadros & Karnopp (2004, p. 124).

- e. Duracional: caracteriza ações que são permanentes, que tem uma duração maior de tempo. Neste tipo de sinalização, os movimentos dos sinais são reduplicados, com maior duração, como em (17)¹⁸, no qual o sinal é realizado de modo reduplicado, em um movimento circular e alternado, com a intenção de transmitir a noção de algo com um tempo de duração maior.

(17) <GASTAR_{RED.ALTERN.}> (duracional)



< <https://youtu.be/-tFHCQrkajc> >

Ainda sobre a flexão, Sandler & Lillo-Martin (2006) afirmam que a morfologia flexional das línguas de sinais tem um de seus aspectos mais interessantes no predicado, afinal, diferentes características apontam para tal afirmação, como o fato de que não há marcação morfológica de gênero nos nomes, a flexão de número é opcionalmente marcada pela reduplicação em alguns nomes, ao fato de que ocorre incorporação de números ao sinal, entre outras. Interessante essa pontuação, porém contraditória, pois os próprios autores afirmam também que a língua de sinais não tem muitos fenômenos morfológicos.

Outro conceito importante e que é abordado por vários autores está relacionado aos tipos de verbos existentes nas LS. Padden (1983) apresenta em seu trabalho os tipos de verbos encontrados nas línguas de sinais, dividindo-os em simples, com concordância ou espaciais. Por se tratar de um tema de extrema relevância, outros autores também apontam uma classificação verbal na Libras, seguindo os trabalhos de Padden *ibid.*

Diversos são os autores que explanam sobre os tipos de verbos existentes na Libras. Entre os autores podemos citar Ferreira-Brito (1995), Quadros (1999), Quadros & Karnopp (2004), Lourenço (2018), entre outros. Em suma, os verbos em Libras são divididos, segundo os autores *op. cit.*, em verbos simples, verbos com concordância e verbos manuais.

¹⁸ Exemplo adaptado de Quadros & Karnopp (2004, p. 124).

Os verbos simples, também chamados por Quadros (1999) e Quadros & Karnopp (2004) de verbos sem concordância, são aqueles que não possuem nenhum tipo de flexão de pessoa e número, além de não possuírem nenhuma marcação locativa. Exemplo disso encontramos no verbo GOSTAR, apresentado em (18). Independente do referente, o verbo é sempre realizado no mesmo lugar, sem alterações.

(18) <GOSTAR>

< <https://youtu.be/kuTuvS-HjD0> > 

Destacamos que há uma característica muito comum e marcante nos verbos denominados simples: a realização ancorada ao corpo. Observamos que quando um sinal que remete a uma noção verbal, como em (18), e este é feito tocando alguma parte do corpo, mais especificamente do tronco e da cabeça, esses sinais não sofrem alterações em seu movimento ou na maneira como são realizados.

Quanto aos verbos com concordância, estes são expostos pelos autores *op cit* como sinais que apresentam flexão em pessoa, número e aspecto. Essa flexão é apresentada durante a realização do sinal, no qual o sujeito geralmente corresponde à posição inicial do movimento, enquanto o objeto se manifesta na posição final, como o verbo ‘IR’, em (19).

(19)

a. <IX(eu)-IR-IX(você)> ‘Eu vou até você’

< https://youtu.be/sBZ4Es_pwBU > 

b. <IX(você)-IR-IX(eu)>

‘Você vem até mim’



< <https://youtu.be/dYxt7bpIs5A> >

Em (19a) a posição inicial do sinal está próxima ao corpo do sinalizante realiza um movimento de distanciamento, uma trajetória. Isto indica que o sujeito é o sinalizante, a primeira pessoa do discurso, e que o objeto é a segunda pessoa do discurso. Já em (19b) ocorre a relação inversa, com o sinal iniciando distante e se aproximando do emissor, o que gera uma interpretação contrária à de (19a).

Entre os verbos com concordância, Quadros (1999) inclui os verbos espaciais, que são aqueles que estabelecem concordância com algum elemento locativo na sentença, como o verbo ‘COLOCAR’, em (20). No exemplo percebemos que o sinal demonstra a relação de um objeto sendo colocado em uma localização específica, a mesa.

(20) <MESA DI(mesa) COPO-COLOCAR>

‘Colocar o copo sobre a mesa’



< <https://youtu.be/Qz4Bxfq2cXE> >

Os verbos espaciais são inicialmente apontados por Padden (1983), na ASL, e são ratificados por Quadros & Karnopp (2004), Quadros & Quer (2008, 2010) e por diversos outros autores como presentes na Libras. Porém estudiosos como Mathur & Rathman (2012) e Lourenço (2014) discordam um pouco do posicionamento das autoras. Há nas línguas de sinais casos de verbos que inicialmente são classificados como simples, mas que com a evolução e o desenvolvimento da língua passam por mudanças e se tornam verbos com concordância.

Outro fator que nos leva a refletir é apresentado por Lourenço (2018), que afirma que a concordância no verbo não ocorre apenas em relação ao parâmetro movimento, mas que há também uma relação muito forte com a marcação espacial, com a localização de um referente no espaço de sinalização. Para o autor a principal marcação de concordância está nessa localização espacial determinada, não necessariamente no movimento ou na trajetória, como exposto.

Por fim, Quadros & Karnopp (2004) acrescentam também à classificação verbal na Libras os verbos manuais, também conhecidos como verbos classificadores. As autoras defendem que os verbos classificadores envolvem uma representação icônica com uma CM que representa a forma do objeto ou a maneira como um objeto é segurado ou manipulado. Outra característica presente na Libras e que merece ser comentada está na ordem sintática, pois esses verbos manuais geralmente ocorrem ao final da sentença, como percebemos com o verbo ‘PINTAR’, em (21), porém, sobre a ordem, abordaremos o tema com mais detalhes no capítulo 6.

(21)

a. <CASA DI(pintar-com-rolô)> ‘Pintar a casa’

< https://youtu.be/Rv_u9QGRsuQ >



b. <TELA DI(pintar-com-pincel)> ‘Pintar a tela.’

< <https://youtu.be/ebIJcuz3orQ> >



c. <DI(pintar-com-lápis)>

‘Pintar com lápis.’



< <https://youtu.be/JT8XO4jb32Y> >

Como podemos ver, em (21) a realização do sinal tem relação com o instrumento utilizado e, com a forma de manipulação e uso desse instrumento, além do objeto, local ou superfície que será pintado, levando-se em conta seu tamanho e formato. Em (21a) nota-se que o instrumento utilizado para pintar uma casa é um rolo de pintura, com um cabo maior para ser segurado. Em (21b) utiliza-se um pincel e a realização do sinal nos remete a um artista durante a produção de uma tela. Em (21c) fica visível que para pintar um papel a pessoa utiliza instrumentos menores, como um lápis, um giz de cera ou canetas, cuja manipulação é diferente dos instrumentos anteriores.

Necessário esclarecer que o conceito de classificadores utilizado pelos estudiosos das línguas de sinais é bem diverso daquele utilizado para as línguas orais. Nas línguas de sinais os classificadores são, de acordo com Campello (2008, p. 98), como “parte da língua de sinais, para expressar visualmente as especificidades e “dar vida” a uma ideia ou de um conceito ou de signos visuais.” Além, a autora conclui que “o Classificador representa forma e tamanho dos referentes, assim como características dos movimentos dos seres em um evento, tendo, pois a função de descrever o referente dos nomes, adjetivos, advérbios de modo, verbos e locativos” (CAMPELLO, 2008, p. 98). Em outras palavras, os classificadores podem ser considerados um recurso das LS para uma descrição visual do referente, da ação, etc. Para fins deste trabalho, utilizaremos a nomenclatura proposta também por Campello (2008) em nossas considerações, que é a de ‘Descrição Imagética’, ao invés de classificadores.

Voltando à flexão, mais especificamente a de número, Sandler e Lillo-Martin (2006) descrevem que na ASL alguns verbos podem estabelecer concordância com seus objetos, flexionando-se em número, o que pode ocorrer de forma dual, exaustiva ou múltipla, como na figura 6¹⁹. Esse tipo de flexão pode ocorrer também na Libras, como vimos nos dados anteriormente apresentados.

¹⁹ Imagem presente em Sandler & Lillo-Martin (2006)

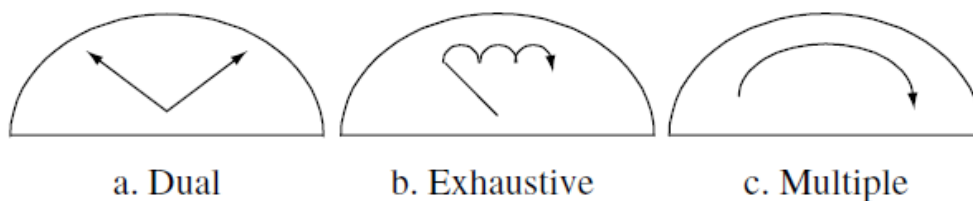


Figura 6: esquema com os três tipos de flexão verbal de número. (SANDLER & LILLO-MARTIN, 2006).

Quanto aos nomes, a flexão de número é apresentada pelos autores *op. cit.* como pluralização. Nos sinais nominais, a reduplicação transmite ao interlocutor a noção de quantidade, de pluralização. Para Pagy (2012), o referido fenômeno é muito produtivo em Libras. Como pode ser observado em (22)²⁰, o sinal realizado apenas uma vez corresponde ao singular e sua forma reduplicada nos remete à noção de plural.

(22)

a. <CASA>

< <https://youtu.be/TcTkOd-pAIo> >



<CASAS>

< <https://youtu.be/EQdfgBVXaUY> >



²⁰ Exemplos adaptados de Pagy (2012).

b. <PALAVRA>

< <https://youtu.be/fa4RFU6pamc> >



<PALAVRAS>

< <https://youtu.be/4c-KwArpxpw> >



1.2.2.2. Derivação

A segunda operação morfológica que tratamos neste trabalho é a derivação. Para Lyons (1987) a derivação age na formação das novas palavras de uma língua. Basílio (1989), por sua vez, apresenta a derivação como processo de formação de palavras, que ocorre por intermédio da afixação, isto é, pela união de uma base com um ou mais afixos que não possuem significados isoladamente.

Nas línguas de sinais, informações superficiais sobre a derivação são apresentadas por Klima & Bellugi (1979), baseadas em análises de dados da ASL. Os autores indicam que esta língua possui uma gama de dispositivos que contribuem com a expansão lexical por intermédio de mudanças sistemáticas regulares na raiz, resultando na formação de itens lexicais novos, mas com significado relacionado. Esse tipo de acontecimento é chamado tradicionalmente de processo derivacional. Outrossim, os autores indicam que na ASL esse tipo de processo envolve a mudança no movimento do sinal.

Apesar da afirmação feita por Klima & Bellugi *op. cit.*, Padden (1983) defende, também sem uma explicação aprofundada, que a morfologia derivacional não está presente em muitos sinais. Ademais, alega que em função dessa ausência de morfologia, não há um contraste entre as diferentes categorias.

Na Libras, nos estudos iniciais, pouco ou nada era abordado sobre derivação. Ferreira-Brito (1990) não conceitua ou detalha a derivação, apenas apresenta exemplos, como na figura 7, e comenta que um sinal é derivado de outro, como ‘SABER’ e ‘NÃO-SABER’, no qual a mudança do movimento tem como resultado a derivação.



Figura 7: derivação na Libras, de acordo com Ferreira-Brito (1995, p. 13).

Para a autora *op. cit.*, na derivação as “palavras são formadas a partir de seus radicais aos quais se juntam afixos ou morfemas gramaticais” (FERREIRA-BRITO, 1990, p. 15), seguindo sua explicação com exemplos composição como processo de formação de palavras.

Quadros & Karnopp (2004) defendem que a derivação na Libras ocorre por intermédio de alguns processos derivacionais, como a nominalização, a formação de compostos e a incorporação de numerais. Para as autoras, um processo recorrente na Libras é aquele que deriva nomes de verbos e vice-versa. Além, argumentam que os nomes realizam o movimento repetido e encurtado dos verbos, como na figura 8.



Figura 8: nomes derivados de verbos, presente em Quadros & Karnopp (2004, p.97).

O processo apresentado na figura 8 é chamado por Quadros & Karnopp (2004) de nominalização. Tal processo consiste na “criação de um substantivo a partir de qualquer categoria que não seja um substantivo” (QUADROS & KARNOPP, 2004, p. 99), como no caso da criação de um nome a partir de um verbo. Esse processo também é apresentado por Pagy (2012), que aponta a formação de novos itens e a mudança de classes dos sinais em Libras ao utilizar-se a Reduplicação. Para Pagy (2012, p. 137) a derivação na Libras é um processo morfológico que tem como principal “função a formação de novos itens lexicais ou a mudança da classe gramatical a que pertence a palavra, aumentando assim o vocabulário da língua”. Isto significa que o processo de derivação consiste no acréscimo de informação ao sinal da Libras para a criação de um novo item, com significado diferente.

Assim como no caso da flexão, consideramos que a derivação em Libras tem restrições e uma realização morfológica pequena. Mesmo quando pensamos na derivação, consideramos a realização de muitos processos por relações sintáticas.

Outros processos derivacionais defendidos por Quadros & Karnopp (2004) são a formação de compostos e a incorporação de numerais, porém estes serão melhor abordados na seção 1.2.2.4.

1.2.2.3. Flexão versus Derivação

Frente às informações expostas nas sessões anteriores, percebemos que há diferenças fundamentais entre a flexão e a derivação. Haspelmath (2002) resume essas diferenças em um quadro com as características de ambas, apresentadas no Quadro 2²¹, adaptado de sua obra.

Flexão	Derivação
Relevante para a sintaxe	Irrelevante para a sintaxe
Obrigatória	Opcional
Não pode ser substituída por uma palavra simples	Pode ser substituída por uma palavra simples.
Mesmo conceito da base	Novo conceito
Significado relativamente abstrato	Significado relativamente concreto
Regularidade semântica	Possível irregularidade semântica
Pouco relevante para o significado da base	Muito relevante para o significado da base
Uso ilimitado	Uso limitado

²¹ Tradução nossa para:

Inflection	Derivation
(i) relevant to the syntax	not relevant to the syntax
(ii) obligatory	optional
(iii) not replaceable by simple word	replaceable by simple word
(iv) same concept as base	new concept
(v) relatively abstract meaning	relatively concrete meaning
(vi) semantically regular	possibly semantically irregular
(vii) less relevant to base meaning	very relevant to base meaning
(viii) unlimited applicability	limited applicability
(ix) expression at word periphery	expression close to the base
(x) less base allomorphy	more base allomorphy
(xi) cumulative expression possible	no cumulative expression
(xii) not iterable	iterable

Expresso na periferia da palavra	Expresso próximo à base
Menor ocorrência de alomorfa na base	Maior ocorrência de alomorfa na base
Possível expressão cumulativa	Nenhuma expressão cumulativa
Não iterável	Iterável

Quadro 2: *Flexão versus Derivação, adaptado de Haspelmath (2002, p. 71).*

Payne (2006) também realiza uma comparação entre as categorias flexionais e derivacionais que subsidia o que foi exposto aqui, conforme demonstrado no quadro 3²²:

Categorias Derivacionais	Categorias Flexionais
Geralmente altera a classe da palavra	Raramente alteram a classe da palavra
Raramente necessário adaptar sua forma ao discurso	Frequentemente exigidos pela sintaxe
Altera significativamente o significado da raiz	Pouca influência ou alteração no significado, apenas em número, tempo, aspecto, etc.
Relativamente “improdutiva” na medida que:	Relativamente “produtiva” na medida que: <ul style="list-style-type: none"> • Tendem a ocorrer em todos os radicais de uma classe ou subclasse;

²² Tradução nossa para:

Derivational categories	Inflectional categories
often change the word class of a root (i.e., change a noun into a verb, a verb into a noun, etc.)	seldom “change” the word class. If they do, it is a secondary effect, e.g., “Verbing weirds language.”
are seldom “required” in order to incorporate the form into discourse	are often required by the syntactic environment (e.g., “tense,” “case,” “agreement”)
significantly affect the meaning of a root	contribute relatively “small” meaning adjustments, such as number, tense, aspect, etc. Do not change the basic lexical meaning of a root
are relatively “non-productive” in that: <ul style="list-style-type: none"> • they tend to not apply to all stems of a class • they tend to not have precisely the same effect every time they apply • they tend to be idiosyncratically related to other derivational categories 	are relatively “productive” in that: <ul style="list-style-type: none"> • they tend to apply to all stems of a class or subclass • they tend to have the same effect every time they apply • they tend to occur in well-defined sets, or PARADIGMS

<ul style="list-style-type: none"> • Não se aplica a todos os radicais de uma classe; • Não produzem o mesmo efeito todas em todas as ocorrências; • Tendem a estar idiossincraticamente relacionados a outras categorias derivacionais. 	<ul style="list-style-type: none"> • Produzem o mesmo efeito em todas as ocorrências; • Tendem a ocorrer em conjuntos bem definidos, ou paradigmas.
---	---

Quadro 3: Comparação entre as categorias derivacionais e flexionais, adaptado de Payne (2006, p. 39).

Apesar de indicarem características tão distintas e pontuais, em Libras a distinção entre flexão e derivação, às vezes parece não ser tão clara. Há situações em que um sinal manifesta uma noção flexional, mas se realizado em um outro contexto denota um caráter derivacional. Diante disso, Pagy (2012), com base em Haspelmath (2002) e Bybee (1985) propõe que nas análises desses fenômenos na Libras seja aplicada a teoria do *continuum*. A autora diz que

Pela teoria do *continuum*, os conteúdos podem ser divididos em três tipos de expressões linguísticas: a Expressão Lexical, que incorpora dois ou mais significados em uma única palavra monomorfêmica, como na palavra ‘horível’, que apresenta os conceitos de ‘feio+muito’; a Expressão Flexional, na qual cada elemento tem uma unidade de expressão em uma palavra não-monomorfêmica, como em ‘cantor-a’, representando ‘agente+feminino’; por fim temos a Expressão Sintática, na qual as ideias são expressas em palavras diferentes, como apresentado em ‘ficar pobre’, significando ‘empobrecer’. (PAGY, 2012, p. 170)

Haspelmath (2002), por sua vez, ressalta que alguns estudiosos preferem utilizar a teoria do *continuum* para sanar inconsistências na categorização entre flexão e derivação, solução esta que se enquadra muito bem à realidade da Libras, como defendido por Pagy (2012). Desta maneira, nas línguas de sinais, mais especificamente na Libras, tem-se, como condição *sine qua non*, que considerar sempre o contexto e a situação de uso para uma melhor classificação de um sinal como mais flexional ou mais derivacional.

1.2.2.4. Processos Morfológicos

Segundo Basílio (1987), existem dois processos de formação de palavras: a derivação e a composição. Segundo a autora, a derivação é a união de um afixo, seja ele um prefixo ou um sufixo, a uma base para criar uma nova palavra. Já a composição é caracterizada pela junção de duas bases na intenção de formar uma nova palavra. Com efeito, para a autora esses processos são considerados completamente diferentes, porém complementares em seu objetivo de formação de palavras. Basílio *op cit* destaca que “o processo de derivação obedece às necessidades de expressão de categorias nocionais, com contrapartida sintática ou não” (BASÍLIO, 1987, p. 28), enquanto que a composição segue um viés um pouco diferenciado e denota “a necessidade de expressão de combinações particulares”, com direcionamento a algo mais pontual e específico.

Tendo em vista a importância de se compreender e detalhar os processos morfológicos, Payne (2006) apresenta os “dez maiores” (grifo do autor) processos morfológicos, indicados a seguir:

a. Afixação

O processo de afixação é apresentado por Payne (2006) e subdividido em quatro diferentes tipos: prefixação, sufixação, infixação e circunfixação.

A prefixação é um processo que envolve a adição de um morfema, o prefixo, antes da raiz. Exemplo de prefixação encontramos no inglês na palavra *unselfish*, (que significa ‘altruísta’) em oposição a *selfish* (que significa ‘egoísta’). Na primeira identificamos o prefixo ‘*un-*’ que acrescenta à raiz *selfish* a noção de oposição, negação. Importante dizer aqui que as línguas que tem prefixação geralmente permitem que mais de um prefixo se prenda a uma raiz, como no caso da palavra *antidisestablishment*, do inglês, na qual identificamos os prefixos ‘*anti-*’ e ‘*dis-*’ unidos à raiz ‘*establishment*’.

Assim como na prefixação, a sufixação envolve o acréscimo de um morfema à raiz, com a diferença de que na sufixação esse morfema é adicionado depois da raiz, enquanto na prefixação a adição é anterior. Exemplo encontramos no inglês, no sufixo *-ed*, que se refere ao tempo passado. Assim, em ‘*call – called*’ (ligar – ligou) identificamos claramente o sufixo preso à raiz ‘*call*’. Interessante notar que assim como na prefixação, a sufixação também permite a

ocorrência de mais de um sufixo prendendo-se à uma única raiz, como em *establishments* (estabelecimentos), do inglês, no qual se identificam os sufixos ‘-ment’ e ‘-s’.

O processo de infixação é mais raro e consiste no acréscimo de um morfema, o infixo, dentro da raiz. Em línguas como o português e o inglês não encontramos esse tipo de processo, mas em Bontoc, uma língua oral austronésia esse processo está presente. Para ilustrar, temos a raiz ‘*fikas*’ (forte), que com o infixo forma a palavra ‘*fumikas*’ (força). Fundamental aqui diferenciar o infixo da presença de vários sufixos e prefixos, pois no infixo o afixo é acrescentado dentro da raiz. Não se confunde com o uso de vários sufixos simultaneamente pois se separarmos as partes elas não formam prefixos ou sufixos e não possuem significados isoladamente. No caso apresentado anteriormente, tanto ‘*f-*’ quanto ‘*-ikas*’, separados, não tem significado algum.

Já a circunfixação é um processo morfológico muito raro, no qual um morfema tem duas partes que se prendem uma no início e uma no final da raiz. Note que não são dois morfemas, mas apenas um que se divide em dois, o que significa que isoladamente as partes não possuem nenhum significado, fazendo sentido apenas quando utilizadas em conjunto. De acordo com Payne *op. cit.*, o único exemplo de circunfixo encontrado que não apresenta uma opinião contrária de estudiosos ocorre no Chukchee, uma língua Chukotko-Kamchatkan falada no nordeste da Sibéria. Esse fenômeno é exemplificado pelo autor no contraste entre ‘*jatjol*’ (raposa) e ‘*a-jatjol-ka*’ (sem a raposa), no qual as duas partes representadas ‘*a-...-ka*’ denotam uma flexão negativa, lembrando que ‘*a-*’ e ‘*-ka*’ isoladamente não produzem significação no dado apresentado. Assim sendo, é obrigatória a utilização das duas partes juntas, confirmando ser um único morfema dividido em duas partes, como afirmado anteriormente.

Nas línguas de sinais o processo de afixação é colocado como incomum para Napoli (2019). A autora defende que algumas línguas sinalizadas não têm afixos, outras tem poucos e algumas possuem vários, não havendo um padrão. Além, nas línguas de sinais em que estão presentes, geralmente os afixos são considerados derivacionais, porém há casos, como na Língua de Sinais Alemã, em que a marcação de concordância de alguns verbos é feita através de afixação.

Outrossim, nas línguas de sinais, assim como nas línguas orais, os afixos são partes unidas à base. A integração do afixo à base, nas LS, pode ocorrer através de mudança no movimento da base, do afixo ou de ambos.

Apesar de Napoli (2019) dizer que as LS podem ou não ter afixos, na Libras estes não estão presentes, ou ainda não foram estudados e descritos com profundidade. Desta feita, para nós, em Libras, não podemos afirmar a existência desse processo por não termos ainda uma análise tão detalhada sobre a presença ou não de algum tipo de afixo.

b. Modificação da raiz

Para Payne (2006), a modificação da raiz é o processo que envolve a modificação na forma da palavra, mais especificamente no radical, mas que não acarreta a adição de nenhum tipo de afixo. Exemplo desse processo encontramos no inglês, com as palavras ‘sing’ (cantar) e ‘sang’ (cantou), nos quais não há um acréscimo, mas uma mudança na vogal da raiz com a intenção de demonstrar a flexão de tempo. No português esse processo também é encontrado, como no verbo ‘fazer’, no qual a flexão do verbo em terceira pessoa altera uma letra na raiz quando flexionada em tempo. Assim, a forma ‘faz’ corresponde o verbo no tempo presente, enquanto ‘fez’ corresponde ao mesmo verbo, na mesma pessoa, mas no tempo passado.

Nas LS autores como Napoli (2019) definem um processo muito semelhante à modificação da raiz, mas o designa como incorporação. Para a autora, o processo de incorporação envolve a junção de um sinal a outro com um objetivo específico, que não configura apenas uma composição. Na ASL, Liddell (2003) exhibe a presença da incorporação de numeral, que significa a realização de um determinado sinal com configurações de mão que especificam um numeral. Isto ocorre também na Libras com o sinal de ‘MÊS’, para o qual a configuração de mão pode ser alterada a fim de demonstrar a quantidade de meses, em (23).

(23)

a. <MÊS>

‘mês’



< <https://youtu.be/ZjNdbhVGstg> >

b. <2-MÊS>

‘dois meses’

< <https://youtu.be/RjUUDdyvIbI> >



c. <3-MÊS>

‘três meses’

< <https://youtu.be/gBh8wcbPX8s> >



Ao abordar a incorporação, Napoli (2019) não define nem aprofunda esse processo, mas apenas afirma que várias línguas de sinais têm em sua gramática a incorporação de numerais. A autora expõe que essa incorporação ocorre com unidades quantificáveis, contáveis, de tempo, valores monetários, idade e séries escolares, e argumenta que, de forma geral, essa incorporação é limitada a numerais, não sendo comum outros tipos de realização.

Ao delimitar o processo à Libras, Felipe (1998) versa sobre a modificação por adição à raiz e defende que ocorre através do acréscimo de afixos, como com a incorporação da negação. Quanto à modificação interna da raiz, a autora retrata que uma raiz na Libras pode ser alterada por acréscimos que ela chama de flexão, aspecto verbal e o marcador de concordância de gênero, mas pouco explica sobre o tema. Já a respeito do processo de derivação zero, Felipe (*ibid*) indica que ocorre com frequência na Libras, da mesma maneira que ocorre na língua oral inglesa, no qual verbos denominais ou substantivos verbais só são passíveis de interpretação dentro de um contexto, como no contraste ‘BICICLETA’ / ‘ANDAR DE BICICLETA’. Por fim, o processo de composição é apenas definido como a junção de duas ou mais raízes para a formação de uma nova forma, ou um novo sinal, pronunciando-se de forma muito breve sobre o assunto.

Notamos que, de fato, há fenômenos com os descritos pelos autores com grande ocorrência na Libras, como a chamada incorporação de numerais, composições, entre outros, porém não podemos afirmar categoricamente que sejam ou não processos de modificação da

raiz, até porque não há na literatura estudos mais detalhados sobre a constituição da raiz e do radial de um sinal da Libras.

c. Variação autossegmental

A variação autossegmental é apresentada por Payne (2006) como uma mudança na forma da palavra que não envolve mudança em consoantes ou vogais, mas a alteração de outras características como *stress tone* e nasalização. Exemplo desse tipo de processo ocorre no inglês, para diferenciar alguns nomes e verbos, cuja escrita é idêntica, mas a forma de falar é diferenciada, como no par ‘*convért*’, verbo que significa ‘converter’, e ‘*cónvert*’, nome associado ao verbo anterior, que significa ‘convertido’. Lembrando que no inglês não há acentuação gráfica, sendo essa mudança percebida na fala, isto é, na acentuação fônica. Deste modo, por ser uma língua cuja realização independe da produção sonora, por hora, não conseguimos identificar processos de variação autossegmental na Libras.

d. Reduplicação

A reduplicação, para Payne (2006), consiste na repetição de parte da raiz ou da raiz como um todo, conceito este que foi apresentado por alguns autores antes, como Haspelmath (2002) e Aronoff & Fudeman (2005). Quando apenas parte da raiz é repetida, Payne (2006) chama de reduplicação parcial, e quando a repetição ocorre na raiz completa, o autor chama de reduplicação completa.

O que devemos aqui complementar, como apontado por Pagy (2012), presente também no *Graz Database on Reduplication*²³, é que a reduplicação provoca uma mudança no significado da raiz, criando um elemento linguístico novo. Além disso, diferencia-se da repetição pois esta não provoca nenhum tipo de alteração no significado da palavra que está sendo repetida. Como resultado da reduplicação podemos obter, nas diversas línguas, diferentes funções como intensidade, duração, pluralidade e diversos outros.

Napoli (2019) apresenta a reduplicação também como um processo muito produtivo nas línguas de sinais. Apesar de alguns sinais terem repetições que são inerentes a eles, a autora

²³ Doravante GDR, é um banco de dados online que reúne pesquisas e pesquisadores sobre a reduplicação no mundo. Disponível em < <http://reduplication.uni-graz.at/db.html>>.

afirma que a reduplicação consiste em uma repetição, uma articulação da raiz, para uma nova significação. Como resultado, pode-se produzir intensificação, mudanças de aspecto, pluralidade, etc. Outrossim, aponta que a reduplicação nas línguas de sinais é um processo icônico e sua realização pode produzir efeitos diversos de acordo com a quantidade de repetições de uma mesma raiz.

Cabe-nos acrescentar que, antes de Napoli (2019), a reduplicação especificamente na Libras foi estudada e detalhada por Pagy (2012). Em seu trabalho a autora apresenta os conceitos mais relevantes, define a reduplicação e apresenta sua realização na Língua Brasileira de Sinais, com seus tipos e formas. Como apresentado e defendido pela autora, devemos ressaltar que nem sempre provoca uma mudança no significado, mas deve haver na reduplicação alguma mudança de sentido, semântica.

Pagy (2012) define a reduplicação na Libras como um fenômeno morfológico muito comum no qual ocorre a repetição de sinal como um todo, com a intenção de se criar um novo item lexical. A autora, diferentemente de outros pesquisadores, defende que esse fenômeno ocorre sim no sinal como um todo, pois no caso das línguas sinalizadas não é possível que se redublique apenas um dos elementos que constituem o sinal, como a configuração de mão, ou o movimento, ou qualquer outro. Isso ocorre, segundo a autora, devido à forma específica de organização e às regras da Libras, pois um sinal só pode ser realizado com a combinação dos cinco componentes fonológicos da língua simultaneamente.

e. Morfologia não-concatenativa.

A morfologia não-concatenativa, para Payne (2006), é mais comum em línguas semitas, como o hebreu e o árabe, e é considerada um processo raro em outras línguas. Nesse processo ocorre a sobreposição de um padrão de vogais, possivelmente também de outras peças morfológicas, em uma raiz composta apenas por consoantes. Uma forma mais clara de apresentar esse processo ocorre em (24)²⁴, no qual são apresentadas a raiz 'ktb', do hebreu bíblico, seguido de suas possibilidades de derivação por morfologia não-concatenativa.

²⁴ Exemplo adaptado de Payne (2006, p. 44).

(24)	i.	ktb	raiz	(sem significado neste formato)
	ii.	kətob	imperativo	‘escreva!’
	iii.	katob	infinitivo	‘escrever’
	iv.	koteb	particípio presente	‘escrevendo’
	v.	katub	particípio passado	‘escrito’
	vi.	katab	perfectivo	‘escreveu’

Bevilacqua & Silva (2021, p. 356) caracterizam a morfologia concatenativa como “regular e linear”, com características bem delineadas como precedência, contiguidade, aditividade, preservação, autonomia segmental e disjunção. Apesar disso, apontam que a morfologia não-concatenativa “repensa esses conceitos porque não se pauta apenas na morfologia, mas também na fonologia” (BEVILACQUA & SILVA, 2021, p. 357), sendo chamada, por este motivo, de “morfologia prosódica” (*ibidem*). Nesta perspectiva, os autores denotam a morfologia não-concatenativa como um processo irregular e que se demonstra não linearmente, sendo o encadeamento presente na morfologia concatenativa substituído por processos como a supressão segmental, repetição de sílabas ou palavras (ou reduplicação, como Pagy (2012) descreve), sobreposição, entre outros.

Nas Línguas de Sinais, Klima & Bellugi (1979) postulam a existência e a ocorrência de uma morfologia não-concatenativa. Klima & Bellugi (1979) iniciam uma reflexão na ASL e apontam que os sinais na ASL são formados com base em processos não-concatenativos. Pfau, Steinbach & Woll (2012) seguem os autores *op. cit.* e também abordam a morfologia não-concatenativa com foco na questão da simultaneidade e não-linearidade.

Na Libras, mais especificamente, autores como Quadros & Karnopp (2004) reforçam esta apontação feita por Klima & Bellugi (1979) e generalizam tal informação, ao afirmar que

Nas línguas de sinais, essas formas [palavras morfologicamente complexas] resultam freqüentemente de processos não-concatenativos em que uma raiz é enriquecida com vários movimentos e contornos no espaço de sinalização. (QUADROS & KARNOPP, 2004, p. 87)

Apesar de tal afirmação, as autoras não aprofundam esta característica não concatenativa da Libras.

Mais recentemente, Rodero-Takahira (2015) traz hipóteses e ponderações acerca da chamada Morfologia Distribuída (MD), que segue os preceitos e a perspectiva gerativa de análise linguística. A autora expõe que esta análise versa sobre a simultaneidade da Libras e defende que

Pensando nos dados simultâneos, é importante ressaltar que a tendência a formações não concatenativa apontada na literatura sobre as LSs por si só já é um desafio para modelos baseados em um sistema concatenativo para a morfologia e para a sintaxe, como a MD. Se a derivação dos dados apresentados acontecer no sentido que hipotetizamos até aqui, mostraremos que a simultaneidade na formação de sinais da libras é puramente superficial, evidenciando que o que muitas vezes é chamado de não-concatenativo é, na verdade, apenas reflexo da simultaneidade superficial, possível para as línguas da modalidade visuo-espacial, ou seja, quando se está diante de uma língua com a possibilidade de vários articuladores. (RODERO-TAKAHIRA, 2015, p. 43).

A autora *op cit* nos mostra que não há, ainda, um consenso entre os estudiosos ainda não tem uma visão semelhante quanto à classificação da Libras como concatenativa ou não-concatenativa.

f. Morfologia subtrativa

A morfologia subtrativa é outro tipo de processo considerado muito raro por Payne (2006), no qual um ou mais segmentos são subtraídos, ou omitidos, de uma palavra na intenção de expressar uma categoria conceitual específica. Um tipo de língua que contém morfologia subtrativa é o Murle, um tipo de língua Nilo-Saariana da África Oriental. Nos exemplos em (25)²⁵, do Murle, a consoante final do radical é omitida para a formação do plural na língua.

²⁵ Exemplo adaptado de Payne (2006, p. 44).

(25)	Singular	Plural
a.	tiisin ‘uma espiga de milho’	tiise ‘espigas de milho’
b.	nebelin ‘um avestruz’	nebel ‘avestruzes’

Como as línguas de sinais, ao nosso ver, são línguas que aparentemente possuem poucos padrões morfológicos descritos e estudados, não conseguimos identificar esse tipo de processo morfológico. Para além, percebemos que os sinais na Libras, como já apontado por Leite (2008) e Pizzio (2011), são em sua maioria monomorfêmicos, situação esta que impede a supressão de morfemas da base.

g. Composição

A composição é um dos processos mais detalhados pelos diversos autores que trabalham com a derivação. É um processo mais comum, mais frequente nas línguas do mundo e consiste na junção ou união de raízes para formar novos radicais. Isto é, a união de palavras que já existem na língua e que possuem seu significado isoladamente, na intenção de gerar uma nova palavra, com um novo significado. Além disso, o novo item lexical vai muito além da combinação pura e simples das duas raízes. Payne (2006) cita o exemplo das palavras *black* (preto) e *Bird* (pássaro) que juntas formam um único item lexical *blackbird* que não se refere pura e simplesmente a um pássaro da cor preta, mas a uma espécie de pássaro que recebe esse nome.

Enquanto a afixação é um processo mais raro, a composição, por outro lado, é o processo ponderado por Napoli (2019) como o mais comum de formação de palavras nas LS. Quadros & Karnopp (2004) propõem que a composição é um processo “que utiliza estruturas sintáticas para fins lexicais”. Isto significa que ocorre uma junção de dois ou mais sinais, que aparentemente constituem uma estrutura mais complexa, considerada pelas autoras como sintática, mas que têm como resultado uma produção a nível lexical. Exemplo interessante do processo de composição é apresentado na figura 9, na qual é mostrado os sinais de ‘PAI’ e ‘MÃE’ (sinais utilizados mais ao sul do país), que juntos formam o sinal de ‘PAIS’ ou genitores.



PAI MÃE



PAIS

Figura 9: processo de composição, apresentado por Quadros & Karnopp (2004, p. 104)

Napoli (2019) acrescenta ainda que a composição geralmente produz um significado imprevisível e o movimento que, na verdade, é a eliminação do parâmetro movimento de ambos os elementos, gera um movimento de transição da localização do primeiro sinal até a localização do segundo. O resultado dessa mudança, ou ‘mescla’, no movimento dos sinais resulta em um sinal simples com a mesma duração dos sinais que o originaram. Exemplo dessa composição encontramos em (26).

(26)

a. <MULHER>

‘mulher’

< <https://youtu.be/zjPStUoNAY> >



b. <BEIJAR-MÃO>

‘pedir bênção’

< <https://youtu.be/hIJwIJEt4Bk> >



c. <MÃE>

‘mãe’

< <https://youtu.be/9j0QGqTiAx0> >



Em (26) percebemos claramente os sinais de ‘MULHER’ e ‘PEDIR-BÊNÇÃO’ (ato de beijar a mão), que isoladamente possuem cada qual seu significado. Quando esses sinais se unem sofrem modificação em seu movimento, gerando o sinal de ‘MULHER^BÊNÇÃO’, que é utilizado para ‘MÃE’, em Libras.

Importante salientar que na composição a realização dos itens lexicais segue uma ordem fixa, como aduz Napoli (2019). Isto significa que caso um sinalizante realize um sinal composto com inversão na ordem dos itens lexicais, o significado se perde, *i. e.*, se em (26) o sinal fosse realizado na ordem ‘BÊNÇÃO^MULHER’, o significado ‘MÃE’ não lhe seria atribuído.

h. Combinações

O processo de combinação não é apresentado nas línguas orais, sendo definido e evidenciado por Napoli (2019) como frequente nas LS. A autora aponta que esse processo consiste na combinação do significado dos sinais de *input*, como ocorre com a composição e com a incorporação. Apesar da semelhança, diferencia-se da incorporação porque não ocorre a fusão completa entre dois sinais. Também se contrapõe à composição pois não é composto por um sinal seguido de outro sinal. Todavia, se realiza no mesmo tempo que um sinal simples e único. Outro aspecto relevante é que as combinações são distintas das famílias lexicais, pois são exemplos isolados de ocorrência, mas são interessantes pela forma como são pensadas, pela inteligência na criação. Por outro lado, a autora destaca que as famílias lexicais são unidas por um sentido geral codificado em outros parâmetros fonológicos. Exemplo disso é o sinal apresentado por Napoli (2019), para 'MOTHERFUCKER', uma palavra de baixo calão da língua inglesa, que na ASL combina a localização e o movimento do sinal de 'MÃE', com uma configuração de mão de um gesto de dedo tabu, como apresentado na figura 10.



Figura 10: sinais da ASL para 'MÃE' e 'MOTHERFUCKER', um xingamento na língua inglesa, presente em Napoli (2019, p. 611)

Na Libras entendemos que esse processo também é recorrente e comum, mas não conseguimos encontrar em dados sinais que se enquadrem nessa categorização de Napoli (2019).

A compreensão desses processos apresentados nos leva a uma reflexão sobre as línguas de sinais. Como apontado anteriormente, o sinal das línguas de sinais corresponde à palavra das línguas orais. Como ocorre então o processo de formação dos sinais? Quais são os processos morfológicos envolvidos na criação dos itens lexicais de uma língua visuoespacial?

Klima & Bellugi (1979) esclarecem que os processos morfológicos na ASL marcam as distinções semânticas que incluem aspecto distribucional, aspecto temporal, gradação e reciprocidade, além de alertarem que a principal diferença nos processos morfológicos de uma língua visual consiste no fato de ser uma língua que utiliza as mãos, que realizam movimentos no espaço. Para os autores, a ASL possui uma gama de variações flexionais em suas unidades lexicais, o que a diferencia drasticamente do inglês e das línguas orais por causa dos mecanismos pelos quais as unidades lexicais são modificadas. Como se não bastasse, a forma dos processos morfológicos reflete todo o uso complexo das possibilidades de se contornar e delinear o movimento no espaço de sinalização. Ao abordar esses processos, os autores fazem uma reflexão que divide os processos morfológicos em flexionais e derivacionais, com consta nos dados já apresentados anteriormente.

Sandler & Lillo-Martin (2006) explicam sobre os processos morfológicos e os dividem em flexão, derivação e composição. A flexão e a derivação já foram anteriormente tratadas, mas sobre a composição, os autores a definem como um dos processos morfológicos mais comuns e mais produtivos encontrados nas línguas de sinais. Nesse tipo de processo, geralmente há dois sinais, no qual o primeiro é o núcleo e o segundo é o modificador. A composição não apenas une os sinais e seus significados, mas, mesmo cada um possuindo um significado isolado, sua união em uma composição típica gera um novo item lexical, com um novo sentido.

Diante das informações aqui explícitas, percebemos que no contexto das Línguas de Sinais, os estudos têm se mostrado menos precisos. Notamos que os fenômenos e processos defendidos e estabelecidos como exclusivamente morfológicos, na verdade versam sobre aspectos, em nossa opinião, morfossintáticos. Defendemos este ponto de vista pois notamos que todos os processos aqui manifestos nas LS exigem e denotam uma relação sintática, a dependência de um contexto e uma forte interferência semântica.

1.2.2.5. Tipologia Morfológica

Ainda no escopo da morfologia, um tema que nos leva a uma reflexão relevante é a tipologia morfológica da Libras. Não encontramos ainda nenhum trabalho ou pesquisa que aborde tal tema, porém, notamos que esse tipo de classificação e análise pode interferir em diversas outras discussões. Desta maneira, iniciamos alguns pensamentos e algumas considerações acerca da tipologia da Libras.

Para Crowley (1992), a classificação morfológica tenta encontrar características semelhantes de uma língua e a agrupa com outras que compartilhem esse mesmo traço. Payne (2006, P. 189)²⁶ define a tipologia como “simplesmente a categorização de alguns fenômenos em tipos. “Tipologizar” algo é separar suas partes em grupos”. Em outros termos, pensar em tipologia envolve categorizar, organizar em grupos que possuam características semelhantes. A tipologia linguística nos remete então a categorias determinadas que nos ajudam a entender os padrões de determinadas línguas. De posse desses padrões é possível comparar e contrastar diferentes línguas, além de depreender mais informações sobre seu funcionamento.

Diferentes tipos de categorização são possíveis com base na tipologia, mas uma em especial nos chama a atenção é a tipologia morfológica. De acordo com Payne (199, p. 27)²⁷, “essa tipologia se refere principalmente à maneira em que as palavras de uma língua podem ser divididas em morfemas claramente delimitados”, *i. e.*, a tipologia morfológica volta seus olhares e análises à quantidade de morfemas passíveis de separação e/ou de categorização nas palavras da língua, na possibilidade de separação ou não desses morfemas. Neste aspecto, Comrie (1989), assim como os demais autores anteriormente citados, defende a existência básica de três tipos de língua, quais sejam isolantes, aglutinantes e fusionais, esta última também chamada de flexionais.

As línguas isolantes são aquelas com uma forte tendência em utilizar apenas um morfema para cada palavra. Comrie (1989) aduz que as línguas isolantes são “línguas que não possuem morfologia, *i. e.*, pelo menos idealmente, é uma língua em que há uma palavra que corresponde a um morfema.” (COMRIE, 1989, p. 43). Exemplo de língua isolante encontramos em Vietnamita, na qual cada morfema corresponde a uma palavra da língua, como em (27)²⁸.

²⁶ Tradução nossa para “simply a categorization of some range of phenomena into various types. To “typologize” something is to group its parts into types.” (PAYNE, 2006, p. 189)

²⁷ Tradução nossa para “this typology refers primarily to the extent to which words in the language are divisible into clearly individuated morphemes.” (PAYNE, 1997, p. 27)

²⁸ Exemplo adaptado de Comrie (1989, p. 43).

(27)

<Khi tòi dên nhá ban tòi, chúng tòi bắt dẫu làm bài.>

Quando eu vir casa amigo eu plural eu começar fazer lição

“Quando eu for à casa do meu amigo, começaremos a fazer a lição”

Por se tratar o vietnamita em (27) de uma língua isolante, percebemos que até mesmo situações ou palavras que nós, conhecedores do português, utilizaríamos um sufixo para fazer uma flexão, não ocorrem. O plural, por exemplo, recebe um morfema diferente, ou uma palavra nova, na estrutura da sentença para ser designado.

As línguas aglutinantes, por sua vez, podem ter em sua estrutura diversos morfemas, presos e/ou livres, em suas palavras, sendo fácil identificar nas estruturas quais os morfemas que correspondem a cada significado atribuído. Significa dizer que mesmo em palavras consideradas muito grandes, com muitos morfemas juntos, é possível separar e entender o significado isolado de cada um dos morfemas. Nas línguas aglutinantes, as palavras parecem ter os seus morfemas colados uns aos outros, mas fáceis de serem identificados, como ocorre em línguas como o Sye, falada na ilha de Erromango, em Vanuatu, Oceania, apresentado em (28)²⁹.

(28)

<ovnevyarep yutwampyoꝥhor untoꝥ>

ov +nevyarep yu +tw +ampy +oꝥh +or u +ntoꝥ

plural + menino eles +futuro + Negação +querer + ver em + mar

“Os meninos não vão querer vê-los no mar”

²⁹ Exemplo adaptado de Crowley (1992, p. 133)

Percebe-se em (28) que, mesmo que as palavras sejam unidas e compostas de muitos morfemas, é possível separá-los e identificar o significado isolado de cada um deles, até porque cada morfema contém um significado único.

Por fim, as línguas fusionais, também chamadas por Crowley (1992) de flexionais, são línguas em que a palavra é composta por diversos morfemas, mas nas quais não conseguimos encontrar o limite entre um e outro, morfemas diversos com muitos significados ocorrendo simultaneamente. São línguas para as quais percebemos a presença dos diversos morfemas que compõem as palavras, mas não é possível identificá-los e separá-los em uma sequência didática ou lógica. Exemplo de língua flexional encontramos no latim, em (29)³⁰.

(29)

<Marcellus amat Sophiam>

<i>Marcell-</i>	<i>+ -us</i>	<i>am-</i>	<i>+ -a-</i>	<i>+ -t</i>	<i>Sophia-</i>	<i>+ -m</i>
Marcelo	+ Masc.Nom.Sg	amar + 1 ^a Conj.Pres. Indic.Ativ	+ 3 ^a Pess.Sg	Sofia	+ Fem.Acus Sg	

“O Marcelo Ama a Sofia”

Em (29) encontramos um exemplo de língua considerada flexional, ou fusional, pois mesmo que separemos os morfemas da palavra, não é possível atribuir apenas um significado ao morfema. Nota-se, em uma observação generalizada, que os morfemas possuem vários significados acumulados e simultâneos, além de indivisíveis.

Embora os tipos isolante, aglutinante e flexional tenham características determinadas, não são categorias consideradas completamente fechadas e imutáveis. Há nessa classificação uma categorização gradativa e as línguas são classificadas de acordo com suas características mais marcantes. Dessa forma, apresentam-se em um *continnum*, como na figura 11, adaptada de Payne (2006, p. 190).

³⁰ Exemplo adaptado de Crowley (1992, p. 133)



Figura 11: continuum relacionado à tipologia morfológica das línguas, adaptado de Payne (2006, p. 190).

Para além, por serem as línguas vivas e em constante mudança e variação, outro fator se faz relevante, as mudanças as quais as línguas estão expostas. Comrie (1992) argumenta que as línguas do mundo passam naturalmente por mudanças cíclicas. Isto significa que línguas antes classificadas como isolantes tendem a mudar para aglutinantes com o passar do tempo, por processos de redução fonológica. As línguas aglutinantes caminham em direção às flexionais devido à fusão morfológica, enquanto as flexionais direcionam-se para se tornarem isolantes em função do processo de redução morfológica. Conseguimos visualizar resumidamente esse ciclo na figura 12, adaptada de Comrie (1992, p. 137)

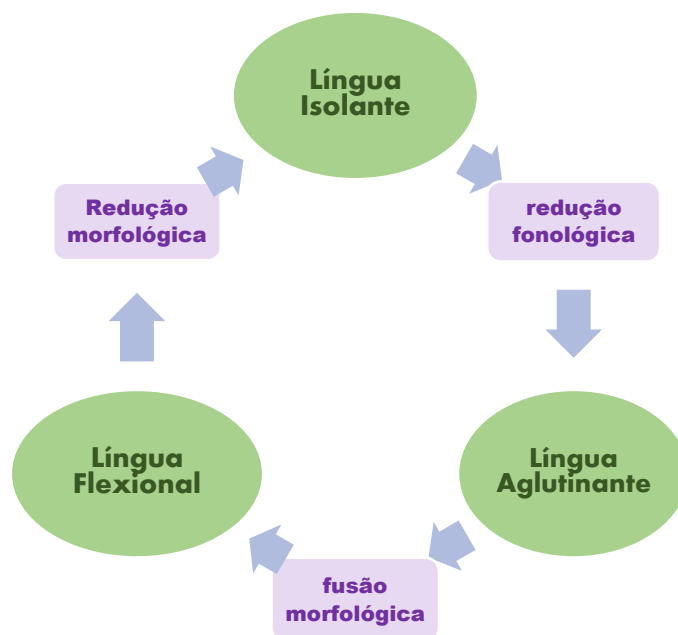


Figura 12: Ciclo de mudanças sofridas pelas línguas de acordo com a tipologia morfológica. Adaptado de (Crowley (1992, p. 137).

Na figura 12 é possível entender como ocorre a mudança da tipologia entre as línguas. Nas formas ovais temos a representação dos tipos morfológicos de língua e nas formas retangulares os processos que ocorrem para que um tipo morfológico mude para outro tipo.

Apesar de serem apresentados três tipos morfológicos considerados canônicos, Comrie (1989), ratificado por Corwley (1992) e Payne (2006), traz à tona um quarto tipo de língua, com uma morfologia polissintética. Línguas polissintéticas são aquelas com uma característica extremamente aglutinante, que apresentam com uma única palavra o que seria realizado com orações inteiras em outras línguas. Exemplo de língua polissintética é a Yimas, uma língua de Papua, Nova Guiné, como em (30)³¹.

(30) <naŋampanaŋkanmpamra amtra>

na	+ŋa	+mpa	+na	+ŋkan	+mpam	+ra	amtra
pl	+ dar	+agora	+imper	+ poucos	+eles		comida

“Deem comida àqueles poucos agora!”

Em (30) a palavra ‘naŋampanaŋkanmpamra’ em Yimas significa uma frase imperativa, um comando inteiro quando comparado ao português, que contém em si informações diversas e complexas, como pessoa, número, verbo e advérbios. Assim sendo, línguas polissintéticas, como justifica Comrie (1989), são línguas capazes de combinar, em uma única palavra, um variado número de morfemas, sejam eles gramaticais ou lexicais, e que, quando comparadas a outras línguas, sua expressão corresponde a uma sentença completa.

Quanto à Língua Brasileira de Sinais, não encontramos estudos aprofundados ou pelo menos com mais detalhes que abordem a tipologia morfológica. Concordamos com Mendonça (2012) de que a Libras tem apresentado muitas características de uma língua mais isolante, visto que é necessário utilizar diversos sinais, a maioria monomorfêmicos, para a construção do discurso. Além disso, é uma língua que apresenta poucos processos morfológicos, como vimos em toda a sessão 1.2.2. assim sendo, diante de características como a ausência de afixos, existência de poucos processos considerados flexionais, enfim, uma língua com ‘pouca morfologia’, postulamos a hipótese de que a Libras possui características básicas de línguas mais isolantes.

³¹ Exemplo adaptado de Crowley (1992, p. 137).

Destacamos que ao afirmar que a Língua Brasileira de Sinais é uma língua com pouca morfologia, não apontamos a inexistência de processos morfológicos. Justificamos nossa postulação visto que, apesar de a Libras apresentar em sua estrutura diferentes tipos de processos morfológicos, estes aparentemente não demonstram uma padronização, ou seja, há diferentes tipos de processos morfológicos na Libras, mas estes não ocorrem de maneira única em uma determinada classe ou para um tipo de processo de formação de palavras específico.

Poderíamos justificar esta ‘não-padronização’ em razão da morfologia não-concatenativa, abordada em 1.2.2.4, que pressupõe a simultaneidade de informações, porém, para nós, o que ocorre não é uma ausência de linearidade, mas sim a ocorrência dos fenômenos, das categorizações e classificações dos sinais através de relações sintáticas, através da combinação dos sinais em uma estrutura. Ou seja, devido às diversas possibilidades que encontramos de categorização da Libras, sobre a qual aprofundaremos no capítulo 5, com a diferenciação entre nomes e verbos, a inserção em uma estrutura sintática tem mais influência na classificação do que o processo morfológico de forma isolada.

1.2.3. *Sintaxe*

De origem grega, *syntaxis*, na qual *sin-* significa ‘junto, simultâneo’ e *-tassein* significa ‘ordenar, arrumar’, isto é, uma organização simultânea. A sintaxe é definida por Dubois (1973, p. 559) como “a parte da gramática que descreve as regras pelas quais se combinam as unidades significativas em frases”.

Compreender a sintaxe envolve assimilar algumas formas de expressão de uma língua. Essas formas são utilizadas por falantes de uma língua para evidenciar mudanças de significado. Para Payne (2006), há três diferentes tipos de expressão: lexical, processos morfológicos e padrões sintáticos, este último também chamados de analíticos. Uma expressão Lexical é aquela que requer o uso de um novo item lexical sempre que houver qualquer mudança, por menor que pareça, no significado, como em ‘*boi*’ e ‘*vaca*’, no português, para os quais é necessário um novo item lexical para designar masculino e feminino, diferentemente de ‘*pato*’ e ‘*pata*’, cuja mudança de gênero segue um padrão e ocorre por um processo morfológico, isto é, que promove uma alteração no sentido ou no significado por meio da mudança na forma das palavras. Por fim, os padrões sintáticos são aqueles que denotam uma mudança regular no significado de acordo com a combinação de um item lexical com outro da estrutura.

Observamos esse tipo de padrão em frases como ‘*eu vou ligar*’, na qual o verbo é apresentado no infinitivo e a noção de tempo é dada por um novo item lexical, combinado ao verbo, ou seja, o verbo não recebe um sufixo flexional para determinar o tempo futuro, mas há uma relação sintática com a adição de um novo item que dará esse sentido.

Nas línguas de sinais, Padden (1983) aborda a questão da sintaxe sob a ótica da gramática relacional. Para a autora, o objetivo principal da gramática relacional é o de formular as propriedades universais das línguas humanas. A autora diz que na gramática relacional as generalizações sobre a estrutura sintática dentro de uma língua, ou em uma visão comparada entre línguas diferentes, são melhor explicadas, além de prover uma forma de análise sintática da ASL de duas formas: primeiro, a caracterização da estrutura da sentença nos termos da gramática relacional facilita a comparação entre a ASL e as outras línguas, independente da modalidade; segundo, enquanto essa teoria traz, por um lado, novos problemas para a análise sintática da ASL, por outro lado ela também leva a possíveis soluções para os fenômenos sintáticos da ASL. Padden *ibid.* ainda defende que para a gramática relacional, a noção de predicado como uma relação gramatical provê um meio de capturar generalizações significantes sobre comportamentos similares entre verbos e outros constituintes na sentença.

Sandler & Lillo-Martin (2006), em uma análise gerativa das línguas de sinais, argumentam existir uma variedade grande de ferramentas para comprovar a existência de estruturas e restrições das sentenças das línguas de sinais. Os autores afirmam que as línguas de sinais, do ponto de vista sintático, não possuem uma ordem de palavras estrita, como o Inglês, e que a alteração na ordem das palavras está relacionada ao uso espacial da língua e da representação dos referentes e dos verbos com concordância nesse espaço.

Considerável se faz salientar que no âmbito da sintaxe das Línguas de Sinais, mais especificamente da Libras, os estudos encontrados, além das evidências e análises realizadas e publicadas por pesquisadores, são em sua maioria de base gerativista. Em razão disto e de em nosso trabalho seguirmos uma abordagem funcionalista, não concordamos com todos os dados apresentados, mesmo que aqui apresentemos as pesquisas como referências.

Outro aspecto percebido é de que a grande maioria dos estudos que abordam a sintaxe das línguas de sinais, apesar de defenderem ser a sintaxe a área que estuda a estrutura interna da sentença, focam suas descrições e análises apenas na ordem das palavras, ou dos sinais. Para além, a maioria dos trabalhos encontrados, como de Padden (1983), Liddell (2003), Sandler & Lillo-Martin (2006), até mesmo Quadros & Karnopp (2004) e Quadros (2019), seguem,

também, uma abordagem gerativista, diversa da funcionalista, que seguimos neste trabalho. Outrossim, muito trabalhos também foram realizados, durante muito tempo, com dados apresentados em uma língua oral, na modalidade escrita, para que fossem ‘traduzidos’ para a língua de sinais, o que resulta em dados com forte influência da estrutura da língua majoritária que cerca a língua sinalizada. Apesar de seguirem uma abordagem diferenciada, julgamos relevante mostrar que há estudos que começam a discutir os fenômenos e acontecimentos na Libras e que, de uma forma ou de outra, nos levam a refletir a língua de maneira mais focada e delimitada.

Em suma, a sintaxe das LS é tratada pelos pesquisadores citados de forma muito restrita. Os autores apresentam a sintaxe apenas como uma área da linguística que se ocupa da combinação das palavras dentro de sentenças, da preocupação sobre a ordem dos constituintes, pura e simples. Ocorre que o estudo da sintaxe vai muito além do estudo da ordem e quando associada à morfologia, torna-se fundamental para uma descrição linguística completa. Isto significa que estudar morfologia e sintaxe, ou seja, morfossintaxe, é condição *sine qua non* para a compreensão do real funcionamento de uma língua e da descrição detalhada de todos os seus fenômenos. Por este motivo nos dedicamos nessa pesquisa a iniciar essa descrição morfossintática da Libras. Destacamos que no capítulo 6 nós abordaremos e apresentaremos características da sintaxe de forma mais aprofundada, com dados e análises mais precisas e detalhadas.

1.2.4. Semântica e Pragmática

1.2.4.1. Semântica

Nas línguas de sinais, os estudos que abordam conceitos e estudos mais aprofundados sobre a semântica são pouco divulgados. A grande maioria dos autores, como Zuchi (2012) e Schlenker (2018), por exemplo, tratam a semântica partindo diretamente para um tema ou fenômeno específico, como o uso semântico das anáforas e a relação iconicidade *versus* arbitrariedade.

Quando voltamos os olhares à semântica da Libras, apesar dos estudos linguísticos terem iniciado na década de 1980, há alguns trabalhos que tentam descrever as relações semânticas. Quadros & Karnopp (2004, p. 21), iniciam a conceituação da semântica de uma forma geral, ao afirmar que “é o estudo do significado da palavra e da sentença”. Para as autoras

a semântica trata da natureza, da função e do uso dos significados determinados ou pressupostos. É a parte da linguística que estuda a natureza do significado individual das palavras e do agrupamento das palavras nas sentenças, que pode apresentar variações regionais e sociais nos diferentes dialetos de uma língua. Napoli, Sutton-Spence e Quadros (2017) tentam demonstrar a relação sintático-semântica relacionada aos verbos das línguas de sinais, com interferência nas construções sintáticas. Quadros (2019) tenta resumir como são os estudos semânticos na Libras, porém acaba direcionando para a descrição também da relação de significado como estratégia e subsídio para a estrutura sintática. Fundamental se faz, então, aprofundar os estudos também sobre a semântica da Libras.

1.2.4.2. Pragmática

Assim como ocorre com a semântica, nas LS os estudos que tratam de uma maneira generalizada e conceitual a pragmática também são pouco difundidos, com a diferença que os estudos semânticos tem mais visibilidade. Quadros & Karnopp (2004, p. 22) definem a pragmática como “o estudo da linguagem em uso (contexto) e dos princípios de comunicação”. Para as autoras é uma área que trabalha com as relações entre a linguagem (ou a língua) e o contexto, a incluir estudos da dêixis, dos atos de fala, implicaturas, pressuposições e aspectos da estrutura da conversação.

É inegável que os conceitos de semântica e pragmática caminham juntos nos estudos linguísticos, pois como apresentado, ambas trabalham e atuam no campo do significado. A pragmática diferencia-se da semântica principalmente por focar sua análise no significado em uso, no contexto. Quadros (2019) reafirma essa questão e destaca que esses estudos ainda são muito escassos, provavelmente por serem as línguas de sinais ainda consideradas recentes no âmbito acadêmico e nas análises linguísticas.

Tendo em vista tudo o que foi aqui exposto, sobre os objetos de estudo da semântica e da pragmática estarem direcionados ao significado, remontamos a uma área na qual a linguística está inserida, relacionada também à constituição e construção da significação, a qual necessitamos esclarecer diversos pontos. Assim sendo, trataremos no capítulo 3 de aspectos basilares e da constituição do signo linguístico em Libras, com base nos estudos saussureanos.

1.3.Considerações

Conhecer, estudar e ser pesquisador das Línguas de Sinais, no caso deste trabalho, da Libras, vai muito além de apenas ver essa língua como uma forma de comunicação diferente que é utilizada pelas pessoas que “não escutam”. Para se estudar as línguas de sinais é fundamental conhecer os aspectos linguísticos, sociais e antropológicos relacionados a essa língua. Isto significa que, para seu estudo, é necessário que o pesquisador tenha um conhecimento aprofundado e tenha contato próximo com a comunidade que utiliza essa língua, para que absorva e compreenda os fatores sociais e culturais que influenciam e interferem na formação do indivíduo e da construção de sua visão de mundo. Entender como o indivíduo Surdo vê o mundo e as coisas a seu redor torna-se fundamental e inerente à evolução e utilização da língua na comunidade.

O respeito à Libras não deve ocorrer apenas por causa da legislação vigente no país, aliás, a legislação não tem a natureza de impor nada a comunidade ouvinte, mas veio como forma de fortalecimento do Surdo e de reconhecimento a uma língua que é muito utilizada no país e que tem se inserido cada vez mais nos diversos contextos em que o Surdo tem participado, inclusive no contexto acadêmico.

Estudar e analisar essa língua, mais uma vez, exigem o conhecimento também das estruturas linguísticas e saber que, por ser uma língua natural, a Libras possui todos os níveis linguísticos necessários, características inerentes à necessidade de comunicação e que, através dela, é possível se compreender e transmitir qualquer tipo de informação, por mais complexa que ela pareça.

Neste capítulo, nossa intenção foi fazer uma revisão de conceitos apresentados nas pesquisas já existentes nas diversas áreas da linguística. Percebemos que muitos são os trabalhos que já existem e que descrevem a Libras e as Línguas de Sinais, mas poucos são os trabalhos com base funcional-tipológica.

Ainda mais, compreendemos que a sessão que trata sobre a morfologia da Libras tem um detalhamento e uma extensão maiores que, por exemplo, a sintaxe. Isso ocorre porque muitos são os trabalhos que tentam separar essas duas áreas e acabam por analisar a língua do ponto de vista morfossintático, mas categorizam como apenas morfológico, como acontece com os processos morfológicos, por exemplo. Além disso, quando buscamos conteúdos sobre a sintaxe notamos que quase todos os trabalhos encontrados se focam apenas na análise da ordem

das palavras, deixando de lado outros temas da sintaxe que possam contribuir mais com essa descrição gramatical.

Outrossim, notamos que muito do que é apresentado e defendido na Libras tem uma forte influência da semântica, o que nos faz questionar os rótulos estabelecidos e determinados como presentes ou não. Rótulos que muitas vezes fazem parte da descrição de línguas orais e que estudiosos tentam ‘encaixar’ nas línguas de sinais como se fosse obrigatório haver o mesmo fenômeno em todas as línguas do mundo.

Outro ponto que merece atenção, quanto à Libras, se dá pelo fato de que muito é abordado, mas poucos são os conceitos apresentados pelos pesquisadores da área. Sentimos falta de maior conceituação e detalhamento sobre os processos, fenômenos, características e aspectos da Libras. Deste modo, este trabalho tem também um papel fundamental de trazer embasamento teórico aos processos e fenômenos estudados.

Para além, pretendemos deixar clara nossa intenção de analisar a língua de sinais por ela mesma, sem a interferência da língua portuguesa ou de qualquer outra língua oral. Para tal, as questões pragmáticas se tornam fundamentais para essa visualização da língua de sinais em uso, por sinalizantes experientes.

CAPÍTULO 2. Metodologia

Pensar as formas de organização e as propostas de exposição dos dados de uma pesquisa é fundamental para que se atinja o maior número de pessoas possível e para que a informação esteja sempre clara e acessível a todos os públicos.

Neste capítulo apresentamos a metodologia utilizada na realização deste trabalho, com o intuito de esclarecer, de forma clara e objetiva, os conceitos em que se baseiam a pesquisa qualitativa na análise e descrição gramatical da Libras. Pretendemos também descrever as etapas da pesquisa, os dados sobre o *corpus* que será utilizado para a coleta e análise dos dados, os critérios utilizados para a seleção dos vídeos analisados. Por fim, apresentamos nossa proposta de notação científica para que os exemplos e dados sejam expostos ao leitor de forma completa e com a maior clareza possível.

2.1. Tipo de pesquisa

Para analisar a Língua Brasileira de Sinais em uma abordagem funcional, com a descrição dos dados com base na forma e na função dos sinais, tem-se como fundamental a compreensão do que é e de como funciona uma pesquisa qualitativa no âmbito da Linguística. Além disso, devemos ter em mente que o trabalho com línguas envolve também o conhecimento e a aplicação de uma abordagem etnográfica, voltada a um grupo minoritário que utiliza uma língua tão rica.

Inicialmente, a pesquisa qualitativa é, segundo Marconi & Lakatos (2003, 2008), um tipo de pesquisa que leva em consideração variações e informações não quantificáveis, que tem papel de extrema relevância na análise e descrição dos dados. Esse tipo de pesquisa, de acordo com Suassuna (2008) tem foco na explicação e no detalhamento das relações sociais e leva em conta o fato de que a ação humana ocorre em função da atribuição de significados realizada por autores sociais. Isto significa que a interação humana se faz condição *sine qua non* quando pensamos em uma descrição linguística.

Na pesquisa qualitativa,

[...] o pesquisador coloca interrogações que vão sendo discutidas durante o próprio curso da investigação. Ele formula e reformula hipóteses, tentando compreender as mediações e correlações entre os múltiplos objetos de reflexão e análise. Assim, as hipóteses deixam de ter um papel comprobatório para servir de balizas no confronto com a realidade estudada. (SUASSUNA, 2008, p. 349).

Em outras palavras, na pesquisa qualitativa o pesquisador reflete o tema e lança perguntas que nortearão todo o processo de análise dos dados para confirmação ou não de suas hipóteses. Outrossim, a subjetividade se faz um fator fundamental e contribui com a profundidade dos resultados apresentados. Para além, permite também que as informações que não podem ser quantificadas sejam estudadas de forma detalhada, com vista a proporcionar a compreensão de determinados dados em contextos específicos.

Associada à pesquisa qualitativa, utilizamos também uma abordagem etnográfica, pois concordamos com Mattos (2011, p. 49) quando afirma que “esta abordagem de pesquisa traz algumas contribuições importantes ao campo das pesquisas qualitativas, especialmente aquelas que se interessam pelos estudos das desigualdades sociais e dos processos de exclusão”. Por se tratar a Libras de uma língua que é utilizada por uma minoria de usuários, que ainda sofre muito com o preconceito linguístico em diversas dimensões, a pesquisa etnográfica traz um olhar mais humano à descrição gramatical das línguas de sinais.

Ainda para Mattos *op. cit.*,

[...]fazer etnografia implica em: 1) preocupar-se com uma análise holística ou dialética da cultura; 2) introduzir os atores sociais com uma participação ativa e dinâmica modificadora das estruturas sociais; 3) preocupar-se em revelar as relações e interações significativas de modo a desenvolver a reflexividade sobre a ação de pesquisar, tanto pelo pesquisador quanto pelo pesquisado. (MATTOS, 2011, p. 49)

Em outros termos, a pesquisa etnográfica necessita de uma maior atenção do pesquisador às especificidades diversas do grupo que pesquisa, o que torna fundamental um distanciamento, por parte do pesquisador, até de sua própria cultura para analisar com mais neutralidade o Outro, seja através da observação ou da efetiva participação na comunidade pesquisada.

Em resumo, a necessidade do pesquisador que atua com as línguas de sinais em conhecer, compreender, se inteirar, aceitar e participar da cultura surda se faz condição ímpar no processo de análise e descrição gramatical da Libras. Dissociar língua e cultura é impossível nesse tipo de análise. Ignorar a forma como o Surdo vê o mundo torna a análise desconexa e descontextualizada.

2.2. Etapas da pesquisa

Para uma melhor organização e um maior detalhamento da pesquisa, a organização e o desenvolvimento de etapas se torna fundamental.

Inicialmente foi realizado um levantamento bibliográfico sobre os diversos temas abordados neste trabalho para que fosse elaborado um referencial teórico de base sólida. Como já mencionamos no capítulo 1, poucas são as pesquisas de base funcionalista sobre a Libras. A maioria dos estudos realizados atualmente sobre Libras no país são de base gerativista, o que nos leva a divergências de interpretação em diversos aspectos. Para além, um conhecimento bem embasado e firmado sobre os aspectos teóricos nos dá um melhor aporte para a descrição mais detalhada, clara e objetiva dos dados. Importante frisar que esse levantamento e aprofundamento teórico se mantêm durante todo o processo de desenvolvimento da pesquisa, visto que não podemos ignorar os avanços e mudanças constantes na pesquisa linguística.

A segunda etapa consiste no levantamento dos dados, ou na pesquisa e constituição do *corpus*. Optamos nesta tese por utilizar o ‘*Corpus Libras*’, organizado pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), disponível em < <http://www.corpuslibras.ufsc.br/>>. O *Corpus Libras* é um projeto composto por três projetos menores:

- a. Inventário de Libras, que apresenta vídeos de conversas espontâneas entre pessoas fluentes em Libras de diversos estados do Brasil, com respeito às variações linguísticas existentes. Neste inventário, os vídeos são divididos por faixa etária, com grupos compostos por pessoas com idades entre 19 e 29 anos, entre 30 e 59 anos, e um terceiro grupo com pessoas com mais de 60 anos de idade. Consiste também em um registro visual com temas relacionados às questões cotidianas, sociais, culturais e políticas.

- b. Produção acadêmica, que contém vídeos produzidos em um ambiente formal de nível superior, como de disciplinas do curso de Letras Libras, provas do PROLIBRAS¹, disciplinas de pós-graduação em níveis de mestrado e doutorado, palestras, reuniões e diversos outros registros realizados no ambiente acadêmico.
- c. Antologia de Poesias, que reúne vídeos com poesias, contos, narrações e produções em Língua Brasileira de Sinais.

Para esta pesquisa, por considerarmos as situações de fala espontânea mais natural e com uma possibilidade mais real de uso da língua, selecionamos os vídeos do ‘Inventário de Libras’, que possui colaboradores com diferentes idades e níveis de instrução.

Frisamos que o *Corpus* Libras, é um material de acesso livre, disponibilizado em um ambiente virtual de forma gratuita aos pesquisadores, com necessidade apenas de um cadastro simples para acesso aos vídeos. Optamos pelo uso desse *corpus* por se tratar de um espaço completo, com dados de uso da língua de forma espontânea e natural, em ambiente controlado e com iluminação adequada ao registro dos dados de línguas de sinais. Ademais, cada dado que faz parte do *corpus* contém 4 posicionamentos de câmera, dispostos como na figura 12².

¹ PROLIBRAS é um certificado fornecido pelo Ministério da Educação (MEC) que atesta proficiência no uso e/ou no ensino da Língua Brasileira de Sinais.

² Imagem corresponde à figura 1 presente em Quadros *et al.* (2018, p. 30)



Figura 13: Perspectiva/posicionamento das câmeras dos vídeos do Corpus Libras da Universidade Federal de Santa Catarina.

Na figura 12 observamos que são posicionadas 4 diferentes câmeras em diferentes ângulos para a captação das imagens de cada um dos vídeos, sendo uma câmera que filma a conversa dos dois participantes simultaneamente, com ambos posicionados um de frente para o outro; uma de frente para o participante 1; uma de frente para o participante 2; e uma câmera que filma a conversa de ambos por cima. Esse tipo de posicionamento minimiza a perda de informação e nos dá uma visão tridimensional do diálogo, o que mostra todas as perspectivas possíveis.

Outro fator relevante nos dados do corpus é que cada dado possui também uma transcrição realizada pela equipe do *corpus*.

Após a seleção dos vídeos no *Corpus Libras*, realizamos a análise dos dados encontrados, com foco nos nossos objetivos, para sistematização das informações e descrição gramatical da Libras, com a comparação dos dados encontrados com a bibliografia estudada, além de apresentar novos detalhes.

Finalizadas as análises, considerações e descrições, partimos para a finalização da tese, com o intuito de gerar um texto claro, conciso, objetivo e que possa servir de base para a comunidade surda e para os estudos linguísticos da Libras.

2.3. Seleção e análise dos dados

Por ser um sistema completo, complexo e extenso, optamos por delimitar o perfil dos participantes, para que possamos diminuir a interferência de fatores outros durante a sinalização. Portanto, o perfil dos usuários selecionados é de:

- a. Pessoas surdas;
- b. Idade acima de 19 anos;
- c. Nasceram surdos ou perderam a audição na até os 3 anos de idade;
- d. Experiência e uso da Libras superior a 10 anos;

Com este tipo de perfil, pretendemos filtrar ao máximo os participantes, com o intuito de encontrar pessoas que convivam bastante com outros surdos, que utilizam a Libras como principal forma de comunicação e que possam ter uma interferência minimizada da estrutura do Português no uso da Libras, enfim, que sejam fluentes e experientes.

Selecionados os participantes e os vídeos de cada um, iniciamos a análise dos dados, e para tal decidimos, inicialmente, por utilizar o sistema EUDICO Linguistic Annotator, conhecido como ELAN³, versão 6.1. Esse sistema é utilizado pelo *Corpus* Libras e também tem sido muito usado e difundido pelos pesquisadores das LS.

Foram escolhidos 5 vídeos no *Corpus* Libras, cada qual com 2 surdos sinalizantes com o perfil delimitado por nós, totalizando 10 diferentes surdos. A idade dos participantes varia entre 29 e 50+ anos, sendo que todos são surdos e utilizam a Libras como principal forma de comunicação há mais de 10 anos.

³ ELAN (Version 6.1) [Computer software]. (2021). Nijmegen: Max Planck Institute for Psycholinguistics. Retrieved from <https://tla.mpi.nl/tools/tla-tools/elan/>

Quanto ao tempo, os vídeos variam entre 1 minuto e 13 segundos e 5 minutos e 43 segundo de duração. Os temas abordados são diversos, entre associação de surdos, copa do mundo, escola inclusiva e conversação espontânea com tema livre.

O ELAN é um sistema holandês, desenvolvido no Instituto Max Planck de Psicolinguística. Apesar de complexo, pelo menos no início, ele é um sistema que possui compatibilidade com a maioria dos computadores, além de ter uma forma visualmente favorável ao estudo das LS, pois torna possível a execução de mais de um vídeo simultaneamente. Essa utilização nos auxilia em nossa análise pois, como dito anteriormente, cada dado possui quatro vídeos que poderemos ver de forma síncrona e simultânea. Apesar da possibilidade de exibição de quatro vídeos, para nosso trabalho utilizamos basicamente três vídeos simultâneos, com câmeras que mostram os dois participantes simultaneamente e separadamente. Isso nos permite uma visão completa do sinal em todos os seus aspectos e contribui com uma descrição mais detalhada. Essa visualização pode ser melhor entendida na figura 13, que mostra a tela do sistema com os vídeos em execução simultânea.



Figura 14: exemplificação da tela do ELAN com execução de três vídeos simultâneos.

Outro aspecto importante, que nos auxilia muito e que foi um diferencial na escolha em utilizar o *Corpus Libras* é o fato de que os vídeos apresentados no banco de dados já possuem

junto consigo uma transcrição e tradução dos dados apresentados, em trilhas bem detalhadas, como podemos observar na figura 15.

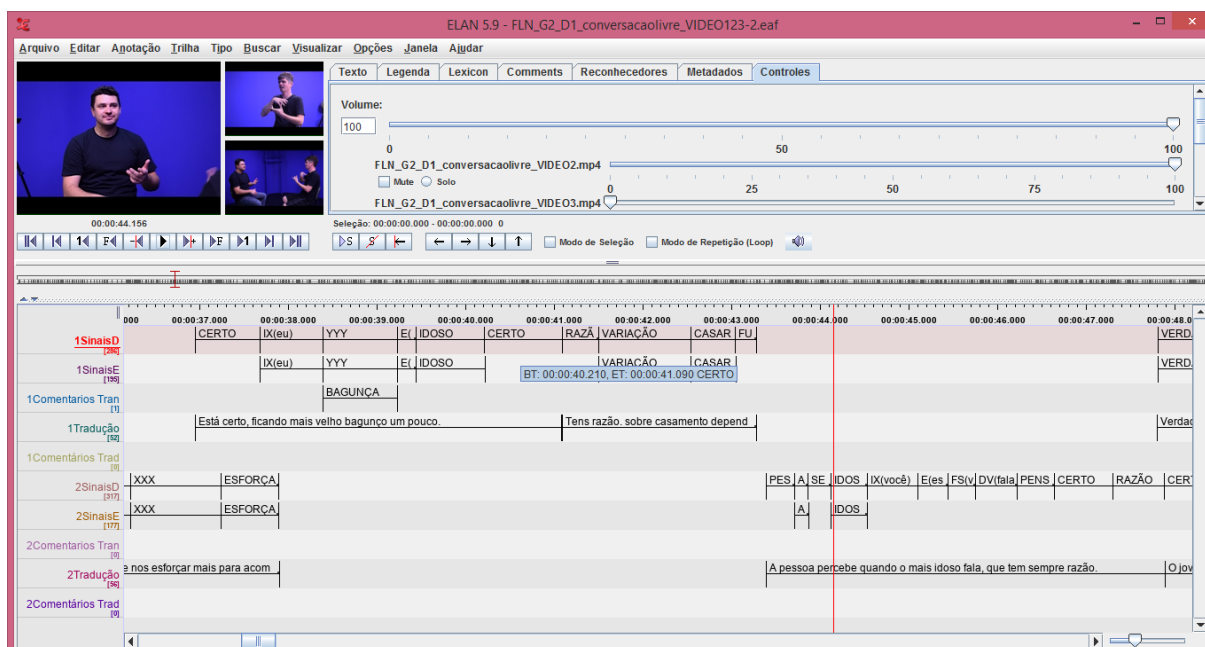


Figura 15: Exemplo da tela do ELAN, contendo os vídeos em execução e as trilhas propostas pelo Corpus Libras.

Na figura 15 observamos que as trilhas criadas pela equipe do *Corpus Libras* da UFSC apresentam as seguintes descrições:

- 1) 1SinaisD: sinais realizados pelo sinalizante 1, com a mão direita;
- 2) 1SinaisE: sinais realizados pelo sinalizante 1, com a mão esquerda;
- 3) 1Comentários Transcritor: comentário feitos pelo transcritor sobre o sinalizante 1;
- 4) 1Tradução: Tradução da fala do sinalizante 1;
- 5) 1Comentários Tradutor: comentários feitos pelo tradutor (Libras-Português) sobre o sinalizante 1;
- 6) 2SinaisD: sinais realizados pelo sinalizante 2, com a mão direita;
- 7) 2SinaisE: sinais realizados pelo sinalizante 2, com a mão esquerda;
- 8) 2Comentários Transcritor: comentário feitos pelo transcritor sobre o sinalizante 2;
- 9) 2Tradução: Tradução da fala do sinalizante 2;
- 10) 2Comentários Tradutor: comentários feitos pelo tradutor (Libras-Português) sobre o sinalizante 2.

Nas trilhas acima apresentadas conseguimos observar aspectos muito relevantes dos diálogos analisados, com uma tradução realizada e revisada por profissionais fluentes em Libras que atuam no projeto, tanto surdos quanto ouvintes. Importante salientar que essas trilhas não são ‘fechadas’ ou ‘bloqueadas’ e que, de acordo com nossa necessidade, podemos incluir ou excluir trilhas, com o intuito de direcionar os aspectos que daremos foco na pesquisa.

Para nossa análise nós mantivemos algumas trilhas e substituímos outras, de acordo com nossa necessidade. Assim sendo, as trilhas que utilizamos em nosso trabalho foram:

- 1) 1SinaisD: sinais realizados pelo sinalizante 1, com a mão direita;
- 2) 1SinaisE: sinais realizados pelo sinalizante 1, com a mão esquerda;
- 3) 1Tradução: Tradução da fala do sinalizante 1;
- 4) 1.sug.trad.dif: sugestão de tradução diferente à fala do sinalizante 1, mais adequada à situação;
- 5) 1Coment.Pagy: comentários feitos pelo pela pesquisadora sobre o sinalizante 1;
- 6) 2SinaisD: sinais realizados pelo sinalizante 2, com a mão direita;
- 7) 2SinaisE: sinais realizados pelo sinalizante 2, com a mão esquerda;
- 8) 2Tradução: Tradução da fala do sinalizante 2;
- 9) 2.sug.trad.dif: sugestão de tradução diferente à fala do sinalizante 2, mais adequada à situação;
- 10) 2Coment.Pagy: comentários feitos pelo pela pesquisadora sobre o sinalizante 2;

No início, o sistema ELAN se mostrou interessante em função das possibilidades oferecidas pelos desenvolvedores em relação à análise, ao desenho das trilhas e à função que permite a visualização dos vídeos dos sinalizantes de forma sincronizada e simultânea, porém, com o decorrer das análises e do uso, o mesmo se mostrou ineficaz, complexo em diversos aspectos e com usabilidade inadequada.

Desde o início o sistema se mostrou muito instável. Os vídeos travavam muito, em diversas situações não abriam. Inserir uma trilha já proposta de tradução oferecida pelo *corpus* foi uma tarefa árdua e com falhas, pois muitas vezes essas trilhas abriam, mas sem os vídeos. Por diversas vezes, quando o trabalho conseguia ser realizado, ao salvar, o arquivo era corrompido e passava a não mais abrir os vídeos em análises futuras. Ao tentar editar os campos das trilhas, durante o vídeo, para algum comentário específico, abriam-se campos em outros

tempos do vídeo que não o desejado. Em suma, um sistema muito trabalhoso e lento, cuja análise se tornou morosa e complexa.

Diante do exposto, decidimos por utilizar as trilhas propostas pelo *corpus* Libras, abrimos as trilhas no sistema ELAN, geramos arquivos em PDF e imprimimos. Para a análise executávamos os vídeos e tomávamos nota na trilha impressa. Esse tipo de atitude contribuiu para o melhor desenvolvimento da pesquisa, de forma mais eficaz, menos morosa e mais ágil.

2.4. Sistema de Notação Científica

Para fins deste trabalho, com o intuito de mostrar o máximo de informação possível, sem a perda de informações relevantes, consideramos a possibilidade de uma notação científica mais ampla e específica, quando dos exemplos em Libras. Para demonstrar da melhor maneira, optamos por uma notação em glosas, seguida pela tradução. Abaixo dos exemplos, alinhado à direita, colocamos o link e o QRCode que direcionam para o vídeo do exemplo, em Libras, no YouTube, como em (1)⁴. Para tal visualização basta clicar no link disponível ou direcionar a câmera de seu telefone celular para o QRCode e abrir o vídeo no navegador de seu aparelho.

(1) <EXEMPLO LIBRAS GLOSAS >

‘tradução do exemplo apresentado em glosa’



Desta forma, o leitor tem acesso: à informação dos sinais da maneira exata como são realizados em Libras, através das glosas; à tradução do dado em Língua Portuguesa; e, pode clicar no link ou direcionar a câmera de seu celular para o QRCode a fim de visualizar, em

⁴ O link e o QRCode apresentados no exemplo (1) são apenas fictícios, a título de ilustração à forma de notação científica adotada neste trabalho.

vídeo, o exemplo na língua de análise, com todas as características necessárias e sem perda de informação.

Importante destacar que, apesar de a apresentação dos dados ter ocorrido no formato de glosas, com o link e o QRCode com acesso aos vídeos, as análises e as observações foram sempre realizadas com os dados em Libras, não em sua tradução. Quando destacamos que um sinal significa um nome ou um verbo estamos observando seu comportamento e a noção que passa no momento da língua em uso.

2.5. Considerações

Utilizar a metodologia adequada contribui para que a pesquisa tenha sucesso e alcance todos os objetivos que pretendemos alcançar. No caso desta tese, optamos então pela abordagem qualitativa associada a uma pesquisa linguística de base funcionalista, com foco na análise e descrição dos fenômenos da Libras com respeito à sua modalidade visuoespacial, sem comparar ou tomar como base os fenômenos e características das línguas orais. Escolhemos esta forma de pesquisa para que possamos apresentar os dados encontrados em uma situação de fala espontânea, na interação entre surdos, com o mínimo de interferência da língua portuguesa.

CAPÍTULO 3. Signo Linguístico em Libras

Como exposto no capítulo 1, precisamos sempre estar a par das características sociais e culturais do povo que utiliza aquela língua, na intenção de absorver esses dados e compreender a forma como esse povo se expressa. Necessário também é o conhecimento linguístico das estruturas, das formas de organização e regras de uso da língua. Com foco no aspecto linguístico, de extrema relevância é a compreensão das formas mais basilares e do funcionamento e organização das menores estruturas. Assim, voltamos ao início dos estudos linguísticos e nos deparamos com a constituição do signo linguístico. Nas línguas orais, o signo linguístico e sua origem são discutidos desde a filosofia grega até os dias atuais, mas e nas Línguas de Sinais? Como é a constituição do signo em uma língua visual?

O objetivo deste capítulo é realizar uma reflexão mais aprofundada sobre a definição e as características do signo linguístico em Libras. Apresentamos uma discussão com base na concepção Saussuriana do signo linguístico, além de seus princípios gerais de arbitrariedade, linearidade, mutabilidade e imutabilidade do signo. Para mais, realizamos um exame com ponderações sobre as características propostas ao signo linguístico e se se coadunam ao signo em Libras, além de sua constituição, uma vez que a Libras é uma língua visual que utiliza espaços e representações manuais e corporais para sua expressão.

3.1. O Signo Linguístico: do estruturalismo ao funcionalismo

Desde quando se iniciam os estudos linguísticos, lidamos com disciplinas, professores, teóricos, pesquisadores, textos, artigos, livros, obras, conteúdos diversos. Entre esses temas nos deparamos com o signo linguístico definido por Saussure no início do século XX. Nas aulas são abordados conceitos e princípios do signo, além de características da linguagem e do estabelecimento de valor do signo, que tratamos neste trabalho.

Em seu ‘Curso de Linguística Geral’, Saussure (2006[1916]) inicia a obra ao evidenciar o signo linguístico como o objeto principal de estudo da linguística, por ser considerado a unidade da língua. Para o autor, o que é levado em conta é a concepção ontológica, não a semiótica. Língua é muito mais do que apenas uma ferramenta e sua constituição, desenvolvimento e evolução seguem critérios e influências muito maiores do

que se tem noção. De acordo com o autor *op. cit.*, “o vínculo que une um nome a uma coisa constitui uma operação muito simples, o que está bem longe da verdade.” (SAUSSURE, 2006[1916], p. 79). Isto significa que a concepção do signo não é uma mera união entre unidades mínimas de uma língua e relacionadas a um objeto em específico. O Signo e a língua são muito mais que uma representação simples de coisas que permeiam a humanidade.

A proposta de Saussure (2006[1916]) tem, como apontado, uma base estruturalista, que mostra, de acordo com Cortez (2011), que a principal característica é “que a própria estrutura da língua cria as unidades e as relações entre essas unidades e, portanto, a estrutura existe como um todo e não se constitui em partes” (CORTEZ, 2011, p. 58). Ou seja, para o estruturalismo Saussureano, é a própria estrutura de uma língua que dita as regras de organização dessa língua e, por consequência, que estabelece as regras para a criação do signo linguístico.

Por sua vez, o funcionalismo, para Cortez (2011, p. 65), “descreve a língua, principalmente, como um instrumento de interação social”, o que nos mostra que a língua está organizada e deve ser descrita e analisada através da união, sempre, da forma e da função, relacionando-se essa sistematização com o significado e com a língua em uso. Para o autor, “a estrutura é considerada motivada pelo contexto, pela situação comunicativa” (*idem*).

A partir dos estudos de Saussure e de sua proposta, vasto tem sido o interesse na análise do signo sob outras perspectivas. Um autor que muito se destaca é Benveniste (1902-1976), que traz à tona uma visão funcionalista do Signo Linguístico, sob a ótica do locutor, com a associação de forma e função, além de discutir os princípios definidos por Saussure (2006[1916]), principalmente no que diz respeito à arbitrariedade.

Benveniste (1991) inicia essa discussão na definição de signo. A proposta de Saussure exclui a coisa em si e aponta o significante como a ‘imagem acústica’ e o significado como o ‘conceito’. Para o autor, em uma visão funcional, “a coisa, a princípio expressamente excluída da definição do signo, e que nela se introduz por um desvio e aí se instala para sempre a contradição” (BENVENISTE, 1991, p. 54). Em outras palavras, é difícil àquele que interpreta o signo a separação da coisa em si, principalmente pelo fato de que, como o próprio autor aponta, “a linguística é ciência das formas” (*ibid*, p. 54), o que torna essa relação impossível de ser deixada de lado. Outro aspecto que chama a atenção é o fato de que Benveniste (1991, p. 55) alerta que “entre o significante e o significado, o laço

não é arbitrário; pelo contrário, é *necessário*” (grifo do autor). É como expõem Agustini & Leite (2012, p. 114), que a visão de Benveniste trata, “antes de tudo, da observação do signo linguístico sob o ponto de vista do *locutor* e, em decorrência, do ponto de vista da língua em uso” (grifo do autor). Para além, os autores ainda indicam que

[...]a interpretação relativa ao funcionamento do signo linguístico no seio da sociedade, e que, por isso, não aposta na hipótese do incômodo do teórico, dimensiona o caráter necessário da relação fundante do signo linguístico na perspectiva do locutor enquanto aquele que mobiliza a língua para convertê-la em discurso. (AGUSTINI & LEITE, 2012, p. 114)

Diante do exposto, é complicado para nós, que analisamos e olhamos para a língua com base em seu uso, sua relação com o ambiente e com o mundo, desconsiderarmos questões que vão além de apenas a ligação entre uma imagem acústica e um conceito. Analisar uma língua, e por consequência o signo linguístico, envolve outros fatores como o contexto, a situação de uso e a perspectiva daquele que emite a mensagem, o chamado locutor.

Em suma, Benveniste (1991) mostra que a definição do signo linguístico da forma como proposta por Saussure é, para uma perspectiva funcionalista, incompleta. O autor mostra, e nós concordamos com essa visão, que o signo está muito além de uma simples junção entre uma forma (acústica ou visual) e um conceito, mas sofre interferência de diversos outros aspectos que permeiam a comunicação, sob a ótica do locutor, na intenção, no contexto, na prosódia e nos diversos tipos de instrumentos de comunicação que farão com que um signo linguístico seja determinado, e não outro.

Deste modo, seguimos com uma explicação e um detalhamento sobre o signo linguístico Saussureano, para que possamos tecer comentários e expor propostas sobre o signo linguístico na Língua Brasileira de Sinais.

3.1.1. Constituição Saussureana do signo linguístico.

O signo linguístico é apresentado por Saussure (2006[1916]) como uma “entidade psíquica de duas faces” (SAUSSURE, 2006[1916], p. 80), quais sejam, um significante e um significado. Além disso, “os termos implicados no signo linguístico são ambos psíquicos

e estão unidos, em nosso cérebro, por um vínculo de associação” (SAUSSURE, 2006[1916], p. 79). Comprendemos esse conceito e precisamos deixar bem nítido que essa constituição se dá não fisicamente, mas na mente, no cérebro humano, por isso ser psíquico. Em outras palavras, o signo não envolve apenas um som associado a uma imagem ou objeto, mas sim uma relação entre o uso da língua e as associações mentais feitas com o conhecimento de mundo que adquirimos com o passar dos anos.

O significante é exposto por Saussure *ibid* como a imagem acústica, a parte que se pode perceber. É a realização auditiva, o encadeamento dos sons necessários para que se transmita esse significante, mas não de forma física. Trata da união das menores unidades da língua, não dos esforços físicos para que esses sons possam ser emitidos. O termo ‘imagem acústica’ como definição para o significante, de Saussure (2006[1916]) não leva em conta as línguas de sinais, que não possuíam à época reconhecimento linguístico. Deste modo, extrapolamos esse conceito e utilizamos o termo ‘imagem linguística’, que desprende e desvincula a necessidade de sons para que haja produção linguística.

Por sua vez, o significado é estabelecido por Saussure (2006[1916]) como uma imagem mental, uma representação na mente humana sobre o que se quer representar, mais especificamente o conceito. É a parte inteligível do signo, a representação psíquica da entidade, não a coisa em si. O significado é adquirido em nossa vivência, com nossa interação e com o conhecimento adquirido de mundo. Para além, a aquisição de valor de um significado se dá em oposição a outros significados, unidos no cérebro humano por um vínculo associativo.

Em resumo, a unidade linguística é constituída por duas faces. Isso que significa que o signo, como defendido, não une apenas uma coisa a uma determinada palavra de modo aleatório, mas surge da combinação de um dado conceito a uma imagem acústica específica. Assim sendo, o signo é uma entidade psíquica composta de duas faces: o conceito, também denominado por Saussure (2006[1916]) como significado, e a imagem acústica, ou como chamamos, imagem linguística, que é o significante, representado pela figura 16.



Figura16: representação do signo linguístico de Saussure, presente em Saussure (2006[1916], p. 80).

Fernandes (2011) afirma que Saussure defende que o signo é estabelecido através de uma relação dual, sendo considerado a unidade básica da língua. De modo mais didático, o autor reafirma o conceito apresentado acima e alega que Saussure define o signo como uma entidade composta por duas faces: um significante e um significado, como esquematizado na figura 17.

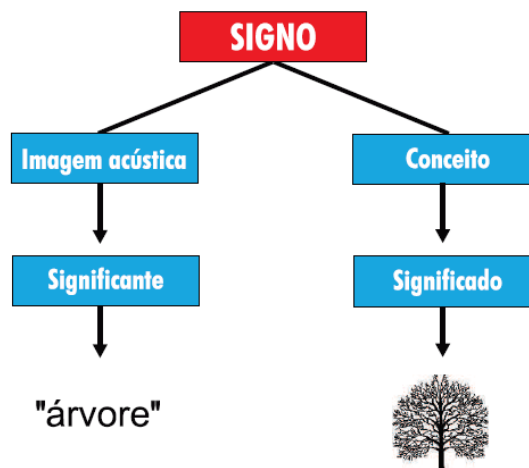


Figura 17: representação do signo linguístico de Saussure, presente em Fernandes (2011, p. 170).

A figura 17 ilustra o signo proposto por Saussure, no qual o significante ‘árvore’ é composto pela combinação dos sons da língua, no caso apresentado o português, enquanto o significado é a imagem mental de árvore que cada pessoa possui em sua mente.

Além dessa estrutura apresentada, Saussure (2006[1916]) esclarece que o signo possui dois princípios, ou duas características, que são inquestionáveis e primordiais: a linearidade e a arbitrariedade.

3.1.1.1 Linearidade

Sobre a linearidade, o autor aponta que esta se faz presente no significante, especificamente. Por se tratar, segundo Saussure (2006[1916]), de um princípio de natureza auditiva, a linearidade se desenvolve em um determinado tempo, com suas características baseadas nessa linha temporal. Entre as características, o autor estabelece que esse princípio representa uma extensão temporal e que essa extensão só pode ser medida em uma única dimensão, qual seja, uma linha.

Em outras palavras, a linearidade está relacionada, para o autor, como uma impossibilidade de se realizar um significante de modo diverso à forma linear. Isso significa que o significante se realiza elemento após elemento (fonema após fonema), sendo impossível a sua execução de modo simultâneo. Explica-se essa impossibilidade em função de uma limitação física na realização dos fonemas auditivos de forma simultânea. Deste modo, a linearidade está mais ligada à essa forma de organização e realização da língua oral.

Refletir a linearidade nas Línguas de Sinais, nos faz perceber que há muito a se ponderar. Por ser uma língua visuoespacial e tridimensional, a LS se organiza no espaço e por intermédio dos sinais da língua é possível que mais de uma informação seja passada em um único sinal, o que sugere a presença de simultaneidade.

Outro fator discutido por Saussure (2006[1916]) sobre a linearidade está ligado ao fato de que a materialização do pensamento humano ocorre também de forma linear, visto que a fala é a forma tangível do pensamento. Refletimos essa afirmação e nos perguntamos: Será que o cérebro processa as informações de modo simultâneo, mas organiza o pensamento de maneira linear? Esse questionamento nos faz pensar que nas Línguas de Sinais essa organização mental pode sim ocorrer de forma simultânea, do mesmo modo. Para além, pensamos que mesmo com a simultaneidade dos sinais, percebemos a presença de uma linearidade sintática nas Línguas de Sinais, o que remonta a linearidade da materialização do pensamento apontada por Saussure (2006[1916]). Isto significa que, para as pessoas que se comunicam em LS, assim como em línguas orais, a organização da informação e do pensamento é linear, as informações são transmitidas sequencialmente.

3.1.1.2. Arbitrariedade

Outro princípio basilar do signo linguístico proposto por Saussure (2006[1916]) é o da arbitrariedade. O autor defende que “o significante é /imotivado, isto é, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade” (SAUSSURE, 2006[1916], p. 83). Isto significa que para o autor a combinação sonora¹ determinada para o significante não tem nenhuma relação com o significado que representa. O que ocorre é uma convenção, um acordo entre os falantes sobre os termos da língua, que gera uma imposição de uso. Devido a essa ausência de laço natural de realidade, Saussure (2006[1916]) também argumenta que qualquer significante pode ser considerado verdadeiro, válido.

Do ponto de vista da arbitrariedade, Saussure *op. cit.* foi questionado quanto à arbitrariedade frente às onomatopeias, que são classicamente representações icônicas de sons de determinados objetos ou seres. O autor, por sua vez, salvaguarda sua postulação ao argumentar que as onomatopeias “não são jamais elementos orgânicos de um sistema linguístico. Seu número, além disso, é bem menor do que se crê” (2006[1916], p. 83). Com efeito, Saussure *ibid* justifica que mesmo nas onomatopeias há convenção entre os falantes da língua, até porque esse fenômeno, na verdade, é uma representação aproximada de alguns sons e ruídos, que sofrem adaptação aos fonemas da língua em questão. Isso se justifica claramente pelo fato de que há, em línguas orais diferentes, onomatopeias realizadas de forma diferente. Como forma de ilustrar essa diferença, destacamos que no português utilizamos a onomatopeia ‘au-au’ para representar o latido de um cachorro, enquanto no inglês utiliza-se ‘woofwoof’. Outro exemplo se dá para o cacarejar de uma galinha, que no português representamos como ‘có có có’, enquanto o francês realiza-se por ‘cot cot codet’. Assim, as onomatopeias não seriam uma imitação fiel e idêntica, mas apenas uma representação aproximada do som de algo.

A descrição do signo linguístico por Saussure a partir do início do século XX teve um papel fundamental nos estudos linguísticos, apesar de ser cunhada em uma abordagem estruturalista. Posteriormente, estudiosos funcionalistas passaram a enxergar o signo sob um novo viés. Benveniste (1991) argumenta que não é possível dissociar pensamento e som (ou sinal, no caso das LS), e assim, “o que é arbitrário é que um signo, mas não outro, se aplica

¹ À época as Línguas de Sinais não possuíam *status* de língua e se pensava que apenas as línguas orais poderiam ser consideradas para os estudos linguísticos. Desta forma, Saussure (2006[1916]) não atribuiu suas análises e nem as relacionou às línguas sinalizadas.

a determinado elemento da realidade, mas não outro” (BENVENISTE, 1991, p. 56). Outrossim, o autor concorda com as reflexões de Platão (427-347), sobre a motivação para a criação dos nomes. Para Benveniste (1991, p. 57) “O arbitrário só existe aqui em relação com o fenômeno ou o objeto material e não intervém na constituição própria do signo”, ou seja, há sim um porquê, um motivo para que se tenha denominado algo de uma forma e não de outra e a arbitrariedade está presente neste sentido.

Payne (2006) julga que a maioria das pessoas considera que a existência da língua se dá apenas com o objetivo de comunicação, como se fosse apenas uma ferramenta utilizada pelo ser humano para interagir com outros de sua espécie. Ou seja, a língua é vista como uma ferramenta de comunicação utilizada pelos humanos e que tem como único objetivo a conversação. Da mesma forma, o autor defende que mesmo as ferramentas têm dois componentes que são levados em conta: sua forma e sua função, isto é, como é e para que serve. Ainda além, para Payne (2006), de um modo geral, é a função que determina ou motiva a forma de algo. Desta feita, a linguagem se encaixa no mesmo patamar, formada também a partir de função e forma. O autor acrescenta ainda que é comum dizer que a “função da língua é auxiliar as pessoas na comunicação. A forma consiste em sons, gestos ou qualquer outro artifício no ambiente capaz de ser percebido por outras pessoas”² (PAYNE, 2006, p. 2). Ao refletirmos sobre essa afirmação, somos obrigados a concordar com o autor quando defende que se a língua não tivesse a função principal de comunicação, seria composta apenas de sons ou de outros recursos sem sentido (em línguas visuais, articulações manuais). Isso significa que se não houvesse a comunicação, não haveria a necessidade de uma língua estruturada e organizada por regras, respeitadas por todos os que a utilizam. O que devemos ter em mente é que esses conceitos de forma e função da língua não são tão simples quanto parecem. Ao contrário, são conceitos complexos e que carecem de muita atenção para sua compreensão e descrição correta.

Agustini & Leite (2012) comentam que

[...] o princípio da arbitrariedade do signo imprime à língua a ideia de um sistema de motivação. Se por um lado o signo linguístico é arbitrário em sua constituição, como já destacamos aqui, por outro, o mesmo sistema que

² Tradução nossa para “...function of language is to help people communicate. The form consists of sounds, gestures, or other physical variations in the environment capable of being perceived by other people.” (PAYNE, 2006, p. 2).

ancora a constituição de signos é motivado. (AGUSTINI & LETE, 2012, p. 118)

Seres humanos, como mencionado, têm uma necessidade de comunicação e para tal utilizam a língua. Há na fala humana uma quantidade infinita de sentimentos e conceitos complexos que podem ser transmitidos. Payne (2006) ainda acrescenta que a maioria das línguas apresenta como ‘forma’ um número limitado de sons, mas que se combinam e “organizam em palavras, frases, orações, sentenças e discursos, incluindo conversas, sermões, palestras, argumentações e outras estruturas comunicativas mais complexas”³ (PAYNE, 2006, p. 2). Com isso, inferimos que a forma da língua nos mostra claramente qual é a sua função no processo comunicacional.

Essa conceituação é fundamental e nos faz atentar a um questionamento também feito por Payne *op. cit.*: Se todas as línguas tem uma função básica de comunicação, porque então temos tantas diferenças na forma? Porque as línguas do mundo apresentam tantas diferenças em sua estrutura? Diante do exposto, entendemos que a diferença entre as línguas está na interação necessária do indivíduo com a maneira como ele interage com seu meio e seus semelhantes. Está no modo como cada grupo, cada comunidade, vê e vivencia o mundo a sua volta. Com efeito, atualmente linguistas tem discutido até que ponto o signo linguístico pode ser considerado arbitrário, ou qual seria o conceito de arbitrário, visto que eles, nas palavras de Payne (2006, p. 4), “são **motivados** por fatores como a compreensibilidade, iconicidade (incluindo o simbolismo sonoro) e economia” (grifo do autor). Em outras palavras, mesmo com o princípio da arbitrariedade do signo proposta por Saussure (2006[1916]), Payne entende que há motivação, como uma inspiração, na criação de um determinado signo, o que estabelece uma ligação entre a forma e a função daquilo que é denominado.

A afirmação anterior nos remonta aos diálogos de Platão, mais especificamente “O Crátilo”, obra no qual Hermógenes, Crátilo e Sócrates discutem e refletem a origem dos nomes. A reflexão se inicia com a ideia de Crátilo, de que

[...] cada coisa tem por natureza um nome apropriado e que não se trata da denominação que alguns homens convencionaram dar-lhes, com designá-

³ Tradução nossa para “...organized into words, phrases, clauses, sentences, and discourses, including conversations, sermons, speeches, arguments, and other highly complex communicative structures.” (PAYNE, 2006, p. 2).

las por determinadas vozes de sua língua, mas que, por natureza, têm sentido certo, sempre o mesmo. (PLATÃO, 427-347 a.C., p. 102).

A partir daí, inicia-se uma discussão sobre a origem dos nomes e como cada coisa fora denominada pelos antigos, na busca de um porquê, um motivo para que cada nome tenha sido dado. Hermógenes defende que os nomes são dados pela forma da lei e que as pessoas se acostumam com o uso, o que torna impossível e não aceita a substituição por outro. Sócrates defende e argumenta que cada coisa recebe um nome que condiz com sua natureza e que, desta maneira, necessita e reflete uma motivação para tal. Com isso ele reflete a maneira de falar e de dar nome às coisas.

VI – Sócrates – E falar, não é também uma espécie de ação?

Hermógenes – É.

Sócrates – De que modo então falará alguém corretamente: da maneira que lhe aprouver falar, ou, de preferência, dizendo as coisas segundo o modo natural de falar e como devem ser ditas, para alcançar o seu intento e dizer, de fato, alguma coisa, sem o que cometerá erros e nada conseguirá?

Hermógenes – Penso que é como dizes.

Sócrates – E dar nome às coisas, não é uma parte do ato de falar? Quando se denomina alguma coisa, fala-se, não é verdade?

Hermógenes – Perfeitamente.

Sócrates – Logo, nomear, também é ação, com relação a certas coisas.

Hermógenes – É isso mesmo.

Sócrates – Ora, as ações, como já vimos, não são relativas a nós, mas tem cada uma sua própria natureza.

Hermógenes – É isso mesmo.

Sócrates – Assim sendo, convirá nomear as coisas pelo modo natural de nomeá-las e serem nomeadas, e pelo meio adequado, não como imaginamos que devemos fazê-lo, caso queiramos ficar coerentes com o que assentamos antes. Só por esse modo conseguiremos, de fato, dar nome às coisas; do contrário, seria impossível. (PLATÃO, 427-347 a.C., p. 107-108)

Da obra em questão, com destaque ao diálogo exposto, depreendemos que há na criação dos nomes, regras e critérios a serem obedecidos, que não convém utilizarmos o que achamos interessantes se não for comum à sociedade em que vivemos. Devemos respeitar as regras da língua, utilizar os códigos que nos são transmitidos por nossos antepassados, utilizados e transmitidos pela comunidade que vivemos, já estabelecidos e de comum conhecimentos, para que a comunicação seja eficaz.

Isso nos faz refletir também quanto à constituição do signo linguístico que, mesmo sendo defendido por Saussure como arbitrário, há um limite e uma certa gradação nessa arbitrariedade. Se Platão (427-347 a.C.) expõe que os nomes são dados por legisladores e que têm relação com o que representam, entendemos que a arbitrariedade não significa que não haja nenhuma relação, mas pensamos a arbitrariedade com a convencionalização de uso. Sobre a arbitrariedade e a motivação do signo, ponderaremos nas sessões que se seguem, estabelecendo relação à constituição do signo linguístico em Libras.

Em suma, percebemos que apesar de ser um princípio basilar, a arbitrariedade é a postulação mais criticada de Saussure *ibid.* Um dos fatores que leva a essas críticas está no contraste desse princípio com as discussões filosóficas gregas acerca da relação entre o significante e o significado, em saber se era de fato uma ligação natural ou fruto de uma convenção humana.

Com foco nas Línguas de Sinais, as reflexões de Saussure *op. cit.* sobre a arbitrariedade proporcionaram, durante muitos anos, um cerceamento dos estudos e do reconhecimento dessas línguas, além de um atraso nos estudos linguísticos.

Lyons (1987) aborda a arbitrariedade como uma característica inerente às línguas do mundo, e define arbitrário como algo que não pode ser explicado com base em regras gerais. Para o autor, a língua é um dos casos mais óbvios de arbitrariedade, visto que não há uma relação direta e clara entre a forma e o significado das palavras, porém essa arbitrariedade não se restringe apenas a formas e significado, mas se estende também à estrutura gramatical.

Chandler (2007) segue a teoria apresentada por Saussure (2006[1916]) e acrescenta que as línguas apresentam diferenças importantes em como tratam um mesmo referente, e frisa que não há uma relação ou ligação natural entre significante e significado. Para Chandler (2007, p. 23), “qualquer significante pode representar qualquer significado”, *i. e.*, o processo utilizado para se selecionar uma sequência de sons de uma língua para designar um dado significado é completamente arbitrário.

Apesar dessa relação arbitrária defendida por Saussure (2006[1916]) e ratificada pelos autores que vieram posteriormente, de que a relação entre significantes e significados é arbitrária, convencionalizada, entendemos que há uma motivação intrínseca para os significantes, por isso os signos não podem ser considerados completamente arbitrários. Essas relações dependem de convenções sociais e culturais que são aprendidas pelos seres

de uma determinada comunidade. Isto significa que fatores culturais, sociais, vivências e experiências, cosmovisão e tudo que permeia o indivíduo interfere nessas relações entre significante e significado, o que confirma a complexidade das línguas humanas.

Klima & Bellugi (1979) iniciam uma discussão acerca da iconicidade em línguas de sinais e evidenciam que as línguas visuais são consideradas muito mais icônicas do que arbitrárias. Os autores alegam que quando uma pessoa ouvinte, sem conhecimento da língua de sinais, observa surdos conversando, tem uma impressão de que os movimentos realizados são apenas gestos miméticos e/ou descrições visuais de algo. Interessante que mesmo com essa concepção, sem o auxílio de um intérprete ou tradutor, essa pessoa não é capaz de compreender o que é sinalizado, até nos casos em que o sinal parece extremamente apropriado àquilo que designa. Essa discussão inicial é necessária pois muitos observadores e linguistas, à época, consideravam que as línguas de sinais não podiam ser consideradas línguas, mas sim apenas uma espécie de pantomima, com a qual só era possível transmitir conceitos concretos e icônicos. Por outro lado, mesmo os sinais considerados icônicos não têm seu significado reconhecido ou inferido por pessoas que não conhecem as línguas de sinais, o que comprova que essa iconicidade não é mimética ou óbvia, mas sistematizada, organizada e com regras que devem ser obedecidas. Claro que, como corroborado pelos autores, nas línguas visuoespaciais a iconicidade é mais aparente, percebida com mais facilidade do que a iconicidade das línguas oral-auditivas. Por conseguinte, a iconicidade está presente em todas as línguas do mundo, em graus diferentes.

Curioso destacar que Klima e Bellugi (1979) revelam didaticamente um experimento que esclarece a diferença entre a pantomima e os sinais da ASL. Nesse experimento é solicitado a pessoas ouvintes e que não sabem a língua de sinais para fazerem uma pantomima para a palavra 'egg' (ovo, em português) e para tal explicação são utilizados muitos gestos que se iniciam com posicionamentos de corpo, demonstrações de formas, da maneira como o ovo é batido em algum objeto ou superfície para que seja quebrado, a separação em duas partes, colocado em um recipiente e assim por diante. Na ASL é realizado um sinal único, com as mãos em "U", com a representação de um movimento icônico do 'quebrar dos ovos', mas de uma maneira mais sintética e direta. Essa diferença é apresentada na figura 18, de modo mais claro.

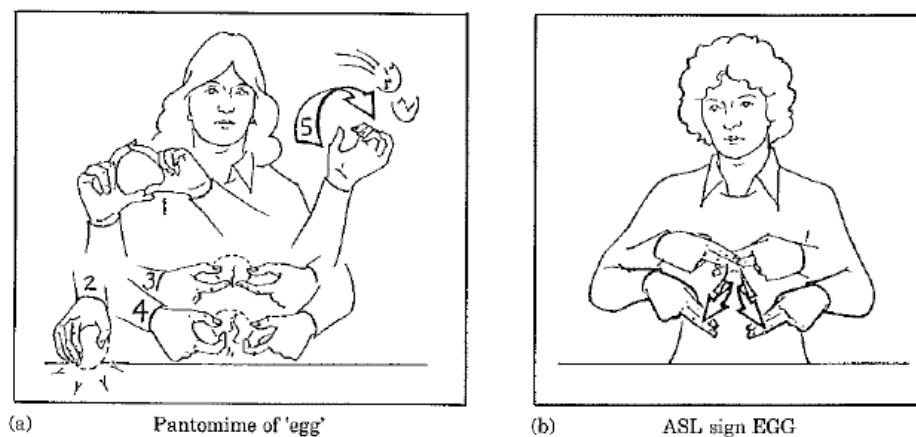


Figura 18: representação de pantomima para “ovo” e o sinal de “OVO” em ASL, presente em Klima & Bellugi (1979, p. 17).

Essa diferença entre a pantomima e os sinais da ASL são também exemplificados por Klima & Bellugi *ibid.* em uma situação em que uma mãe surda corrige seu filho surdo quando sinaliza “EGG” com quatro dedos estendidos, ao invés de dois, como demonstrados na figura 18. Os autores ressaltam que na pantomima essa diferença na configuração de mão não é um problema, enquanto na língua de sinais é uma condição fundamental a utilização da CM correta.

Essa experiência de Klima & Bellugi (1979) nos faz pensar a importância em se apresentar e diferenciar os tipos de iconicidade existentes nas línguas. Dentre os diversos tipos de iconicidade existentes, daremos mais atenção à iconicidade imagética e à iconicidade diagramática

A iconicidade imagética é, para a maioria das pessoas, mais fácil de ser percebida, mais lógica. Simões (2009) reforça a ideia da imagem como forma de expressão, pois por si só comunica algo. Para a autora, “segundo a semiótica visual, a imagem é uma manifestação auto-suficiente, é um texto porque comunica uma mensagem” (SIMÕES, 2009, p. 70, grifo da autora). A partir disso entendemos que a iconicidade imagética é aquela tem forte relação visual com aquilo que representa, com a estrutura física do referente.

A iconicidade diagramática é definida por Simões (2009) como aquela que “constrói a similaridade entre o signo e o objeto imediato de modo estrutural ou relacional, algo como uma correspondência entre uma “ordem natural das proposições” e a ordem dos eventos que a representam” (SIMÕES, 2009, p. 84), ou seja, é um tipo de iconicidade que envolve tanto as estruturas da fala quanto da escrita. Quando na fala de uma língua oral, é produzida por

intermédio da linearidade, da entonação e dos acentos. Quando na escrita, ela pode ocorrer no nível gráfico, sintagmático ou paradigmático. Ao entender esse conceito para as línguas de sinais, na sinalização acreditamos que esteja presente nas expressões não-manuais. A iconicidade diagramática é fundamentada nas escolhas do enunciador e sugere ideias de tempo e espaço pela linearidade, pela disposição das imagens, cenas, objetos e fenômenos.

Na Libras percebemos fortemente a presença de ambos os tipos de iconicidade, tanto a imagética quanto a diagramática. A imagética, pois ao começarmos a aprender e conhecer a estrutura da língua, começamos a perceber e estabelecer as relações entre o item lexical (ou sinal) e o conceito ao qual ele se refere. A diagramática, pois observamos, na construção do discurso, a necessidade de estruturação e respeito às regras para que a mensagem seja devidamente transmitida e compreendida.

Sandler & Lillo-Martin (2006) retratam que o termo ‘iconicidade’ se refere a uma relação direta ou transparente entre uma forma e um significado. Para os autores, as pesquisas iniciais sobre as línguas de sinais reportavam o papel da iconicidade como algo insignificante, até porque isso ocorreu em uma época em que se tentava comprovar o *status* linguístico das línguas de sinais. Inclusive um dos empecilhos a essa comprovação era baseado na afirmação de Saussure (1969) de que a arbitrariedade é uma propriedade fundamental das línguas do mundo. Essa afirmação era tida como base para muitos céticos que não aceitavam esse *status* das LS. Desta feita, para mostrar que as LS são línguas como qualquer outra, os pesquisadores tentaram por muitos anos comprovar sua arbitrariedade, acima de sua iconicidade ou motivação, afinal, a iconicidade está muito mais presente nas línguas do mundo do que se imagina.

O ponto crucial da obra de Sandler & Lillo-Martin (2006) está na afirmação de que discutir os conceitos de arbitrariedade e iconicidade não exime o fato de que tanto as palavras de uma língua oral quanto os sinais de uma língua de sinais são considerados símbolos, uma vez que o simbolismo é a propriedade definidora real das línguas humanas. Para os autores, a habilidade do ser humano em salientar um aspecto e torná-lo uma representação icônica motivada com o uso apenas de partes do corpo, como as mãos, é uma forma de abstração, sendo então simbólico.

Na Libras, percebemos que muitos são os autores que pelo menos citam ou comentam a forte presença da iconicidade e da arbitrariedade em sua constituição. Strobel & Fernandes (1998) refletem a opinião de muitas pessoas que desconhecem as LS e que pensam que os

sinais são desenhos idênticos ao que representam, mas realizados no ar. Todavia, como as autoras explanam, “a realização de um sinal pode ser motivada pelas características do dado da realidade a que se refere, mas isso não é uma regra” (STROBEL & FERNANDES, 1998, p.4). Em outras palavras, mesmo sendo parte de línguas visuais, os sinais nem sempre tem uma semelhança visual com o que representam. As autoras inclusive defendem que na Libras a grande maioria dos sinais são considerados arbitrários, *i. e.*, não mantém nenhum tipo de semelhança com o seu referente.

Como forma de ilustrar a diferença entre os sinais icônicos e arbitrários, as autoras *op. cit.* definem os sinais icônicos da Libras como aqueles que “fazem alusão à imagem do seu significado” (*ibid*, p. 4), como na figura 19, na qual são apresentados os sinais de ‘TELEFONE’ e ‘BORBOLETA’.

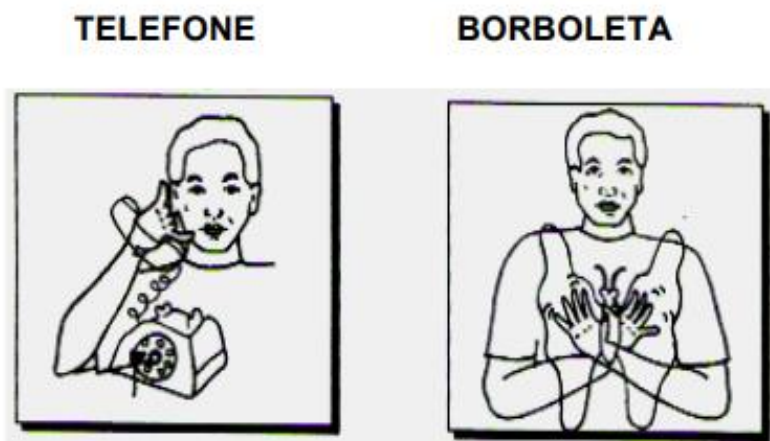


Figura 19: exemplos de sinais icônicos na Libras, presente em Strobel & Fernandes (1998, p. 4).

Por conseguinte, os sinais arbitrários são apresentados pelas autoras acima como aqueles que “não mantém nenhuma relação com o dado da realidade que representam” (STROBEL & FERNANDES, 1998, p. 6), isto é, são sinais para os quais não conseguimos perceber nenhum tipo de semelhança com seu referente, como visto na figura 20, que apresenta sinais arbitrários da Libras.



Figura 20: exemplos de sinais arbitrários na Libras, presentes em Strobel & Fernandes (1998, p. 6).

Apesar de considerados arbitrários, percebemos que há certo grau de iconicidade, mesmo nesses sinais apresentados na figura 20. Mesmo que não seja uma iconicidade quanto à forma, mas com fortes semelhanças a algum traço do referente. Um exemplo seria com o sinal ‘DEPRESSA’, que pode não ter nenhuma relação entre a configuração de mão e o conceito, mas percebe-se forte ligação com o movimento e as expressões não-manuais utilizadas.

Quadros & Karnopp (2004) não apresentam uma conceituação ou aspectos detalhados sobre o tema. As autoras apenas citam a arbitrariedade como uma das características presentes em línguas naturais e reafirmam a relação entre forma e significado. As autoras citam também que “as palavras e os sinais apresentam uma conexão arbitrária

entre forma e significado” (QUADROS & KARNOPP, 2004, p. 26) e defendem ser impossível determinar o significado através da forma e vice-versa.

Outros pesquisadores como Pivetta *et. al.* (2013), Teixeira (2015) e Meira *et. al.* (2017) também apresentam a iconicidade e a arbitrariedade na Libras, em consonância com as reflexões e conceitos de Saussure e Pierce sobre a semiótica. Esses autores concordam com Klima & Bellugi (1979) e destacam que a Libras, assim como as outras línguas de sinais no mundo, por sua modalidade visuoespacial, possui uma caracterização mais icônica na constituição de seus itens lexicais. Para nós, o que fica evidente é que na Libras essa iconicidade é vista com maior nitidez, mas está presente tanto nas línguas de sinais quanto nas línguas orais, em maior ou menor grau.

Quadros (2019) retrata a iconicidade nas línguas de sinais com um papel de extrema relevância. A autora afirma que “a iconicidade faz parte das línguas de sinais e permeia todos os níveis linguísticos de estudo” (QUADROS, 2019, p. 113). Relata que a iconicidade é um fenômeno produtivo na língua e que apresenta eventos de uma maneira extremamente motivada. Para nós, há concordância com as afirmações expostas de que a iconicidade é mais forte nas línguas visuoespaciais, o que provoca e instiga pesquisadores a estudarem a influência desse tema nos diversos níveis.

Uma pesquisa mais detalhada sobre o tema é a de Medeiros (2019), que disserta sobre a questão da iconicidade e da arbitrariedade da Libras e faz uma reflexão acerca dos classificadores e da motivação na criação dos sinais, aspecto que discutiremos mais adiante. O autor relata que “discutir as noções de arbitrariedade e iconicidade, bem como as noções de imotivação e motivação linguística, de fato, não é trivial” (MEDEIROS, 2019, p. 159). Apesar da modalidade, esses conceitos na Libras não são tão óbvios quanto parecem. Às vezes recebemos inclusive perguntas de aprendizes a respeito da motivação de sinais que parecem completamente arbitrários, mas não o são. Situações como estas reafirmam essa dificuldade em detalhar e diferenciar tão bem esses conceitos.

Para o autor *op. cit.*, a questão sobre o conceito de icônico e arbitrários *versus* motivado e imotivado vai muito além de uma discussão simples e trivial. Ressalta que esses conceitos, apesar do tratamento recebido na literatura apresentada, não são sinônimos. Em seu trabalho o pesquisador lança questionamentos importantes sobre a temática, com boas reflexões acerca do assunto.

O primeiro questionamento referente à dicotomia iconicidade e arbitrariedade envolve o fato de que esses conceitos têm sido tratados na literatura como antônimos, opostos. Para resolver esse problema, Medeiros (2019) adota a posição apresentada por Frydrych (2012, *apud* MEDEIROS, 2019), que mostra a arbitrariedade como um princípio organizacional da língua, o princípio linguístico, enquanto a iconicidade é tratada como uma característica comum em algumas línguas, um aspecto formal, mais presente nas línguas de sinais. Desta maneira, o autor assume algumas posições que contribuem com essa reflexão e considera: (i) a arbitrariedade como princípio linguístico presente em todas as línguas naturais, que determina que a relação entre significante e significado nas línguas do mundo é convencional; (ii) a iconicidade é um aspecto formal das línguas naturais, explorado de maneiras diferentes, mas que ocorre por representações visuais mentais entre significante e significado; (iii) a motivação é vista como um modo de explicar a existência de uma relação entre o significante e o seu significado; e (iv) a visão da iconicidade como a ausência de um motivo para a relação entre significante e significado. Para ilustrar essa relação, Medeiros (2019) apresenta uma sistematização da relação do signo linguístico nas línguas naturais, apresentado na figura 21.

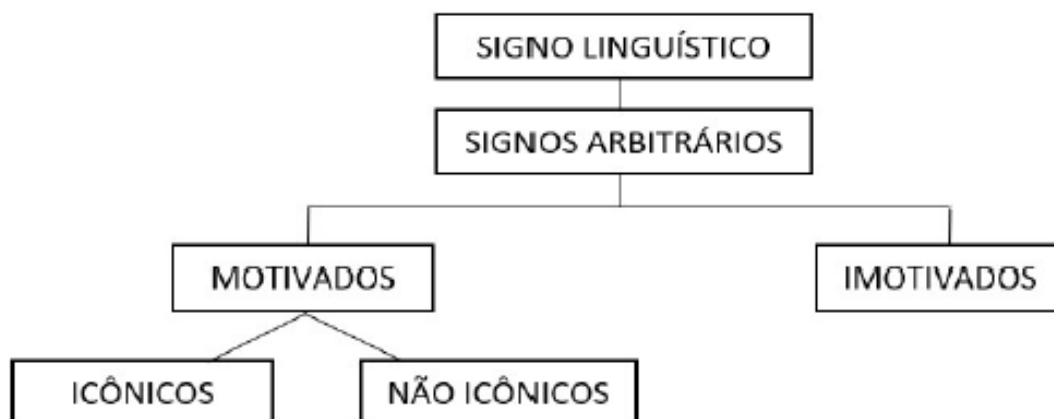


Figura 21: O signo linguístico nas línguas naturais, presente em Medeiros (2019, p. 164).

Visto que para Medeiros (2019) iconicidade e motivação não são consideradas sinônimos, assim como arbitrariedade e imotivação também não o são, o autor reflete sobre a motivação dos sinais na Libras e como resultado ele apresenta seis diferentes grupos motivadores, quais sejam:

- a. Grupo 1 – Motivação por Classificadores (CLs): são aqueles sinais cuja motivação ocorre a partir do uso dos chamados classificadores. Como exemplo temos o sinal de ADICIONAR, no sentido culinário, apresentado em (31)⁴, no qual se vê claramente a ação de adicionar algo em uma recipiente utilizando-se uma colher.

(31) <ADICIONAR (sentido culinário)>

< <https://youtu.be/jfUxsL03ZZY> >



- b. Grupo 2 – Motivação por Gestualidade: envolve sinais que são criados com motivação baseada em gestos que possam ser realizados por ouvintes não-sinalizantes. Exemplo é o sinal de ‘ABASTADO’, apresentado em (32)⁵, para o qual os ouvintes não-sinalizantes utilizam como forma de gesto para dinheiro.

(32) <ABASTADO>

< <https://youtu.be/nuTcOgy-peg> >



- c. Grupo 3 – Motivação por Espacialidade: envolve os sinais que são motivados pelo uso do espaço de sinalização, das questões espaciais. O autor os divide em sinais com espaço de sinalização motivado, direção do movimento espacialmente motivada ou com concordância direcional e/ou locativa. Medeiros (2019) define os sinais com espaço de sinalização motivado como aqueles cuja realização estabelece relação com a noção que mostra, com representações de locais muito específicas no espaço, como

⁴ Exemplo adaptado de Medeiros (2019, p.87).

⁵ Exemplo adaptado de Medeiros (2019, p.88).

em (33)⁶, no qual o local onde é realizado o sinal ‘ACENDER-LUZ’ mostra que a luz se localiza em uma posição superior, no teto, mais especificamente.

(33) <ACENDER-LUZ>

< <https://youtu.be/D4NAdOpfwWM> >



Os sinais com direção do movimento espacialmente motivada são aqueles cuja direção do movimento tem relação com a ideia que expressa, como em (34)⁷, em que o sinal ‘NORTE’ mostra seu movimento realizado em direção à posição norte real, baseado da rosa dos ventos.

(34) <NORTE>

< <https://youtu.be/GsHMuBgqK5I> >



Os sinais com concordância direcional ou locativa são aqueles cujo movimento é motivado gramaticalmente, como nos casos dos verbos com concordância e dos verbos espaciais, em cuja direção determina uma relação espacial, como em (35)⁸, onde é apresentado o verbo ‘AJUDAR’, na perspectiva de quem ajuda e de quem é ajudado, que mostra como diferença a direção do movimento.

⁶ Exemplo adaptado de Medeiros (2019, p.90).

⁷ Exemplo adaptado de Medeiros (2019, p.91).

⁸ Exemplo adaptado de Medeiros (2019, p.92).

(35)

a. <AJUDAR>

< <https://youtu.be/5ehXvx-FFoc> >



b. <AJUDAR-IX(eu)>

‘Me ajudar’

< <https://youtu.be/E1NHi3i6olA> >



- d. Grupo 4 – Motivação por Empréstimo Linguístico do Português (ELP): são sinais cuja motivação está ligada a algum elemento da língua portuguesa, que pode ocorrer: pela datilologia⁹ (ou transliteração), como em (36)¹⁰ em que o sinal de ‘ALHO’ é a soletração na Libras; e a inicialização (ou transliteração da letra inicial), que ocorre em (37)¹¹, na qual o sinal ‘ADAPTAR’ utiliza como CM a letra inicial da palavra em português “A”.

(36) <A-L-H-O>

< <https://youtu.be/ly79VPJaKbw> >



⁹ Datilologia significa soletração utilizando o alfabeto manual, que é a representação manual do alfabeto utilizado na língua portuguesa.

¹⁰ Exemplo adaptado de Medeiros (2019, p.94).

¹¹ Exemplo adaptado de Medeiros (2019, p.96).

(37) <ADAPTAR>

< https://youtu.be/rXl_jRKgN6Q >



- e. Grupo 5 – Motivação por Expressões Não-Manuais (ENM): envolve sinais cuja motivação é baseada nas ENMs, que na Libras ocorrem com a função de marcar construções sintáticas ou para diferenciar itens lexicais. O autor defende que há três tipos de ENM motivadas: ENM complementares, que complementam o sentido do sinal, como em (38)¹², em que a ENM intensifica o sinal de ‘ABANAR-SE’ e faz referência ao calor; ENM lexicais, que são sinais que não possuem uma articulação manual, mas que são realizados especificamente pela expressão, como em (39)¹³, no qual o sinal da expressão ‘AH!’ é demonstrado pela expressão facial associada à expressão corporal; e, ENM gramaticais, que estabelecem um vínculo entre a ENM e o sinal que representa, que pode ocorrer com bochechas infladas ou sugadas, movimento do queixo da direita para a esquerda ou movimento de língua, para cima e para baixo, como observamos nos sinais ‘ABARROTADO’, ‘AGRAMATICAL’ e ‘ALASTRE’, respectivamente, apresentados em (40)¹⁴.

(38) <ABANAR-SE>

< <https://youtu.be/MzSv4rmZm6Y> >



¹² Exemplo adaptado de Medeiros (2019, p.104).

¹³ Exemplo adaptado de Medeiros (2019, p.105).

¹⁴ Exemplo adaptado de Medeiros (2019, p.106).

(39) <ENM (ah!)>

< <https://youtu.be/jdkKEKLQk4g> >



(40) a. <ABARROTADO>

< <https://youtu.be/pXxO5va5s9I> >



b. <AGRAMATICAL>

< <https://youtu.be/-097qaWRrRI> >



c. <ALASTRE>

< <https://youtu.be/eggigVrFPIY> >



- f. Grupo 6- Motivação por Movimento: são aqueles sinais cuja motivação se baseia no uso do movimento. Isto significa que são sinais cujo movimento tem certa relação com o conceito que representa. Pelo movimento, podemos dividir os sinais em: motivados simuladores, que simulam movimentos de determinada entidade ou ação,

como em (41)¹⁵, no qual o sinal de ‘ABACATE’ é representado pelo movimento de se retirar a polpa da casca com o auxílio de uma colher; motivados indicativos, que são aqueles que indicam uma ideia mais geral, com movimento alternado para demonstrar comparação ou graduação, movimento circular pra se referir a agrupamento, como em (42)¹⁶, em que o sinal de ‘ASSEMBLEIA’ demonstra a reunião e a presença de várias pessoas.

(41) <ABACATE>

< <https://youtu.be/SKof57bFFYc> >



(42) <ASSEMBLEIA>

< <https://youtu.be/NQesxxyyhC8> >



Essa divisão apresentada por Medeiros (2019) sobre a motivação dos sinais mostra-se inicialmente interessante e resume de forma bem sistemática os tipos de motivação possíveis para a criação de sinais. Interessante ressaltar que o autor deixa claro em sua obra que essas motivações não ocorrem isoladamente na criação dos sinais motivados e que podem se combinar nessa função. Por causa dessa possibilidade de combinações, o autor *op. cit.* anuncia dez possíveis sistematizações que resumem tais regras, quais sejam:

- i. Sempre que um sinal é motivado por classificadores de forma e tamanho, semânticos, de partes do corpo com localização ou referência, instrumentais, além de

¹⁵ Exemplo adaptado de Medeiros (2019, p.107).

¹⁶ Exemplo adaptado de Medeiros (2019, p.107).

- espacialidade, empréstimo linguístico do português e movimento, haverá pelo menos um articulador manual;
- ii. Sempre que houver um articulador não-manual, haverá também um classificador de parte do corpo que representa o corpo mesmo;
 - iii. Sempre que há um classificador instrumental com movimento significativo, está relacionado a movimentos simuladores;
 - iv. Sempre que for utilizado um classificador instrumental, associa-se um classificador de parte do corpo, do próprio corpo ou referencial;
 - v. Sempre que há um classificador de parte do corpo referencial, há também um classificador de especificador de tamanho e forma;
 - vi. É impossível que se realizem em uma mesma mão do sinalizador um classificador de parte do corpo, do próprio corpo e referencial;
 - vii. A presença dos três tipos de classificadores de parte do corpo em um mesmo item lexical só é possível se o sinal for feito com as duas mãos ou se for uma composição;
 - viii. Sempre que é utilizado um classificador corporal, ocorre uma produção mais elaborada de gestualidade ou de ENM;
 - ix. Os classificadores semânticos são formados sempre a partir de classificadores especificadores de tamanho e forma estéticos ou de classificadores instrumentais;
 - x. É impossível para o sinalizante realizar, na mesma mão, simultaneamente, a datilologia (soletração manual) e a inicialização (sinais realizados apenas com a primeira letra da palavra em português).

De acordo com o autor *op. cit.*, essas sistematizações

[...] nos ajudam a compreender, bem como a prever, a natureza e o comportamento dos tipos de formações em Libras, envolvendo CLs, gestualidade, ELP [empréstimo linguístico do português], ENMs [expressões não-manuais], movimento e os possíveis articuladores usados nessas construções. (MEDEIROS, 2019, p. 187).

Diante de toda conceituação sobre o que é iconicidade e arbitrariedade, além do detalhamento apresentado por Medeiros (2019), nos deparamos com alguns pontos para reflexão.

Os autores que abordam as teorias linguísticas tratam iconicidade como sinônimo de motivação, e arbitrariedade como sinônimo de uma imotivação ou convenção. Medeiros (2019) apresenta essas dualidades não como sinônimos, mas como conceitos completamente diferentes.

Do ponto de vista conceitual, Dubois (1973, p. 422) define motivação como “a relação de necessidade que um falante estabelece entre uma palavra e seu significado (conteúdo) ou entre a palavra e outro signo”. Em outras palavras, um item motivado é aquele que associa a um significante, um significado ao qual percebemos a origem. Ícone, por sua vez, é definido pelo autor *ibidem* (p. 328) como “os signos que estão numa relação de semelhança com a realidade exterior, que apresentam a mesma propriedade que o objeto denotado”.

Com efeito, entendemos que iconicidade e motivação, assim como arbitrariedade e imotivação, tratam sim de palavras semelhantes, possivelmente sinônimas. Defendemos isso principalmente pelo fato de que a iconicidade não se refere apenas a uma semelhança visual ou auditiva (para as línguas orais), mas sim a características que são marcantes que, no caso das Línguas de Sinais, motivam, interferem, auxiliam e corroboram com a compreensão do conceito, além de transformar aquilo em um item da língua, um sinal de fato. Compartilhamos a ideia da maioria dos autores apresentados, com base em Saussure (1969), de que os signos não são completamente arbitrários, visto que há uma certa gradação no nível iconicidade, na motivação para a criação desses itens. Em outras palavras, quando se cria um novo item lexical em uma dada língua, há sempre certa motivação, uma semelhança maior ou menor com o referente, o que dá a esse item um caráter mais ou menos icônico.

Os sinais da Libras, mesmo aqueles considerados arbitrários, acabam por receber dos sinalizantes alguma ‘explicação’ sobre o porquê de o sinal ser ‘assim ou assado’. Há sinais que são mais icônicos e que seu significado é claramente percebido, porém há também aqueles que são menos icônicos, mas que após uma reflexão ou uma explicação, é possível perceber sua motivação. Essa explicação nos leva a pensar como ocorre o processo de criação de um novo sinal, não do ponto de vista morfológico, apresentado no capítulo 1, mas de como esses sinais surgem e se difundem na comunidade surda.

Mediante o exposto, compreendemos que a arbitrariedade não significa que não exista nenhum tipo de relação, motivação ou ligação entre significante e significado. Para nós, a arbitrariedade está intimamente ligada às regras de convenção do signo, na

necessidade de aceitação e no acordo de uso entre os usuários de uma língua. Para além, postulamos que, no caso da Libras, há uma forte relação entre as unidades que compõem o signo linguístico e concordamos com Lomba (2017, p. 42), quando indica que “a arbitrariedade e não arbitrariedade do signo linguístico vai depender do ponto de vista a ser estudado”.

3.1.1.3. Imutabilidade e mutabilidade

Saussure (2006[1916]) ainda apresenta duas outras características fundamentais do signo, que podem parecer contraditórias, mas que estão presentes. Para o autor o signo linguístico é, ao mesmo tempo, imutável e mutável.

A imutabilidade está relacionada ao fato de que o significante não é livre, da presença de uma imposição da forma e da impossibilidade de mudanças por simples vontade de uma única pessoa. O signo é imutável pois não podemos utilizá-los da maneira como bem entendermos e modificá-los à nossa vontade, *i.e.*, o signo é estabelecido e apresentado à sociedade sem a possibilidade de mutação. Sua criação não envolve uma consulta formal à sociedade que o utiliza como um todo.

Por outro lado, o significante é também mutável, pois a língua é um organismo vivo e que sofre influências diversas ao longo do tempo. Como o próprio autor evidencia, “uma língua é radicalmente incapaz de se defender dos fatores que deslocam, minuto a minuto, a relação entre o significado e o significante. É uma consequência da arbitrariedade do signo” (SAUSSURE, 2006[1916], p. 90). As mudanças que ocorrem podem ser de ordem fonética, fonológica, morfológica, sintática ou lexical.

Essa mutabilidade é comum às coisas do mundo, inclusive às línguas. O autor *op cit.* afirma que “a língua já não é agora livre, porque o tempo permitirá às forças sociais que atuam sobre ela desenvolver seus efeitos, e chega-se assim ao princípio da continuidade, que anula a liberdade.” (SAUSSURE, 2006[1916], p. 93). Em outros termos, continuidade envolve mudança e essa mutabilidade pode ser representada na figura 22, que mostra essa relação da língua com sua massa falante, além de sofrer as intercorrências do tempo.

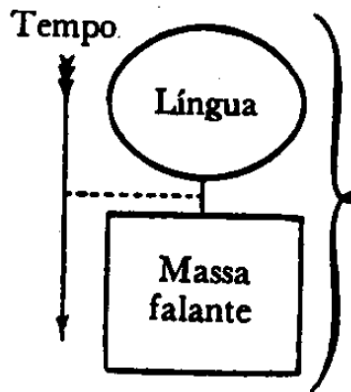


Figura 22: mutabilidade do signo linguístico, presente em Saussure (2006[1916], p. 92).

3.1.1.4. Valor

Com os princípios de signo linguísticos claros em nossas mentes, compreendemos o valor atribuído a cada um. Saussure (2006[1916]) pondera que cada signo possui seu valor próprio. Além disso, cada signo delimita o valor dos outros signos existentes. Isso acontece pois dentro do sistema linguístico, “num estado de língua, tudo se baseia em relações” (SAUSSURE, 2006[1916], P. 142). Significa dizer que o valor e o significado de todos os itens de uma língua só são estabelecidos em função das relações estabelecidas entre esses itens.

Para Saussure *op. cit.*, “no discurso, os termos estabelecem entre si, em virtude de seu encadeamento, relações baseadas no caráter linear da língua, que exclui a possibilidade de pronunciar dois elementos ao mesmo tempo” (SAUSSURE, 2006[1916], P. 142). Com isso se definem as relações sintagmáticas, ou *in presentia*, nas quais dois ou mais termos estão presentes em uma sequência linear e o valor do significante é estabelecido em face à presença de cada item. Observamos essa relação na figura 23.



Figura 23: Relação sintagmática do signo linguístico.

Na figura 23 observamos que cada item, cada signo linguístico ('Pedro', 'comeu' e 'bolo') adquire seu valor em uma ligação linear, em um contraste horizontalizado, estabelecendo cada um seu papel dentro do sintagma.

As relações paradigmáticas, ou associativas, ocorrem *in absentia*, fora do discurso, em uma associação das palavras na memória do indivíduo. Isso significa que “os grupos formados por associação mental não se limitam a aproximar os termos que apresentam algo em comum” (SAUSSURE, 2006[1916], P. 145). Nesse tipo de relação, os significantes adquirem seu valor em contraste com outros significantes com aspectos comuns entre eles, que podem estar em um mesmo radical, mesmo sufixo, analogias no significado ou até mesmo em uma semelhança na imagem linguística. As relações paradigmáticas ocorrem de forma verticalizada, sendo possível a substituição de um signo por outro da mesma 'categoria' ou que possa exercer o mesmo papel no sintagma em que ele está presente. Na figura 24 podemos visualizar essas possibilidades, a relação paradigmática do signo.

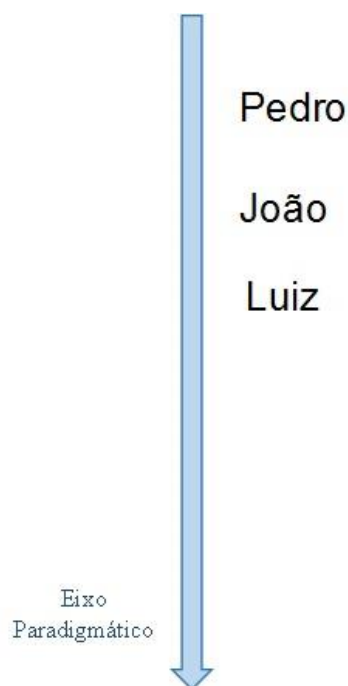


Figura 24: Relação paradigmática ou associativa do signo.

A figura 24 retrata o valor dos signos 'Pedro', 'João' e 'Luiz' em uma oposição paradigmática. Qualquer um dos signos poderia ser substituído pelo outro em uma sentença, mas não podem ocupar a mesma posição simultaneamente.

Deste modo, a relação sintagmática apresenta uma ordenação sucessiva, com um número limitado de elementos, enquanto a relação paradigmática não possui esse limite nem a obrigatoriedade de seguir uma ordenação padronizada. Uma maneira visual de se representar essas relações é vista na figura 25, que une as duas relações do signo de forma didática.

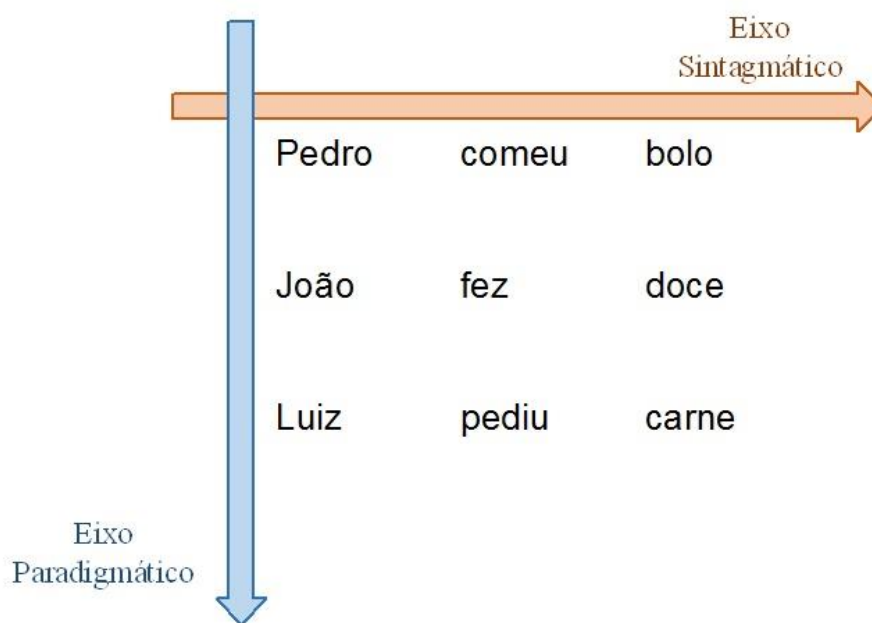


Figura 25: Ilustração das relações sintagmáticas e paradigmáticas na língua.

Resumindo, as relações sintagmáticas são aquelas que estabelecem os signos em uma estrutura linear, combinando um ao outro, para criar uma estrutura horizontalizada, uma frase, por exemplo. As relações paradigmáticas ou associativas, por sua vez, são aquelas que, dentro de um mesmo grupo de signos, estabelece critérios e os reúne de acordo com as semelhanças que possam apresentar, porém esses signos não se combinam em uma sentença, são selecionados quando necessários, de acordo com suas características.

3.2. Reflexões sobre o Signo Linguístico em Libras

De acordo com Saussure (2006[1916]), como mencionado anteriormente, o signo linguístico é formado por duas faces: o significante, considerado pelo autor com a imagem acústica, a sequência de sons produzidos em uma língua; e o significado, que é a

representação mental que temos, a imagem mental criada ao entrar em contato com uma determinada sequência de sons. Essa afirmação nos leva a refletir: mas e as Línguas de Sinais? Será que elas não podem ser consideradas línguas por não serem realizadas através de sons?

Não apenas o significante é relacionado por Saussure (2006[1916]), mas é também característica do signo linguístico a arbitrariedade, entendida como o fato da sequência de sons não ter uma relação lógica com o que representa, de ser convencionada e aceita como forma por uma dada comunidade de fala.

Essas duas afirmações nos levam a questionar como podem as LS ser consideradas línguas e como podemos dizer que a LS é arbitrária, sendo que há uma forte interferência da iconicidade e da motivação para a criação dos sinais da língua?

Durante muitos anos, as línguas de sinais não eram consideradas línguas de fato, mas simples representações manuais com as quais eram transmitidas apenas informações simples e limitadas, como se necessárias apenas para a sobrevivência das pessoas com alguma deficiência auditiva. À época em que Saussure atuava e pesquisava sobre as línguas, as LS não possuíam o *status* linguístico atual, *status* este adquirido na década de 1960, a partir dos estudos de Stokoe (1960).

Assim como fizemos na sessão anterior, extrapolamos aqui a noção de signo linguístico, na qual o significante, visto como uma imagem acústica, passa a ser considerado por nós como uma imagem linguística, um elemento que pode abarcar tanto as línguas orais-auditivas, com seus sons encadeados e linearizados, quanto as línguas de sinais, articuladas por sinais manuais e corporais, com suas características ímpares e sua simultaneidade na realização. Assim, remontamos na figura 26 o esquema apresentado por Saussure (2006[1916]), adaptando-o para que possa se adequar a qualquer língua do mundo, seja ela oral ou de sinais.

Signo Linguístico



Figura 26: releitura do Signo Linguístico de Saussure (2006[1916])

Com a adaptação da representação do signo linguístico de Saussure (2006[1916]), apresentada na figura 26, concordamos com o autor quando afirma que o signo é uma entidade psíquica, pois envolve os processos mentais presentes na função da linguagem. Além disso, com essa representação, fica mais evidente o enquadre das LS como línguas de fato. Para melhor entender e visualizar essa adaptação na prática, a figura 27 traz uma comparação entre a constituição do signo nas línguas orais e de sinais.

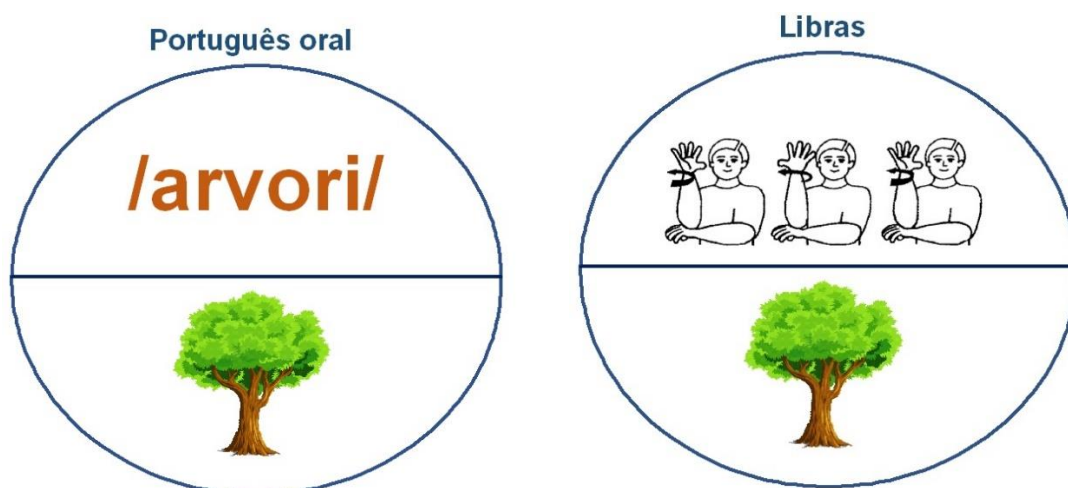


Figura 27: representação comparativa do signo linguístico 'árvore' na Língua Portuguesa e na Libras¹⁷.

¹⁷ Imagem do sinal árvore presente em Capovilla; Raphael; Maurício (2012, p. 302).

Nota-se que, a partir da figura 27, o signo linguístico, quando em uma língua oral, possui como significante uma sequência sonora, apresentada na imagem com a transcrição fonética para a palavra ‘árvore’, que representa a maneira como essa palavra é pronunciada na língua, o resultado da sequência encadeada dos sons representados. Na Libras é apresentado o sinal manual realizado para designar ‘árvore’, que é feito com ambas as mãos, colocando o cotovelo de um braço sobre a mão do outro braço, com um movimento de torção repetitivo no próprio eixo. O significado, considerado semelhante tanto na língua oral quanto na LS, é representado didaticamente pelo desenho de uma árvore, mas refere-se à imagem mental que cada indivíduo tem de ‘árvore’. Isso ocorre porque, para algumas pessoas, a árvore pode ter uma imagem como a do desenho, mas outros podem ter como referência um pinheiro, que também é uma árvore, mas que tem um formato diferente do apresentado na imagem.

Ao ampliar essa visão e adaptar à nossa perspectiva Funcionalista, concordamos com Benveniste (1991) quanto a outros fatores como o contexto, o uso de marcadores não manuais, expressões faciais e corporais na constituição do signo linguístico em Libras. Observamos que a constituição do signo em Libras tem um forte fator motivacional, pois envolve uma imagem linguística (ou um sinal) e o seu conceito, sua imagem mental. Em muitas situações na Libras, principalmente a partir do momento em que aprendemos essa língua, é fácil e notório o fator motivador do sinal. Claro que isso não ocorre com todos os sinais, pois, como em qualquer língua, ocorre um processo de gramaticalização e a perda do fator motivador com o passar do tempo, que transforma sinais inicialmente icônicos em arbitrários.

Assim, consideramos fundamental a correta conceituação e a descrição dos princípios do signo linguístico para a Língua Brasileira de Sinais.

Com base nos estudos apresentados e sob a perspectiva funcional, consideramos que o signo linguístico em Libras é uma entidade psíquica de duas faces: a imagem linguística, associada ao significante; e um significado, que representa o conceito associado.

Quanto aos princípios, podemos considerar a presença de todas as características citadas como fundamentais e básicas. O signo em Libras possui características como:

i. Arbitrariedade

A arbitrariedade do signo linguístico em Libras é definida como a necessidade de convenção entre os usuários para que um significante seja associado a um significado. Isso não significa que o sinal não possa ter relações de motivação para sua criação. Ao contrário, toda forma é estabelecida de acordo com sua função, o que gera um laço íntimo entre as duas faces.

Para além, não devemos considerar os conceitos de iconicidade e arbitrariedade como antônimos, mas como características que podem estar presentes no signo de uma forma mais ou menos evidente.

Quanto à opinião dos pesquisadores de que as Línguas de Sinais são icônicas, concordamos em parte com essas afirmações. Para nós, a iconicidade está muito mais evidente em línguas que utilizam o corpo e o espaço pra sua realização, mas esta não ocorre de forma mimética ou tão evidente. Se assim o fosse, qualquer pessoa, mesmo sem o conhecimento da língua, conseguiria compreender os sinais realizados, fato que não ocorre.

ii. Linearidade:

Quanto à linearidade, consideramos que, mesmo sendo uma língua tridimensional, na qual é possível expressar informações simultâneas em um único sinal, há linearidade quando nós voltamos à organização da informação e à exposição das ideias. Apesar da simultaneidade de informações, os dados e os sinais da língua são expostos de forma linear e consecutiva, com regras, como qualquer outra língua.

iii. Mutabilidade/imutabilidade:

Assim como todas as línguas do mundo, as Línguas de Sinais, incluindo a Libras, têm regras que devem ser respeitadas e seus signos não podem ser modificados intencionalmente por um falante e imposto aos demais. Ao contrário, ele é imutável, nessa perspectiva, mas sofre interferências e modificações com o passar do tempo, por fatores diversos relacionados aos usuários, como idade, grau de instrução, fatores de gramaticalização, e tantos outros.

iv. Valor:

Como postulado por Saussure (2006[1916]) e seguido por todos os autores subsequentes, cada signo linguístico possui seu valor próprio. Esse valor é estabelecido e evidente com as relações entre os signos, pois o valor de um delimita o valor do outro. Assim também ocorre com o valor atribuído aos signos linguísticos da Libras. As relações estabelecidas entre os signos tanto no eixo sintagmático quanto no eixo paradigmático estão presentes e contribuem para que um não invada o espaço do outro e para que as combinações entre eles sejam possíveis.

3.3. Considerações

Entender o signo linguístico e como ocorre a sua representação nas línguas nos remete a uma ponderação mais completa, coesa e coerente de sua organização e estruturação. Assimilar esse conhecimento e estendê-lo às línguas de sinais se faz essencial para seu fortalecimento e empoderamento linguístico.

Neste capítulo realizamos uma discussão acerca da constituição do signo linguístico em Libras, baseados no escopo discutido por Saussure (2006[1916]), de um signo dual, composto pela união entre significante e significado.

Refletimos também o princípio da arbitrariedade do signo em relação à iconicidade fortemente presente nas línguas de sinais. Concluimos que essa arbitrariedade defendida por Saussure (2006[1916]) não diz respeito a uma ausência de motivação ou inspiração, mas ao fato de que há uma convenção, um acordo para que uma forma seja escolhida em detrimento de outra. Isso justifica também o fato de que mesmo as formas consideradas icônicas se apresentam de maneira diferente entre as línguas do mundo. Assim sendo, concordamos com Frydrych (2012) quando argumenta que arbitrariedade e iconicidade não são conceitos opostos. Para a autora “é arbitrário que o significante se junte ao significado, e não o signo ao objeto referente no mundo (extralinguístico)” (FRYDRYCH, 2012, p.284).

Importante também se faz a conscientização quanto à necessidade de conhecimento linguístico para a descrição desses fenômenos, afinal, é necessário que a estrutura da Libras seja cada vez mais detalhada e aprofundada, a fim de que possamos contribuir com o

crescimento, divulgação e compreensão da língua, principalmente por aqueles que ainda insistem em negar seu *status* linguístico.

Com a devida compreensão do signo linguístico na Libras e de suas regras de constituição, precisamos entender como ocorre o uso do espaço em uma língua visuoespacial. Necessitamos de clareza na maneira espacial como a língua se organiza, como são estabelecidos os referentes e como as informações são organizadas e retomadas no discurso. Com isso, dedicamos o próximo capítulo a uma exposição detalhada sobre a organização visual e os espaços mentais em relação à Língua Brasileira de Sinais. Destacamos e conceituamos os tipos de espaços, a dêixis e a referência em línguas sinalizadas.

CAPÍTULO 4. A Dêixis e a Referência na Língua Brasileira de Sinais

Compreender uma língua incide em conseguir refletir e reconhecer toda a sua forma de organização, analisar como ocorrem a dêixis e os processos de referenciação são condições importantes para que consigamos perceber como os falantes da língua utilizam e interagem com o espaço a sua volta e a maneira como veem o ambiente em que estão inseridos.

Neste capítulo abordaremos questões teóricas e práticas sobre a forma de organização das línguas de sinais em seu espaço de sinalização. Para tal, se faz necessária uma descrição da organização espacial da língua, definição e sistematização do uso dos espaços mentais denominados real, token e sub-rogado, além de aspectos relacionados ao funcionamento da dêixis, aos processos de referenciação e à retomada de informações na Libras.

4.1. A Organização espacial da língua

Iniciamos nossa reflexão com o fato de que toda e qualquer língua existente no mundo é uma categorização das coisas que vemos, sentimos e vivenciamos, ou seja, toda língua representa a cosmovisão, a visão de mundo de seus falantes. Envolve a relação das pessoas com o mundo em que vivem, com os objetos à sua volta e a relação entre esses objetos e o espaço. Para além, essas associações e a exposição do conhecimento sobre o espaço que cerca os falantes ocorrem, de acordo com Haveland (2000), através da simples apontação. As pessoas tendem a apontar e/ou utilizar gestos para demonstrar um lugar ou algo no espaço, até mesmo uma coisa que se desloca, ou que é deslocada, de um lugar a outro. O espaço em que esses gestos são realizados demonstra a representação do espaço em que a pessoa vive, conhece, está ou fala sobre.

O autor *op. cit.* também aponta que, de maneira natural, as pessoas entendem que o uso de gestos é parte da fala. Pessoas aprendem a utilizar gestos da mesma forma que aprendem a falar uma língua oral e a organização desses gestos está relacionada à estrutura linguística de sua língua, da língua que o cerca. Complementamos a opinião do autor *op cit.* e reforçamos que toda a estruturação e o uso da língua estão sempre centrados no eixo egocêntrico do falante, *i. e.*, a construção do discurso e das informações são baseadas na visão daquele que emite a

mensagem, em um deslocamento centrífugo, que parte do falante (ou sinalizante) em direção ao ambiente que o cerca.

Mesmo que uma pessoa seja usuária de uma língua oral e que utilize gestos que são realizados no espaço, esse uso do espaço é bastante diferente no caso das línguas sinalizadas. Como sugere Taub (2000, p. 412),

[...]línguas de sinais e orais compartilham propriedades fundamentais em todos os níveis da estrutura linguística. Porém, diferem-se radicalmente em sua modalidade – línguas orais são de modalidade oral-auditiva, enquanto as línguas de sinais são viso-espaciais. A diferença mais óbvia na modalidade está no tamanho e na visibilidade dos articuladores utilizados para a produção linguística. Através dos movimentos, as mãos (articuladores primários) produzem enunciados significativos no que é conhecido como espaço de sinalização, *i. e.*, o espaço à frente do corpo do sinalizante.¹

O autor *op. cit.* afirma que todas as expressões linguísticas nas línguas de sinais dependem completamente do uso do espaço, em todos os níveis. No nível fonológico, o espaço é utilizado em contraste com a localização (parâmetro fonológico das línguas sinalizadas, já apresentado no capítulo 1). No âmbito da morfossintaxe, os sinais são realizados no espaço para fins gramaticais. Já no campo da semântica e da pragmática o foco está em como o espaço de sinalização é utilizado para a construção do discurso.

Outro aspecto importante está no fato de que as línguas de sinais, por serem visuais, são línguas tridimensionais. Lessa-de-Oliveira (2012) aponta essa tridimensionalidade como uma distribuição de elementos das sentenças em uma espécie de cenário, diferente do que ocorre com as línguas orais, que se organizam de forma linear, sequencial. É nessa tridimensionalidade que reside a organização espacial da LS, condição *sine qua non* para a transmissão de conteúdo.

É no espaço que são estabelecidas as relações gramaticais e todas as estruturas linguísticas das línguas sinalizadas. No espaço de sinalização podemos identificar relações entre sujeitos e predicados, determinar pontos de referência dos participantes, estabelecer

¹ Tradução nossa para “signed and spoken languages share fundamental properties on all levels of linguistic structure. However, they differ radically in the modality of production _ spoken languages use the vocal-auditory modality, while sign languages use the visual-spatial modality. The most obvious modality-related difference lies in the size and visibility of the articulators used for language production. Through their movements, the hands (as the primary articulators) produce meaningful utterances in what is known as sign space, *i. e.*, the space in front of the signer’s body.”

papéis gramaticais em um evento, descrever informações sobre movimentos em um evento/discurso; etc.

Quanto ao tamanho desse espaço, diversas são as posições de falantes sobre esse espaço. Para nós, não há uma regra geral, visto que cada LS estabelece seus critérios e a forma como esses espaços serão utilizados. Compreendemos que na Libras a maioria dos sinais é executada em um espaço localizado à frente do corpo do sinalizante, ao alcance dos braços, como na figura 28. Apesar dessa demarcação, há sinais que podem ser realizados em pontos também atrás do falante, da cabeça, ou abaixo da linha da cintura. Em função disso, consideramos que não há uma delimitação tão rígida quanto ao espaço de sinalização, apenas uma orientação sobre sua demarcação.

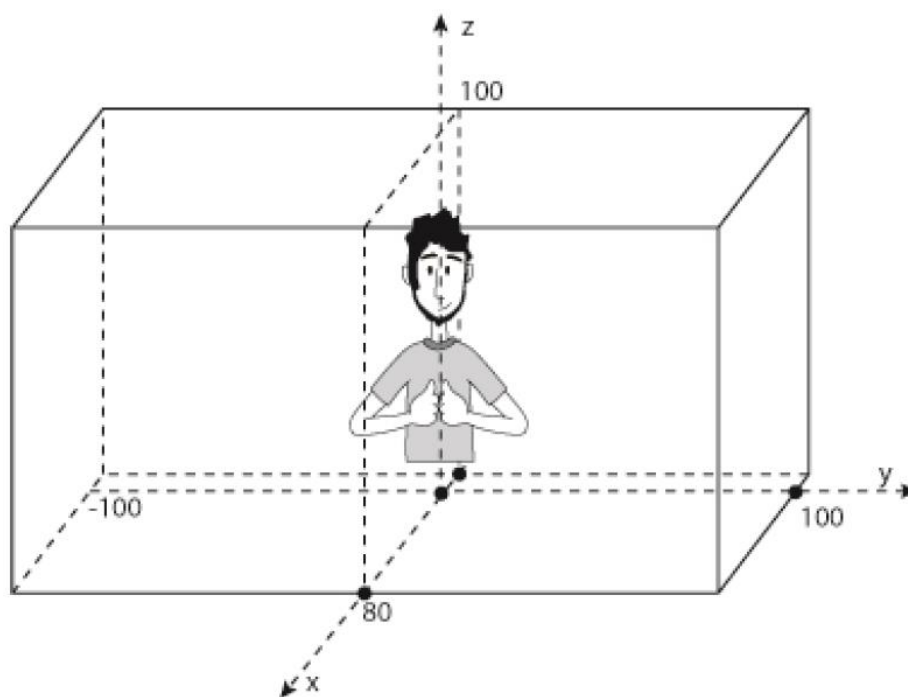


Figura 28: Espaço de sinalização da Libras, presente em Pizzio et. al. (2009, p. 1)

Outro papel fundamental do espaço é demonstrado por Baker & Cokely (1980, *apud* QUADROS & KARNOPP, 2004) e Loew (1984 *apud* QUADROS & KARNOPP, 2004). Os autores apontam que diversos mecanismos podem ser utilizados para se estabelecer relação e retomar, quando necessário, os referentes do discurso, tais como: (i) a realização de um sinal em uma localização específica; (ii) o direcionamento de cabeça, olhos e corpo; (iii) apontação a referentes específicos antes do sinal; (iv) uso de pronomes; (v) uso de classificadores que

representem um referente em especial; (vi) uso de verbos direcionais (também chamados de verbos com concordância), pois incorporam os referentes.

Ante o exposto, observamos a necessidade de melhor compreender como realmente ocorre esse uso do espaço e como a língua pode se organizar em cada tipo de espaço mental. Para que isso seja possível, precisamos entender como são e quais as características dos espaços mentais defendidos por Fauconier (1994) e reforçados por Liddell (2003), quais sejam: espaço real, espaço token e espaço sub-rogado, que detalharemos a seguir.

4.2. O uso dos espaços mentais: real, sub-rogado e token.

De acordo com Fauconier (1994), todo o desenvolvimento de uma língua está pautado na forma como seus usuários vivenciam as coisas a sua volta. Assim estabelecemos constantemente uma relação entre o que vivemos e o espaço à nossa volta, o ambiente. Com base nessa premissa, o autor detalha e expõe seus argumentos sobre como são organizados os espaços mentais, denominados real, token e sub-rogado. O principal pesquisador e seguidor das teorias de Fauconier (1994) sobre a relação entre os espaços mentais e a organização linguística, principalmente com línguas sinalizadas, é Liddell (2003), que dedica todo um capítulo de sua obra aos pronomes e aos espaços mentais, com foco na ASL. Apesar das análises de Liddell (2003) terem sido direcionadas à ASL, julgamos relevantes e cremos que dizem respeito a todas as línguas de sinais, inclusive a Libras.

Para iniciar, o autor justifica que “usamos a língua para falar sobre coisas. Normalmente as estruturas linguísticas são separadas e distintas pelo significado atribuído, associado a palavras e morfemas que compõem um enunciado”² (LIDDELL, 2003, p. 78). Isto significa que para cada palavra, ou para cada morfema que conhecemos, há um significado associado e é a combinação dessas formas linguísticas que nos permite efetivar a comunicação. Além disso, “nossa percepção inclui um observador e uma entidade observada”³ (LIDDELL, 2003, p. 80), *i. e.*, nossos conceitos e nosso conhecimento de mundo estão ligados à nossa relação com os

² Tradução nossa para “*We use language to talk about things. Typically the things we talk about are separate and distinct from the meanings encoded by the words and morphemes that make up an utterance.*” (LIDDELL, 2003, p. 78).

³ Tradução nossa para “*Our understanding of seeing includes a perceiver and a perceived entity*” (LIDDELL, 2003, p. 80).

objetos do mundo, objetos e relações estabelecidos de acordo com o espaço ao qual estamos inseridos.

De acordo com Fauconnier (1994),

Espaços mentais – as conexões que os ligam, a linguística, pragmática, e as estratégias culturais para sua construção – são uma parte importante sobre o que ocorre nos bastidores, por trás das cenas, em um segundo plano cognitivo da fala cotidiana e do raciocínio do senso comum. Esses espaços parecem ser universais em todas as línguas e culturas. Quando combinados e aplicados a situações pragmáticas, os princípios são capazes de produzir um número ilimitado de construções com significado.⁴ (FAUCCONNIER, 1994, prefácio, p. xviii)

Compreendemos e concordamos com o autor *op cit.* ao afirmar que os espaços mentais podem ser considerados entidades psíquicas, organizações cognitivas que perpassam por todas as línguas e culturas no mundo. São construções mentais que auxiliam na organização da língua em seu uso e na sistematização das informações, para produzir significação. Além disso, os espaços mentais não são a coisa em si, mas algo que pode ser utilizado para fazer referência a coisas diversas, sejam elas reais ou imaginárias.

Com base nas teorias propostas por Fauconnier (1994), são três os principais espaços mentais, ratificados por Liddell (2003), a saber: espaço real, espaço sub-rogado e espaço token.

4.2.1. Espaço Real

Liddell (2003) considera que o espaço real é uma conceitualização cognitiva, uma representação mental do espaço físico imediato que a pessoa se encontra. Nesse espaço, tudo o que é visível, palpável, serve como subsídio para a construção do discurso, ou seja, a fala e a comunicação dependem do que está no ambiente em que ocorre a enunciação.

⁴ Tradução nossa para “Mental spaces—the connections linking them, the linguistic, pragmatic, and cultural strategies for constructing them—are a significant part of what is happening backstage, behind the scenes, in the cognitive background of everyday speaking and commonsense reasoning. The principles governing the operations are, in themselves, simple and general. They appear to be universal across languages and cultures. When combined and applied to rich pragmatic situations, the principles are able to yield unlimited numbers of meaning constructions and unlimited nesting.” (FAUCCONNIER, 1994, prefácio, p. xviii)

Para o autor, “nós tratamos o espaço real como se fosse nosso ambiente físico e tratamos os elementos do espaço real como se fossem reais, objetos físicos que nos cercam” (LIDDELL, 2003, p. 82). Significa dizer que quando utilizamos, em uma LS, o espaço real, nos referimos a um acontecimento no local imediato em que estamos e recorremos às pessoas e objetos reais, presentes, ao utilizarmos a apontação. Em outros termos, Araújo (2016, p. 36) esclarece que “o termo real é usado para se fazer referência ao espaço mental que é, de fato, a concepção do indivíduo do que é perceptível no seu ambiente físico”.

Uma forma de ilustrar o uso desse espaço ocorre quando estamos em um ambiente, por exemplo uma festa, e algo diferente acontece, como um acidente com o garçom, que derruba a bandeja com copos. Ao contar o ocorrido a outras pessoas que estavam presentes, mas não viram o que houve, o emissor realizará a apontação com a intenção de mostrar os locais, as pessoas envolvidas e todos os detalhes relevantes, visto que tudo ocorreu no espaço imediato, no local onde tanto o emissor quanto o interlocutor estão presentes.

4.2.2. Espaço Sub-rogado

O espaço sub-rogado é, para Araújo (2016, p. 36), “um espaço mental onde as coisas e as pessoas são tratadas como se estivessem presentes”. Como proposto por Liddell (2003), o sub-rogado ocorre em tamanho natural, em tamanho real, mas difere do espaço real por não ser o espaço imediato em que o sinalizante e os interlocutores estão. Em outras palavras, o espaço sub-rogado é um espaço mental no qual coisas e pessoas são tratadas como se estivessem presentes.

Neste espaço a sinalização ocorre da mesma forma que no espaço real, do mesmo tamanho e nas mesmas proporções, com a diferença de que ocorre como uma encenação. Araújo (2016), com base nos estudos de Liddell (2003) acrescenta que nesse espaço o sinalizante “assume o papel de narrador e dos personagens que participam da narrativa” (ARAÚJO, 2016, p. 36), isto é, o sinalizante tanto conta a história, a narra, quanto sinaliza e assume o papel de cada personagem, com suas características específicas, como um teatro, uma encenação.

Por se tratar de um tipo de espaço que ocorre em proporção real, utiliza-se o espaço de sinalização e os ambientes fora desse espaço, visto que o ambiente é tratado como em tamanho real. Assim, o sinalizante pode estabelecer as referências e utilizar o espaço além do alcance de

seus braços. Deste modo, ao utilizar o espaço sub-rogado, todo o local em que se encontra o sinalizador pode servir como base para que seu discurso seja elaborado.

Outro aspecto relevante apontado por Liddell (2003) está no fato de que no espaço sub-rogado o sinalizante tem total liberdade para inserir pessoas ou coisas que estejam ou não presentes no momento de fala. Isto significa que é possível abordar temas, trazer personagens e demonstrar características diversas de coisas ou pessoas, mesmo que não possam ser vistas por seus interlocutores.

Uma característica marcante está no fato de que neste espaço, o sinalizante assume o papel de cada personagem que quer demonstrar, ou seja, o sinalizante assume o papel do referente, ‘incorpora’ o personagem e utiliza a fala em primeira pessoa, como se ele fosse, de fato, outra pessoa. Relevante informar que esse tipo de ‘incorporação’ se diferencia do fenômeno linguístico da incorporação, que está relacionado aos estudos no âmbito da morfologia, dos processos de formação de palavras. Incorporar, neste contexto, significar tomar o lugar, interpretar, agir como se fosse a pessoa a quem ele quer referenciar.

Em resumo, o espaço sub-rogado é uma representação mental do espaço que apresenta as informações em tamanho real e que pode se referir ou fazer referência a pessoas e coisas, mesmo que estas não estejam presentes. Ademais, ponderamos ser este um tipo de espaço muito utilizado por surdos brasileiros, passível de ser percebido em diversos tipos de discursos. Notamos que os surdos, em sua sinalização e na construção do discurso sinalizado, geralmente tomam a posição dos participantes e utilizam-se do espaço sub-rogado para a sinalização, porém é necessário um estudo e uma análise mais aprofundados para que possamos determinar ou não a real intensidade de uso, para o determinarmos como o mais ou menos frequente.

4.2.3. Espaço Token

O terceiro tipo de espaço descrito por Liddell (2003) e que consideramos fortemente presente na Libras é o espaço token. Diferente dos espaços real e sub-rogado, o espaço token traz características peculiares e sua utilização proporciona ao sinalizante maiores restrições, principalmente espaciais.

O espaço token, assim como os demais, também é um espaço mental tridimensional. Para Liddell, *op. cit.*, o espaço token se mostra diferente dos espaços real e sub-rogado em dois aspectos essenciais. O primeiro aspecto diz respeito à participação do sinalizante, pois este não

assume o papel de nenhum dos personagens e não se torna parte da narrativa, do discurso. Isto significa que ele aparece apenas como um narrador, utiliza sempre a terceira pessoa do discurso e não se insere na narrativa em nenhum momento. Em segundo lugar, no espaço token a sinalização é limitada ao espaço de sinalização, que fica à frente do corpo do sinalizante, mais especificamente ao cenário idealizado por aquele que emite a mensagem. Todo o discurso é elaborado e executado em um espaço limitado, reduzido. Assim, é como se fosse construída uma maquete, uma miniatura do cenário à frente do sinalizante e toda a narrativa ocorre nesse espaço, miniaturizado, sem que o restante do ambiente possa ser incluído. Neste espaço o sinalizante não assume o papel de personagens e utiliza-se de processos dêiticos e de referenciação para a organização de seu discurso.

Uma forma lúdica para se entender como funciona o espaço token nos remete aos contadores de histórias, que utilizam aqueles aventais para a narrativa, como na figura 29⁵. Esses aventais servem como um cenário para que toda a narrativa tenha um reforço visual às crianças.

⁵ Imagem disponível em < <https://www.elo7.com.br/avental-historia-joao-e-o-pe-de-feijao/dp/6809FD>>.



Figura 29: Avental para histórias infantis.

O espaço token funciona como o avental da figura 29, com a diferença de que o avental se mostra em um plano bidimensional, enquanto no espaço token é estabelecida uma organização tridimensional. No espaço de sinalização, localizado à frente do corpo do sinalizante, toda a narrativa é construída. São estabelecidos pontos específicos para todos os personagens, objetos, edificações, enfim, tudo que está presente na história, com o detalhamento necessário.

Resumindo, o espaço token é um espaço mental em cuja representação e sinalização ocorre de forma tridimensional, limitada e miniaturizada. Além disso, a referência às pessoas do discurso é feita em terceira pessoa.

Para nós, o espaço token, assim como o sub-rogado, mostra-se muito frequente e é amplamente utilizado na construção dos discursos em Libras. Deste modo, torna-se necessário o seu conhecimento aprofundado por parte dos usuários da língua.

3.2.4. Os espaços mentais e o discurso sinalizado

Apesar de definidos, delimitados e claros, os espaços mentais expostos por Fauconnier (1994) e adaptados para as línguas sinalizadas por Liddell (2003), tem características ímpares e podem ser intercalados durante a fala.

Liddell (2003), sobre o uso dos espaços no discurso sinalizado, aborda questões básicas que devem ser levadas em conta para a escolha adequada. Devemos considerar a natureza de cada espaço, a natureza das representações linguísticas subjacentes e o tipo de fenômeno gramatical que demandou o uso de um ou outro espaço. Isso quer dizer que devemos levar em conta todos os aspectos envolvidos na emissão da mensagem para que se justifique a escolha do espaço mental mais adequado. É necessário perceber o tipo de informação a ser passada e refletir a melhor maneira de organizá-la, para que se faça a escolha correta do tipo de espaço mais adequado. Os espaços mentais são amplamente utilizados e se adaptam tanto a discursos diretos quanto indiretos nas LS.

Um aspecto que percebemos e consideramos fundamental salientar está no fato de que o uso dos espaços não é restrito e/ou excludente. Durante a comunicação, a fala ou em qualquer situação de uso da língua, podemos alterar e/ou alternar os espaços mentais. É possível, e comum na Libras, que o sinalizador inicie sua fala utilizando o espaço token, alterne para o sub-rogado ou real e depois retorne ao token sem nenhuma interferência, sem prejuízo à mensagem.

Desta feita, julgamos ser de suma importância o conhecimento sobre esses espaços e a forma correta de uso, a fim de que o discurso em Libras se torne cada vez mais claro, coeso e consistente.

4.3. Aspectos da Dêixis

Ao compreendermos o uso dos espaços mentais na construção do discurso, necessitamos entender também o que é e como ocorre o processo da dêixis na Libras. Antes de direcionarmos para a nossa língua de estudo, precisamos compreender seu conceito de forma generalizada.

A dêixis, segundo Lyons (1991, p. 163)

[...] é como a referência, com a qual se sobrepõe, no sentido de que está relacionada ao contexto de ocorrência. Mas a dêixis é ao mesmo tempo mais ampla e mais restrita do que a referência. A referência pode ser dêitica ou não-dêitica; e a dêixis não envolve necessariamente a referência. A propriedade essencial da dêixis (o termo vem da palavra grega que significa “apontar” ou “mostrar”) é que ela determina a estrutura e a interpretação dos enunciados em relação à hora e ao lugar de sua ocorrência, à identidade do falante e do interlocutor, aos objetos e eventos, na situação real de enunciação.

Este conceito apresentado por Lyons (1991) mostra que a dêixis é um fenômeno presente nas mais diversas línguas do mundo e que se mostra muito próxima à referenciação, mas não completamente presa a ela. Como exposto pelo autor, sua origem vem do grego, **δειξις**, que significa literalmente apontar com o dedo.

No âmbito da linguística, Suzuki (1997) faz considerações sobre a dêixis e aponta que as informações dêiticas “não podem ser compreendidas fora do contexto onde o enunciado foi produzido” (SUZUKI, 1997, p. 56). Isso significa que a dêixis é uma ‘apontação’ que ocorre presa a um contexto específico, isto é, sua interpretação se refere ao contexto em que ocorre, voltada à orientação. A autora exprime, com isso, que “uma expressão lingüística é considerada dêitica se sua expressão faz referência a propriedades do contexto extra-lingüístico onde ela ocorre” (SUZUKI, 1997, p. 56). Assim, o termo ‘dêixis’ é utilizado para se referir a elementos que remontam a uma determinada situação temporal, espacial ou social.

Levinson (2007) revela uma posição mais pragmática da dêixis, relacionando-a ao contexto de enunciação e aos eventos de fala. O autor argumenta que “a dêixis pertence ao domínio da pragmática porque diz respeito diretamente à relação entre estrutura das línguas e os contextos em que elas são usadas” (LEVINSON, 2007, p. 66). Para além, aponta que para que a dêixis ocorra, faz-se necessário o uso de demonstrativos, pronomes, tempos verbais, advérbios de tempo e lugar, além de diferentes traços gramaticais relacionados ao momento da enunciação.

Importante ressaltar que, como aponta Suzuki (1997, p. 57), “a dêixis trata das propriedades formais do enunciado, que só podem ser interpretados se a situação na qual o enunciado foi emitido for conhecida”, ou seja, sem o comum conhecimento dos eventos em que ocorreram, sem o contexto, é impossível que se aponte ou retome qualquer situação, deste modo, o interlocutor fica alheio ao tema e faltam informações para a completa compreensão do evento de fala.

Quanto à classificação, a dêixis é apresentada em categorias específicas, nas quais se manifesta de forma clara. Essas categorias são apresentadas por Suzuki (1997), Levinson (2007) e Archer, Aijmer & Wichmann (2012), assim como por outros pesquisadores da área. Para os autores citados, essas categorias incluem:

a. Dêixis de pessoa

Faz referência ao emissor, ao receptor ou ao referente do discurso, isto é, codifica o papel dos participantes com indicação de primeira, segunda e terceira pessoa do discurso, como em (43)⁶.

(43) a. **Vamos** ao cinema.

b. **Vamos** ver **você** amanhã.

Em (43 a-b) observamos que a conjugação do verbo e os pronomes utilizados mostram e identificam as pessoas do discurso de forma clara. Em (43a) identificam-se as pessoas do discurso através da conjugação do verbo ‘ir’, que inclui as pessoas que participam da conversa no momento da enunciação. Em (43b) observamos que além de incluir as pessoas com a conjugação do verbo, inclui-se a segunda pessoa com o uso do pronome pessoal ‘você’.

b. Dêixis de tempo

A dêixis de tempo remonta o momento de um evento, *i. e.*, a relação do falante com o momento em que a enunciação e o evento ocorrem. Levinson (2007) ressalta a importância, na dêixis temporal, em se diferenciar o momento da enunciação, chamado de ‘tempo de codificação’, do momento de recepção, denominado ‘tempo de recebimento’, ou seja, para se identificar os elementos dêiticos relacionados ao tempo, deve-se distinguir o momento em que o enunciado ocorreu do momento em que foi transmitido ao interlocutor.

⁶ Adaptado de Levinson (2007, p. 85), grifo nosso.

Suzuki (1997) alerta para o fato de que a dêixis varia de língua para língua. Segundo a autora, “em muitas línguas, as mesmas noções expressas pela dêixis espacial são usadas para referências no domínio temporal” (SUZUKI, 1997, p. 63). Isto ocorre porque em muitas línguas ocorre o uso metafórico de expressões espaciais para a concepção de conceitos temporais.

(44) Aperte o gatilho **agora**.

Em (44)⁷ observamos o uso do advérbio ‘agora’ para fazer referência ao momento em que o evento deve ocorrer. Esse tipo de ‘denotação’ transmite uma noção dêitica de tempo, na língua portuguesa.

c. Dêixis de lugar ou espacial

Relacionada à localização, a dêixis de lugar especifica locais determinados no discurso, como proposto por Levinson (2007, p. 97), “especificadas relativamente à localização dos participantes no momento da fala”. Também chamada por Archer, Aijmer & Wichmann (2012) de dêixis empática, é marcada pelo uso de demonstrativos que remetem a pontos específicos no espaço, como ‘este’, ‘aquele’ ou qualquer outro que, metaforicamente, pode também transmitir a ideia de distância emocional, como os exemplos em (45)⁸.

(45) a. Coloque-o **aqui**.

b. Como estão as coisas **lá**.

c. Estamos **aí**.

O elemento destacado em (45a) aponta para uma localização espacial específica, enquanto (45b-c) mostram uma relação mais empática, emocional, no intuito de mostrar que a presença física tem a intenção de demonstrar um apoio moral, não uma localização espacial.

⁷ Adaptado de Levinson (2007, p. 91), grifo nosso.

⁸ Adaptado de Levinson (2007, p. 98-99), grifo nosso.

d. Dêixis Discursiva

De acordo com Levinson (2007, p. 105), “a dêixis de discurso, ou de texto, diz respeito ao uso de expressões num enunciado para fazer referência a alguma parte do discurso que contém esse enunciado (ou ao próprio enunciado)” (grifo do autor). Isso significa que a dêixis discursiva se mostra presente em estruturas textuais, com a retomada ou a apontação para informações que constam no próprio texto, com o uso de termos demonstrativos e dêíticos de lugar ou de tempo, como em (46)⁹.

(46) a. I bet you haven't heard *this* story.

‘Aposto que você não ouviu **esta** história.’

b. *That* was the funniest story I've ever heard.

‘**Essa** foi a história mais engraçada que já ouvi.’

Em (46) são apresentados exemplos de uso dos demonstrativos de lugar ‘*this*’ (esta) e ‘*that*’ (essa) para indicar informações de forma dêítica. Em (46a) encontramos uma situação em que uma parte do texto que ainda não foi dita é apontada, uma catáfora, enquanto em (46b) a indicação é de uma informação que já foi referenciada anteriormente, uma anáfora.

Interessante ressaltar que Levinson (2007), nos chama a atenção sobre o fato exposto em (46b), visto que o autor diferencia a dêixis discursiva das anáforas. Archer, Aijmer & Wichmann (2012), por sua vez, consideram que a referência dêítica discursiva se refere especificamente às questões de ordem anafóricas, catafóricas ou exofóricas, isto é, podem estar localizadas no texto antes ou depois do referente, ou até mesmo fora do texto que o trata, mas dentro do contexto.

⁹ Adaptado de Levinson (2007, p. 105), exemplos (88) e (89).

e. Dêixis social

A dêixis social é aquela que faz referência, especificamente, a alguma informação social, são “aspectos da estrutura da língua que codificam identidades sociais dos participantes [...] ou a relação social entre eles, ou entre um deles e pessoas ou entidades a que se fez referência” (LEVINSON, 2007, p. 110-111). Para esse tipo de dêixis geralmente são utilizados termos honoríficos ou relações de parentescos, como em (47).

(47) a. **Professora Doutora** Walkíria Praça.

b. Minha **mãe** Laurimele.

O elemento destacado em (47a) mostra uma posição profissional e uma titulação que diferencia a professora de outros professores ou de outros participantes da situação discursiva. Em (47b) encontra-se uma denominação específica que elimina a possibilidade de que outra pessoa ocupe essa posição parenteral expressa. Assim sendo, são elementos dêiticos que reforçam posições sociais na situação discursiva.

Nas Línguas de Sinais, a dêixis é também um tema muito recorrente. Inicialmente, Klima & Bellugi (1979) realizam uma reflexão acerca da dêixis na ASL, porém com uma visão voltada à flexão verbal nesta língua. Os autores pontuam a dêixis como uma forma adequada e ideal para representar a maneira como os verbos na ASL selecionam seus argumentos, ou seja, focam na questão dos verbos com concordância, principalmente os verbos espaciais, que tem um direcionamento para os argumentos do verbo escolhido.

Liddell (2000) relaciona o uso do espaço de sinalização aos espaços mentais e sua organização com informações e propriedades dêiticas de alguns sinais das línguas sinalizadas. O autor aponta que há sinais que, naturalmente, possuem em sua formação o direcionamento aos participantes do discurso. Além disso, inferimos da obra do autor que quando o sinalizante possui pleno conhecimento dos espaços mentais e consegue intercalar o seu uso de acordo com sua intenção, o uso dos dêiticos permite uma maior clareza para o interlocutor.

Na Libras, assim como nas outras línguas de sinais, os estudos também citam e comentam fenômenos dêiticos. Autores como Ferreira-Brito (2010[1995]) e Quadros &

Karnopp (2004), tidas como referências nos estudos linguísticos, abordam a dêixis sob um viés morfológico e a mostram como uma propriedade da flexão nas línguas de sinais. Quadros & Karnopp (2004) apontam a dêixis como um processo de referenciação e defendem que a função dêitica na Libras “é marcada através da apontação propriamente dita” (QUADROS & KARNOPP, 2004, p. 112). Para as autoras, “os referentes são introduzidos à frente do sinalizador, através da apontação em diferentes locais” (*ibid*, p. 112). Para nós, esta é uma visão generalizada e não define a dêixis como ela realmente é, apenas a mostra como acessória à marcação das pessoas do discurso.

McCleary & Viotti (2009) expõem que

O estudo da dêixis nas línguas de sinais é particularmente interessante, por causa dos chamados verbos direcionais, como PERGUNTAR, RESPONDER, AJUDAR, ETC. Esses verbos são dêíticos. A cada diferente enunciação, eles apontam ou para a pessoa que fala, ou para o interlocutor, ou para os dois, ou para uma terceira pessoa, diferente tanto da pessoa que fala, quanto de seu interlocutor. Além disso, a forma do verbo muda, dependendo do local no espaço de sinalização em que o falante e seu interlocutor se encontram. (MCCLEARY & VIOTTI, 2009, p. 51)

Isto significa que nas línguas sinalizadas, a dêixis pode, e funciona, não apenas com a apontação propriamente dita, por se tratar de uma língua visual, mas pode ser realizada com uma mudança no movimento, como nos casos dos verbos direcionais, que marcam os argumentos e a posição de cada um no espaço de sinalização.

Para nós, outros fatores se mostram frequentes como recursos dêíticos. É fundamental que o sinalizante consiga construir sua narrativa com o uso mais adequado dos espaços propostos por Liddell (2003). Assim, com a marcação dos referentes no espaço, a retomada através da apontação se faz eficaz, além do movimento dos verbos direcionais, que podem marcar sujeito e/ou objeto com as posições iniciais ou finais do sinal.

Além dos aspectos mostrados, que são apontados pelos autores apresentados, outras estratégias dêíticas são comuns na Libras. A primeira que consideramos é o posicionamento do corpo do sinalizante, que configura uma combinação do uso dos espaços sub-rogado e token, como em (48).

(48) <VER TELEVISÃO. VER FUTEBOL TELEVISÃO. IX(ele) BRIGAR_{RED} LUTAR_{RED}.
POLÍCIA DV(bater-com-cacetete) >

‘Vi na Televisão, no futebol. As pessoas brigando muito, aí chegou a polícia batendo em todos.’



< <https://youtu.be/8KWul-2MRfc> >

Em (48) percebemos que o sinalizante está narrando uma situação que ele viu na televisão, de uma briga entre os torcedores em um estádio de futebol. Ao final do trecho notamos que quando insere a figura do policial no contexto o sinalizante ‘incorpora’, ou toma o lugar do personagem e faz como se ele mesmo estivesse batendo nas pessoas. Isto é, aquele que está contando a história assume o papel do personagem e passa a se mostrar como parte do evento que narra.

Situações como estas são frequentes na Libras, mas além dos processos dêiticos há também uma forma específica, como ocorre com qualquer língua, de se estabelecer e determinar os referentes, os quais explicamos na sessão que segue.

4.4. Construção de referências

Para se estabelecer uma comunicação eficaz e para que um discurso se faça compreensível e cumpra seu papel, necessário se faz que referências sejam estabelecidas e/ou estejam presentes. Mas o que são as referências e como é possível determiná-las em uma língua visuoespacial?

Inicialmente devemos compreender o que é referência e como funciona o processo de referenciação nas línguas, de forma geral. Lyons (1977, p. 145) aponta que “o termo ‘referência’ [...] tem a ver com a relação existente entre uma expressão e aquilo que essa expressão designa ou representa em ocasiões particulares da sua enunciação”. Em outras palavras, o autor conceitua a referência como uma relação entre a expressão e o que ela significa, o objeto, seu referente. O mesmo autor ainda define o referente, em consonância com Ogden & Richards

(1923 *apud* LYONS, 1977, p. 145) como “qualquer objecto ou estado-de-coisa no mundo exterior que é identificado por meio de uma palavra ou uma expressão”, ou seja, qualquer tipo de entidade, objeto ou coisa que possam ser expressas pela língua e sobre o qual se fala algo.

Fato interessante destacado por Mey (2001) é que os estudos relacionados à referência e à referenciação interferem não apenas na linguística teórica, mas também nas áreas e abordagens que descrevem a língua em uso. Para o autor, a referência não pode ser considerada apenas um problema do âmbito da pragmática, principalmente pelo fato de que a língua é utilizada para nos referirmos, para falarmos, denotarmos qualquer pessoa ou coisa presente no mundo, no ambiente, de forma direta ou indireta. Isto significa que os processos referenciais estão presentes em todos os momentos de nossa vida, em todos os momentos em que utilizamos a língua para a construção de um discurso. Isto reflete não apenas no sentido pragmático de uso da língua, mas em toda a relação existente entre o ser humano e o meio, o ambiente, as experiências e vivências que interferem na criação de uma cosmovisão e, conseqüentemente, nas formas de uso da língua.

Como forma de sintetizar a definição de referência, Costa (2013, p. 7) defende que

[...]a atividade de referenciação é a construção da relação entre o domínio linguístico e o domínio extralinguístico (mediada) pelos sujeitos enunciativos. Ou seja, trata-se de um conjunto de localizações entre o enunciado, a situação enunciativa (levando-se em conta parâmetros relacionados ao tempo, ao espaço, aos sujeitos e aos eventos implicados na enunciação) e a relação predicativa que resultam na construção de valores referenciais das marcas enunciativas. (COSTA, 2013, p. 7)

Entendemos assim que o processo de referenciação está baseado em uma construção, em um passo a passo necessário para que se compreendam as referências e que as informações sejam absorvidas em sua completude. Outrossim, a autora *op. cit* evidencia a necessidade de inserção no meio e da interferência do ambiente para que a referenciação aconteça.

Ao refletir sobre esses conceitos, adquirimos a noção e a consciência de que estabelecer referências em um discurso é condição fundamental para que haja compreensão sobre o que está sendo dito. Sem referências uma conversa se torna desconexa, confusa, incompreensível. Corroboramos assim com a proposição de Marcuschi (2007), de que atividades de referenciação são fundamentais e centrais para a semântica da língua. Para além, complementamos essa visão

ao concordarmos com Mey (2001), que postula a referenciação como além da semântica ou da pragmática, mas que faz parte do funcionamento, da organização, do cerne da língua.

Um outro aspecto da referenciação apresentado por Marcuschi (2007) e que também deve ser colocado em destaque é o fato de que a construção de referências se dá em função, também, do conhecimento de mundo e das experiências vivenciadas pelos falantes. O autor ainda defende que “o processo de referenciação se constrói discursivamente de maneira progressiva até a identificação de algo” (MARCUSCHI, 2007, p. 100). Isto significa que não basta apenas impor os referentes, mas que o processo de referenciação, a sistematização, ocorre de forma gradativa, concomitante à aquisição e apropriação linguística. Ou seja, a aquisição e o conhecimento linguístico do indivíduo estão intimamente ligados às experiências e vivências desde o início do processo, desde a infância. As experiências, os contatos, a interação com outras pessoas e com o mundo a sua volta faz com que o indivíduo agregue a seu conhecimento, de forma natural, a maneira de utilizar coerentemente os processos de referenciação em uma conversa ou em um discurso.

Mey (2001) destaca que há na língua alguns elementos que possuem uma característica mais referencial, como os nomes próprios. Estes são elementos claramente referenciais, porém há formas e estratégias na língua para se fazer referência a alguém ou a algo sem que se utilize o nome. São as chamadas expressões referenciais, definidas por Lyons (1977, p. 148) como “uma expressão que, em determinada ocasião [...], pode ser usada para referir”.

Em resumo, a referenciação é, segundo Marcuschi (2007, p. 101) “uma ação interativa, construtiva e não-representacional, possivelmente componencial, que fornece pistas de acesso para a elaboração de sentidos”. Em outras palavras, a referenciação é um processo no qual são estabelecidos os referentes de um discurso (ou de uma situação discursiva) para que haja compreensão da mensagem de forma efetiva.

Em se falando em línguas de sinais, a marcação dos referentes no espaço é um processo que exige atenção do sinalizante. Fundamental se faz delimitar o espaço e determinar com clareza e precisão a posição de cada um dos referentes. Este estabelecimento contribui para que a retomada desses referentes no espaço ocorra sem percalços e sem confusões aos interlocutores. O uso desse espaço de sinalização de forma correta para a construção do discurso cria um cenário claro e preciso que faz com que o uso da língua seja claro e o texto fluido aos olhos de quem interage e recebe essa informação.

Desde os estudos de Stokoe (1960), as análises relacionadas à construção do discurso no espaço fazem pesquisadores refletirem a maneira como ocorre o estabelecimento desses referentes. Determinar localizações nesse espaço é importante para que se estabeleça uma comunicação eficiente. Sem isso, o discurso torna-se confuso e muito mais complexo, visto que exige do emissor um esforço muito maior para se fazer compreender, e do interlocutor muito mais esforço para entender o que se quer expressar. É como denota Reis (2019, p. 59), ao afirmar que “há algumas peculiaridades nas línguas visuoespaciais no que diz respeito aos processos referenciais”, ou seja, para a autora, há questões e especificidades relacionadas à modalidade da língua. Entre essas especificidades a autora cita o uso do espaço e do apontamento no processo referencial, como trataremos adiante.

Enfatizamos que, nos discursos sinalizados, é no espaço que é construído o discurso e nesse espaço são estabelecidos locais específicos para que os participantes sejam percebidos e compreendidos. Através desses pontos são percebidos os participantes, ou seja, são estabelecidos os referentes. A partir desse momento, para que os referentes possam ser retomados no discurso, não há necessidade de se repetir nomes, sinais ou todo o contexto. Essa retomada dos referentes pode ser realizada de formas diferentes, de acordo com a intenção e a forma de sinalização de cada um. As formas de retomada podem ocorrer: (a) de forma dêitica, através da apontação direcionada ao espaço determinado para cada um dos referentes, quando do uso do espaço real ou do espaço token; (b) através da chamada ‘incorporação’ do referente, isto é, o sinalizante pode assumir o espaço determinado ou a posição determinada no espaço, além de reproduzir a fala como se fosse o próprio referente, com falas em primeira pessoa, em geral quando do uso do espaço sub-rogado. Vale destacar que essa retomada é possível, estejam os referentes presentes ou não; (c) no uso dos verbos com concordância, cuja marcação dos pontos iniciais e/ou finais incorre na localização de um dado referente.

Emmorey, Corina & Bellugi (1995) discutem sobre a referenciação na ASL e suas concepções se estendem a outras LS, como a Libras. Para os autores a função referencial está fortemente presente na ASL (assim como em outras LS) e o espaço pode ser utilizado para a expressão dos referentes, além de comunicar informações espaciais, com *loci* específicos. Além disso, em línguas visuais “o espaço em que cada sinal é articulado é utilizado para descrever a posição e orientação de objetos e de pessoas”¹⁰ (EMMOREY, CORINA & BELLUGI, 1995, p.

¹⁰ Tradução nossa para “the space within which signs are articulated is used to describe the position and orientation of objects or people.” (EMMOREY, CORINA E BELLUGI, 1995, p. 43)

43). Isto remonta a proposta dos autores de que essas relações estabelecidas no espaço estão relacionadas também a um modo topográfico de se estabelecer essas referências entre os objetos e as pessoas presentes ou não no ambiente de interação. Os autores propõem ainda que há diferença no uso do espaço com função topográfica e para distinções referenciais, porém “um *loci* espacial pode funcionar referencialmente e, ao mesmo tempo, possuir informação topográfica” (EMMOREY, CORINA & BELLUGI, 1995, p. 44). Em outras palavras, informações referenciais podem estar relacionadas à topografia, mas nem toda informação topográfica é necessariamente referencial.

Quanto às referências nominais, os autores *op. cit.* Apontam que os nomes são associados a um *loci*, uma localização no espaço de sinalização e que os pronomes são utilizados de forma direcional a esses espaços, para os quais se estabelece uma relação co-referencial.

Muitos são os autores que apontam a existência do processo de referenciação nas línguas sinalizadas, mas poucos são os que o descrevem com mais detalhes. Bawer (2014) aborda em seu trabalho apenas a referência pronominal e salienta que a referência pronominal em uma LS está associada ao uso de espaço, além de denotar que esse processo ocorre através da apontação, esteja o referente presente ou não.

Altimira (2015), por sua vez, dedica um capítulo inteiro para a localização espacial e os referentes do discurso. Em sua obra a autora reforça a possibilidade de uso do espaço para estabelecer os referentes do discurso sem descartar o aspecto semântico da referenciação. Sobre os referentes do discurso, a autora considera que a localização estabelecida é considerada uma variável importante e a pontua como uma manifestação direta e aberta do referente. Outra questão abordada é o fato de que as características identitárias do referente também são utilizadas como forma de retomada anafórica. Esse tipo de retomada ocorre em situações, por exemplo, em que a soletração é utilizada para apresentar o nome do referente e, a partir desta introdução, utilizam-se características para a retomada. Exemplo disso encontramos em (49)¹¹.

¹¹ Exemplo adaptado de Altimira (2012, p. 104).

(49) <AGORA EU EXPLICAR TEMA MULHER PESSOA NOME A-N-N-A F-R-A-N-K.
PESSOA ESTA MULHER MARAVILHOSA.>

Tradução: ‘Agora vou explicar sobre a Anna Frank. Ela é uma pessoa maravilhosa.’



< <https://youtu.be/9S9Ycb232GI> >

Em (49), a frase em Libras, inicia com a introdução do referente com as características ‘mulher’ e ‘pessoa’, direcionados a uma posição específica no espaço de sinalização, para apresentar o nome ‘Anna Frank’ com o uso do alfabeto manual. Posterior a essa introdução, o sinalizante, sempre que quiser se referir a Anna Frank, não terá a necessidade de realizar a soletração novamente, basta apenas direcionar a sinalização para o lugar estabelecido. Como forma de reforçar, pode-se apenas utilizar características, como ocorreu com ‘PESSOA ESTA MULHER’ no exemplo apresentado.

Outra maneira de demonstrar essa marcação dos referentes no espaço encontramos em (50).

(50) < (sinalização para o lado direito) POSS(meu) OPINIÃO MELHOR PURO SURDO GRUPO. COMUNICAR IDENTIDADE IGUAL. PROFESSOR SENTIR NATURAL. ASSIM COMUNICAR CONVERSAR INTERAGIR ACOSTUMAR CRESCER NATURAL. APRENDER DESENVOLVER ENSINAR-MIM, LÍNGUA PRÓPRIO ASSIM. (mudança do lado, com sinalização para o lado esquerdo) OUTRO-LADO INCLUSÃO IX(ela) FÁCIL? NÃO. IX(ela) TER CONSERTAR DIFÍCIL IX(ela) PORQUE IX(ele) PROFESSOR NÃO CONHECER SURDO. PROFESSOR ORALIZAR PARECER DAR DEIXAR INTÉRPRETE RESPONSABILIDADE TUDO INTÉRPRETE SINALIZAR. XI(eu) INCLUSÃO SOZINHO INTÉRPRETE ENSINAR-MIM>

‘Na minha opinião a escola apenas com Surdos é melhor. Há comunicação, identidade, o professor sente o mesmo que nós e é possível crescer em um ambiente com conversas e interações constantes, de forma natural. Já a escola inclusiva, você acha que é fácil? Não mesmo! O professor não conhece o Surdo, dá aula apenas oralizando e joga toda a responsabilidade em cima do intérprete. Na escola inclusiva eu me sinto sozinho, fico apenas com o intérprete, que me ensina tudo.’



< <https://youtu.be/7PBL6DbATPk> >

Em (50) é possível notar que toda a sinalização está acontecendo do lado direito do sinalizante, que ele estabeleceu no início do discurso como sendo o ponto de referência da escola bilíngue para surdos. No meio da fala percebemos que há uma mudança no posicionamento e na direção do discurso, que passa a ser feito virado para o lado esquerdo do mesmo emissor. Essa mudança de direção marca a mudança do referente estabelecido, que passa a ser a escola inclusiva.

Ferreira Brito (2010 [1995]) afirma que o processo de referenciação na Libras ocorre de modo idêntico ao das línguas orais, porém com especificidades em função da modalidade. Apesar de fazer tal afirmação, a autora não descreve ou detalha esse processo.

Quadros, Pizzio & Rezende (2009) defendem que na Libras ocorre a associação de referentes a pontos específicos no espaço e refletem a utilização desse espaço associada à

organização do discurso sinalizado. As autoras expõem que as associações ocorrem com referentes tanto presentes quanto ausentes, cada qual com suas características. No caso dos referentes presentes, “os elementos envolvidos no discurso (a primeira e a segunda pessoa) são formados apontando-se com o dedo indicador a quem o sinalizante se refere” (QUADROS, PIZZIO & REZENDE, 2009, p. 3). Isto significa que quando a referência está presente no momento do discurso, nas línguas sinalizadas ocorre a simples apontação, como na figura 30.



Figura 30: formas pronominais com referentes presentes, disponível em Quadros, Pizzio & Rezende (2009, p. 4).

No caso dos referentes ausentes, as autoras *op. cit.* Indicam que também é utilizada a apontação, porém direcionada a um local arbitrário, estabelecido pelo sinalizante, no espaço de sinalização. No caso de ser uma referência anafórica¹², o sinalizante deve apontar, girar o corpo ou olhar para esse local definido. Assim, primeiro se deve estabelecer a localização do referente ausente no espaço de sinalização e, em situações anafóricas, utilizar a apontação, direção do olhar ou posicionamento do corpo a este local determinado, efetivando a referência, como na figura 31.

¹² Anáfora, segundo Levinson (2007, p. 106) “o uso (geralmente) de um pronome para falar de um mesmo referente que algum termo anterior”, ou seja, é a utilização de um pronome ou algum recurso linguístico para se retomar um referente do discurso que já foi introduzido em algum momento.

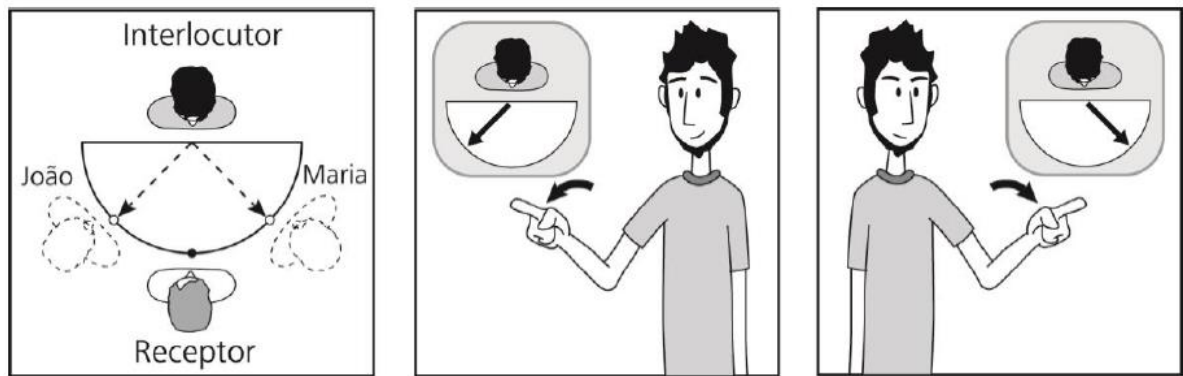


Figura 31: formas pronominais com referentes ausentes, disponível em Quadros, Pizzio & Rezende (2009, p. 5)

Mediante o exposto, compreendemos que a necessidade de referenciação nas línguas sinalizadas é tão relevante quanto nas línguas orais. Estabelecer os referentes em um discurso é condição básica para que o discurso seja completo, claro e compreensível. Entender como ocorrem esses referentes e como podemos conciliar seu uso ao conhecimento dos tipos de espaço abordados anteriormente se mostra imprescindível. Um discurso claro é a forma mais eficaz de comunicação que o ser humano pode obter.

Outro ponto que julgamos importante é o fato de que há ainda a grande necessidade de mais estudos e de pesquisas mais aprofundadas sobre o processo de referenciação na Libras. Os poucos pesquisadores que abordam esta temática realizam uma explicação muito superficial.

Consideramos que os processos referenciais, juntamente com as características e funções dêiticas, são a base do processo de construção de um discurso. Precisamos conhecer a forma como as línguas, independente de qual seja, se organizam frente à sua organização espacial e à forma como relaciona as coisas do mundo. Todos esses aspectos têm forte poder de interferir na compreensão de mensagens e nos processos de interação mediados pela língua.

4.5. Uma reflexão sobre as Expressões Não-Manuais e sua influência na referenciação e na dêixis.

Como apontado no capítulo 1, as ENM são parte fundamental na constituição dos sinais na Libras, além de possuírem funções gramaticais essenciais à construção do discurso sinalizado. Por se tratarem de condição básica da língua, essas ENM têm forte representação e

função nos processos dêiticos e na referenciação na Libras. Entre as expressões, destacamos a direção do olhar e a personificação dos referentes.

Sobre a direção do olhar, notamos que em todas as situações e em todos os processos, condição primordial é que o sinalizante, após estabelecer os referentes no espaço de sinalização, direcione o olhar, associado ao posicionamento de cabeça, para o referente que pretende retomar ou falar algo sobre. O olhar é também condição fundamental para que o interlocutor perceba sobre quem ou o que o sinalizante está falando. Uma mudança nesse direcionamento, sem motivo, transmite ao interlocutor a noção de que a referência mudou, o que torna a mensagem confusa ou incompreensível.

O segundo aspecto, comum na Libras, é a personificação dos referentes, explicada anteriormente como a ‘incorporação’ dos referentes. O uso desse recurso indica maior conhecimento sobre a língua e exige do sinalizante uma maior sensibilidade quanto às características e expressões desses referentes, além de uma capacidade de reprodução dessas expressões no momento da personificação. Isto significa que o sinalizante, ao personificar um de seus referentes, deve compreender e conseguir reproduzir as ENM utilizadas por ele.

Nossa reflexão nos leva à hipótese de que a personificação do referente é uma forma de dêixis, assim como um processo de referenciação. Por meio dessa representação por parte do sinalizante, é possível que se retome o referente no discurso de forma clara, percebe-se a mudança dos referentes com a mudança das ENM, além de ser uma maneira de ‘apontar’ sobre qual referente do discurso o sinalizante retoma ou fala sobre.

Importante destacar que não encontramos nenhum tipo de estudo que relacionasse as ENM à dêixis ou ao processo de referenciação. Deste modo, propomos esta hipótese com a intenção de, posteriormente aprofundá-la, ou contribuir e instigar para que outros pesquisadores também se interessem pelo tema com o intuito de desenvolvê-lo sob a perspectiva funcional-tipológica, com análise da Libras em seu contexto de uso.

4.6. Considerações

Estudar e analisar uma língua visuoespacial tem se mostrado um desafio gratificante. Para entendermos como essa língua se organiza, suas regras e sua estrutura, necessitamos compreender aspectos que vão além de uma simples visão generalizada de língua. O objetivo

deste capítulo foi o de compreender o as características visuoespaciais, além da organização e da realização espacial da Libras

Inicialmente trabalhamos com conceitos e sua aplicação voltados ao uso do espaço. Ao seguir a proposta de Liddell (2003) da teoria dos espaços mentais, baseada nos estudos de Fauconnier (1994), compreendemos o que são os espaços Real, Sub-Rogado e Token. Entendemos a necessidade de se organizar o discurso sinalizado com a real escolha de espaço e com as possibilidades de mesclas e trocas de espaço com a intenção de construir uma informação clara ao interlocutor.

Após entendermos como a língua se organiza no espaço e como utilizá-lo, evidenciamos o uso da dêixis e o processo de referenciação em uma língua que se utiliza do espaço para execução e percepção. Apontamos que esses processos estão intimamente ligados à questão espacial da língua e demonstramos quão relevante é saber mesclar os espaços e conseguir expressar a informação referencial de forma clara.

Por fim, realizamos uma reflexão sobre a influência e interferência das Expressões Não-Manuais nos processos dêiticos e referenciais. Postulamos que o processo dêitico e referencial não ocorre apenas pela apontação e pelo movimento atribuído aos verbos direcionais, mas levantamos a hipótese de que a direção do olhar e a personificação dos personagens pelo sinalizante são também estratégias eficazes de referenciação e dêixis na Libras.

De posse desse conhecimento basilar para a compreensão e descrição linguística da Libras, consideramos possuir ferramentas que nos permitam analisar mais a fundo os aspectos morfossintáticos a fim de desenvolver uma descrição mais detalhada, com um olhar mais técnico e direcionado. Como proposto, enfatizamos e reafirmamos que pretendemos realizar a análise e a descrição da Libras por si, pela janela dos olhos, com a menor interferência possível da língua portuguesa.

CAPÍTULO 5. As categorias gramaticais de Nomes e Verbos na Libras

Neste capítulo, nos objetivamos a refletir e a explicar as características e os aspectos da Libras frente à sua forma particular de organização. Iniciamos o capítulo com uma reflexão acerca da literatura, do que os autores e pesquisadores já abordaram ou trabalharam os nomes e verbos nas LS e na Libras. Seguimos com a apresentação dos fatos que encontramos em nossos dados e realizamos uma conversa com os autores que abordam esses temas. Nossa intenção é mostrar que a Libras, por sua especificidade, apresenta-se e organiza-se de modo excepcional, com aspectos próprios de uma língua visual. Para além, queremos desmistificar a ideia de que uma língua é obrigada a se ‘encaixar’ em padrões pré-estabelecidos, mas que os estudos e as descrições têm avançado muito, e diferentes fenômenos e aspectos têm sido identificados e expressos.

5.1. Reflexão sobre a literatura: nomes e verbos em Libras

Para que possamos compreender os conceitos e os fenômenos que ocorrem com e na Libras, precisamos entender como ocorreu a evolução das pesquisas nas outras línguas de sinais. Esse conhecimento serviu e serve, até os dias atuais, como base para que estudiosos compreendam essas ocorrências em outras línguas de sinais do mundo, e na Libras, por consequência. Assim sendo, expomos informações sobre os estudos realizados sobre nomes e verbos em outras línguas de sinais, pesquisas estas que serviram de suporte para os teóricos que abordam tais conceitos na Libras. Em seguida, exibimos as pesquisas que ocorreram mais especificamente na Libras para assim fomentarmos uma discussão e apresentarmos os dados encontrados no *corpus* de Libras, contrapondo com a proposta Givóniana de diferenciação das classes gramaticais.

5.1.1. Nomes e verbos nas Línguas de Sinais

A discussão acerca da distinção entre os nomes e os verbos nas línguas de sinais pelo mundo iniciou-se relativamente a pouco tempo. Muitos são os autores, a partir de Stokoe (1960) afirmam que existem classes de palavras nas LS e que a distinção mais evidente entre os nomes

e os verbos nas LS está no movimento. Para Klima & Bellugi (1979), Valli & Lucas (2000), Liddell (2003), Aronoff, Meir & Sandler (2005) e Sandler & Lillo-Martin (2006), a morfologia responde por processos derivacionais importantes que diferenciam nomes e verbos, por composição ou pelo tipo de movimento. Os autores apontam que os nomes são derivados dos verbos e que, de forma geral, os verbos apresentam movimentos mais lentos, amplos e com poucas repetições, enquanto os nomes apresentam movimentos repetitivos, mais curtos e com maior velocidade.

Outros autores como Johnston (2001), Tkachman & Sandler (2013) e Abner *et al.* (2019), basearam-se nos estudos de Supalla & Newport (1978 *apud* JOHNSTON, 2001; TKACHMAN & SANDLER, 2013; e ABNER *et al.*, 2019) e tentaram aprofundar mais a distinção dos nomes e dos verbos nas LS pelo mundo. Esses autores afirmam que a distinção entre os nomes e os verbos ocorre principalmente pela diferença no movimento, através de: (a) reduplicação, como em (51)¹; (b) amplitude do movimento, como em (52)²; velocidade do movimento, como em (53)³, (d) uso do *mouthing*, que é a articulação da palavra durante a realização de um sinal específico, com a intenção de diferenciá-lo. Importante ressaltar que esses aspectos podem também ocorrer de forma combinada, não apenas isolados.

(51)



SIT

‘sentar’



CHAIR

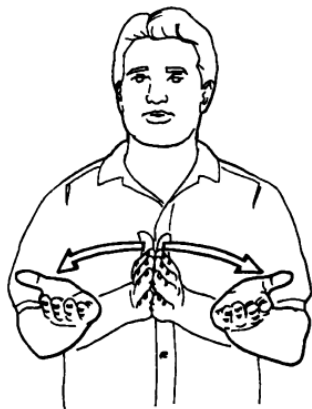
‘cadeira’

¹ Exemplo adaptado de Valli & Lucas (2000, p. 232).

² Exemplo adaptado de Valli & Lucas (2000, p. 232).

³ Exemplo adaptado de Supalla & Newport (1978, *apud* Abner *et al.*, 2019, p. 232).

(52)



OPEN-BOOK

‘abrir o livro’



BOOK

‘livro’

(53)



CLOSE-WINDOW

‘fechar a janela’



WINDOW

‘janela’

Em (51) o sinalizante realiza, o sinal do verbo ‘SIT’ (sentar), com um movimento único e do nome ‘CHAIR’ (cadeira) com movimento reduplicado, ou seja, a reduplicação é a marca que diferencia o verbo e o nome. Em (52) o sinal para ‘OPEN-BOOK’ (sentido da ação verbal de ‘abrir o livro’) possui um movimento amplo e único, enquanto para ‘BOOK’ (livro) o sinal

possui movimento mais curto, mas também único, o que caracteriza a amplitude do movimento como fator diferencial. Em (53) é mostrado o sinal da ASL com significado verbal ‘CLOSE-WINDOW’ (fechar a janela) um movimento único, amplo e direcionado de cima para baixo, simulando o fechamento de uma janela real, enquanto para o nome ‘WINDOW’ (janela) é realizado um movimento mais curto e rápido, que representa repetidamente o movimento de abrir e fechar a janela, isto é, a diferença está tanto na amplitude quanto na reduplicação e principalmente na velocidade do movimento do sinal.

Outros autores como Liddell (1980, 2003), Padden (1988), Mathur & Rathmann (2010), Bauer (2014), Altimira (2015) e Lourenço (2018), estudam e analisam apenas os verbos nas línguas de sinais, inclusive na Libras. Apontam os tipos de verbos pelo viés da sintaxe os categorizam e analisam os critérios e fatores relativos à concordância verbal. Com essa análise, não são apontadas as características que diferenciam os nomes e os verbos, mas apenas são evidenciados os aspectos verbais e sua classificação.

Em suma, sobre as características que diferenciam os nomes e os verbos, os autores pesquisados defendem e apontam características morfológicas como o aspecto mais relevante na diferenciação entre as categorias de nomes e verbos, sendo o movimento o parâmetro diferenciador mais evidente.

Importante destacar que a maioria desses estudos foram realizados com pares de sinais, no qual eram apresentadas pares de palavras na língua oral, modalidade escrita, ou uma imagem que fizesse referência ao nome e ao verbo, para que os sinalizantes surdos mostrassem como esses sinais seriam realizados. Nenhum dos trabalhos realizou explicitamente uma análise mais empírica, da língua em uso, no discurso das pessoas surdas, apenas em ambientes controlados e com informações e dados gerados fora de contexto.

5.1.2. Como são tratados os Nomes e verbos na Libras

Nos estudos sobre os nomes e os verbos na Libras, assim como ocorreu com as outras LS, muitas análises foram realizadas de forma isolada, utilizando pares de palavras ou imagens, e muitos dos resultados encontrados foram semelhantes aos das outras LS do mundo, com forte influência das pesquisas da ASL.

Ferreira-Brito (2010[1995]), apesar de dedicar todo um capítulo para falar sobre a morfofonologia e a sintaxe da Libras, versa sobre a formação dos sinais e das unidades menores, os fonemas, mas não aborda as classes de palavras e as características dessas classes.

Felipe (1998) refere-se sobre as classes de palavras na Libras, chamadas pela autora de classes gramaticais, introduz conceitos de classes em outras línguas, mas expõe como classes existentes apenas os verbos, adjetivos, pronomes e numerais em Libras. Além, sobre os verbos a autora apenas aponta, assim como Strobel & Fernandes (1988), os tipos de verbos que existem na Libras, sem apresentar nenhum tipo de característica morfológica, sintática ou semântica da classe dos verbos.

Quadros & Karnopp (2004) se espelham nos trabalhos e pesquisas realizados por autores que analisaram a ASL, citados anteriormente, ao apresentar os processos de formação de palavras na Libras. As autoras afirmam a possibilidade de derivação de nomes a partir de verbos e apresentam, de modo geral, alguns processos como a composição, nominalização e o que denominam de ‘incorporação de numerais’, definido como a realização da configuração de mão de número junto com o sinal para determinar quantidade.

Apesar de citarem e afirmarem a existência das classes de palavras, todos os autores supracitados não desenvolvem nenhum tipo de aprofundamento quanto às características formadoras dos nomes, dos verbos ou de qualquer outra classe do ponto de vista semântico, sintático ou morfológico. Esses estudos mais direcionados começaram a surgir a partir de 2011 quando Pizzio (2011) defende sua tese de Doutorado e discute elementos que distinguem os nomes e os verbos da Libras com base em um estudo funcional-tipológico.

Pizzio (2011) elaborou dois tipos de teste, com 25 (vinte e cinco) pares de nomes e verbos, e os aplicou com pessoas surdas, estudantes do curso de Letras-Libras da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), todos adultos. O primeiro teste foi chamado pela autora de “teste de eliciação de nomes e verbos”, no qual os participantes assistiam a vídeos diversos, selecionados e apresentados pela pesquisadora, e produziam o sinal mais adequado. Os vídeos continham situações que denotavam verbos e nomes, como exemplificado na figura 32⁴.

⁴ Imagens presentes em Pizzio (2011, p. 101)



Figura 32: recorte dos vídeos apresentados aos surdos para 'PASSAR-ROUPA' e 'FERRO-DE-PASSAR', presentes em Pizzio (2011, p. 101).

De acordo com a autora, os vídeos dos pares foram apresentados em momentos diferentes, para tentar minimizar a interferência do sinal anterior e tentar produzir uma resposta mais natural.

O segundo teste realizado foi denominado de 'teste de compreensão', no qual a autora apresentava um vídeo com o sinal realizado e o participante deveria assinalar, em um papel, a qual imagem o sinal correspondia. Esse papel continha uma imagem que remetia ao nome, uma ao verbo e uma aleatória, como na figura 33⁵. O intuito desse teste era o de saber se o surdo conseguia diferenciar e perceber se o sinal realizado era um nome ou um verbo.

⁵ Imagem presente em Pizzio (2011, p. 102)



Figura 33: imagens apresentada para o teste de compreensão para os sinais 'PASSAR-ROUPA' e 'FERRO-DE-PASSAR', presentes em Pizzio (2011, p. 102).

Como resultado, Pizzio (2011) encontrou uma grande variedade de respostas e não foi obtido nenhum tipo de padrão de resposta. Segundo a autora, muitos dos sinais realizados foram relatados como possíveis tanto para os nomes quanto para os verbos. Nos sinais que foram realizados de forma diferentes foram encontradas situações em que eram realizados: (a) sinais compostos, principalmente para os nomes; (b) uso do *mouthing*, tanto para o nome quanto para o verbo; (c) mudança na repetição ou velocidade do movimento; e, (d) reduplicação para os nomes. Outro fator relevante destacado pela autora foi sobre a questão semântica, devido ao fato de que “os sinais produzidos sem contexto são difíceis de serem identificados quanto à classe gramatical a que pertencem” (PIZZIO, 2011, p. 228). Por fim, a autora conclui que existe, “a possibilidade de não haver diferenciação entre nomes e verbos na Libras e todos os nomes serem percebidos pela função que exercem”, ou seja, a forte presença de um caráter semântico e a ausência de aspectos sintáticos ou morfológicos na categorização de nomes e verbos em Libras.

Lima (2012), em filmagens, analisa a diferença entre as categorias de nomes e verbos na Libras, também sob o viés do funcionalismo, com dados obtidos através da filmagem de narrativas de surdos, com relatos espontâneos sobre a trajetória de vida desde o ensino infantil até a graduação. Esses surdos eram filmados isoladamente, em ambiente controlado, sem interação. Apesar de alegar seguir as características de propostas por Givón (2001), o autor se prende apenas às características semânticas dos nomes e dos verbos. Para além, não deixa claro se os critérios morfológicos e sintáticos foram ou não considerados ou analisados.

Outra análise é realizada por Chaibue (2013), que também toma por base as narrativas livres de pessoas surdas e realiza uma reflexão sobre os universais linguísticos, com foco nas categorias de nomes e verbos. Quanto a seus dados, a autora inicia a reflexão ao retomar a questão proposta por Quadros & Karnopp (2004) e Salles *et al.* (2007), de que há uma diferenciação no movimento dos sinais de verbos e nomes na Libras, porém, nos dados analisados, a autora não percebeu ou encontrou tal diferenciação. Isto ocorre porque em seus dados, Chaibue (2013) encontra situações diferenciadas e aponta a “necessidade de se trilhar outros caminhos na busca por critérios formais que sejam consistentes e indicativos da distinção entre categorias” (CHAIBUE, 2013, p. 102).

Chaibue *ibid.* realiza também uma análise dos dados encontrados com base na proposta de Givón (2001) e aponta que os critérios semânticos relacionados aos nomes e aos verbos foram facilmente identificados. Um aspecto relevante que a autora destaca está no fato de que as análises, se realizadas fora do contexto de uso, não apresentariam características prototípicas, visto que isoladamente os sinais possuem composição semelhante tanto para nomes quanto para verbos. Isto significa que, fora do contexto em que são utilizados, os sinais realizados poderiam significar tanto nomes quanto verbos.

Sobre as características morfológicas e sintáticas de Givón (2001), estas são concatenadas e apresentadas por Chaibue (2013) como ‘critérios gramaticais’. A autora denota que quanto às categorias morfológicas de gênero e tempo, a marcação só se faz necessária caso o contexto exija. Quando necessária, a marcação de gênero em Libras é feita com o uso dos sinais de ‘HOMEM’ e ‘MULHER’. Já a marcação de tempo pode ocorrer com o uso de datas, de advérbios de tempo ou pelo próprio contexto. As categorias verbais de modo e aspecto são relatadas pela autora como abertamente manifestadas, sendo que o aspecto é determinado fortemente pelas ENM enquanto a negação pode ocorrer por ENM, mudança no movimento do sinal ou acréscimo de sinais como ‘NÃO’ ou ‘NADA’. Como aspecto sintático a autora apenas cita que em situações nominais que envolvem um nome, na Libras, a sentença é construída sem cópula, ou seja, não há a necessidade de uso de verbos de ligação.

Por fim, a autora *op. cit.* consolida seus dados e defende que na Libras os critérios semânticos se sobressaem na categorização de nomes e verbos, mas que estes não podem nunca ser dissociados do contexto. Reforça o fato de que cada língua codifica e caracteriza de uma forma própria e argumenta que os dados encontrados na Libras a “instigam a questionar o caráter absoluto do universal em questão, pois em algumas sentenças, as noções nominais e

verbais estão atreladas a um mesmo sinal” (CHAIBUE, 2013, p. 143). Isto significa que, para a autora, a categorização necessita ser considerada dentro do critério semântico, em um contexto de uso bem delimitado.

Ante o exposto e à necessidade de maior detalhamento, realizamos uma análise detalhada e minuciosa dos dados constantes no *corpus* de Libras com a intenção de esclarecer, pontuar e expor as reais características e os critérios que diferenciam os nomes e os verbos na Língua Brasileira de Sinais.

5.2. Nomes e verbos na Libras: uma análise da língua em uso

Nesta seção abordamos os dados encontrados em nossas análises. Como apontado no capítulo 2, utilizamos como base de dados o *Corpus* Libras, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Este *corpus* possui uma grande quantidade de vídeos com as mais diversas possibilidades de pesquisa e de uso da língua em situações controladas ou em falas espontâneas.

5.2.1. Informações sobre os dados

Nos dados selecionados analisamos e observamos o comportamento e funcionamento dos sinais, com respeito aos critérios semântico, morfológico e sintático propostos por Givón (2001), como apresentado anteriormente. Mais uma vez destacamos que as considerações e avaliações foram realizadas com a menor interferência possível da língua portuguesa, com o objetivo de averiguar a Libras por si, seu funcionamento em uso.

Na Libras, como já alertamos, há sinais que podem ser utilizados tanto para nomes quanto para verbos, porém há alguns que possuem características próprias e que designam apenas nomes ou apenas verbos.

Em nossos dados encontramos 182 sinais diferentes que foram utilizados como nomes (Anexo I), dentre os quais 83 (46%) podem ser utilizados também para relacionar verbos, enquanto 99 (54%) são exclusivos para nomes, como visto no gráfico 1.

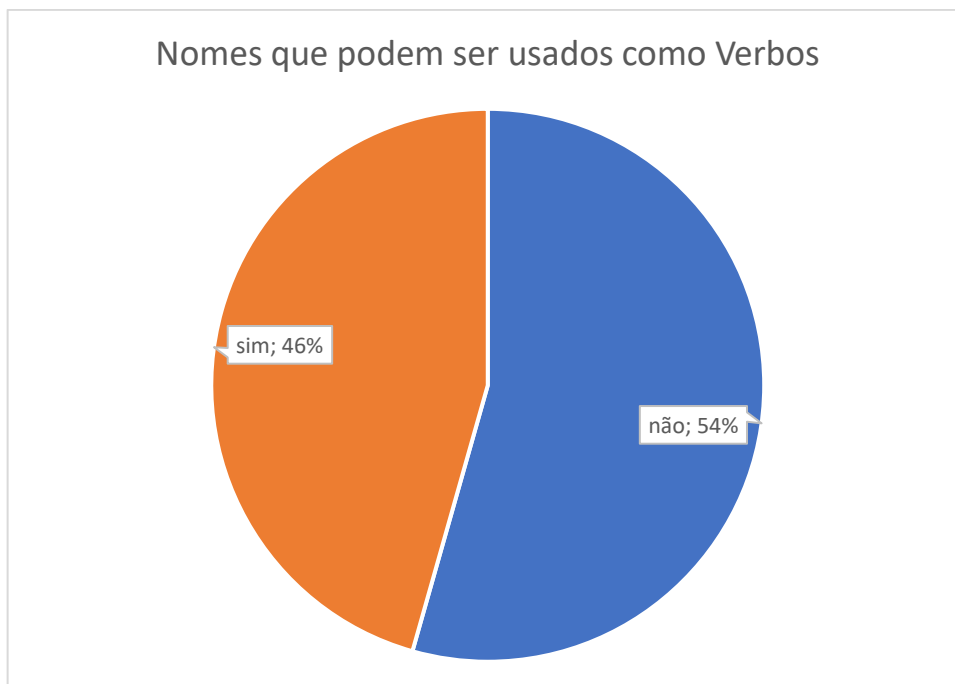


Gráfico 1: quantidade de sinais encontrados para nomes que podem significar verbos.

Foram também contabilizados 172 sinais diferentes que estão relacionados a noções verbais (Anexo II), dos quais 109 (63%) podem ser utilizados também para nomes, enquanto apenas 63 (37%) exprimem noção apenas verbal, expostos no gráfico 2.

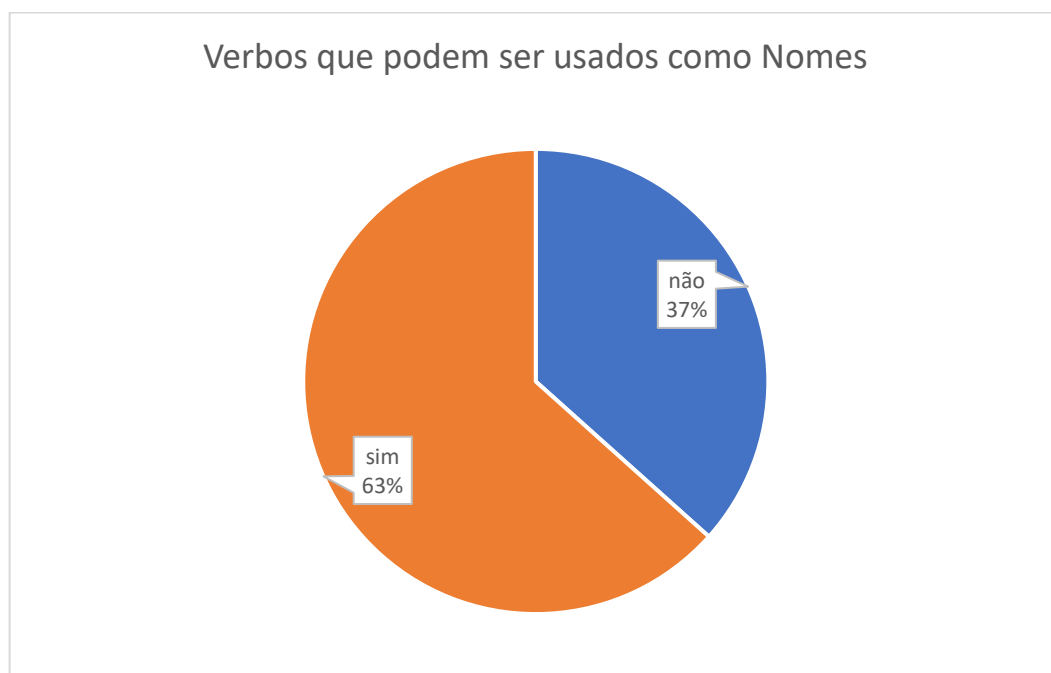


Gráfico 2: quantidade de sinais encontrados para verbos que podem significar nomes.

5.2.2. *Análise dos dados*

Com base na profunda e detalhada observação dos dados, refletimos profundamente a Libras, uma língua visuoespacial, com organização e estrutura completamente diferentes de uma língua oral. Por serem diferentes, ponderamos o fato de que os usuários da Libras têm vivências e visões de mundo também diferentes. Devemos ressaltar que o Surdo, como qualquer pessoa, possui seus processos cognitivos preservados, visto que uma perda auditiva não descaracteriza ou modifica o processamento cognitivo de nenhum cidadão.

De posse dessa visão ao mesmo tempo diferenciada e equânime, realizamos uma análise detalhada e atenciosa da Libras em uso por seus usuários ‘nativos’. Em falas espontâneas, com temas diversos, conseguimos perceber e entender a maneira como os Surdos estruturam sua língua, com a menor interferência possível das línguas orais, no caso o Português, e com isso encontramos diferentes fenômenos e realizações que elucidam e esclarecem a maneira como a língua funciona. Expomos, a seguir, as diversas características, aspectos e fenômenos encontrados, principalmente voltados às características que podemos perceber como fatores que podem ou não categorizar os sinais da língua como nomes ou verbos.

Inicialmente percebemos que na Libras, a semântica, o significado, tem sido o aspecto mais forte quando pretendemos diferenciar um nome de um verbo. Concordamos com Pizzio (2011), Lima (2012) e Chaibue (2013) quando apontam que os fatores relacionados ao contexto de uso em que o sinal está inserido tem grande influência no tipo de conceito que ele transmite.

Encontramos na Libras diversos sinais, como exposto nos gráficos 1 e 2, que podem funcionar tanto como nomes quanto como verbos e essa diferença somente é percebida no momento em que estudamos todo o contexto de uso da sinalização. Exemplo disso encontramos em (54).

(54)

a. < MAS COMO EXEMPLO SURDO OUVINTE **LÍNGUA-DE-SINAIS** SABER-NÃO SURDO SABER LÍNGUA-DE-SINAIS INCLUSÃO COMO IX(você) >

‘Mas, o que pode acontecer na escola inclusiva se o ouvinte não sabe **língua de sinais** e o surdo sinaliza? O que você acha?’



<<https://youtu.be/Dt5e8-s11Mw>>

b. < IX(lá) ASSOCIAÇÃO DENTRO SURDO LINGUA-DE-SINAIS COMUNICAR
LÍNGUA-DE-SINAIS BOM >

‘Lá na associação os surdos conseguem se comunicar em sinais? **Sinalizam** bem?’



<https://youtu.be/yNSN_XGJjH0>

Em (54) encontramos um claro exemplo em que o contexto e a semântica influenciam na categorização do sinal ‘LÍNGUA-DE-SINAIS’. Em (54a), o sinal realizado diz respeito à língua de sinais em si ao se tratar do uso da língua. Em (54b) o sinal é realizado duas vezes na mesma frase, no qual a primeira vez aponta para o nome ‘LÍNGUA-DE-SINAIS’ enquanto da segunda, destacada em negrito, faz referência à ação verbal de ‘sinalizar’, utilizar a língua de sinais para se comunicar.

Outros exemplos são vistos em situações diferentes, com outros sinais, como o sinal ‘LIVRE’, em (55).

(55)

a. < **LIVRE** POSSÍVEL QUALQUER CARRO >

‘**É liberado** para que qualquer carro.’



<<https://youtu.be/XeefjGNSRUo>>

b. < IX (você) CONVERSAR PODER **LIVRE** COMO >

‘Você pode conversar aqui sobre temas **livres**, sabe como?’



< <https://youtu.be/FjVqyc51bkg> >

Em (55) notamos que o sinal utilizado ‘LIVRE’ pode ser categorizado como verbo, em (55a), que exprime a autorização de participação de qualquer carro, o verbo ‘liberar’. Em (55b) o mesmo sinal recebe classificação de nome, visto que se refere ao adjetivo ‘livre’, relativo ao tema possível da conversa. Além disso, o fator de diferenciação é o contexto de uso do sinal, pois do ponto de vista sintático, como já apontado no capítulo 1, a ordem dos constituintes em Libras possui certa flexibilidade. Mesmo que alguns autores defendam que há uma ordem canônica, consideramos a hipótese de que a ordenação na Libras é mais flexível e que em diversas situações a ordem pode ser alterada sem interferência no significado.

Nos exemplos expostos reparamos que o principal aspecto que determina se o sinal tem característica nominal ou verbal é o contexto em que se apresentam. Outro aspecto que nos chama a atenção e que é percebido na sinalização é o fato de que essa categorização pesa muito também na interpretação que é dada à sentença em que o sinal se apresenta e varia de pessoa para pessoa. Assim sendo, a interpretação da situação, fato completamente semântico, é a condição principal a ser considerada no momento da categorização de um sinal como nome ou verbo.

Em resumo, com base nos dados analisados, refletidos e apresentados, consideramos que não é possível determinar se um sinal pode ou não ser categorizado como nome sem que se analise o contexto de sinalização e o discurso em que o mesmo está inserido. Outrossim, do ponto de vista semântico, tudo o que permeia o sinal, o ambiente, o discurso, serve como ferramenta para que consigamos nos comunicar de maneira eficaz e compreensível.

Outro aspecto que devemos levar em consideração está no ponto de vista da morfologia, relacionada às alterações na forma das palavras, ou dos sinais, com a intenção, em nosso caso, de diferenciar nomes e verbos em dois vieses: morfologia gramatical e morfologia derivacional.

Para os nomes, do ponto de vista da morfologia gramatical, marcadores de caso e gênero não são morfemas presentes nos sinais na Libras. A marcação de número está presente nos nomes em Libras, como apontado por Pagy (2012), através de fenômenos como a reduplicação, que é intensamente utilizada, além dos casos em que a marcação do numeral pode ser feita no sinal com a alteração da configuração de mão, como em (6).

(56) < IX(eu) LEMBRAR ESTUDAR IX(eu) COMEÇAR INCLUSÃO IX(eu) SENTIR TER BARREIRA LEMBRAR **QUATRO-MESES** >

‘Eu me lembro, quando comecei a estudar na escola inclusiva, que haviam barreiras. Eu lembro que foi assim nos primeiros **quatro meses**’.



< https://youtu.be/d6zM_7n5DLw >

O sinal na Libras para ‘MÊS’ é comumente realizado com a configuração de uma das mãos com todos os dedos fechados e apenas o indicador levantado. Em (56) notamos que a configuração de mão mostra o número 4 (quatro), com a intenção de quantificar o nome ‘MÊS’, sinalizado pelo surdo que está no vídeo. Esta é uma das possíveis maneiras morfológicas de apresentar a marcação de número.

Outro fenômeno morfológico para a marcação de número tanto para nomes quanto para verbos é descrita por Pagy (2012), a reduplicação. Para a autora, a reduplicação ocorre no sinal como um todo na Libras, e pode resultar em pluralidade ou marcação de número, tanto para nomes quanto para verbos, como em (57).

(57) < **INCLUSÃO** É DIFÍCIL ENTÃO PESSOA ALGUNS JÁ ACOSTUMAR **INCLUSÃO++** MAS ACOSTUMAR ASSIM >

‘A **inclusão** é complicada. Algumas pessoas já se acostumaram com essas **situações inclusivas**, já se habituaram assim.’



< <https://youtu.be/5scAcXx5SFc> >

Em (57) conseguimos perceber em o que acontece quando o sinal é realizado com e sem reduplicação. O sinal de ‘INCLUSÃO’ é realizado primeiro com movimento único, com significado de ‘inclusão’. Posteriormente é realizado de forma reduplicada, que remete a ‘situações de inclusão’, ou seja, uma quantidade maior de situações, o que caracteriza pluralidade no nome ‘inclusão’.

(58) < INFORMAR-MIM JORNAL DIVULGAR JORNAL VER RESOLVER **COMBINAR+++** RESOLVER MANIFESTAÇÃO REPRESENTANTE >

‘Se informar, ver a divulgação no jornal e resolver, **combinar com todos** sobre uma manifestação e quem será o representante.’



< <https://youtu.be/vODRz7dHZL4> >

Em (58) o verbo ‘COMBINAR’ é realizado de forma reduplicada, com mais repetições do que o sinal normalmente apresenta, além de um movimento semicircular no espaço de sinalização, o que significa a flexão de número para o verbo. Essa flexão indica que a ‘combinação’ ocorrerá com diversas pessoas.

Relevante destacar que, mesmo que a reduplicação seja um fenômeno muito frequente na Libras, como apontado por Pagy (2012), é também utilizada de diversas formas diferentes. A autora demonstra que a reduplicação pode agir na pluralização, mudança de classe ou mudança de aspecto em um mesmo sinal, o que nos leva novamente à hipótese de que o critério semântico é o que mais interfere nas classes de palavras em Libras. Outrossim, a reduplicação pode ser realizada de formas diferentes na Libras, como no sinal ‘MANIFESTAÇÃO’, que apesar de ser um sinal que serve tanto para nome quanto para verbo, quando reduplicado pode significar ‘MANIFESTAÇÕES’ ou ‘GRANDE-MANIFESTAÇÃO’. Algumas dessas possibilidades visualizamos em (59).

(59) <MANIFESTAÇÃO NOSSA_(interjeição) GREVE MANIFESTAÇÃO+++ LUTAR MANIFESTAR SEMPRE CENTRO SEMPRE>

‘E a **manifestação**? Nossa! São muitas **manifestações**, lutas... Sempre acontece lá no centro?’



< <https://youtu.be/worbzJYZu3s> >

Em (59) encontramos inicialmente o sinal de manifestação mais curto, que é realizado posteriormente com uma quantidade maior de reduplicações, com a impressão de um movimento repetido mais vezes que a primeira. Esse tipo de reduplicação transmite a noção de pluralidade. Em outras situações esse mesmo sinal reduplicado pode ser compreendido como um intensificador também, ou seja, mais uma vez o contexto é que determina a classificação.

Quanto ao movimento do sinal, ponderado por Pizzio (2011), Lima (2012) e Chaibue (2013) como o elemento que diferencia nomes e verbos, encontramos algumas situações na língua em que isso ocorre, em (60).

(60) a. <UNIR> x <UNIÃO>

< <https://youtu.be/JLNyWpmXg14> >



b. <OUVIR> x <OUVINTE>

< <https://youtu.be/CaT0qOkwMS4> >



Observamos que há diferença quanto ao movimento do sinal no par ‘UNIR x UNIÃO’ e ocorre reduplicação no par ‘OUVIR x OUVINTE’, porém constatamos que esta mudança no movimento, por si só, não caracteriza a mudança de classe. Além disso, a depender do contexto em que o sinal se insere, a mudança no movimento⁶ pode ter como resultado a pluralização, a mudança de aspecto (intensificação, quantificação, ente outros) ou até mesmo a mudança de significando dentro de uma mesma classe. Ainda por cima, não há padrão nesse quesito, o que significa que não há recorrência ou que este fenômeno não ocorre com todos os sinais dessas categorias. Assim sendo, não podemos considerar apenas o parâmetro movimento como uma característica morfológica que pode diferenciar nomes de verbos na Libras.

Um fato que nos chamou atenção como fator de diferenciação entre nomes e verbos na Libras foi a ocorrência do chamado *mouthing*. De acordo com Sutton-Spence (2007), o *mouthing* é a articulação da palavra da língua oral, sem o som, junto com a sinalização. Constatamos que é uma ferramenta utilizada por surdos e ouvintes que utilizam a LS não apenas para diferenciar nomes de verbos, mas em situações em que o sinal pode ser interpretado de forma diferente ou quando se quer ressaltar o termo a que se refere. Em outras palavras, mesmo

⁶ Como mudança no movimento podemos considerar, por exemplo, a reduplicação, mudanças na velocidade de realização ou alterações no tipo de movimento realizado com intenção específica.

que seja uma forma de diferenciar os sinais e a qual classe eles pertencem, também não possuem um padrão de realização e nem sempre é um recurso utilizado pelos sinalizantes.

(61)

a. < IX(eu) IR **ESTUDAR**_(*mouthing*-ESCOLA) TERÇA-FEIRA QUARTA-FEIRA QUINTA-FEIRA LEGAL >

‘Eu vou para a **escola** sempre às terças-feiras, quartas-feiras e quintas-feiras. É muito legal!’



< https://youtu.be/bFatUA_9W6E >

b. < SI PROBLEMA **DESCOBRIR**_(*mouthing*) RESOLVER ESPALHAR OFICIAL >

‘Se acontecer algum problema e as pessoas **descobrirem**, vão espalhar a notícia de verdade!’



< <https://youtu.be/cwJae16Pi6Q> >

Em (61) fica mais evidente e fácil de perceber o uso do *mouthing* pelos sinalizantes. Em (61a) é feito o sinal do verbo ‘ESTUDAR’ em conjunto com o *mouthing* ‘ESCOLA’, que faz com que a interpretação dada ao sinal feito seja do nome, não do verbo ‘ESTUDAR’. Em (61b) o sinal realizado pode significar ‘ENCONTRAR’, ‘DESCOBRIR’ ou ‘ACHAR’, mas a partir do momento em que o sinalizante realiza o *mouthing* ‘de-’, fica evidente qual o sinal que o mesmo deseja utilizar em seu discurso, mesmo que não tenha realizado da palavra completa.

Sobre o *mouthing*, consideramos a hipótese de que é um fenômeno que ocorre com frequência na Libras por motivos diversos. Podemos pensar na questão na necessidade de

diferenciação ou de reforço do tipo de conceito que se quer transmitir, posto que notamos e já informamos que há diversas situações em que os sinais podem ser ‘categorizados de maneira diferente, a depender do contexto, além do fato de que há muitos sinais polissêmicos na Libras, que podem designar diferentes conceitos. Deste modo, consideramos que muitos Surdos e sinalizantes utilizam-se dessa estratégia para esse reforço ou para a confirmação, com o intuito de evitar confusões. Outro aspecto que vale a pena destacar está no fato de que, para nós, este tipo de estratégia é geralmente utilizado por surdos letrados, uma vez que exige do sinalizante um conhecimento mínimo da língua portuguesa para que essa diferenciação seja realizada.

Em todos os dados conseguimos identificar uma situação que podemos considerar como padrão para o qual a única classificação possível é a de verbo, que é o caso das negações, ou das formas negativas. Na Libras, de acordo com Strobel & Fernandes (1998), Ferreira-Brito (2010[1995], 1998) e Quadros & Karnopp (2004), a negação pode ser realizada de três formas diferentes: (i) alteração no movimento do sinal, criando um sinal negativo; (ii) Movimento de negação com a cabeça, concomitante à realização do sinal; e, (iii) uso de sinais que carregam a noção de negação, como ‘NÃO’, ‘AINDA-NÃO’, ‘NINGUÉM’ ou ‘NADA’. Importante frisar que nos casos de negação, a ENM tem papel fundamental e acompanham também esses sinais negativos. Em (62) encontramos diversas situações em que são realizados sinais relativos à negação, todos categorizados como verbos.

(62)

- | | |
|---------------------|-----------------|
| a. < SABER-NÃO> | ‘não saber’ |
| b. < ENTENDER-NÃO> | ‘não entender’ |
| c. < OUVIR-NÃO> | ‘não ouvir’ |
| d. < AJUDAR-NÃO> | ‘não ajudar’ |
| e. < CONSEGUIR-NÃO> | ‘não conseguir’ |

< <https://youtu.be/75uKT-QGOY8> >



Em (62) encontramos diversas situações em que o sinal realizado está relacionado exclusivamente a um verbo, devido à forma negativa. Em (62a), (62c) e (62e) encontramos situações em que o verbo tem um sinal diferenciado para a forma negativa, enquanto em (62b) e (62d) percebemos que ocorre apenas a ENM de negação e o balanço de cabeça em negativa.

Sobre a negação, julgamos ser um evento ainda pouco explorado e detalhado na Libras, visto que não há um padrão de realização. Destacamos este fato pois a negação é um fenômeno que pode ser realizado de forma morfológica, como apontado em (62), mas que pode ser também sintática, com o acréscimo de um sinal que represente a noção negativa, contrária, como ocorre nos casos em (63), para os quais é necessário incluir o sinal de ‘NÃO-SER’, em (63a) ou ‘AINDA-NÃO’, em (63b).

(63) a. <IX(ela) BONITA **NÃO-SER**>

‘Ela **não** é bonita’

< <https://youtu.be/MMLjWQMMeFI> >



b. <TRABALHO PRONTO **AINDA-NÃO**>

‘O trabalho **ainda não** está pronto’

< <https://youtu.be/ZabfoTqDABI> >



Em resumo, conseguimos identificar situações específicas cujo critério morfológico tem forte influência na categorização, porém encontramos um padrão apenas nas seguintes situações: quando ocorre o *mouthing*, cuja articulação oral da palavra nos define qual o sentido

do sinal e conseqüentemente a classe ao qual pertence; e nos sinais com negação, que deixam clara a noção verbal associada.

Outro aspecto que deve ser levado em conta na análise linguística da Libras é a organização sintática e a interferência que esta organização pode ter na designação de um sinal como nome ou como verbo. Assim como nas outras línguas, nomes e verbos na Libras também ocupam posições sintáticas específicas. Nomes em Libras podem assumir posições de sujeito e de objeto direto e indireto, além de serem considerados núcleos do sintagma nominal, enquanto os verbos podem ocupar a posição de núcleo sintático da sentença e determinar a maneira como os outros elementos se comportam e funcionam. Apesar de seguir esses ‘padrões’ sintáticos que em geral ocorrem também em todas as línguas, no caso da Libras os nomes podem também funcionar como núcleo do predicado, assim como os sinais verbais as vezes ocupam posições argumentais. Ou seja, tanto nomes quanto verbos podem assumir papéis de argumento e/ou de predicado, porém refletiremos mais esses aspectos no capítulo 6.

Com base nessas funções e nesses papéis, identificamos nos sinais da Libras algumas características relacionadas à sintaxe que tem forte influência na categorização de nomes e verbos.

O primeiro fator observado se dá nos casos em que os sinais podem ser utilizados tanto para nomes quanto para verbos. A depender do tipo de pronome que o antecede, essa classificação se torna mais evidente. Notamos que nos dados da Libras, quando um sinal de classificação dúbia é antecedido por um pronome pessoal, sua categoria está mais voltada para a classificação verbal. Quando o que antecede é um pronome possessivo, isso determina a classificação nominal do sinal em questão, como em (64).

(64)

a. <MEU OPINAR MELHOR PURO SURDO GRUPO COMUNICAR>

‘Na **minha opinião** é melhor a comunicação em grupos só de surdos.’

< https://youtu.be/YyIovBc_wcM >



b. <EXEMPLO IX(ele) **MEU NAMORAR** AVAÍ IX(eu) FIGUEIRENSE>

‘Por exemplo, **minha namorada** é Avaí e eu sou Figueirense.’



< <https://youtu.be/M-kgwUYdEVU> >

c. <IX(eu) ACOMODAR>

‘Eu não faço nada’



< <https://youtu.be/YUyTdfx5nVQ> >

Em (64a-b) encontramos os verbos ‘OPINAR’ e ‘NAMORAR’, precedidos pelo pronome possessivo de primeira pessoa do singular ‘MEU’, que transmite ao interlocutor a noção nominal, ou seja, significam ‘opinião’ e ‘namorado(a)’, respectivamente. Em (64c) o verbo ‘ACOMODAR’ realizado após o pronome pessoal de primeira pessoa do singular ‘EU’ destaca uma noção verbal, o que faz com que a interpretação dada seja da ação verbal de ‘ficar à toa’, ou ‘fazer nada’. Em todos os exemplos o pronome que antecede o sinal tem forte interferência na categorização como nome ou verbo. Percebemos esse tipo de reação também com outros sinais da língua, como ‘ESTUDAR’, que pode significar ‘escola’, ‘ANDAR-DE-BICICLETA’, que pode ser o objeto ‘bicicleta’, e tantos outros casos.

Outro cenário em que encontramos uma caracterização específica de verbo se dá nos verbos direcionais, ou verbos com concordância. Nas situações em que o sinalizante utiliza um sinal e que o direciona para o sujeito ou o objeto, encontramos sempre a classificação verbal, mesmo que esse sinal possa significar um nome, como em (65).

(65)

a. <MAS S-I OUVINTE LÍNGUA-DE-SINAIS SABER POSITIVO O-K.
CONTATAR CONVERSAR O-QUÊ SIGNIFICAR>

‘Mas se o ouvinte sabe língua de sinais é bom, está OK. Ele **faz contato**, conversa, isso significa o que?’



< <https://youtu.be/FcKXuclDwjc> >

b. <IX(você) ENTÃO **CONTATO** PRECISAR INFORMAR-MIM BUSCAR>

‘Você precisa de **contato**, buscar informação.>



< <https://youtu.be/vR3W7PLK9g0> >

Em (65a) é feito o sinal de ‘CONTATAR’, destacado, com direcionalidade, ou seja, com movimento e direção a um espaço determinado para um referente, o que faz com que o sinal adquira uma noção verbal de ‘**fazer** contato’, ou ‘contatar’. Em (65b) o mesmo sinal é realizado sem nenhuma direcionalidade, em frente ao corpo do sinalizante, no espaço neutro. Neste caso, o sinal pode ser classificado como o nome ‘CONTATO’ e não possui uma característica de ação verbal.

(66)

a. <VER ESTÁDIO MUNDO NUNCA **BRIGAR** ENGRAÇADO>

‘Vi na copa do mundo, nunca tem **brigas**, engraçado!’



<<https://youtu.be/jt7Gswl4r9g>>

b. <SENTIR ESTADO_(esquerda) SENTIR ESTADO_(direita) IX_(mão direita) **BRIGAR**_(direcional)
IX_(mão esquerda) CALMO>

‘Cada estado é diferente. Uns **brigam** muito, outros são tranquilos.’



<<https://youtu.be/Fko1BilbTTA>>

Em (66) encontramos situações semelhantes, mas com o verbo ‘BRIGAR’. Quando o sinal é realizado em um espaço neutro, sem direcionamento, o significado atribuído está relacionado a uma noção nominal, de ‘briga’, em (66a). Porém, quando o sinal é feito com direcionamento a um dos referentes atribuídos no espaço de sinalização, este adquire uma função verbal, quem demonstra uma ação, no caso o verbo ‘brigar’, em (66b).

Ante o exposto, podemos concluir que nas situações em que um sinal pode ser utilizando tanto para nomes quanto para verbos, caso o mesmo tenha direcionalidade, isto é, seja realizado em concordância com os referentes estabelecidos no espaço, consideramos este um sinal especificamente verbal. Na situação contrária, se não houver direcionalidade, não necessariamente o sinal estará ligado a um nome. Nesta situação, o contexto é quem determinará a qual classe aquele sinal pertence.

Ainda sobre as relações sintáticas como fatores classificadores de nomes e verbos na Libras, a depender da semântica de seu antecedente, um sinal pode ser compreendido como nome ou como verbo, como em (67).

(67) a. <SENTIR CARRO DI_(vibração) SENTIR MOTOR LADO-GRANDE POSITIVO>

‘Sentir o carro, a vibração, sentir o motor que é grande, na lateral. É muito bom!’



<https://youtu.be/t_FdO6fS3es>

b. <EU ESCOLA IX(lá) EU FAZER COZINHAR PÃO FAZER IX(lá) ESCOLA>

‘Na escola eu **faço comida**, pão. Tudo lá na escola!’



<<https://youtu.be/JusF6XdpyWU>>

c. <XI(ele) INCLUIR FÁCIL NÃO. IX(incluir) TER CONSERTAR.>

‘A (escola) inclusiva não é fácil. **Tem reparos** para fazer.’



<https://youtu.be/_mBGp8RCIZU>

Constatamos que em (67a-c), os sinais destacados em cada sentença envolvem um verbo de ação e um outro sinal que pode ser utilizado tanto para nomes quanto para verbos. Em (67a), os sinais utilizados para ‘CARRO’ e ‘MOTOR’ podem significar também ‘DIRIGIR’ e ‘MOTOR-VIBRAR’, porém o verbo ‘SENTIR’ transmite ao interlocutor a noção nominal do sinais que o seguem. Em (67b) o sinal ‘COZINHAR’ é utilizado após o verbo ‘FAZER’, o que nos faz interpretar ‘COZINHAR’ como o nome ‘COMIDA’. Por fim, em (67c) a união de ‘TER’ e ‘CONSERTAR’ provoca no interlocutor a mesma compreensão já explicada, de um verbo, no caso ‘TER’, exercer influência na categorização de outro sinal que poderia ser

entendido como verbo, mas devido a essa relação se classifica como nome, isto é, o sinal de ‘CONSERTAR’ é compreendido como o nome ‘REPARO’ ou ‘CONSERTO’. Em suma, nos dados apresentados encontramos sempre um verbo que antecede o segundo sinal, o que demonstra interferir e gerar uma força sobre o segundo sinal, que passa a se comportar como nome.

Por fim, um evento que muito nos chamou a atenção está na possibilidade de categorização ou não dos sinais relacionados à Descrição Imagética (DI) na Libras. Observamos que, por serem sinais que possuem um alto grau de iconicidade, a DI permite uma categorização dos sinais utilizados como nome ou como verbo a depender de todo o contexto do discurso, como em (68).

(68) a. <CARRO KART **DI(kart-correr)** IX(esse) DI(velocidade) POSITIVO ÓTIMO>

‘O **kart corre muito**, é muito veloz, ótimo!’

< <https://youtu.be/Q1GC7xkMmEc> >



b. <TER POSSÍVEL QUANTOS PESSOAS TER ATÉ 24 PESSOAS **DI(kart-muito-enfileirados)** MUITO POSSÍVEL>

‘Tem capacidade para até 24 pessoas com **os karts enfileirados** para a corrida’.

< <https://youtu.be/xREuxgvfqNw> >



c. <IX(eu) SOFRER LUTAR LUTAR CARRO **DI(carro-ultrapassar)** CARRO
DI(velocidade)>

‘Eu sofri. Lutei muito para **ultrapassar** os carros, corri muito!’



< <https://youtu.be/vV8l71WCVD4> >

d. <ACONTECER SABER? CARRO IX(esse-carro) **DI(dois-carros-próximos)** DI
(carro-rodar) **DI(dois-carros-bater-frente)**>

‘Sabe o que aconteceu? Nós estávamos com os **carros próximos** um do outro, aí o **carro da frente rodou** e nós **batemos de frente**.’



< <https://youtu.be/xhYDhTewDu0> >

Em (68a-d) é possível identificar o uso da DI como forma de demonstrar o que houve na situação descrita. Notamos diversas situações em que a DI comum para ‘veículo’ ou ‘carro’ pode ser utilizada, hora para designar um nome, como visto em (68b e d), hora como verbo, como ocorre em (68a, c, d).

Não é apenas com a DI para carro que essa situação ocorre. Observamos em diversas outras situações, a depender da intenção do sinalizante, como em (69).

(69) a. <SEMPRE GREVE PROBLEMA DIREITO DINHEIRO **DI(alto-e-baixo)**
RECLAMAR CONFUSÃO POXA>

‘Sempre tem greve, problemas, luta por direitos, **diferentes níveis** econômicos, reclamações, confusões, poxa!’



< <https://youtu.be/IN6NiD-PKK8> >

b. <FICAR-EM-CASA-A-TOA **DI(fechar-cabeça)**>

‘Ficar em casa à toa te deixa com a **mente fechada.**’



< <https://youtu.be/8nO832OU5IY> >

c. <PENSAR **DI(abrir-cabeça)** INFORMAR-MIM>

‘Pensar faz sua **mente abrir**, para receber informações.’



< <https://youtu.be/GvjeZ0iEHbI> >

Em (69a) o sinalizante utiliza uma DI demonstrada como ‘DI(alto-e-baixo)’, com a intenção de se referir aos diferentes níveis econômicos existentes na sociedade, motivo este pelos quais as pessoas fazem manifestação. Nesta situação, a classificação atribuída é nominal, porém, este mesmo sinal pode ser utilizado em outras situações para significar uma ação verbal, com o significado de ‘desnívelar’. Já em (69b-c) observamos a DI para os sinais opostos ‘FECHAR-CABEÇA’ e ‘ABRIR-CABEÇA’, que podem receber a classificação de nome e

verbo, respectivamente. Isto significa que são descrições imagéticas que possuem um sentido semelhante, apesar da noção de oposição, mas que podem ser categorizados tanto como nomes quanto como verbos. Tudo depende da intenção do emissor da mensagem, do sinalizante, e da interpretação que é dada pelo interlocutor, aquele que recebe a mensagem.

Desta feita, nos casos em que são utilizados recursos como a Descrição Imagética, a única maneira de determinar se estamos diante de um nome ou de um verbo seria através da observação do contexto como um todo.

Apesar de termos identificado características e situações específicas em que é possível se diferenciar nomes de verbos utilizando-se os critérios propostos por Givón (2001), nos deparamos com diversas situações em que a categorização poderia ser tanto de nome quanto de verbo, sem nenhum tipo de interferência no significado da sentença ou na compreensão da mensagem, como em (70).

(70) a. <SACANAGEM IX(ele)>

‘Ele me sacaneou’

ou

‘Foi sacanagem dele’

< <https://youtu.be/EhWwSHLsWv4> >



b. <VER **BRIGAR+** ESTÁDIO **BRIGAR+** **AGREDIR+**>

‘Você viu as **brigas e agressões** no estádio?’

ou

‘Você viu as pessoas **brigando e se agredindo** no estádio?’



< <https://youtu.be/EWx4UjR3GRg> >

Em (70) percebemos que há situações em que o sinal pode ser interpretado, tanto como nome quanto como verbo. O sinal ‘SACANAGEM’ em (70a) pode ser entendido como o nome ‘sacanagem’ ou como o verbo ‘sacanear’, ambos com o mesmo sentido e com a mesma interpretação na sentença. Em (70b) ocorre o mesmo com os sinais ‘BRIGAR+’ e ‘AGREDIR+’, que podem ser concebidos no contexto como ‘briga’ ou ‘brigar’ e ‘agressão’ ou ‘agredir’, respectivamente. Esse tipo de situação nos leva a pensar e refletir a Libras como uma língua que possua sinais que, a depender da situação em que ocorrem e do contexto semântico envolvido, podem ser compreendidos tanto como nome, quanto como verbos, sem prejuízos ou sem que o sentido seja alterado. Podemos considerar esses sinais como ‘ecléticos’⁷, pois a sua significação é escolhida de acordo com o que se adequa em cada situação de uso.

5.3. Os fenômenos morfossintáticos: um link entre as línguas de sinais e as línguas orais

Frente aos diversos aspectos estudados e analisados pela morfossintaxe, as categorias de nome e verbo têm seu lugar de destaque. Do ponto de vista dos universais linguísticos, entre os aspectos encontramos o fato de que todas as línguas do mundo se organizam por categorias, e que as categorias de nomes e de verbos estão presentes em todas as línguas.

⁷ Eclético, de acordo com o Dicionário da Língua Portuguesa Aulete Digital, é o “que adota o que acha melhor de diferentes ideias, tendências, estilos etc., em vez de seguir uma só linha.” (AULETE & VALENTE, SD), ou seja, que pode se adaptar de acordo com a necessidade de cada situação.

Desde o início de nossa vida escolar no caso do Brasil, com o estudo da língua portuguesa, lidamos com o ensino e a instrução sistemática das regras da língua. Entre as regras estudadas na escola, a diferenciação entre as classes gramaticais é bastante tratada, entre elas a diferenciação entre os substantivos e os verbos.

Na escola, os professores se baseiam em livros didáticos chamados de ‘gramáticas’ para transmitir o conteúdo. Bechara (2010) define substantivos como

[...]a classe de palavra que se caracteriza por significar o que convencionalmente chamamos de *objetos substantivos*, isto é, em primeiro lugar, substâncias (*homem, casa, livro*) e, em segundo lugar quaisquer outros objetos mentalmente apreendidos como substâncias, quais sejam qualidades (*bondade, brancura*), estados (*saúde, doença*), processos (*chegada, entrega, aceitação*). Qualquer palavra tomada materialmente pode substantivar-se (o *se*, o *de*, o *não*, o *porquê*) e estará sujeita às regras de flexão e derivação dos substantivos (os *ses*, os *des*, os *nãos*, os *sins*, os *porquês*). (BECHARA, 2010, p. 66, grifos do autor)

Isto significa que os substantivos são, de acordo com o autor, as palavras que dão nomes às entidades do mundo, que chamaremos de ‘nomes’.

Outra classe de palavras que aprendemos na escola são os ‘verbos’, definidos pelo autor *ibid.* como “unidade que significa ação ou processo, unidade esta organizada para expressar o modo, o tempo, a pessoa e o número” (BECHARA, 2010, p. 192). Este conceito apresenta-se de forma muito ampla e generalizada.

5.3.1. Classes de Palavras

As línguas do mundo apresentam, em sua estrutura e entre suas regras, diversas semelhanças e diferenças. Entre as semelhanças, alguns quesitos são fundamentais e estão presentes em todas as línguas do mundo, os chamados ‘Universais Linguísticos’. De acordo com Fromkin, Rodman & Hyans (2010), todas as línguas do mundo possuem características e fatos comuns a todas elas. Os autores apresentam uma relação com 17 fatos comuns, 17 universais linguísticos, apresentados no quadro 4⁸.

⁸ Tradução e adaptação nossa de (Fromkin, Rodman & Hyans (2010, p. 315-316).

Nº	Universais Linguísticos
1	Onde existem humanos, existem línguas.
2	Não existem línguas “primitivas”. Todas as línguas são igualmente complexas e capazes de expressar qualquer ideia. O vocabulário de todas as línguas pode ser ampliado para incluir novas palavras relacionadas a novos conceitos.
3	Todas as línguas sofrem mudanças com o passar do tempo.
4	A relação entre os sons e os significados (para as línguas orais) e entre os sinais e os significados (para as línguas sinalizadas) são, em sua maioria, arbitrários.
5	Todas as línguas utilizam uma quantidade finita de sons ou unidades gestuais, que são combinados para formar elementos com significado (ou palavras). Essas unidades com significado podem também se combinar para constituir uma quantidade infinita de sentenças possíveis.
6	Todas as gramáticas são compostas de regras semelhantes, responsáveis pela formação de palavras e sentenças.
7	Toda língua oral inclui segmentos sonoros discretos, como ‘p’, ‘n’ ou ‘a’, definidos por um grupo finito de propriedades e recursos sonoros. Além disso, todas as línguas orais possuem sons vocálicos e consonantais.
8	Categorias gramaticais (como nomes e verbos) são encontradas em todas as línguas do mundo.
9	Há propriedades semânticas universais, como vinculação (uma frase que infere a verdade de outra), em todas as línguas do mundo.
10	Toda língua possui formas de realizar negação, questionamentos, emitir comandos e referir-se ao tempo (passado, presente e futuro).
11	Toda língua permite conceitos abstratos, como bondade, esférico ou habilidosa, por exemplo.
12	Toda língua possui gírias, epítetos, tabus e eufemismos.
13	Toda língua permite enunciados hipotéticos, contrafactuais, condicionais, fantasiosos e fictícios.
14	Toda língua permite liberdade de estímulo. Uma pessoa pode escolher ou não se diz algo a qualquer momento ou sob qualquer circunstância.
15	Usuários de qualquer língua são capazes de produzir e de compreender um número infinito de sentenças.
16	A habilidade humana de adquirir, conhecer e utilizar a linguagem é uma capacidade de base biológica, enraizada na estrutura cerebral e que pode ser expressa em diferentes modalidades (oral ou sinalizada).
17	Qualquer criança (sem comprometimentos ou limitações específicas), nascida em qualquer lugar do mundo, independente de raça, etnia, localização geográfica, pertencente a qualquer grupo social ou econômico, é capaz de aprender qualquer língua a que seja exposta.

Quadro 4: Universais Linguísticos segundo Fromkin, Rodman & Hyans (2010).

Para os autores *op. cit.*, essas características comuns e universais são provas cabais de que nós humanos somos dotados de linguagem e que por intermédio dela possuímos a capacidade de nos comunicarmos de forma ilimitada.

Entre todos esses universais, destacamos o número 8, e tomamos como base o fato de que toda língua se organiza em categorias, isto é, organiza seus itens lexicais, todo o seu vocabulário, em categorias específicas que possuem características distintivas e uso repleto de regras. Destacamos, neste capítulo, as categorias de nomes e verbos, presentes em todas as línguas do mundo, incluindo-se a Libras.

Como exposto no início do capítulo, na Libras temos diversas características e diferentes aspectos que podem categorizar ou não um sinal como nome ou verbo. Fundamental se faz, para que possamos então compreender essas possibilidades da Libras, entendermos os conceitos de nomes e verbos em todas as línguas, o conceito em sua essência. Assim, refletimos sobre o que são e como se organizam as classes de palavras em uma língua, chamadas de categorias gramaticais por Negrão, Scher & Viotti (2002), categorias lexicais por Basílio (2011) ou classes de palavras por Givón (2001), Payne (1997, 2006) e Shopen (2007), entre outros.

Negrão, Scher & Viotti (2002) argumentam que “os falantes de uma língua sabem que um certo item lexical pertence a uma determinada categoria gramatical”, ou seja, os usuários de uma língua, mesmo que não sejam linguistas, sabem que a língua é organizada e separada por classes de palavras, que podem ser combinadas seguindo regras específicas. Além disso é possível considerar e refletir as características e regras que determinam e diferenciam essas categorias por suas propriedades morfológicas, distribucionais e semânticas.

Payne (2006, p. 93) afirma que “na gramática tradicional, as **classes de palavras** são chamadas de “partes do discurso. Toda língua possui pelo menos duas grandes classes de palavras – nomes e verbos”⁹ (grifos do autor). Essa afirmação vai de encontro e concorda com o universal linguístico número 8 proposto por Fromkin, Rodman & Hyans (2010), de que todas as línguas do mundo se organizam em categorias e que, entre elas, nomes e verbos são as maiores classes, presentes em todas as línguas já estudadas. Ainda mais, Payne (2006) aponta que outros tipos de categorias podem ou não estar presentes nas línguas, como adjetivos, advérbios, artigos e tantas outras categorias encontradas nas mais diversas línguas existentes.

⁹ Tradução nossa para “In traditional grammar, **word classes** are called “parts of speech.” Every language has at least two major word classes – nouns and verbs.” (PAYNE, 2006, p. 93).

Fato importante apontado pelo autor *op. cit.* e que deve ser ressaltado é o de que a classe de uma determinada palavra pode variar, principalmente quanto à forma como é utilizada no discurso. Desta feita, quando se torna impossível determinar a classe de uma palavra pelo contexto, há testes que podem e devem ser realizados para que essa classificação seja confirmada.

Shopen (2007) aponta diversas características que vão de encontro com a posição de Payne (2006) quanto às classes e utiliza a nomenclatura de sistemas de partes do discurso. Para Shopen (2007, p. 1), “*partes do discurso* é o termo tradicional utilizado para referir as classes de palavras que são gramaticalmente diferenciadas em uma língua”¹⁰ (grifo do autor). Esta afirmação concorda com a definição proposta por Payne (2006) e ambos os autores trazem informações semelhantes, traçadas sob a mesma perspectiva funcional.

Em suma, a organização da língua em classes é uma característica universal fundamental, que faz com que os falantes, usuários, estudiosos e pesquisadores consigam organizar as informações e sistematizar os dados da língua que utilizam, seja qual for, para uma comunicação eficaz. É como Payne (2006, p. 94) resume, “Classes de palavras são os blocos de construção da estrutura das sentenças”¹¹, ou seja, as classes de palavras se tornam a base que torna forte a estrutura da língua e necessitamos conhecê-las muito bem para que a comunicação ocorra e que a língua seja utilizada de forma correta. Ainda, como reafirmado por Maia (2006, p. 83), “todos os falantes de uma língua, mesmo aqueles que nunca frequentaram a escola, têm o conhecimento de que as palavras pertencem a famílias distintas, reunindo-as, adequadamente, em suas frases”.

Por serem as classes de palavras muito extensas e específicas de cada língua, daremos mais atenção às categorias maiores, apontadas como presentes em todas as línguas do mundo, as classes dos nomes e dos verbos, com foco na Libras. Nossa intenção é a de apresentar os conceitos gerais, as características determinadas pelos autores e aprofundar esses conceitos.

¹⁰ Tradução nossa para “*Parts of speech* is the traditional term form the major classes of words that are grammatically distinguished ina language.” (SHOPEN, 2007, p. 1)

¹¹ Tradução nossa para “Word classes are the building blocks of clause structure” (PAYNE, 2006, p. 94)

5.3.1.1. Nomes

De acordo com Payne (1997), a classe dos nomes é fortemente caracterizada por ser composta por palavras que possuem considerável estabilidade temporal, palavras cujos conceitos não costumam sofrer mudanças extremas com o passar dos anos. Payne (2006, p. 33) complementa essa característica e afirma que “a classe dos nomes, em qualquer língua, inclui palavras que se referem a entidades altamente delimitadas ou individualizadas”¹². Shopen (2007) concorda com essa definição e acrescenta que é na classe dos nomes que aparecem as palavras que denominam e referem pessoas, lugares e coisas.

Quanto às características dos nomes, os autores apontam os aspectos mais relevantes na categorização de uma palavra. Payne (1997, 2006) e Shopen (2007) apontam diversas características definidoras. Todos os autores apontam entre essas características, de ordem morfológica, sintática e semântica:

- a. Estabilidade temporal;
- b. Ocupam a posição de núcleo do sintagma nominal;
- c. Podem ocupar posição de sujeitos ou objetos na sentença;

Quanto aos tipos, os nomes podem ser organizados de formas diferenciadas, de acordo com as regras de funcionamento de cada língua. Para exemplificar as possibilidades de tipos de nomes, Shopen (2007) relata a existência de nomes comuns (utilizados para coisas e pessoas de forma geral) e nomes próprios (utilizados para especificar pessoas, ruas, etc.). Payne (2006) complementa essa informação ao expor que outros tipos possíveis de nomes são capazes ou não de ser possuídos, contáveis ou massivos, e tantos outros. Os autores expõem também que os nomes carregam em si informações de caso, número, gênero e definitude. Além disso, há sempre que se considerar a característica semântica, o conceito que a palavra carrega em si.

Payne (1997) indica ainda o fato de que entre as “características estruturais dos nomes prototípicos estão: (1) a possibilidade de receber modificadores descritivos (o carro **vermelho**), e (2) o uso de pronomes genitivos de caso (**meu** carro)”¹³ (PAYNE, 1997, p. 35). Para além,

¹² Tradução nossa para “The class of nouns in any language includes words that refer to highly bounded or individuated entities” (PAYNE, 2006, p. 94)

¹³ Tradução nossa para “Structural properties of prototypical nouns include: (1) the possibility of taking descriptive modifiers (*the red car*), and (2) the use of genitive case pronouns (*my car*).” (PAYNE, 1997, p. 35)

outros tipos de testes são sugeridos pelo autor, como a possibilidade de pluralização, tomar determinantes, possibilidade de uso de modificadores descritivos, etc. Givón (2001), por sua vez, revela características mais detalhadas de nomes, as quais exporemos mais adiante, por serem consideradas por nós como as mais completas quando da necessidade de uma descrição linguística.

5.3.1.2. Verbos

Em um *continuum*, um verbo prototípico encontra-se no extremo oposto ao nome prototípico. Payne (1997, p. 47) conceitua a classe de verbos como “a categoria gramatical que inclui lexemas que expressam os conceitos menos estáveis no tempo”¹⁴. Isto significa que a classe dos verbos é muito mais instável e propensa a mudanças com o passar dos anos, se comparada aos nomes. Payne (2006, p. 104) acresce esse conceito ao declarar que “verbos prototípicos são palavras que descrevem eventos que produzem mudanças no mundo”¹⁵. Ou seja, a classe dos verbos é aquela “em que se encontram a maior parte das palavras que expressam ação, processo e outros”¹⁶ (SHOPEN, 2007, p. 9). A classe dos verbos, de acordo com Payne (2006), possui características que tendem a expressar categorias conceituais como concordância, valência, tempo/modo/aspecto (TAM), negação, subordinação, nominalização e diversos outros.

Do ponto de vista morfossintático, Payne (1997) afirma que os verbos podem ser divididos em dois grupos: distributivos, que funcionam como núcleo do sintagma verbal, como predicados, além de codificar eventos no texto; e estrutural, relacionadas à estrutura interna do verbo (algumas línguas possuem verbos que concordam com o sujeito, com marcação de tempo/modo/aspecto, etc.).

Semanticamente, verbos podem expressar diversos tipos de conceitos diferentes. Payne (2006) evidencia que os verbos transmitem noções de estado, processo, movimento, posição, ação, cognição, processos de ação, factivos, sensações/sentimentos, emoções e outros.

¹⁴ Tradução nossa para “the grammatical category that includes lexemes which express the least time-stable concepts.” (PAYNE, 1997, p. 43)

¹⁵ Tradução nossa para “Prototypical verbs are words that describe visible events that produce changes in the world.” (PAYNE, 2006, p. 104)

¹⁶ Tradução nossa para “in which occur most of the words that express actions, processes, and the like.” (SHOPEN, 2007, p. 9)

Assim como a classe dos nomes, a classe dos verbos possui características morfológicas, semânticas e sintáticas específicas e bem delimitadas. Apesar de delimitadas, a classificação de uma palavra como nome ou verbo é muito relativa, depende muito do contexto em que ocorre, da forma como foi utilizada, enfim, da forma em relação à função. Givón (2001) apresenta de forma sistemática essas características que diferenciam todas as classes de palavras. Desta feita, dedicamos a sessão seguinte a apresentar as características distintivas de nomes e verbos propostas por Givón (2001).

5.3.2. Características distintivas propostas por Givón (2001)

Entre os diversos e importantes trabalhos de Givón, a obra *Syntax: na introduction*, volumes I e II, do ano de 2001 tem papel de extrema relevância na consolidação de regras e fenômenos sintáticos relacionados às diferentes línguas do mundo, sob o viés da gramática funcionalista.

Na mesma obra, Givón (2001), em seu volume I, capítulo 2, “*The Lexicon: words and morphemes*”, aborda as características fundamentais e distintivas relacionadas às classes de palavras existentes nas línguas. Pontua e distingue as características fundamentais para a distinção e categorização das palavras da língua ao detalhar e fornecer subsídios teóricos para que outros pesquisadores consigam também encontrar esses dados nas línguas que analisam.

Nesta sessão, pretendemos abordar e apresentar a visão de Givón (2001) sobre o léxico da língua, com foco nas categorias de nomes e verbos. Os conceitos apresentados servem como base para que as análises e reflexões sobre as características principais que diferenciam os nomes e os verbos na Língua Brasileira de Sinais, além de contribuir para a discussão sobre essas características de acordo com os dados encontrados.

Antes de apontar as características distintivas, o autor *op. cit.* expressa a diferença, ou as diferenças, entre o vocabulário lexical e gramatical da língua, no qual o vocabulário lexical está relacionado ao conteúdo das palavras, enquanto o vocabulário gramatical possui foco na função dos morfemas gramaticais e derivacionais. Realizada essa distinção, o autor expõe as classes de palavras e seus critérios distintivos, os quais discutiremos apenas aqueles associados às classes dos nomes e dos verbos.

Segundo Givón (2001), três são os principais critérios distintivos:

- a. Critério semântico: envolve os significados comuns de uma classe de palavras;
- b. Critério morfológico: relacionado aos tipos de morfemas, tanto gramaticais quanto derivacionais, que podem ser afixados ou não a determinadas classes de palavras;
- c. Critério sintático: analisa as possibilidades de posição que as palavras de uma determinada classe podem ocupar em uma sentença.

O autor evidencia que mesmo que esses critérios possuam características tão claras, “alguns membros são mais prototípicos”¹⁷ (GIVÓN, 2001, p. 49), ou seja, algumas palavras possuem características mais marcantes de uma determinada classe do que outras. Para além, declara que o critério semântico pode ser considerado universal, o critério sintático possui também alto grau de universalidade, mas é o critério morfológico que melhor detalha a forte diversidade de características entre as línguas.

Para melhor compreendermos as características distintivas propostas por Givón (2001), apresentamos separadamente as características semânticas, sintáticas e morfológicas dos nomes e verbos.

5.3.2.1. Nomes

5.3.2.1.1. Características semânticas dos nomes

De forma geral, a classe dos nomes apresenta uma posição mais estável quanto à estabilidade temporal, o que faz com que os casos mais prototípicos sofram poucas variações com o passar do tempo.

Quanto à concretude, os nomes tendem a ser mais concretos e palpáveis, além do fato de que suas propriedades como cor, tamanho, forma, consistência, entre outros, geralmente sofrem mudanças de maneira lenta. Outras características dos nomes relacionadas à concretude são a animacidade, humanidade e gênero. Os nomes concretos podem ser animados, de acordo com o padrão. Em muitas línguas, o limite entre animado e inanimado, ou humano e não-humano, possui marcações gramaticais em relação ao que predica (nome ou objeto) ou no uso adequado do pronome.

¹⁷ Tradução nossa para “some members are more prototypical” (GIVÓN, 2001, p. 49).

Outra divisão possível que remonta a animacidade de um nome está nos artefatos. O autor aponta que os nomes caracterizados como inanimados também podem ser divididos em entidades naturais (como árvore, pedra ou água) ou artefatos feitos por seres humanos (como casa, faca, carro).

Nomes possuem a capacidade de ser contados, sejam eles concretos ou abstratos. Essa contabilidade pode ser individual ou em massa, cuja diferença está no uso adequado dos quantificadores, dos pronomes e de outros modificadores relacionados à característica de número.

Devido à sua classificação, nomes comuns não fazem referência a entidades individuais, mas a uma classe mais generalizada, como ‘homem’, ‘estado’ ou ‘mês’. Por outro lado, os nomes próprios possuem a capacidade de referir entidades específicas, como ‘João’, ‘Oregon’ ou ‘julho’.

Nas diversas línguas do mundo, para classificar nomes, os usuários costumam utilizar como base características como forma, tamanho ou manipulabilidade, além de suas características socioculturais.

Em síntese, entendemos que as possibilidades e características semânticas que envolvem os nomes são extensas e ricas, sempre com foco no significado que se pretendem transmitir. Os nomes possuem em sua natureza uma menor mutabilidade e variação, o que faz com que sofram menos mudanças com o passar dos anos, porém, dependem muito de fatores socioculturais e da vivência de mundo (cosmovisão) da comunidade de fala de uma determinada língua.

5.3.2.1.2. Características sintáticas dos nomes

Quanto às características sintáticas, os nomes podem se combinar de acordo com duas propriedades: sua função gramatical na sentença e sua função sintática no Sintagma Nominal. A função gramatical na sentença diz respeito à sua posição e ao papel que o nome assume, que pode ser como sujeito, objeto direto, objeto indireto ou predicado. Por outro lado, tecnicamente, o nome pode ocupar o núcleo de um sintagma nominal, cujos demais elementos são considerados e funcionam como modificadores desse núcleo.

5.3.2.1.3. Características morfológicas dos nomes

As características morfológicas podem ser divididas em dois grandes tipos: morfologia gramatical, com aspectos relacionados a marcadores de classe ou gênero, número, uso de artigos, marcadores de caso e pronomes possessivos; e, morfologia derivacional.

Sobre a morfologia gramatical, quanto aos marcadores de classe e gênero, “muitos sistemas de classificação tornaram-se aspectos meramente estruturais, com características da gramática sincrônica aparentemente arbitrárias, com poucos correlatos semânticos”¹⁸ (GIVÓN, 2001, p. 60), ou seja, as marcações realizadas de caso e gênero tem uma função mais estrutural do que ligada à significação. Importante destacar que cada língua possui formas específicas para essas marcações, não havendo regras padronizadas para todas as línguas. Exemplo encontramos na línguas semitas, como o Hebraico, em (71)¹⁹.

(71)

CLASSE	SINGULAR	PLURAL	
MASCULINO	yeled ‘menino’	yelad-im	(animado)
	Sefer ‘livro’	sfar-im	(inanimado)
FEMININO	yald-a ‘menina’	yelad-ot	(animado)
	erets ‘país’	arats-ot	(inanimado)

Givón (2001) aponta que a distinção entre gêneros na língua semita só se mostra relevante nos casos de entidades animadas. Isso demonstra que cada língua se organiza e realiza suas marcações de forma específica e particular.

Sobre a marcação de número, muitas são as línguas em que a ausência de marcação indica o singular, enquanto a marcação morfológica demonstra o plural. Exemplo desse tipo de marcação de plural realizada em algumas línguas é a reduplicação (de parte da palavra, ou da palavra como um todo), como em Ute, uma língua Númica, da família das línguas uto-astecas, em (72)²⁰.

¹⁸ Tradução nossa para “Many classification systems have thus become a mere structural, seemingly arbitrary feature of synchronic grammar, with few semantic correlates.” (GIVÓN, 2001, p. 60)

¹⁹ Exemplo adaptado de Givón (2001, p. 62), exemplo (28).

²⁰ Exemplo adaptado de Givón (2001, p. 64), exemplo (35).

(72)	ta'wách(i)	'homem'	táa-ta'wachi-u	'homens'
	mamách(i)	'mulher'	máa-m(a)chi-u	'mulheres'
	nanápuch(i)	'homem velho'	náa-n(a)puch-i-u	'homens velhos'
	n'achich(i)	'menina'	náa-n(a)'(a)chichi-u	'meninas'

De acordo com o Givón (2001), em (72) ocorre a reduplicação da sílaba inicial de cada uma das palavras e essa reduplicação é responsável pela flexão de número na língua Ute.

Nomes, em sua maioria, utilizam artigos para uma melhor organização sintática, que ocorrem na forma de afixos, sujeitos também à flexão. Isto significa que em algumas línguas é o uso do artigo, definido, indefinido ou marcador de referência, que transforma o sintagma nominal em um clítico. Exemplo dessa representação encontramos no hebraico moderno, representado por Givón (2001, p. 65), em (73)²¹.

(73)	a. Indefinido:	sefer	'livro'
	b. Referente indefinido:	sefer- xad	' um livro'
	c. Referente definido:	ha -sefer	' o livro'

Em (73) Givón (ibid) ilustra a forma como o sufixo e o prefixo podem agir sobre um nome na língua. O sufixo '-xad' em (73b) age sobre o nome 'sefer' com o papel de artigo indefinido, que faz uma referência generalizada a 'um livro', que pode significar qualquer livro. Em (73c) há a ocorrência de um prefixo 'ha-', que aparece com uma função de definitude ao agir como um artigo definido, que se traduz em 'o livro' e se refere a um livro em especial.

Sobre o marcador de caso, este pode ocorrer nos nomes com função sintática, que determina o papel de agente, paciente, instrumento etc., ou com função gramatical, que denota o papel do nome como sujeito, objeto direto, objeto indireto, etc. Exemplo ocorre com as

²¹ Exemplo adaptado de Givón (2001, p. 65), exemplo (38).

preposições do inglês, que podem marcar diferentes tipos de papéis semânticos, mas apenas no objeto indireto, como em (74)²².

- | | | |
|------|-------------------------------------|----------------|
| (74) | a. She stayed in the house | (localização) |
| | b. He went to the store | (direção) |
| | c. He did it for Mary | (beneficiário) |
| | d. He broke it with a hammer | (instrumento) |
| | e. Do it with patience | (modo) |

Em (74) notamos que as preposições (marcadas em negrito) aparecem sempre com funções diferenciadas. Até a mesma preposição, como ‘with’, em (74d) e (74e) podem exercer funções diferentes quando utilizadas em relação a nomes diferentes, como ‘hammer’ (martelo, um instrumento) ou ‘patience’ (paciência, um sentimento).

Quanto aos pronomes possessivos, eles podem funcionar como clíticos quando dentro do sintagma nominal, mas podem também ser representados como afixos. Uma forma de ilustrar encontramos no hebraico bíblico, em (75)²³.

- | | | | | |
|------|--------|--------------------|---------|-----------------------|
| (75) | báyit | ‘casa’ | | |
| | bet-í | ‘minha casa’ | bet-énu | ‘nossa casa’ |
| | bet-xá | ‘sua (Masc.) casa’ | bet-xém | ‘sua (Masc.pl.) casa’ |
| | bet-éx | ‘sua (Fem.) casa’ | bet-xén | ‘sua (Fem. pl.) casa’ |
| | bet-ó | ‘casa dele’ | bet-ám | ‘casa deles’ |
| | bet-á | ‘casa dela’ | bet-án | ‘casa delas’ |

²² Exemplo adaptado de Givón (2001, p. 65), exemplo (40).

²³ Exemplo adaptado de Givón (2001, p. 66), exemplo (44).

Reparamos em (75) que a forma da palavra sofre alteração importante, na forma de clítico, em relação à propriedade do bem, o que relaciona essas alterações ao gênero e ao número a que se quer fazer referência.

Sobre a morfologia derivacional dos nomes, as marcações utilizadas geralmente provocam uma mudança na classificação semântica do item lexical. Os morfemas derivacionais podem ser considerados classificadores semânticos, no qual o *input* é a forma que pertence a uma determinada classe, e o *output* refere-se à classe resultante da derivação. Exemplo interessante de morfologia derivacional ocorre com a língua inglesa, na qual é possível derivar substantivos a partir de verbos, adjetivos a partir de nomes e também substantivos a partir de outros tipos de classes de palavras da língua, como em (76)²⁴.

(76)	<i>Input</i>	<i>Output</i>
a.	derive ‘derivar’	deriv-ation ‘derivação’
b.	kind ‘gentil’	kind-ness ‘gentileza’
c.	king ‘rei’	king-dom ‘reino’

Através do exemplo (76), com base na morfologia derivacional, inferimos que podemos derivar nomes de outras classes gramaticais, como dos verbos, em (76a), dos adjetivos, em (76b) ou até mesmo de outros nomes, como em (76c).

Outra possibilidade de derivação que obtém como resultado nomes encontramos nas composições, em (77)²⁵, possíveis pela união entre nomes (77a), entre um adjetivo e um nome (77b) ou verbo e nome (77c).

(77)	a. bird	-	house
	pássaro		casa
	‘casa de passarinho’		

²⁴ Exemplo adaptado de Givón (2001, p. 67-8), exemplos (46), (47) e (48).

²⁵ Exemplo adaptado de Givón (2001, p. 68), exemplos (49), (50) e (51).

b. blue - blood
azul sangue
'sangue azul'

c. race - car
correr carro
'carro de corrida'

Outra situação, encontrada também no inglês, ocorre da nominalização de sintagmas verbais, que passam a agir na língua como nomes, visto em (78)²⁶.

(78) a. They hunt foxes => fox-hunt
'Eles caçam raposas' 'caçadores de raposas'
b. She commands a company => Company-commander
'Ela comanda a companhia' 'comandante da companhia'

Em (78) ilustramos situações em que uma frase, que contém um sintagma verbal, gera uma incorporação nominal, em função do processo de nominalização, no qual o verbo se junta ao seu modificador e resulta em um nome.

5.3.2.2. *Verbos*

5.3.2.2.1. *Características semânticas dos verbos*

Do ponto de vista semântico, verbos apresentam características bem diferentes dos nomes, além de ocupar, em muitas situações, o núcleo semântico das sentenças. São

²⁶ Exemplo adaptado de Givón (2001, p. 69), exemplo (52).

considerados temporalmente instáveis, visto que “verbos prototípicos codificam mudanças rápidas no estado, condição ou localização espacial de alguma entidade codificada por nomes”²⁷ (GIVON, 2001, p. 52), ou seja, o significado atribuído a verbos modificam rapidamente os aspectos de entidades representadas por nomes, alteram o estado, a condição ou até tocam os objetos de lugar, se necessário.

Quanto a concretude, verbos codificam, assim como os nomes, tanto informações físicas quanto psíquicas, materiais ou imateriais, associadas a algum nome. Em outras palavras, verbos podem codificar ações ou mudanças físicas, além de movimentos no espaço das entidades envolvidas. Complexos, os verbos prototípicos envolvem participantes muito diferentes em diversos aspectos. Givón (2001) ilustra essa complexidade ao alegar que

[...]o evento típico de ‘dar’ envolve alguém que dá (agente), o que é dado (paciente) e um destinatário (dativo), todos distribuídos no espaço, mas individualizados, espacialmente compactos, duráveis temporalmente.²⁸ (GIVÓN, 2001, p. 52)

Ademais, sobre a agentividade e a atividade mental, verbos podem denotar ações, eventos realizados por seres animados, agentes com volição. Outros tipos de verbos envolvem atividades mentais, transmitem informações relativas a estados mentais de seres humanos ou animados. Para além, há verbos que não denotam nem estado nem ação, mas eventos que independem do indivíduo envolvido, como ‘cair’ e ‘deteriorar’, verbos que não estão relacionados à volição ou estado mental dos envolvidos.

5.3.2.2.2. *Características sintáticas dos verbos*

Do ponto de vista da sintaxe, o verbo é, para Givón (2001), não apenas o núcleo semântico, mas também o núcleo sintático da sentença. Além, a semântica do verbo tem papel fundamental para determinar seu comportamento sintático, ou seja, “tipos de sentenças e sua estrutura argumental são determinados pela classe semântica do verbo em seu núcleo” (GIVÓN, 2001, p. 69.).

²⁷ Tradução nossa para “Prototype verbs code rapid changes in either the state, condition or spatial location of some noun-coded entity” (GIVON, 2001, pp.52).

²⁸ Tradução nossa para “[...]a typical event of ‘giving’ involves a giver (agente), a gift (paciente) and a recipient (dativo), all distributed over space and each an individuated, spatially compact, temporally durable entity in its own right.” (GIVÓN, 2001, p. 52)

5.3.2.2.3. Características morfológicas dos verbos

Assim como ocorre com os nomes, a morfologia do verbo se divide em gramatical e derivacional, com aspectos relevantes e que devem ser discutidos. A morfologia gramatical aponta aspectos muito específicos e aponta as características que podem ser descritas a partir dos morfemas afixados aos verbos da língua, enquanto a morfologia derivacional discute as possibilidades de derivação que partem dos verbos e quais tipos de categorias podem receber esses itens derivados.

Na morfologia gramatical, diversas são as características encontradas em relação aos verbos. Podem ser identificados, através da morfologia, aspectos como:

- (i) Tempo, modo e aspecto: sufixos ou prefixos, a depender da língua. Na língua portuguesa, por exemplo, encontramos a flexão de tempo, modo e aspecto na conjugação verbal, como em (79).

- (79) a. Eu com-e-rei
 1sg verbo-1sg.futuro
- b. Você com-e-u
 2sg verbo.2sg.passado
- c. Eles com-e-m
 3pl verbo.3pl.presente

- (ii) Negação: ligados ao verbo ou ao sintagma verbal, ou como afixos. Em Bemba, uma língua Bantu, a negação ocorre como prefixo, visto em (80)²⁹, cujo elemento em negrito ‘ta-’, em (80b), representa um prefixo de negação.

²⁹ Exemplo adaptado de Givón (2001, p.71), exemplo (59).

(80) a. Afirmativa

ba-à-boomb-ele ‘eles trabalharam’

eles-passado-trabalhar-asp

b. Negativa

ta-ba-à-boomb-ele ‘eles não trabalharam’

neg-eles-passado-trabalhar-asp

- (iii) Pronomes que concordam tanto com sujeitos quanto com objetos: concordância verbal. Exemplo ocorre na língua Swahili (Bantu), como em (81)³⁰. Em (81a) ocorre concordância com o pronome relativo ao sujeito, enquanto em (81b) a concordância é com o pronome do objeto.

(81) a. ni-li-soma ‘eu li’

Eu.passado.ler

tu-li-soma ‘nós lemos’

nós-passado-ler

b. wa-li-ni.ona ‘eles me viram’

eles-passado-eu-ver

wa-li-ku-ona ‘eles viram você’

eles-passado-você-ver

- (iv) Valência verbal: morfemas que podem agir no verbo com a intenção de alterar a transitividade, como ocorre em Bemba (Banto), em (82)³¹. Percebemos que os morfemas afixados, destacados nos exemplos, agem nos verbos os mantendo como simples, causativos, passivos, estativos, recíprocos ou reflexivos.

³⁰ Exemplo adaptado de Givón (2001, p.73), exemplos (65) e (66).

³¹ Exemplo adaptado de Givón (2001, p.77), exemplo (72).

(82) a. Verbos simples

a-à-mona ichtabo
ele(a)-passado-ver livro
‘ele(a) viu o livro’

b. Causativa

a-à-mon-**esya** umuana ichtabo
ele(a)-passado-ver-caus criança livro
‘ele(a) mostrou a criança no livro’ ou
‘ele(a) mostrou à criança o livro’

c. Passiva

icitabo ci-à-mon-**wa** (no-omuana)
livro ele-passado-ver-pass (pela criança)
‘o livro foi visto (pela criança)’

d. Estativa

icitabo ci-à-mon-**eka**
livro ele.passado-ver.estativo
‘o livro parecia/estava visível’

e. Recíproco

ba-à-mon-**ana**
eles-passado-ver-ecip
‘eles viram um ao outro’ ou ‘eles se viram’

d. Reflexivo

a-à-i-mona
ele(a)-passado-refl-ver
‘ele(a) viu ele(a) mesmo’

- (v) Marcação de caso: em geral, a marcação de caso ocorre com os nomes, mas há situações em que o caso pode ser marcado com afixos verbais, como em Ute, em (83)³².

(83) a. Padrão simples

mamach(i)	tuaci	magha- pu ga
mulher.S	menino.O	alimentar.rem

‘a mulher alimentou o menino’

b. Com um beneficiário opcional

mamach(i)	ta’wachi	tuachi	magha- ku - pu ga
mulher.S	homem.O	menino.O	alimentar-ben-rem

‘a mulher alimentou o menino para o homem’

- (vi) Definindo morfemas: o uso de artigos, que são tipicamente utilizados como marcadores nominais, mas que podem ocorrer ancorados a verbos, principalmente se pertencerem ao objeto. Em Swahili, em (84)³³, percebe-se que o pronome referente ao objeto se torna o marcador de definição para objetos não-humanos.

(84) a. Objeto indefinido

a-li-soma	kitab <u>u</u>
ele(a)-passado-ler	livro

‘ele(a) leu um livro’

b. Pronome anafórico

a-li- ki -soma
ele(a)-passado-ele-ler

‘ele(a) o leu (o livro)’

³² Exemplo adaptado de Givón (2001, p.77), exemplo (73).

³³ Exemplo adaptado de Givón (2001, p.77-8), exemplo (74).

c. Objeto definido

a-li- ki -soma	kitab <u>u</u>
ele(a)-passado-ele-ler	livro

‘ele(a) leu **o** livro’

- (vii) Marcadores de fala: podem aparecer no discurso como sufixos ancorados aos verbos, em algumas línguas, como a língua Chuave (Papua, Nova Guiné), em (85)³⁴. No exemplo verificamos que um afixo é preso aos verbos ‘ir’, em (85a), e ‘pensar’ em (85b) com a intenção de emitir sentenças com marcadores declarativo e interrogativo, respectivamente.

(85) a. Declarativo

guwai-i	furuwai	bei	de-im- ie
coisas-dem	espalhar	fazer	ir-eles-decl

‘eles(as) estavam espalhando essas coisas’

b. Interrogativo

niki-de	fi-y- o ?
mal-estar	pensar-eu-interrog

‘eu estou nervoso?’

- (viii) Sentenças coordenadas, subordinadas e switch-reference: ocorrem na morfologia verbal, principalmente em línguas do tipo SVO como o Chuave (Papua, Nova Guiné), em (86)³⁵, que mostra como ocorre a marcação morfológica no verbo de subordinação simultânea (86a) e não-simultânea (86b).

³⁴ Exemplo adaptado de Givón (2001, p.78), exemplo (75).

³⁵ Exemplo adaptado de Givón (2001, p.78), exemplo (76).

(86) a. Subordinada, simultânea

ne iki-num moi-n-g-i
você casa-sua ser-você-**sub-sim**
'**enquanto** você estava em sua casa'

b. Subordinada, não-simultânea

kan-i-**k-a-i**
ver-eu-sub-n.sim-dem
'**depois** que eu olhar (para isso)'

(ix) Incorporação de objetos, instrumentos e advérbios: há línguas em que objetos, advérbios e instrumentos podem ser incorporados ao verbo, às vezes até se mesclam ao radical do verbo. Exemplo disso encontramos em Ute, no exemplo (87)³⁶.

(87) a. Objeto referido

Sarichi 'uway paxá-p~~u~~gay-'**u**
Cão.O esse.O matar-rem-**dele**
'ele matou o cão'

b. Objeto não-referido (anti-passiva)

sari-paxa-na-p~~u~~ga
cão-matar-hab-rem
'ele costuma matar cães'

c. Instrumento referido

wiici-m 'uru ch~~u~~k~~u~~r'a-p~~u~~gay-ax
faca.O-instr esse.O cortar-rem-ele
'ele cortou isso com a faca'

³⁶ Exemplo adaptado de Givón (2001, p.79-80), exemplo (78).

d. Instrumento não-referido

wii-chukur'a-na-pugay-ax
faca-cortar-hab-rem-eles
'ele costuma cortá-los com a faca'

e. Advérbio referido

mamaci-pani 'uway paghay'wa-y
mulher.O-como esse.O andar-imed
'ele está andando como aquela mulher'

f. Advérbio não-referido

mama-paghay'wa-y
mulher-andar-imit
'ele está andando como uma mulher'

Nos verbos, características de morfologia derivacional podem estar presentes, embora alguns casos de derivação ocorram de forma não-marcada. Notamos a ocorrência, em (88)³⁷ de casos derivacionais, na língua inglesa, nos quais adjetivos (88a) e nomes (88b) se transformam em verbos com a adição de morfemas específicos.

(88) a. adjetivos em verbos

large => en-large
hard => hard-en
solid => solid-ify

³⁷ Exemplo adaptado de Givón (2001, p.80), exemplos (79) e (80).

b. Nomes em verbos

circle =>	en-circle
energy =>	energ.-ize
circle =>	circul-ate
vaccine=>	vaccin-ate

Ainda no inglês, encontramos casos em que ocorre a derivação, mas de modo não marcado, ou seja, o significado muda de nome para verbo, mas a forma da palavra se mantém, como em (89)³⁸.

(89)	can	can (significando ‘enlatar’)
	water	water (significando ‘aguar’)
	knife	knife (significando ‘cortar com a faca’)
	knee	knee (significando ‘dar uma joelhada’)

Há ainda outro tipo de morfologia derivacional, no qual verbos derivam outros verbos, como ocorre com alguns verbos na língua portuguesa, em (90)³⁹, cujo acréscimo do prefixo ‘des-’ mostra como resultado a forma negativa.

(90)	estabilizar	des -estabilizar
	fazer	des -fazer

Diante de todos esses dados e todas as informações propostas por Givón (2001), notamos que há características semânticas, sintáticas e morfológicas tidas como basilares na distinção entre os nomes e os verbos nas línguas do mundo. Ressaltamos que as informações e os dados sempre se pautam em línguas orais, compostas por sons, morfemas, que juntos criam e modificam conceitos. Assim, refletimos então: Como podemos diferenciar os nomes e os

³⁸ Exemplo adaptado de Givón (2001, p.81), exemplo (81).

³⁹ Exemplo adaptado de Givón (2001, p.81), exemplo (82).

verbos em uma língua visual, que não contém sons, cuja organização visual conta com informações tridimensionais e simultâneas? Por ser essa uma das questões fundamentais de nosso trabalho, dedicamos a sessão seguinte para essas considerações.

5.4. A Libras e suas especificidades morfossintáticas

Diante das informações e dos fenômenos encontrados em nossos dados e de uma reflexão sobre as características expostas e defendidas pelos teóricos apresentados, ponderamos e concluímos que a Libras, por se tratar de uma língua de modalidade diferenciada, com aspectos ímpares, tem em sua organização propriedades específicas e que não podem ser ‘equiparadas’ às das línguas orais.

Notamos que a língua possui um aspecto muito mais analítico pelo principal fato de que possui pouca morfologia. Com isso, os papéis, as categorizações e as definições que permeiam os sinais são estabelecidas principalmente com base nos critérios semânticos, isto é, qualquer categorização depende fortemente do contexto de uso, semântico e pragmático, para compreensão, mais do que de fatores morfológicos. Com isso, concluímos que, na Libras, os sinais referentes a nomes e verbos não se limitam às características impostas pelos manuais de linguística existentes, o que nos faz pensar se devemos ou não acatar esses traços comuns às línguas orais ao descrevermos as línguas sinalizadas. Para nós, a Libras deve ser analisada e detalhada dentro de suas características ímpares, sem se encaixar em um ou outro parâmetro.

Assim sendo, consideramos que, no caso da categorização ou não de um sinal como nome ou verbo na Libras, como exposto nos exemplos em 5.1, há situações e situações a se considerar, quais sejam:

- i. Há na Libras alguns sinais que são utilizados exclusivamente para nomes ou para verbos. Julgamos que em alguns poucos casos específicos a comunidade surda considerou relevante essa diferenciação, o que culminou em uma quantidade muito pequena de sinais diferentes que, não necessariamente, ocorrem por processos morfológicos.
- ii. Muitos sinais da Libras que podem ser utilizados para nomes ou verbos, levam em conta o fator semântico como principal aspecto de diferenciação, porém há casos

em que as relações sintáticas estabelecidas interferem nessa categorização e nos são pistas para uma classificação mais específica.

- iii. Existem situações em que a categorização limitada de nome ou verbo não se aplica ao sinal em Libras, visto que tal ‘enquadre’ não alteraria o sentido da sentença ou da mensagem. Em outras palavras, há sinais que chamamos de ‘eccléticos’, cuja categorização é muito relativa e pautada na maneira como o interlocutor interpreta a estrutura ao qual foi exposto.
- iv. Atentamo-nos ao fato de que muitas características definidoras de nomes e verbos apontadas por Givón (2001) são encontradas nos sinais da Libras, mas a presença das mesmas não serve como fator de diferenciação da mesma forma que ocorre nas línguas orais.

Estes apontamentos nos fazem ponderar a real existência de uma categorização muito limitada e delimitada das palavras de uma língua. Com isso, compreendemos que não podemos, e hipótese alguma, fechar nossos olhos às características especiais e específicas que cada língua possui e que não podemos ver a língua como algo fechado, imposto e ‘quadrado’, mas como um organismo vivo, independente e que se organiza e estrutura com base na forma como seus usuários vivenciam e experienciam o mundo.

5.5. Considerações

Ante todas as informações e dados expostos, podemos considerar que, diferentemente do que foi apontado por outros pesquisadores, a Libras respeita, como qualquer outra língua, os critérios semântico, sintático e morfológico responsáveis por diferenciar as classes de palavras existentes, mais especificamente os nomes e os verbos, apresentados nesta pesquisa. Como apontado anteriormente, as pesquisas realizadas por outros pesquisadores apontavam para uma diferença no movimento dos sinais como elemento chave de categorização. Em nossas análises percebemos que, apesar de ocorrer em alguns casos, não é o parâmetro movimento que diferencia os nomes dos verbos, mas características mais específicas e detalhadas.

Dentre os critérios propostos por Givón (2001), identificamos que o critério semântico se mostra como o principal aspecto a ser considerado na categorização e diferenciação entre

nomes e verbos na Libras. O significado e o contexto são condições básicas para que se consiga distinguir a qual classe pertencem os sinais no momento da sinalização.

Quanto ao critério morfológico, evidenciamos a presença de alguns fenômenos, como a reduplicação, em alguns casos, mas sem um padrão em sua utilização. Isso significa que não é possível estabelecer como regra se o sinal reduplicado é um nome ou um verbo, pois percebemos a presença, como apontado por Pagy (2012), de ambos os casos. Identificamos também que em diversas situações, quando há necessidade de se reforçar ou diferenciar de forma mais evidente a classificação, os surdos escolarizados utilizam o recurso do *mouthing* junto com a realização do sinal específico. Outro momento em que a única categorização possível é a verbal se dá nas negações, como apresentado. Situações que envolvem um sinal que pode servir para nome e verbo, caso seja realizado com negação, será relacionado à forma verbal.

Por fim, quanto ao critério sintático, observamos situações diversas em que a categorização é possível em função da posição sintática ou da relação estabelecida com os outros elementos da sentença. Percebemos que o uso dos pronomes da Libras, principalmente os pronomes pessoais e possessivos, exercem forte influência na classificação a ser dada a um sinal, como nome ou verbo. Constatamos que nos casos em que a sinalização envolve concordância ou direcionalidade, a classificação dada é a verbal, sendo os sinais nominais realizados no espaço neutro, à frente do sinalizante. Notamos também que há casos em que a semântica do sinal que antecede o outro na sentença, ou seja, nos casos em que é realizado um verbo de ação antes de um sinal que pode ser utilizado tanto para nome quanto para verbos, a interpretação mais forte possível é a nominal.

Apesar de identificarmos e delimitarmos distintas características que influenciam na categorização do sinal, há situações em que o sinal utilizado pode significar tanto um nome quanto um verbo, sem interferir na interpretação ou no significado da sentença, do discurso, como ocorre com os sinais que chamamos de ‘ecléticos’. Como observado, os sinais considerados ‘ecléticos’ podem ser classificados como nomes ou como verbos em uma mesma sentença, em uma mesma situação, sem que essa classificação interfira no sentido e no conteúdo expresso, a depender da interpretação dada no momento pelo interlocutor.

Por fim, em nossos dados foram encontradas diversas outras características morfossintáticas na Libras que contribuem com essa maneira diferenciada de olhar e analisar a

língua. Para tanto, dedicamos o capítulo seguinte à descrição desses achados e sua descrição detalhada.

Capítulo 6. A constituição e as características do predicado em Libras

Neste capítulo, discutiremos os tipos de predicado encontrados em Libras. Iniciamos nossa discussão com a apresentação da noção e do conceito de predicado, seguido pelos tipos de predicados encontrados na Libras. Na sequência realizamos um paralelo com a literatura existente sobre os predicados verbais e não verbais, o que fortalece nossas hipóteses. Após, discorreremos sobre a interferência dos tipos de predicado existentes na Libras e a tipologia de ordem encontradas, além da relação destas propriedades com a hipótese de que existe uma possibilidade de classificação da língua com o tipo omnipredicativo.

6.1. O predicado em Libras

Durante as séries iniciais do ensino fundamental os estudantes em geral são ensinados na escola que predicado é: “[...] tudo aquilo que se diz do sujeito” (CUNHA & CINTRA, 2016, p. 136); “[...] o comentário da comunicação, é tudo o que se diz na oração, ordinariamente o que se diz do sujeito” (BECHARA, 2018, p. 48); “aquilo que se diz do sujeito” (ROCHA-LIMA, 2011, p. 288); “é aquilo que se declara do sujeito” (CEGALLA, 2008, p. 324), e outras definições semânticas de predicado. Além disso, se aprende que todo predicado tem um verbo como núcleo. Ou seja, para ser considerado predicado, seja ele verbal ou verbo-nominal, o verbo é o centro das atenções, o que torna impossível pensar-se em predicado cujo núcleo não seja um verbo.

No ensino de português como segunda língua para surdos não é diferente. Aos surdos são ensinadas as nomenclaturas que constam nas gramáticas normativas, o que gera uma falsa ideia de que o funcionamento da Libras é similar ao do português. Neste contexto, faz-se necessário buscar entender o que é predicado e descrever seu funcionamento em Língua Brasileira de Sinais (Libras).

6.1.1 Sobre a noção de predicado

Há na literatura autores que definem predicado como “[...] o que designa uma propriedade ou uma relação” (DIK, 1989, p. 50), como “[...] uma propriedade de um referente”

(PAYNE, 1997, p. 63) ou como “[...] o elemento que define o tipo de situação e os papéis” (PAYNE, 2007, p. 135). Resumindo, em linhas gerais, o predicado é considerado uma propriedade ou uma característica que uma determinada entidade pode ou não ter. O predicado pode ser definido como a principal informação, o aspecto semântico mais relevante em uma oração, que pode ou não ser um verbo. Em outras palavras, o predicado é o núcleo semântico da sentença.

Para que possamos compreender como o predicado se apresenta na Língua Brasileira de Sinais, inicialmente precisamos entender o conceito de predicado, para, aí sim, conseguirmos identificá-lo com base nos nossos dados e na organização das sentenças da língua.

Autores como Payne (1997) e Shopen (2007) afirmam que em diversas línguas existem predicados que não tem um verbo como núcleo. São línguas nas quais outras classes de palavras como nomes, adjetivos, preposições e advérbios podem exercer a função de predicado, mesmo sem a presença de um verbo que funcione como núcleo de predicado, como em (91)¹.

- (91) a. Frieda is a teacher ‘Frieda é uma professora’
b. John is tall ‘John é alto’

Em (91) é possível observar a ocorrência de predicados considerados nominais, expostos por Payne (1997, p. 111-112), isto é, predicados formados por um nome, não por um verbo. Em (91a) o autor evidencia que mesmo com a presença de um verbo, ‘is’ (‘ser’), do inglês, este não possui valor semântico para exercer o papel de predicado. Isto é, mesmo com um verbo presente na sentença, não é ele quem detém a informação principal. Além disso, o nome ‘Frieda’ está relacionado semanticamente não ao verbo, mas ao nome ‘*teacher*’ (‘professora’). Em (91b) pode-se notar uma relação semelhante a (91a), com a diferença de que a informação principal, o predicado, é o adjetivo ‘*tall*’ (‘alto’), uma característica determinada, que necessita de um argumento, ‘John’.

Outros tipos de predicados nominais são encontrados em outras línguas do mundo, como no hebraico, em (92)².

¹ Exemplos adaptados de Payne (1997, p. 111-112)

² Exemplo adaptado de Givón (2001, p. 121)

(92) a. Hu rafev
 Ele fome
 ‘Ele está com fome’

b. Hi mora
 Ela professora
 ‘Ela é professora’

Diferente do que acontece em (91), em (92) são apresentados casos de predicados nominais em que não há a presença de um verbo de ligação, isto é, casos em que ocorre a ausência de cópula. Em (92) as sentenças são formadas com a presença de um pronome pessoal e de um nome, sem nenhum item que faça menção ou referência a uma noção verbal. Este tipo de construção ratifica a possibilidade de que línguas tenham tipos de predicados não-verbais e que estes podem ser realizados sem a presença de verbos de ligação, ou verbos copulares.

Sobre o predicado verbal, Payne (2006) destaca os diversos aspectos a serem considerados, como a transitividade dos verbos da língua. Para o autor, “a distinção mais básica entre predicados verbais é talvez aquela entre predicados intransitivos e transitivos”³ (PAYNE, 2006, p. 250). Em outras palavras, os predicados verbais podem ser diferenciados com base na quantidade de argumentos necessários para cada tipo de verbo, sendo um argumento para os verbos intransitivos, e dois ou mais argumentos para os verbos transitivos, como em (93)⁴.

(93) a. Mary slept ‘Maria dormiu’
 b. Percival ate beans ‘Percival comeu feijões’

³ Tradução nossa para “The most basic distinction among verbal predicates is perhaps that between intransitive and transitive predicates” (PAYNE, 2006, p. 250)

⁴ Exemplos adaptados de Givón (2001, p. 111) e Payne (2006, p. 105)

Em (93) podemos visualizar a realização de duas diferentes sentenças com predicados verbais no inglês. Em (93a) o predicado é o verbo ‘*slept*’ (‘dormiu’), que é um verbo intransitivo e necessita apenas de um argumento, o sujeito ‘*Mary*’. Em (93b) encontramos como predicado o verbo ‘*ate*’, ‘comer’ em português, que é transitivo e necessita de dois argumentos para que a informação esteja completa, quais sejam ‘*Percival*’, o sujeito que ‘come’, e ‘*beans*’ (‘feijão’), o objeto ‘comido’.

Negrão, Scher & Viotti (2002) compreendem o conceito de predicado de modo diferente, mas esclarecem dúvidas e conflitos que geralmente despertamos quando aprendemos uma língua como a Libras. As autoras definem o predicado como “[...] itens capazes de impor condições sobre os elementos que com eles compõem o constituinte do qual são núcleos” (NEGRÃO, SCHER & VIOTTI, 2002, p. 100), ou seja, o predicado é o núcleo da informação semântica que seleciona a quantidade de participantes necessárias (os argumentos) para que a sentença esteja completa. Para além, as autoras defendem que o predicado, em uma visão canônica, é basicamente verbal, porém outros elementos como nomes, preposições, adjetivos e até mesmo advérbios podem exercer função predicativa. Em outras palavras, não apenas os verbos, mas outras classes de palavras da língua “são itens capazes de impor condições sobre elementos que com eles compõem o constituinte do qual são núcleos” (NEGRÃO, SCHER & VIOTTI, 2002, p. 100). Assim as autoras determinam e defendem que há dois tipos de fatores que impõem forte influência sobre os predicados, fatores semânticos e sintáticos. Entre os fatores semânticos estão os papéis temáticos atribuídos aos argumentos⁵, enquanto a sintaxe tem como base a estrutura da sentença exigida de acordo toda a carga semântica associada ao predicado, isto é, refere-se a todos os argumentos necessários e obrigatórios a um dado predicado.

Na Libras também é possível encontrar diferentes tipos de predicados. Em sua estrutura observamos a realização de predicados com núcleos verbais, nominais e adverbiais, todos com aspectos e características muito específicos. Em função dessa diversidade e da necessidade de uma melhor descrição, dedicamos as sessões que seguem aos tipos de predicado que podemos identificar na Língua Brasileira de Sinais.

⁵ Argumentos são definidos por Negrão, Scher & Viotti (2002, p. 97) “como os elementos que são capazes de satisfazer suas exigências e que desempenham papéis específicos determinados por ele”, ou seja, envolve todos os elementos que o predicado necessita demonstrar claramente para que esteja completo.

6.1.2. Predicado verbal em Libras

O predicado verbal é o tipo mais ‘clássico’ de predicado e está presente em sentenças em cuja informação principal está centrada no verbo, e isto ocorre em todas as línguas do mundo. Como apontado anteriormente, durante nossa vida escolar aprendemos que o predicado gira em torno de um verbo e que o verbo é, sempre, o predicado designado a um dado sujeito.

Para Negrão, Scher e Viotti (2002), o verbo com valor de predicado possui em sua constituição a capacidade de determinar aspectos como a quantidade de participantes envolvidos na situação que ele representa, características dos participantes e os papéis desempenhados por cada um. O verbo enquanto predicado carrega em si informações relevantes, porém, como há outros tipos de predicados possíveis nas línguas do mundo, há que se considerar a necessidade de descrever os predicados verbais com suas características, para entendermos como eles se manifestam na Libras. Observe os exemplos a seguir:

(94) a. <IX(eu) FAZER-NADA>

‘Eu não faço nada’ ou ‘Fico esperando’.

< <https://youtu.be/HbmpyqVd7s0> >



b. <IX(eu) FAZER COISAS>

“Eu faço várias coisas.”

< <https://youtu.be/EyiLSNTkhak> >



(95) <IX(eu) PERGUNTAR-VOCÊ>

‘Eu pergunto para você’



< <https://youtu.be/y9ZLYZjr5NI> >

Em (94a) o verbo ‘FAZER-NADA’, na Libras, é um verbo simples⁶, que não possui direcionamento a nenhum referente, ou seja, um verbo intransitivo. É realizado com um único sinal, que transmite a noção de ‘fazer nada’, e necessita apenas de um argumento, o participante único solicitado pelo verbo, o pronome ‘IX(eu)’. Diferentemente de (94a), em (94b) temos o verbo ‘FAZER’, que é realizado com um sinal diferente, relacionado a ‘fazer coisas’, com a seleção necessária de dois argumentos. A grande diferença está na seleção de argumentos do verbo ‘FAZER’. Em (94a) e (94b) são realizados sinais diferentes, para o verbo ‘fazer’, sendo que em (94a) o ‘FAZER-NADA’ refere-se ao ato de ‘ficar à toa’, que também não é um predicado adverbial. Em situações em que o verbo fazer envolve o ato, a atividade de fazer algo (mesmo que seja a resposta do tipo ‘não fiz nada’, em uma pergunta como ‘O que você fez?’), é utilizado o mesmo sinal de (94b). Notamos assim que há uma certa diferença no contexto de uso dos sinais de ‘FAZER’ e ‘FAZER-NADA’.

No exemplo (95), o verbo ‘PERGUNTAR-VOCÊ’ é um verbo transitivo, mesmo com a realização de um sinal único, pois nota-se a presença de dois argumentos expostos, o argumento interno ‘IX(você)’, marcado com a direcionalidade do verbo e com o ponto final do movimento, e o argumento externo, representado também por um pronome, ‘IX(eu)’, determinado pela posição final do movimento do sinal. Este tipo de realização é evidente em outros tipos de verbos com concordância na Libras, como expostos no capítulo 5, visto que há sempre a marcação de um dos referentes no início ou no final do movimento.

Há que se considerar ainda, quanto aos argumentos, que há na Libras situações em que predicados apresentam a necessidade de seleção de três argumentos. Lourenço (2016), retrata que a ocorrência de três argumentos é comum em situações que envolvem os verbos

⁶ Como exposto no capítulo 5, verbos simples são verbos que, em sua realização, não possuem nenhuma característica de concordância e que são realizados da mesma forma e com a mesma localização, independente do referente ou da pessoa do discurso. Por sua vez, o verbo com concordância é aquele que indica ou faz referência aos participantes do discurso em sua realização.

bitransitivos e que estas ocorrem quando a semântica do verbo envolve transferência de posse. Concordamos com o autor e refletimos que, de fato, há na língua a necessidade de uma contextualização e que essa presença de três argumentos ocorre de maneira mais evidente quando necessitamos estabelecer ou expor os referentes para a transmissão da informação, como em (96).

(96) a. <J-O-Ã-O M-A-R-I-A LIVRO DAR_(direcional)>

‘João deu o livro para Maria’

< https://youtu.be/gek_fEcKnv4 >



b. <P-A-U-L-O FILHO FUTEBOL ENSINAR>

‘Paulo ensinou futebol ao seu filho’

< <https://youtu.be/BpCV4yQmADc> >



As situações expostas em (96) envolvem verbos com uma semântica que denota transferência, o que, nos casos expostos, necessita da exposição de três argumentos. Em (96a) o predicado é composto pelo verbo ‘DAR’, que envolve uma pessoa que dá algo, uma que recebe e o objeto que é dado, ou seja, o argumento externo ‘João’, o argumento interno ‘livro’, e um complemento ‘livro’, que evidencia a transferência de posse do livro de um referente a outro. Em (96b) notamos que há, da mesma forma, a transferência de posse, porém com certa abstração quanto à semântica, visto que a transferência de conhecimento não é física e palpável. Neste o argumento externo ‘Paulo’ transfere o conhecimento, ‘ensina’, ‘futebol’, que é o argumento interno, ao seu ‘filho’, que é o complemento.

Assim, quanto à transitividade, observamos que na Libras, assim como nas demais línguas, há situações que necessitam de uma quantidade diferenciada de argumentos para que a informação seja compreendida, que o dado esteja completo.

Devido à ocorrência de predicados verbais com frequência, constatamos a ocorrência de um tipo específico de construção, com sequência de verbos. Com base nessa análise inicial e em função de alguns tipos de construções encontradas em nosso *corpus*, refletimos que a Libras pode também conter em sua estrutura construções com sequências de verbos. No capítulo 5, o exemplo (67b), reproduzido abaixo como (97), foi o ponto de partida para analisarmos e postularmos a presença deste tipo de sentença

(97) <EU ESCOLA IX(lá) EU **FAZER COZINHAR** PÃO FAZER IX(lá) ESCOLA>

‘Na escola eu **faço comida**, pão. Faço de tudo lá na escola!

ou

Na escola eu **cozinho**, faço pão. Faço de tudo lá na escola’



< <https://youtu.be/JusF6XdpyWU> >

No exemplo (97) é possível identificar a realização dos verbos ‘FAZER’ e ‘COZINHAR’ em sequência, com a prevalência de significado apenas do verbo ‘FAZER’. Neste caso o verbo ‘COZINHAR’ está presente, é sinalizado, seu significado pode remeter à ‘ação de cozinhar’ ou a ‘comida’, mesmo que haja um sinal específico para ‘comida’. Interessante observar que mesmo com esses significados aparentemente diferentes, ambas as interpretações remetem a noções verbais ao ato de cozinhar, isto é, mesmo que o sinalizante utilize dois ou mais verbos, o resultado da sequência verbal é um único predicado, um predicado verbal.

Sequências verbais são muito produtivas em Libras. Contudo, há que se observar diferentes tipos de sequências verbais, ou seja, apesar de apresentar uma série de verbos, estes apresentam funcionamentos distintos, conforme pode ser verificado nos exemplos a seguir.

A sentença em (98) é bastante recorrente na comunidade surda e muito utilizada pelos sinalizantes. Na sequencialização entre os verbos ‘TER’ e ‘VIVER’, a encadeação dos verbos produz um novo significado, de ‘presença’, ‘estar presente’. Este tipo de combinação pode e é utilizado em contextos diversos, inclusive em perguntas, quando queremos saber se alguém está ou não em algum lugar, isto é, pode ser utilizado, da mesma maneira e com a mesma forma, tanto em sentenças afirmativas quando em outros tipos, como interrogativas, exclamativas e outras.

(98) <IX(eu) **TER VIVER** FESTA>

‘Eu **estava** na festa’



< https://youtu.be/zx-4_mSmqTc >

(99) a. <**PRECISAR ENTRAR ASSOCIAÇÃO SINALIZAR VER INFORMAR-MIM MENTE-ABRIR**>

‘**Precisa ir** à associação, conversar em Libras, **obter informações para abrir a mente.**’



< <https://youtu.be/CN1fO51ZbnM> >

b. <**ENTÃO CONVERSAR DIALOGAR NOVIDADE TER COISA IX(você)**>

‘Então, vamos **conversar**. Você tem alguma novidade?’



< https://youtu.be/ePHmSpr_yTs >

c. <IX(ele) INLCUSÃO PARECER DESAFIAR TENTAR>

‘A inclusão **parece tentar desafiar** a pessoa.’



< <https://youtu.be/DRFyuLUJQaU> >

Em (99), como pode-se observar que há mais de um verbo na sentença, compondo-se uma sequência verbal. Em (99a), a primeira sequência encontrada é ‘PRECISAR ENTRAR’, no qual o verbo *precisar* exprime um tipo de modalidade, enquanto o verbo principal entrar é modificado por ele. Parece-nos que o verbo ‘precisar’ em tal construção funciona como um verbo auxiliar. Para mais, na sequência ‘SINALIZAR VER INFORMAR-MIM MENTE-ABRIR’ que são todos sinais com noção verbal, o componente ‘VER INFORMAR-MIM’ gera um conteúdo único, ‘obter informação’, ou se informar, cujo funcionamento é semelhante aos exemplos (97) e (98). Quanto aos demais componentes da sentença, cada sinal mantém seu significado, que representam predicados diferentes. Em (99b) encontramos o caso em que a junção dos sinais verbais ‘CONVERSAR’ e ‘DIALOGAR’, pertencentes a um mesmo campo semântico, se fundem e transmitem a noção de ‘conversar’, que os torna um predicado único também. Por fim, em (99c) encontramos a sequência de verbos ‘PARECER DESAFIAR TENTAR’, na qual todos os significados se mantêm e representam predicados diferenciados. Esses tipos de realização nos mostram que na Libras é possível que se combinem sinais com noções verbais em diferentes contextos e de maneiras diferenciadas. Estas combinações podem se fundir e criar um predicado único, ou, de acordo com a intenção e a semântica, podem expor diferentes predicados. Para além, o fator semântico, mais uma vez, está fortemente presente e o contexto sempre se faz situação *sine qua non* na compreensão dos discursos em Libras.

Como pôde ser observado, identificamos assim a possível presença na Libras de verbos seriais, pois identificamos casos em que, mesmo que sejam representados nas sentenças mais de um sinal verbal, formam um único predicado. De acordo com Payne (1997, p. 307), “uma sentença com verbo serial contém duas ou mais raízes verbais que não funcionam como uma

composição e nem como partes de sentenças separadas”⁷, *i. e.*, uma única sentença composta por mais de um verbo que não tem características de composição. Haspelmath (2016, p. 292) amplia essa definição ao identificar “uma construção com verbo serial como uma construção com uma sentença com múltiplos verbos sem um elemento de ligação entre eles e sem uma relação predicado-argumento entre eles”⁸. Para o autor, uma construção com verbo serial não é apenas a junção ou realização de mais de um verbo em uma sentença, mas essa combinação contém características específicas, fora da relação entre argumento e predicado e com verbos que, em outras situações, podem apresentar significados diferenciados. Exemplo de verbo serial encontramos em (100)⁹.

(100) **Run go get** me a newspaper.

‘Corra e pegue um jornal para mim’

O uso de três diferentes verbos na sentença em (100) demonstra um tipo de construção com verbo serial, na qual o verbo ‘run’ possui em si o significado de ‘correr’, enquanto a combinação ‘go get’ remete a ‘pegar’. Como destacado por Payne (2006), reforçado por Haspelmath (2016), do ponto de vista semântico, as sentenças com verbos seriais em geral denotam significados distintos, diferentes daqueles que denotam quando utilizados em outros tipos de construções, nas quais manifestam seu significado original.

Por outro lado, há sentenças que são organizadas em cadeia, chamadas de switch-reference. Para Payne (2006, p. 30), “em diversas línguas do mundo há uma tendência de ligar sentenças em cadeias no discurso. Tais cadeias consistem em uma sentença independente, e uma ou mais sentenças dependentes que são ligadas umas às outras morfologicamente”¹⁰. O autor aponta que switch-reference é um desses sistemas morfológicos comuns nessas sequências e ligações encadeadas. Diante disso, resta-nos refletir se esse tipo de sequencialidade

⁷ Tradução nossa para “A serial-verb construction contains two or more verb roots that are neither compounded nor members of separate clauses” (PAYNE, 1997, p. 307).

⁸ Tradução nossa para “...a serial-verb construction as a monoclausal construction consisting of multiple independent verbs with no element linking them and with no predicate-argument relation between the verbs” (HASPELMATH, 2016, p. 292).

⁹ Exemplo adaptado de Payne (2006, p. 289), grifo do autor.

¹⁰ Tradução nossa para “In many languages of the world there is a tendency to link clauses together into chains in discourse. Such chains consist of one independent clause, and one or more dependent clauses that are linked to one another by the morphology that they exhibit. (PAYNE, 2006, p. 300).

pode ser considerado verbo serial ou não. Para tanto, fundamental se faz um estudo mais aprofundado sobre essas sequências de verbos e sobre os resultados gerados por esse tipo de construção.

Assim como ocorreu em (99c), a Libras possui outros tipos de construção com verbos em sequência, mas em cujo resultado e a interpretação ocorrem de forma diversa, em múltiplos predicados. Notamos que há na língua sentenças de diversos tipos, compostas por sequências de verbos no qual cada um possui seu significado exposto, como em (101).

(101) a. <COMUNICAR CONVERSAR INTERAGIR ACOSTUMAR INFÂNCIA NORMAL>

‘[O surdo] se acostuma, a se comunicar, conversar, interagir, desde a infância, naturalmente.’



< https://youtu.be/HWZSG9kB_ss >

b. <POSSÍVEL DESENVOLVER INTERAGIR APOIAR SIGNIFICAR APOIAR DESENVOLVER APOIAR INTERAGIR PESSOA>

‘É possível sim! Pode se desenvolver, interagir, apoiar e receber apoio dos outros.’



< <https://youtu.be/Xeq4TPIZAVg> >

Em (101) podemos notar que cada verbo presente na sentença tem seu significado próprio, ou seja, cada verbo corresponde a um predicado específico. Em (101a) são apresentados os verbos ‘COMUNICAR’, ‘CONVERSAR’, ‘INTERAGIR’ e ‘ACOSTUMAR’. Todos esses verbos se mostram semanticamente relacionados, todos relativos à comunicação humana, e se apresentam com características de orações coordenadas, isto é, sintaticamente independentes. Em (101b) encontramos os verbos ‘DESENVOLVER’, ‘INTERAGIR’,

‘APOIAR’ e ‘SIGNIFICAR’. Neste caso não são verbos que estão dentro de um mesmo escopo semântico, isto é, seus significados estão entrelaçados em uma oração única, esses significados dependem da relação entre os sinais apresentados para que possam transmitir a real intenção do sinalizante.

Em resumo, há situações em que os verbos em sequência se fundem e correspondem a um significado unificado, um predicado único, e outros casos em que todos os significados são expostos, o que resulta em orações coordenadas e subordinadas. Pressupomos que essa sequencialidade ocorre na Libras devido à sua maneira diferenciada de se organizar. Em nossa interpretação essas construções ocorrem porque a Libras é uma língua cujo uso do espaço tem um papel fundamental e por possuir uma maneira visual de estabelecer os referentes e se organizar sintaticamente, a sinalização respeita todo um contexto e uma estruturação que permite aos interlocutores que compreendam o que é dito e sobre quem, sem que os referentes precisem ser repetidos constantemente.

6.1.3. Predicados Não-Verbais

Apesar de aprendermos, como citado anteriormente, que o predicado é basicamente composto por um verbo, encontramos nas diversas línguas do mundo a ocorrência de predicados não-verbais. Como afirmado por Dik (1997, p. 193) “provavelmente em todas as línguas do mundo, no entanto, há também constituintes não-verbais que podem exercer uma função predicativa”¹¹. Isto ocorre porque há diversos casos em que outras classes de palavras exercem a função nuclear de transmissão semântica de informação e, muitas vezes, quando há um verbo na sentença, os chamados verbos de ligação, estes são esvaziados de informação semântica e se fazem presentes apenas para que a estrutura básica da língua seja mantida.

Entre os tipos de predicados não-verbais, Dik (1997) e Shopen (1997) apontam existirem predicados nominais, adjetivais e adverbiais, ou seja, há outros itens lexicais, diferentes dos verbos, que assumem o papel predicativo em sentenças. Consideramos, nos casos encontrados, que os predicados compostos por adjetivos se enquadram na categoria de predicados nominais, visto que os adjetivos também podem ser considerados como parte da classe dos nomes.

¹¹ Tradução nossa para “In probably all languages, however, there are also non-verbal constituents which can be used in predicative function” (DIK, 1997, p. 193).

Em Libras podem ser observadas situações em que os núcleos de predicados podem ser compostos por itens lexicais pertencentes às diferentes classes de palavras, como em (102) e (103).

(102) a. <IX(eu) MÉDICO>

‘Eu sou médico’

< <https://youtu.be/Ght1ACmKs38> >



b. <IX(ela) LOJA DONA>

‘Ela é a dona da loja’

< <https://youtu.be/fO6qmdabf5U> >



Em (102) verificamos a ocorrência de predicados compostos exclusivamente por nomes. Em (102a) notamos a realização de um predicado nominal, composto por ‘MÉDICO’. Em (102b) também é exposto um predicado nominal, composto pelo sintagma nominal ‘LOJA DONA’, que significa ‘dona da loja’. Em ambas as situações reconhecemos que não há nenhum tipo de realização verbal e que o núcleo do predicado é formado por um item lexical da categoria dos nomes.

(103) a. <IX(ele) BONITO>

‘Ele é bonito’



< <https://youtu.be/E9dKrIWAL9k> >

b. <CASA ROSA>

‘A casa é rosa’



< <https://youtu.be/FtBj5dDyqNs> >

Diferentemente de (102), em (103) verificamos que os predicados expostos são representados por adjetivos, quais sejam ‘BONITO’ em (103a) e ‘ROSA’ em (103b). Isto é, em ambos os casos a informação mais importante expressa na sentença é uma característica de algo, um adjetivo. Para além, assim como em (102), notamos que não há na sentença a realização de nenhum tipo de sinal verbal, nenhum verbo de ligação ou cópula.

Ainda mais, atentamo-nos ao fato de que nos casos dos predicados compostos por nomes e por adjetivos, o comportamento de ambos é semelhante, não há diferenças entre as categorizações de nomes e adjetivos, assim como não encontramos divergências entre a composição de predicados nominais e adjetivais, o que nos leva a considerar ambos como nominais. Em outras palavras, por não encontrarmos nenhuma evidência de desempenho diferenciado, tratamos os predicados compostos por nomes e por adjetivos como ‘predicados nominais’.

Sobre os verbos copulares, ausentes nas sentenças em Libras expostas em (102) e (103), por exemplo, destacamos que em línguas diversas estes existem para carregar em si informações flexionais relacionadas a tempo, modo e aspecto, porém em Libras isso não ocorre, visto que tempo e modo são fenômenos ligados à oração. Outrossim, essa manifestação morfológica de

flexão não está presente nos verbos da língua, mesmo nos casos em que o predicado é verbal. Deste modo, na Libras, podemos afirmar que não há realização de verbos copulares em suas construções sintáticas.

Outro aspecto que destacamos quanto a (102) e (103) é que, do ponto de vista semântico, estamos lidando com orações equativas e inclusivas. Payne (1997) define as orações equativas como “aquelas que afirmam que uma entidade (o sujeito da sentença) é idêntica à entidade especificada no predicado nominal”¹² (PAYNE, 1997, p. 114), ou seja, aquele tipo de oração no qual o sujeito e o predicado apontam para a mesma entidade. Praça (2007) defende que orações equativas são aquelas que “expressam uma relação de identidade” (PRAÇA, 2007, p. 193). Sobre as orações inclusivas, Payne (2007, p. 114) as define como “aquelas cuja entidade específica é declarada parte da classe de itens especificados no predicado nominal”¹³. Nas palavras de Praça (2007, p. 193) as orações inclusivas “expressam a inserção de determinada entidade em um conjunto”. Isto significa que as orações equativas, em (104), evidenciam uma ligação direta, identitária entre o sujeito e o predicado, enquanto as orações inclusivas, em (105), geram uma relação de pertencimento a um determinado grupo.

(104) a. <XI(ele) PAI IX(meu)>

‘Ele é meu pai’



< https://youtu.be/OK_fp7nkJIQ >

¹² Tradução nossa para “...are those which assert that a particular entity (the subject of the clause) is identical to the entity specified in the predicate nominal” (PAYNE, 1997, p. 114).

¹³ Tradução nossa para “...is when a specific entity is assert to be among the class of items specified in the nominal predicate” (PAYNE, 1997, p. 114).

b. <P-E-D-R-O IRMÃO IX(meu) NÃO-SER>

‘Pedro não é meu irmão’



< https://youtu.be/c_7hVV9F-gg >

(105) a. <PASSADO J-O-Ã-O PROFESSOR>

‘João era professor’



< <https://youtu.be/Y4VHnhykEqk> >

b. <IX(eu) FISIOTERAPIA NÃO-SER>

‘Eu não sou fisioterapeuta’.



< <https://youtu.be/Y9rpk9hEkqc> >

Em (104a) observamos uma sentença equativa, na qual o sujeito, representado pelo pronome ‘XI (ele)’, é a mesma entidade a que se refere o objeto ‘PAI IX (meu)’, o que significa que não há nenhuma possibilidade ou nenhuma outra entidade que possa assumir o papel de ‘meu pai’, apenas aquele ao qual se refere o sujeito. Em (104b) é apresentada a forma negativa de uma oração equativa, na qual em um grupo específico e determinado de ‘irmãos’, ‘Pedro’ não se enquadra. Destacamos o fato de que, nas equativas apresentadas em (104a-b), a mudança na ordem entre o pronome possessivo e o predicado, é livre, e não provoca mudanças no

significado. Em outras situações é necessário que uma análise mais detalhada seja realizada, caso a caso, visto que a mudança de ordem pode especificar alguma ênfase.

Em (105) lidamos com situações em que as orações são do tipo inclusivas. Em (105a) o sujeito ‘J-O-Ã-O’ é apontado como membro de um grupo específico de itens caracterizados como ‘PROFESSOR’, ou seja, em um grupo de professores, João é um sujeito participante, João se inclui na categoria de professor. Para além, a sentença tem uma denotação de tempo, ‘PASSADO’, que é exposto com o acréscimo de um novo item lexical. Em (105b) é exposta uma sentença equativa do tipo negativa, na qual em um grupo maior de pessoas que poderiam se enquadrar na profissão de ‘fisioterapeutas’, o sujeito ‘IX(eu)’ não faz parte.

Ressaltamos que, nos exemplos em (104) e (105), as orações são compostas por dois sintagmas nominais justapostos e que estão sintaticamente organizadas para marcar o sujeito como o primeiro sintagma e o predicado como o segundo. Percebemos nos exemplos apresentados que as orações equativas e inclusivas, do ponto de vista morfológico e sintático, ocorrem da mesma maneira, sem diferenciação. Sobre a mudança na ordem das orações inclusivas, esta pode apresentar algum tipo de ênfase, topicalização ou outro tipo de intenção, porém neste ponto da pesquisa não nos aprofundaremos nessas questões.

Um outro tipo de predicado não-verbal encontrado na Libras é o predicado adverbial, isto é, o núcleo do predicado é constituído por um advérbio, sem cópula, como em (106).

(106) a. <HOJE IX(eu) CASA>
 adv. tempo pron.pess adv. lugar

‘Hoje ficarei em casa’

< <https://youtu.be/wKaeuqjVYMc> >



b. <POSS(minha) CASA LONGE>

pron.poss nome adv.lugar

‘Minha casa é longe.’



< <https://youtu.be/2JcSt7avKTs> >

Em (106a) encontramos o item lexical ‘CASA’ com a função de advérbio de lugar, que faz referência à localização em que o sinalizante estará, o que ilustra a existência de um predicado adverbial na Libras que, assim como nas outras situações apresentadas anteriormente, não necessita de cópula para sua compreensão ou aceitação. Em (106b) o mesmo item lexical ‘CASA’ assume o papel de referente, de um objeto possuído. A diferença entre ‘CASA’ nas duas sentenças apresentadas está no papel que cada uma exerce, papel este determinado pelo pronome que antecede o referido sinal. Quando o que antecede a palavra ‘CASA’ é o pronome pessoal ‘IX(eu)’, ‘CASA’ é entendida e pode ser classificada como uma localização, um advérbio de lugar. Por outro lado, quando antecedida pelo pronome possessivo ‘POSS(minha)’, o papel assumido é de um objeto possuído, um nome.

Sobre a questão da negação, assim como no predicado verbal e como demonstrado em (104) e (105), ocorre da mesma maneira, com o acréscimo de um sinal de negação como ‘NÃO’, ‘NÃO-SER’, ‘AINDA-NÃO’, ‘NADA’, entre outros, acompanhados de ENM de negação e movimentos de cabeça em negativa.

Outro aspecto que devemos nos atentar é quanto à marcação de tempo. Como exposto no capítulo 1, a marcação de tempo em Libras ocorre pelo acréscimo de um item lexical que faça a referência temporal, como um advérbio de tempo, uma data ou, em algumas situações, pode ser determinado pelo próprio contexto. Desta maneira, independentemente do tipo de predicado, seja ele verbal ou não-verbal, a marcação temporal ocorre também da mesma maneira.

Ante o exposto pode-se ver que a Libras é uma língua com características próprias e que possui tanto predicados verbais quanto não-verbais. Ou seja, na Libras encontramos diferentes

tipos de predicados, quais sejam verbais, nominais e adverbiais, sem a necessidade de cópula, com características e realizações específicas, que estão intimamente relacionadas à estrutura de uma língua visual.

Há que se acrescentar o fato de que, já que existem sentenças na Libras que não possuem somente verbos como predicado, aspectos relativos à ordenação dos sintagmas devem ser explorados. Em função de uma variedade de possibilidades de ordem em Libras, dedicamos a sessão que se segue para uma reflexão quanto à tipologia de ordem na Língua Brasileira de Sinais, com o levantamento de questões e hipóteses ligadas aos dados encontrados.

6.2. Tipologia de ordem

Nas línguas de sinais o estudo da ordem das palavras tem a atenção de muitos autores. Na verdade, percebemos que a grande maioria dos estudos que abordam a sintaxe das línguas de sinais, apesar de defenderem ser a sintaxe a área que estuda a estrutura interna da sentença, focam suas descrições e análises apenas na ordem das palavras, ou dos sinais. Além disso, a maioria dos trabalhos encontrados, como de Padden (1983), Liddell (2003), Sandler & Lillo-Martin (2006), até mesmo Quadros & Karnopp (2004) e Quadros (2019), seguem uma abordagem gerativista, diversa da funcionalista que seguimos neste trabalho. Outrossim, muitos trabalhos também foram realizados, durante muito tempo, com dados apresentados em uma língua oral, na modalidade escrita, para que fossem “traduzidos” para a língua de sinais, o que resulta em dados com forte influência e interferência da estrutura da língua oral majoritária.

Para Padden (1983), com base em uma abordagem gerativa, a sentença é definida como um grupo de elementos linguísticos, além de as relações gramaticais que esses elementos têm com a sentença e dos níveis em que essas relações são estabelecidas. As relações gramaticais incluem em si: o predicado relacional (chamado pela autora de R-signs), o sujeito, o objeto direto e o objeto indireto. Para destacar esses recursos da estrutura da sentença, a autora defende que alguns fatores são fundamentais, como um grupo de núcleos que represente os elementos linguísticos primários, um grupo de predicados ‘R-signs’ que represente os nomes das relações gramaticais e um conjunto de coordenadas que indiquem os níveis em que os elementos mantêm relações gramaticais com outros elementos.

Liddell (2003), por sua vez, retrata que nos anos 1970 muitos linguistas defendiam que a ASL possuía uma ordenação de sinais extremamente flexível. Friedman (1976, *apud* LIDDELL, 2003), era categórico em argumentar que a ordem das palavras na ASL não tem significado gramatical e que a ordenação de sujeito e objeto ocorria de modo completamente aleatório, enquanto Fischer (1975, *apud* LIDDELL, 2003) afirmava com convicção que a ordenação básica na ASL é SVO, mas com flexibilidade nessa ordem. Apesar disso, Liddell (2003) diz que há pelo menos duas razões um pouco controversas acerca da ordem de palavras. Primeiro que as tentativas iniciais em se compreender a sintaxe da ASL seguiram técnicas de análises baseadas em línguas orais. Nessa época ainda não eram levados em consideração aspectos como expressões não-manuais, posicionamento do sinalizante e movimentos de cabeça. Como se não bastasse, os dados incompletos com os quais os linguistas lidavam transmitiam a impressão de que os sinais podiam ser realizados aleatoriamente, sem uma ordenação na sentença. Em segundo lugar, muitos sinais podem ser direcionados no espaço de sinalização. A informação desse direcionamento do sinal fazia com que os pesquisadores acreditassem que uma ordenação fixa era desnecessária.

Assim como Liddell (2003), Sandler & Lillo-Martin (2006) iniciam sua descrição sobre a estrutura da sentença ao apresentar o trabalho de Fischer (1975), que afirma que a ordenação mais básica na ASL é do tipo Sujeito-Verbo-Objeto (SVO), sendo possível obter outros tipos de ordenação, como SOV e OVS em contextos e situações específicas. Além, deixa uma reflexão de que as línguas de sinais devem ser analisadas sob um viés um pouco diferenciado, pois há informações como as expressões não-manuais, o posicionamento e os movimentos de cabeça e outros fatores simultâneos que devem ser considerados na análise linguística.

Sobre a Libras, notamos que os autores que abordam a questão da sintaxe sempre se espelham nos estudos realizados na ASL. Autores como Ferreira-Brito (2010[1995]), Strobel (1998), Quadros & Karnopp (2004), Royer (2019), Quadros (2019) e tantos outros não entram em detalhes sobre outras questões sintáticas além da ordem de palavras. Como consequência disso, encontramos diversos trabalhos que tomam como base as análises realizadas na ASL e afirmam que na Libras há uma ordem canônica, qual seja SVO.

Sabemos e entendemos que em diversas situações as sentenças do tipo SVO são consideradas gramaticais na Libras, porém entendemos que o fato de ser gramatical não significa que pode ser considerada a ordem canônica ou mais básica da língua. Com base nessa carência, Silva (2015) desenvolve uma pesquisa na qual identifica diferentes situações em que

um verbo pode ocupar uma posição diferente, categorizadas pela autora como posição inicial, medial, final e unidade. Em seu trabalho a autora divide os tipos de verbos em grupos e analisa sua realização e posição na estrutura da sentença.

Sobre proposições de estado, relacionadas aos verbos de estado¹⁴, Silva (2015) aponta que “os verbos de realização espacial, ou corpo espacial, tenderam a se localizar ao final ou à medial, enquanto a realização de verbos no corpo do sinalizante (utilizando o corpo como sujeito) tendeu a apresentar o verbo inicial.” (SILVA, 2015, p. 82). Em outras palavras, quando o verbo da sentença é um verbo de estado realizado no espaço neutro de sinalização, à frente do sinalizante, há uma tendência de colocação desse verbo em posição medial ou final na sentença, como em (107)¹⁵.

(107) <IX(eu) **GRUPO-ANDAR ACOSTUMAR**>

‘Eu sou acostumada a andar em grupo’

< <https://youtu.be/7xRU8cU9F5g> >



O verbo ‘GRUPO-ANDAR’, em (107), ocupa uma posição medial e faz referência ao verbo ‘andar’ realizado por um grupo de pessoas. É um verbo apontado por Silva (2015) como um verbo de estado, que traz a noção semântica de deslocamento e ocorre no espaço à frente do corpo do sinalizante. Ressaltamos que, apesar de apresentado aparentemente como verbo, ‘ACOSTUMAR’ na sentença assume o papel de adjetivo e mostra-se como uma característica relacionada ao referente.

Em situações cujos verbos são ancorados ao corpo do sinalizante, ou seja, na qual a localização é em contato com alguma parte do corpo, a autora *op. cit.* justifica que, em geral, a sua realização ocupa uma posição inicial na sentença, como em (108)¹⁶.

¹⁴ Verbos de estado são definidos por Silva (2015) como verbos não dão ao usuário da língua a noção de mudança de estado em um determinado espaço de tempo.

¹⁵ Exemplo adaptado de Silva (2015, p. 81), com proposta nossa de tradução.

¹⁶ Exemplo adaptado de Silva (2015, p. 81), com proposta nossa de tradução.

(108) <AGRADECER LÍNGUA-DE-SINAIS BOM>

‘Eu agradeço à língua de sinais, que é boa para mim’



< <https://youtu.be/qd66eWQcdI> >

O verbo ‘AGRADECER’, em (108), é realizado preso ao corpo do sinalizante, mais especificamente na cabeça ou na testa, e está localizado em uma posição inicial na sentença. Outra característica que podemos destacar é que esse posicionamento inicial nos transmite também a informação de que o sujeito é a mesma pessoa que sinaliza, a primeira pessoa do singular.

Em proposições que utilizam verbos de evento¹⁷, a autora *op. cit.* expõe uma tendência de realização e posicionamento final, como ocorre com verbos como ‘PERDER’, em (109)¹⁸.

(109) <IX(nós-dois) **PERDER**>

‘Eu e você perdemos.’



< <https://youtu.be/Jb0chtvID3I> >

O verbo destacado ‘PERDER’, em (109), é considerado um verbo de evento, pois expõe algo que aconteceu com alguma coisa ou com alguém. Para Silva (2015), em geral esses tipos de verbo ocorrem no final da sentença. Apesar de a autora ter apontado tal característica, assim como ocorre com os demais tipos de verbos, ponderamos que, mesmo que esse verbo tenha uma tendência de realização final, outras posições podem ser realizadas sem alteração no

¹⁷ Verbos de evento são aqueles que transmitem a noção de mudança de estado em um dado intervalo de tempo (curto ou longo, finito ou infinito) (SILVA, 2015, p.84).

¹⁸ Exemplo adaptado de Silva (2015, p. 84), com proposta nossa de tradução.

significado da sentença e sem que se torne agramatical, como o que ocorrem em (110), em cuja alteração na ordem não altera o significado da sentença.

(110) a. <P-E-D-R-O AULA PERDER>

‘Pedro perdeu a aula’

< <https://youtu.be/Y4YHz191THg> >



b. <P-E-D-R-O PERDER AULA>

‘Pedro perdeu a aula’

< <https://youtu.be/pNcLUJV2Sbc> >



No caso dos verbos de ação¹⁹ em (111)²⁰, como ‘SINALIZAR’ (111a), ‘ESTUDAR’ (111b) e ‘LEMBRAR’ (111c), autora aponta uma maior dificuldade em encontrar um padrão de posicionamento.

¹⁹ O verbo de ação é aquele que gera uma mudança de estado, porém é realizado por um agente ativo, que tem uma semântica de ação (COSTA, 2015, p. 84).

²⁰ Exemplo adaptado de Silva (2015, p. 85), com proposta nossa de tradução.

(111) a. <ADMIRAR SURDO **SINALIZAR**>

‘Me admira ver o surdo sinalizar’

< https://youtu.be/DIF_j3Inz3c >



b. <**ESTUDAR APRENDER DESENVOLVER SINALIZAR** SURDO GRUPO-
JUNTO EVOLUIR AGORA BEM PRONTO LIBRAS>

‘Se estudar, aprender, evoluir na sinalização, os Surdos ficam bem’

< <https://youtu.be/ax0gpMyf3pU> >



c. <FAZ-TEMPO **LEMBRAR** EU PACIÊNCIA GRUPO-ANDAR IX (eles)
LEMBRAR BOM>

‘Me lembro do passado, me esforçava para andar com o grupo, era bom.’

< https://youtu.be/0h4v_CZQLPc >



Em (111), o principal motivo para essa dificuldade em encontrar um padrão está em uma característica denominada de aglutinadora, isto é, como alguns verbos de ação aglutinam ou ‘incorporam’ outros elementos em sua composição, torna-se impossível identificar a posição. Ou seja, há verbos que em sua realização já demonstra o sujeito ou o objeto, o que dificulta uma classificação mais precisa. Em (111b) Silva (2015) destaca a realização apenas do verbo estudar, que é o primeiro verbo da sentença. Para nós, devemos considerar o fato de

que há uma sequência de verbos apresentados e que se mostram como predicados separados, cada um com seu significado primário, como abordado anteriormente. Não podemos considerar a posição verbal na sentença em (111b), pois são os predicados diferentes, cada qual com suas particularidades quanto à ordenação e organização, isto é, difícil se faz determinar uma ordem em situações em que encontramos sentenças diversas em uma oração mais complexa. Importante destacar também que em (111c) o verbo ‘LEMBRAR’ ocorre duas vezes na sentença, como visto. Essa repetição é apontada por pesquisadores como uma maneira de demonstrar oração com foco. Autores como Quadros & Karnopp (2004), Royer (2019), entre outros, classificam construções na Libras em que o verbo se repete como uma sentença com foco. Quadros & Karnopp (2004) justificam essa escolha com a afirmativa de que “foco envolve a construções duplas em que o elemento duplicado ocupa a posição final” (QUADROS & KARNOPP, 2004, p. 170.) As autoras citam que a Libras “apresenta construções duplas com modais, quantificadores e verbos” (QUADROS & KARNOPP, 2004, p. 170.), mas não aprofundam a questão e nem explicam claramente o porquê desse tipo de repetição. De fato, as autoras apenas citam a ocorrência e mostram, em uma estrutura arbórea, a maneira como esses itens funcionam como especificadores. Para nós, há ainda que se realizar uma análise e descrição mais detalhada das construções com foco na Libras, para que se possa determinar as possíveis ordenações e as situações em que as orações com foco são utilizadas, porém não entraremos em detalhe neste momento, visto que não é o foco deste trabalho.

Outro aspecto analisado por Silva (2015) foi quanto à ordem, à posição do verbo em diálogos. A autora expõe que a semântica do verbo, associada à conversação e à sua inserção em um diálogo, podem interferir, em algum nível, no tipo de posição que este assumirá na sentença. Para a autora, os verbos tendem a ocupar a posição medial em “sentenças que envolvam localização, verbo de atividade mental, e onde o objeto é descrito por uma representação” (SILVA, 2015, p. 95). No caso de verbos de cognição, que em geral são ancorados ao corpo, a autora afirma que na maioria dos casos a posição é medial, porém, quando há uma representação, a posição assumida para o verbo é a final. De acordo com a autora, isso ocorre porque quando há uma representação forma-se uma unidade indissociável, sendo a noção verbal realizada ao final da sentença.

Embora Silva (2015) desenvolva uma análise interessante e detalhada, foca-se apenas em predicados verbais, com destaque ao verbo como sendo o núcleo semântico lógico da sentença, o que contraria os fatos já apresentados nesse trabalho. Como detalhamos e expusemos neste capítulo, há na Libras a presença de predicados não verbais, tais como os

nominais e adverbiais, que alteram a possível ordenação na Língua Brasileira de Sinais. Julgamos relevante a proposta de que a posição verbal na sentença depende do tipo e da semântica do verbo envolvido, quando for o caso, e compartilhamos da ideia de que em diversos casos, na Libras, a identificação da posição verbal em sentenças completas que se realizam com um único sinal verbal é também complexa. Isto ocorre pois há na Libras sinais verbais em cujo movimento incorpora a noção de sujeito e de objeto através da marcação inicial e final do sinal. Outra questão que colocamos se dá na ordenação em sentenças em que não há um sinal verbal. Não podemos classificar ou categorizar esses tipos de sentença sem uma análise mais detalhada da ordenação e das possibilidades de sentenças que não possuam um verbo, sentenças cujo predicado é não-verbal e não utiliza verbos copulares.

Essa categorização e a classificação quanto à tipologia da ordem depende muito de diversos fatores, entre eles a abordagem a ser seguida pelo pesquisador. Berlinck, Augusto & Scher (2001) fazem uma comparação entre a conceituação relacionada à ordem das palavras, independente da língua, em uma abordagem formalista, funcionalista e gerativista, com maior aprofundamento de suas análises nesta última. Com apresentação superficial, as autoras denotam certa limitação da Gramática Tradicional e alegam que, quanto à ordem das palavras, esta abordagem não consegue apresentar uma regra consistente para explicar a variação existente. Na perspectiva gerativista, as autoras dizem que “a ordem linear de itens lexicais em uma sentença obedece, na verdade, a uma competência do falante em organizar estruturalmente os constituintes básicos que se distribuem pela sentença” (BERLINCK, AUGUSTO & SCHER, 2001, p. 214). Isto significa que em uma abordagem gerativista a produção de enunciados obedece a certa linearidade, organizada por uma hierarquia sintática, na qual um elemento é regido por outro, tendo cada elemento sua posição específica. Por fim, sob a perspectiva funcionalista, as autoras afirmam que é possível que se utilizem diversas ordenações, sem que seja atribuída hierarquia dos elementos, ocorrendo diferentes padrões. De acordo com essa abordagem, não há uma ordenação básica da qual se derivam as outras. O que ocorre é uma coexistência de construções, visto que cada padrão existente possui uma função comunicativa diferente.

De uma forma mais objetiva e estruturada, com base na abordagem funcionalista, Givón (2001) e Payne (2006) apresentam informações muito relevantes sobre a ordem das palavras. Givón (2001) destaca que a combinação entre a morfologia e a ordem das palavras de uma língua tem papel relevante na delimitação dos papéis gramaticais desempenhados por esses elementos. Deste modo, analisar a ordem das palavras vai muito além de apenas estabelecer

uma relação entre sujeito, verbo e objeto, mas nos faz entender o funcionamento dessa língua e como os elementos podem se organizar para transmitir o conhecimento de mundo através de uma língua com suas características particulares.

Payne (2006) faz uma reflexão sobre a tipologia sintática e defende que a ordem das palavras é um aspecto muito presente na diferenciação entre as línguas do mundo, tendo cada língua sua forma particular de combinar os elementos da sentença, o que merece especial atenção. O autor afirma que a “a maior distinção tipológica é entre as línguas em que o objeto segue o verbo (VO), e aquelas em que o objeto precede o verbo (OV)” (PAYNE, 2006, p. 192). Para o autor, a tipologia sintática é responsável por descrever as relações entre os constituintes, e assim divide as línguas em três tipos: línguas cujo núcleo sintático segue o complemento; línguas cujo núcleo sintático precede o complemento; e, línguas na qual a ordem é determinada por fatores não relacionados às relações gramaticais. Importante observar que o autor descreve apenas as ordenações que têm a presença do verbo e que se trata de línguas orais, diferentemente do que encontramos na Libras.

Em nossos dados da Libras encontramos uma tipologia de ordem diferenciada, com características que não são comuns nas línguas orais que nos cercam. Identificamos uma variedade de ordenações e estruturas, inclusive sentenças completas sem a presença de sinais verbais. Assim sendo, refletimos a seguir sobre como essas construções funcionam e se organizam na Libras. Para tanto utilizaremos, doravante, S ‘sujeito’, P ‘predicado’ e O ‘objeto’.

Como já exposto anteriormente, encontramos em nossos dados construções do tipo SPO, que são gramaticalmente aceitas na Libras, como em (112).

(112) a. <IX(eu) COMEÇAR INCLUSÃO>

‘Comecei (a estudar) na escola inclusiva.’

< <https://youtu.be/3ANUc9znYyE> >



b. <IX(eu) ACREDITAR VOCÊ>

‘Eu acredito em você’



< <https://youtu.be/y-aa0evhf88> >

c. <IX(eu) GOSTAR ESCOLA ASSOCIAÇÃO>

‘Eu gosto da escola na associação’



< <https://youtu.be/01m7gk7IIP4> >

Todas as sentenças em (112) possuem sintagmas que sintaticamente ocupam a posição a posição de sujeito, predicado e objeto, que são gramaticais em Libras, sem problemas de interpretação. Notamos que é grande a frequência desses tipos de construção SPO, mas apesar de gramaticais, na Libras é possível encontrarmos outros tipos de sequência, com ou sem a presença de verbos na estrutura. Um tipo de padrão muito recorrente é o SOP, no qual o objeto da sentença antecede o predicado, como em (113).

(113) <IX(eu) MEDO TER-NÃO>

‘Eu não tenho medo’



< <https://youtu.be/Xi7jCuGhmEE> >

É evidente em (113) que há na Libras a possibilidade de realização de sentenças do tipo SOP. Observa-se que, mesmo com a presença de outros elementos, a realização inicialmente dos sujeitos ‘IX(eu)’, seguida pelo objeto ‘MEDO’, finalizada pelo verbo ‘TER-NÃO’.

Os padrões do SPO e SOP são muito produtivos, contudo pode se verificar outras ordenações possíveis, como em (114), com predicados não verbais e sem que haja um objeto determinado, uma estrutura do tipo SP.

(114) a. <ENTÃO IDENTIDADE IGUAL>

‘A identidade é igual.’

< <https://youtu.be/LrioVi5tp8Q> >



b. <COMPETIÇÃO VERDADE IX(eu) SEGUNDO>

‘Mas na competição mesmo, **eu fiquei em segundo**’

< <https://youtu.be/FTzUSFxYCrU> >



c. <SURDO GRUPO DENTRO>

‘É um grupo de Surdos?’

< https://youtu.be/_ZYBP3IfHgU >



As sentenças em (114) são consideradas sentenças simples e todas são compostas apenas por sujeito e predicado, isto é, são estruturas do tipo SP, sendo o predicado do tipo não-verbal. Em (114a) são realizados os sinais de ‘IDENTIDADE’, que é o sujeito, e de ‘IGUAL’, um adjetivo como predicado, o que evidencia mais uma vez um predicado nominal. Em (114b) damos ênfase à parte destacada do texto, ‘IX(eu) SEGUNDO’, uma estrutura também do tipo que mostra o sujeito, representado pelo pronome pessoal ‘eu’ e o predicado (adjetivo) ‘segundo’. Os exemplos em (114a-b) tem estrutura semelhante e funcionam na Libras da mesma forma. Em (114c) também possuímos uma estrutura do tipo SP, porém trata-se de um predicado adverbial, composto pelo sujeito ‘SURDO GRUPO’ e pelo objeto ‘DENTRO’, que é um advérbio de lugar. Destacamos como interessante o fato de que o sujeito é composto por um sintagma nominal no qual a ordem não altera o significado. O sinalizante realiza os sinais na ordem ‘SURDO GRUPO’, mas que poderia ser realizado como ‘GRUPO SURDO’ sem nenhuma interferência em seu significado. Isto demonstra que há, inclusive dentro dos sintagmas, no caso o nominal, a flexibilidade na ordem de apresentação dos elementos, além de reforçar o fato de que, mesmo que trabalhemos com dados, devemos sempre testar esses dados com outras situações que vivenciamos, em conversas espontâneas em Libras.

Não só as sentenças simples, mas sentenças complexas da Libras podem também apresentar construções sem verbos, como em (115).

(115) a. <PORQUE SURDO FRASE PORTUGUÊS BARREIRA>

‘Porque para o surdo as sentenças em português são barreiras’

< <https://youtu.be/f0L3jj32HGg> >



b. <POR-ISSO PROBLEMA DINHEIRO GREVE ENTÃO DINHEIRO ALTO PROBLEMA DILMA PRESIDENTE POR-ISSO PROBLEMA>

‘A greve é por causa do dinheiro. Então os problemas são as subidas de preço, a presidente Dilma... Essas são as causas.’



< <https://youtu.be/VG8tLc3DKcs> >

Em (115a) encontramos uma sentença explicativa composta apenas por nomes. É uma sentença simples, do tipo SP, antecedida pelo complemento. Mais uma vez percebemos que há uma grande flexibilidade nas possibilidades de ordenações. Em (115b) observamos uma oração coordenada composta apenas por nomes, sem a necessidade de um verbo para que seja considerada completa. Orações assim nos mostram as peculiaridades, particularidades e a flexibilidade de organização da Libras, o que reforça a necessidade de um estudo mais aprofundado e detalhado sobre a sintaxe da língua e sobre os tipos de sentenças e organizações possíveis.

Mesmo que as sentenças mais complexas sejam possíveis sem a presença de verbos, relevante se faz demonstrar que esses tipos de sentenças são possíveis na língua, como as sentenças em (116).

(116) a. <IX(eu) IR LETRAS-LIBRAS COMEÇAR ESTUDAR INCLUSÃO OUVINTE SURDO JUNTO MISTURAR>

‘Eu fui para o Letras-Libras e comecei a estudar na inclusão, com surdos e ouvintes juntos, misturados.’



< <https://youtu.be/noalByyVEXQ> >

b. <LUGAR_(RED) CONHECER DI(ir-vários-lugares) FESTA_(RED) TEATRO LÍNGUA-DE-SINAIS ADMIRAR EMOCIONAR GOSTOSO COMO ASSOCIAÇÃO POSSÍVEL GOSTAR>

‘Conhecer novos lugares, ir a festas, teatros com Libras... Fico admirado, emocionado. É muito gostoso isso que a associação nos possibilita.’



< <https://youtu.be/YdpZGVmbTH8> >

Os dados em (116) nos mostram orações subordinadas e coordenadas na Libras. Em (116a) encontramos uma oração subordinada, que ocorre porque as sentenças ‘COMEÇAR ESTUDAR INCLUSÃO’ e ‘OUVINTE SURDO JUNTO MISTURAR’ funcionam como orações que fazem parte da oração ‘IX(eu) IR LETRAS-LIBRAS’, que criam uma estrutura complexa e interligada, uma dependente da outra para a real interpretação. Sobre essa estrutura, podemos pensar em uma ordenação para (116a) como SPO-(S)PO_DO_I-S₁S₂P²¹, ou seja, uma primeira sentença na qual um sujeito S é identificado, seguido de uma segunda sentença, interligada à primeira com o sujeito S implícito, e uma terceira oração com sujeito composto. Assim, conseguimos contar três sentenças dispostas como uma subordinação, isto é, sentenças em Libras que estão interligadas, que não são passíveis de compreensão sem que sejam realizadas em sequência, pois dependem de elementos das sentenças anteriores. Essas sentenças, em (116a) destacam três diferentes predicados, neste caso, verbais.

Por outro lado, em (116b) distinguimos orações coordenadas na Libras, ou seja, orações independentes que se apresentam de forma encadeada e fazem referência a um mesmo sujeito. Outrossim, nessas orações conseguimos identificar equivalência entre as funções gramaticais de seus elementos. No exemplo conseguimos perceber uma coordenação de 7 elementos interligados e presos um ao outro para que a compreensão seja possível, o que nos dá uma estrutura de orações ordenadas como OP-P-O-P-P-P-SP, isto é, sentenças compostas basicamente por predicados independentes, porém interligados. Evidenciamos que em função

²¹Destacamos que nesta estrutura, cada sentença na oração é separada por hífen (-), apenas de forma didática, para conseguirmos pontuar os elementos.

da coordenação, algumas orações acabam por expor apenas o objeto ou o predicado, de maneira isolada. Notamos a constituição de sete diferentes predicados nominais e verbais.

Reforçamos assim nossa posição quanto às diversas possibilidades de ordenação na Libras, que pode ou não incluir o verbo, visto que é uma língua que possui uma diversidade de predicados que interferem diretamente nos itens lexicais presentes em uma sentença e, conseqüentemente, nas possíveis ordenações. Precisamos refletir e considerar a melhor forma de descrever uma tipologia de ordem em uma língua com características próprias, sem que a enquadremos nos padrões de outras línguas.

Por fim, consideramos essencial um estudo mais aprofundado e detalhado da língua em uso a fim de observar se há, de fato, uma ordem canônica na Libras. É notório, como visto em todos os exemplos e dados expostos neste trabalho, que a Libras é uma língua com organização sintática flexível, na qual diferentes ordenações são possíveis e aceitas. Assim sendo, é fundamental que outros estudos e outras análises mais aprofundados sejam realizados, para que possamos entender como funciona essa ordenação flexível e se há algum tipo de situação na qual essa flexibilidade não ocorra. Além disso, é fundamental determinar e analisar a relevância da posição dos elementos nas sentenças em Libras, além de avaliar se há ou não uma hierarquia na qual a posição inicial exerça papel mais importante ou determine o valor de tal elemento no contexto apresentado.

6.3. A Libras e sua relação com a omnipredicatividade

Os dados e exemplos expostos neste trabalho, principalmente nos capítulos 5 e 6, nos fazem perceber que a Libras tem características muito específicas. Encontramos e explicamos, como exposto anteriormente, aspectos diversos na Libras, tais como:

- i. Existência de predicados verbais e não-verbais, como em (117);

(117) a. predicado verbal

<IX(eu) SOFRER>

‘Eu sofri’

< <https://youtu.be/hlQ87ijyTrE> >



b. predicado não-verbal

<METODOLOGIA PRÓPRIA SURDO>

‘A metodologia é para o Surdo’

< <https://youtu.be/gpPeATxDuOI> >



- ii. Ausência de cópula nas sentenças da língua, como em (118), mesmo nas sentenças cujo predicado seja verbal;

(118) a. <IX(eu) DESESPERAR>

‘Eu fiquei desesperado’

< <https://youtu.be/6ENXeYvRtFE> >



b. <CARRO DIFERENTE. CARRO RUA DIFERENTE>

‘O carro é diferente. O carro de rua é diferente.’



< <https://youtu.be/56TbLsSjzX4> >

Em (118a) notamos uma sentença com o predicado verbal ‘DESESPERAR’, precedido de um pronome pessoal. Em (118b) pode-se observar duas sentenças, nas quais os sujeitos são ‘CARRO’ e ‘CARRO RUA’, e o predicado é o adjetivo ‘DIFERENTE’ para ambas as sentenças.

- iii. Realização de verbos espaciais, ou verbos que apresentam uma marcação de *loci* em sua realização, como em (119);

(119) <VERDADE IX(eu) NUNCA **IR** ESTÁDIO>

‘Na verdade, eu nunca fui ao estádio’



< <https://youtu.be/BRt0DEwMR7w> >

Em (119) podemos observar o sinal relacionado ao verbo ‘IR’, destacado. Nota-se que o sinalizante direciona o sinal, considerado um sinal com concordância, a uma localização em especial, como se houvesse um lugar, um *loci* determinado para o estádio, *i. e.*, o sinal do verbo inclui em sua trajetória a marcação espacial desse verbo, isto é, um direcionamento específico.

iv. Marcação de tempo de forma sintática, não morfológica, como em (120);

(120) <AGORA IX(eu) PEDAGOGIA QUINTA F-A-S-E>

‘Agora faço Pedagogia, estou no quinto semestre.’



< <https://youtu.be/MVMJu8hxObk> >

Em (120) identificamos a realização do sinal ‘AGORA’, advérbio de tempo que é responsável por fazer referência ao tempo presente, além do fato de que a sentença não possui um verbo em sua constituição, apesar de que, na Libras, como já vimos, não há marcação de tempo no verbo. Ademais, mesmo que em outras línguas o uso de advérbios de tempo se faça presente e seja comum, na Libras o uso deste elemento, como exposto anteriormente, é condição fundamental para marcação temporal, principalmente nas situações em que o contexto não realize tal especificação.

Diante de todas essas características encontradas em nossos dados da Libras, alguns aspectos nos remetem a um tipo específico de língua, que Launey (1994, 2004) chamou de línguas omnipredicativas. Os dados da língua nos mostram determinados aspectos e peculiaridades que nos levam a considerar uma possível classificação da Libras como uma língua omnipredicativa. Essa reflexão é plausível e, por isso, indicamos a necessidade iminente de um maior aprofundamento e de uma análise detalhada dessas características. Ressaltamos que, para que uma língua possa ser considerada omnipredicativa, não é obrigatório que todas as características estejam presentes. Magalhães, Praça & Cruz (2019), defendem a existência de uma gradação da omnipredicatividade e que a ausência de um ou outro aspecto não exclui uma língua deste tipo de classificação.

A omnipredicatividade é um fenômeno inicialmente descrito por Launey (1994, 2004), que apresenta este conceito e analisa a língua Nahuatl Clássico, ou Náuatle no português do Brasil, uma língua da família uto-asteca falada na região central do México, principalmente por poucas famílias presentes em áreas rurais.

Sabemos que as línguas do mundo possuem categorias de palavras que podem agir como predicados e outras que assumem o papel de argumentos das sentenças. Em geral, nomes possuem características de argumentos e podem ser sujeitos ou objetos diretos e indiretos, enquanto os verbos assumem papéis predicativos, de núcleo do predicado, como apresentado anteriormente. Para Launey (1994, 2004), um grupo de línguas determinado, como o Nahuatl, apresenta características diferentes e são chamadas de línguas omnipredicativas. A omnipredicatividade é um fenômeno na qual todas as entradas lexicais de uma língua, independentemente de sua classificação (nome, verbo, advérbio, etc.), podem assumir o papel de predicado.

Para melhor ilustrar o fenômeno descrito por Launey (1994, 2004), apresentamos a seguir esses aspectos, o que nos faz refletir sobre as características antes descritas da Língua Brasileira de Sinais, com suas características morfossintáticas, que nos levam a pensar que a Libras poderia se configurar em uma língua omnipredicativa, já que todas as entradas lexicais podem funcionar naturalmente como predicados.

Sob outro viés, a gramática gerativa analisa características semelhantes à omnipredicatividade e se refere a estas como línguas não-configuracionais. Termo utilizado por Hale (1983, *apud* Magalhães, Praça & Cruz, 2019, p. 4) para designar o mesmo tipo de língua estudada por Launey (1994, 2004), porém com foco diferenciado. As autoras destacam que enquanto Launey (1994, 2004) analisa os itens lexicais e seu comportamento em papéis de argumento e predicado, Hale (1983, *apud* Magalhães, Praça & Cruz, 2019, p. 4) direciona sua descrição para a hierarquia das funções sintáticas e na análise da constituência, que é a hierarquia dos elementos que constituem a sentença.

Launey (2004) detalha as demais características presentes em línguas omnipredicativas, com base nos dados encontrados na língua Nahuatl. Para o autor, “podemos admitir que as mesmas propriedades predicativas são compartilhadas por verbos, nomes e outras classes de palavras, como topônimos ou advérbios: todos possuem noção predicativa”²² (LAUNEY, 2004, p. 2). A partir de então são descritas as características que determinam se uma língua é ou não omnipredicativa. Launey (2004, p. 5-6)²³ pontua e define princípios morfossintáticos que são básicos para essa categorização:

²² Tradução nossa para: “we can admit that the same predicative properties are shared by verbs, nouns, and other types of words such as toponyms or adverbs: all represent predicable notions” (LAUNEY, 2004, p. 2).

²³ Tradução nossa.

- (a) Todos os itens lexicais podem ser usados como predicado;
- (b) Argumentos são considerados predicados subordinados;
- (c) A subordinação só é possível se houver coindexação entre um argumento localizado no predicado principal e outro no predicado subordinado;
- (d) Predicabilidade é vista como uma condição de designação, ou seja, só é possível se referir a uma entidade se ela foi anteriormente introduzida e admitida como tal.

Como apresentado nos dados anteriores e de acordo com as características da Libras expostas neste trabalho, notamos que a Libras possui em sua organização as características compatíveis às de línguas omnicativas, principalmente com a presença de predicados verbais e não-verbais

Ademais, Launey (1994, 2004) aponta que o que define e caracteriza uma língua como omnicativa não é apenas o uso de itens como predicado, como denota o item (a), mas todas as características elencadas acima. Para além, outras características são relevantes na omnicatividade de uma língua. O autor aponta que línguas omnicativas desafiam diversos aspectos e noções relativas à gramática. De forma geral, há algumas características consideradas secundárias pelo autor, quais sejam: perda de sentido do parâmetro *pro-drop*; palavras sozinhas que podem ser utilizadas como resposta; não-movimentação de palavras interrogativas do tipo (QU-); ausência de cópula; mesmos marcadores de pessoa para nomes e verbos; existências de verbos espaciais; marcação de terceira pessoa com morfema zero; evidências de coindexação; ausência de marcação e caso; genitivo marcado no núcleo (*genitive head-marked*); mesmo comportamento em todas as funções derivadas; cópula para marcação de tempo; marcação de vocativos; e, designação residual e restrição de indefinidade.

Sobre as características secundárias da omnicatividade, entendemos que a Libras possui claramente alguns desses aspectos, mas para outros necessitamos de um aprofundamento maior. Entre todas as características definidoras da omnicatividade, encontramos com mais evidência e clareza na Libras aspectos como:

- (a) Diferentes tipos de predicado

Apontada como a característica mais básica de omnicatividade, a existência dos diferentes tipos de predicados existentes na Libras se mostra como um forte indício de tal

classificação. Constatamos que é comum encontrarmos predicados verbais e não-verbais na língua. Entre os predicados não-verbais identificamos nos dados predicados compostos por nomes, adjetivos (que enquadrados como nomes por apresentarem as mesmas características) e advérbios.

(b) Ausência de cópula

As construções em Libras mostram-se completas e complexas, sem a necessidade de uso de verbos copulares, ou seja, os predicados na Língua Brasileira de Sinais não apresentam em sua estrutura a obrigatoriedade de realização de cópula ou de verbos de ligação para que sejam gramaticais.

(c) Existência de verbos espaciais

Como exposto no capítulo 5, há na Libras, entre os verbos considerados ‘com concordância’, os verbos espaciais, isto é, verbos que possuem uma marcação de *loci* em sua estrutura. São verbos que tem em si aspectos e características espaciais de localização, de posição ou de qualquer outra noção espacial. Percebemos que inclusive na Descrição Imagética (também conhecidos como classificadores, explicados do capítulo 1), quando relacionadas à descrição de noções verbais, há a relação espacial com muita evidência. Assim, consideramos que essa característica omnipredicativa é sim, fortemente marcada na Libras, apesar de ainda ser necessário um aprofundamento no assunto com pesquisas futuras.

Apesar de características tão expressivas e marcadas, questionamo-nos então: Podemos considerar a Libras como uma língua omnipredicativa? Antes de responder, precisamos aprofundar as análises e descrever outros fenômenos da língua ainda pouco estudados. Devemos sempre levar em conta a diferença de modalidade da Libras, que é um ponto divergente nos estudos de Launey (1994, 2004) e de outros pesquisadores como Praça (2007) e Magalhães, Praça & Cruz (2019), que avaliaram sempre a omnipredicatividade em línguas orais.

6.4. Considerações

Muitas tem sido as descobertas e as particularidades descritas por diversos pesquisadores quando pensamos a Língua Brasileira de Sinais. Durante a nossa análise de dados notamos que diversas são as características e diversificados são os fenômenos morfossintáticos presentes, mas que ainda carecem de aprofundamento. Muitos foram os fenômenos e os aspectos que observamos na língua e que nunca foram estudados a fundo por pesquisadores e estudiosos.

Iniciamos este capítulo com uma descrição e conceituação acerca do predicado na Libras, conceito que não recebia o devido destaque e que não era aprofundado. Como base no *corpus* Libras, verificamos a ocorrência de predicados verbais e não-verbais e suas similaridades.

Em seguida refletimos sobre a tipologia de ordem na Libras, para a qual comparamos o conteúdo abordado em pesquisas e trabalhos já apresentados e nossos dados. Concluímos que a Libras possui uma grande variedade e possibilidades diversas de combinações e ordens, com sentenças compostas por nomes, por advérbios, por verbos e por sequências de verbos que constituem predicados únicos e múltiplos. Assim, carecemos ainda de um estudo mais detalhado para descrever todas essas possibilidades na Libras

Para além, em uma análise inicial observamos na Libras diversas características que condizem com a omnipredicatividade. Essa observação nos leva a pensar a Libras ‘fora da caixa’, observar e analisar a língua sem a necessidade de encaixá-la em padrões pré-determinados para as línguas orais. Atentamo-nos ao fato de que a Libras possui uma organização diferenciada e começamos a respeitar a sua visualidade, que nos desafia a propor uma descrição com olhares também diversificados.

A omnipredicatividade tem se mostrado um fenômeno muito interessante e que nos leva a refletir a língua de sinais com um olhar diferenciado e esclarecedor. Como descrito por Launey (1994, 2004), são línguas com características peculiares que nos fazem visualizar os fenômenos sob uma nova perspectiva. Outrossim, é essencial que os cientistas e pesquisadores linguísticos das línguas de sinais quebrem a barreira atitudinal e comecem a, primeiramente, conhecer e identificar os fenômenos específicos de línguas visuoespaciais, descrevê-los sem interferências de outras línguas, antes de dar nomes ou de rotular esses eventos.

Neste capítulo iniciamos essa reflexão mais detalhada sobre a língua, com aspectos que são pouco explorados em línguas orais, mas que nos abre a mente a novos conceitos e novos comportamentos em uma língua com padrões diferenciados. Com isso, novas hipóteses e novas possibilidades de pesquisa são expostos e propostos, nos permitindo aprofundar o conhecimento sobre a Libras e ampliar nossas discussões a outras línguas de sinais que possam apresentar padrões semelhantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção de um estudo com tantos detalhes e com a descrição de tantos fenômenos se mostrou um desafio grande. Acreditamos que conseguimos esclarecer, do ponto de vista Funcional-Tipológico, diversas questões ainda pouco estudadas, além de lançar questionamentos e instigar outros autores a lançar olhares para a descrição gramatical da Língua Brasileira de Sinais.

Com nossa pesquisa, conseguimos realizar uma reflexão bem aprofundada acerca de características e particularidades da Libras, antes vistas sob o viés de estudos já existentes e com análises fortemente influenciadas pela língua oral que a permeia, isto é, a língua portuguesa. Realizamos análises muito específicas e aprofundadas da Libras sob a perspectiva da análise da língua por si, com o mínimo de interferência possível de qualquer outra língua oral, uma pesquisa centrada na avaliação e percepção dos fenômenos linguísticos através da janela dos olhos, de uma experiência visual mais profunda e de uma forte imersão na língua de sinais em uma análise de discursos e diálogos surdos.

A organização do texto e a estrutura delineada para a construção da tese se baseiam em uma vivência em meio à surdez e aos aspectos linguísticos das línguas de sinais, com maior foco na Libras. Mediante reflexões aprofundadas e detalhadas, levantamos e pontuamos aspectos muito relevantes e que careciam de maior atenção, pontuados a seguir.

Sobre os estudos linguísticos da Língua Brasileira de Sinais, observamos que muitos são os estudos realizados na área. Porém, a maioria segue uma abordagem gerativista, poucos foram os estudos encontrados com uma análise voltada à forma e à função, ou seja, à língua em uso, à abordagem funcional-tipológica que nos propusemos a seguir. Desse modo, entendemos que esta pesquisa pode servir de base para que mais pesquisadores e mais estudos possam surgir e que tragam resultados detalhados da língua em seu uso cotidiano.

Efetuamos uma análise mais aprofundada sobre a constituição e a realização do signo linguístico em uma língua visuoespacial como a Libras, com a realização de um paralelo com as características apresentadas por Saussure (2006[1916]), com olhar voltado aos critérios mais básicos que definem o signo, como a iconicidade, arbitrariedade e a linearidade. Refletimos sobre esses aspectos, conversamos com outros pesquisadores e encontramos definições mais claras quanto ao status linguístico da Libras quando

pautada no signo, na sua constituição e no reconhecimento linguístico inerente. Aprofundamos a discussão acerca do conceito saussuriano de arbitrariedade e da maneira como esta deve ser considerada em línguas de modalidade visuoespacial, isto é, pautar a arbitrariedade como um fator convencionado entre os falantes de uma língua e não na interpretação literal de arbitrariedade, que institui a completa ausência de motivação. Defendemos tal posição principalmente devido à visão que seguimos de que sempre há uma função específica a uma forma da língua, isto é, há um motivo para comunicar e, assim sendo, sempre haverá motivação.

Outra característica das línguas visuoespaciais está relacionada ao uso do espaço para a organização da informação e da maneira como ocorre a dêixis e a referenciação. Desenvolvemos uma reflexão sobre a maneira como a informação é organizada no espaço, com especial atenção aos aspectos referentes ao uso dos espaços mentais real, token e sub-rogado na Libras. De posse dessas informações, ponderamos como ocorre o estabelecimento e a retomada dos referentes em um discurso sinalizado. Verificamos também como se comporta a dêixis em uma língua cuja apontação é uma ferramenta frequentemente utilizada por seus usuários. Nossas análises trazem exemplos em situações reais de uso, o que fortalece nossas hipóteses.

Quanto às classes de palavras na Libras, após uma revisão da literatura existente, observamos e detalhamos as principais características que diferenciam os nomes e os verbos na Libras, com base nos estudos propostos por Givón (2001). Constatamos em nossos dados que o principal fator de diferenciação entre os nomes e os verbos na Libras está nas características semânticas, intrinsecamente enraizadas no contexto, nas situações reais de uso. Notamos que muitos sinais só conseguem ser diferenciados em função da situação em que ocorrem, porém há certas características, principalmente sintáticas, que podem auxiliar essa categorização. Quanto a esse aspecto, concluímos que os três critérios expostos por Givón (2001), quais sejam semânticos, morfológicos ou sintáticos, funcionam de forma complementar e conectada quando da análise dos dados em línguas sinalizadas e que todos, em conjunto, funcionam para a diferenciação das classes de palavras nesses tipos de línguas, principalmente na Libras. Identificamos também situações em que a diferenciação do sinal entre nome e verbo se mostra menos relevante, visto que em determinadas situações pode ser utilizado tanto um nome quanto um verbo, sem drásticas mudanças de significação.

Após analisarmos as classes de palavras, nos atentamos à constituição e aos tipos de predicados possíveis na Libras. Identificamos que a língua nos oferece uma variedade

de construções compostas por predicados verbais e não verbais, que podem interferir diretamente na tipologia de ordem da língua. Deste modo, após identificarmos esses tipos possíveis de predicado, esclarecemos informações sobre os estudos da ordem de palavras na Libras, contrapondo questões e especificidades expostas em nossos dados.

Depois de uma profunda reflexão e ponderação sobre todas essas características, encontramos diferentes propriedades e diversas particularidades na Libras que nos fazem pensar a língua com uma característica específica, conforme descrita e analisada por Launey (1994, 2004) na língua Nahuatl, a omnipredicatividade. Verificamos em nossas pesquisas e investigações que a Língua Brasileira de Sinais possui muitas características que nos levam a hipotetizá-la como uma língua omnipredicativa. Conforme exposto no capítulo 6, a principal característica de uma língua omnipredicativa está no fato de que todos os itens lexicais podem funcionar e exercer papel predicativo. Em Libras, nos deparamos com tipos diversos de predicados, verbais e não-verbais. Outros atributos, considerados por Launey (1994, 2004) como primários e secundários da omnipredicatividade, também se mostraram frequentes na Libras, sendo os mais evidentes a ausência de cópula e a existência de verbos espaciais. Assim sendo, julgamos necessário um aprofundamento das pesquisas nesta linha, para que possamos melhor esclarecer e categorizar a Libras em um escopo omnipredicativo. Especulamos que este tipo de aprofundamento pode contribuir para que diversos outros aspectos morfossintáticos da Libras sejam melhor esclarecidos, sem a necessidade de tentarmos ‘encaixar’ a língua em fenômenos e tipologias existentes e relacionados às línguas orais ou às línguas majoritárias que permeiam as línguas sinalizadas.

Para além disso, entendemos e percebemos este trabalho como inovador e como um pontapé inicial à uma mudança radical na forma de ver, analisar, estudar e descrever a Libras, assim como as demais línguas de sinais no mundo. Constatamos uma forte tendência de estudos linguísticos de línguas sinalizadas se espelharem nos estudos já realizados na ASL, mas pretendemos enfatizar que mesmo as línguas de sinais possuem padrões e idiossincrasias ímpares e que devem ser analisadas a partir de suas próprias particularidades, sem tentar adequar a aspectos encontrados em outras línguas.

Outrossim, reforçamos nossa opinião de que, por ser uma língua de modalidade diferenciada e cujos usuários têm experiências diferentes, uma visão de mundo diferente, a construção de uma cosmovisão diversa, não podemos pensar nas suas características como iguais às das línguas orais. Mais uma vez alertamos para o fato de que não podemos querer ‘encaixar’ as características de uma língua visual nos mesmos padrões, ou rotular

os fenômenos como os que existem nas línguas orais. Devemos sim pensar na língua de sinais por si, partindo da própria língua a descrição de suas características e seus fenômenos, observando seu funcionamento sem compará-la à língua majoritária, ou seja, à língua oral que a cerca.

Deste modo, consideramos que este trabalho cumpre sua proposta e auxilia na descrição gramatical da Libras, além de instigar cada vez mais o aprofundamento e pesquisas mais detalhadas sobre a morfossintaxe da Libras e a descrição gramatical das línguas de sinais. Estudos deste patamar contribuem com o detalhamento e o fortalecimento das línguas visuoespaciais de tal forma que garante sua efetiva participação na sociedade contemporânea. Essa consolidação de informações instiga cada vez mais pesquisadores e estudiosos à descrição das características fundamentais da língua e no detalhamento de fenômenos constantemente crescentes em línguas tão vivas e vívidas.

REFERÊNCIAS

ABNER, N.; FLAHERTY, M.; STANGL, K.; COPPOLA, M.; BRENTARI, D.; GOLDIN-MEADOW, S. **The Npun-Verb Distinction in Established and Emergent Sign Systems**. *Revista Language*, volume 95, nº 2, 2019.

ALTIMIRA, G. B. **The meaning of space in Catalan Sign Language (LSC). Reference, specificity and structure in signed discourse**. Tese. Universitat Pompeu Fabra. Barcelona, 2012.

ALTIMIRA, G. B. **The Meaning of Space in Sign Language. Reference, specificity and structure in Catalan Sign Language Discourse**. Ishara Press. Berlim, 2015.

ARAÚJO, M. N. de O. **Os Espaços na Libras**. Tese de Doutorado. Universidade de Brasília. Brasília, 2016.

ARCHER, D. AIJMER, K. & WICHMANN, A. **Pragmatics. An advanced resource book for students**. Routledge. Londres e Nova York, 2012.

ARONOFF, M. & FUEDEMAN, K. **What is Morphology?** *Fundamental os Linguistics*. Blackwell Publishing. Oxford, 2005.

ARONOFF, M.; MEIR, I. & SANDLER, W. **The Paradoxo f Sign Language Morphology**. *Language (Baltim)*, v. 81, n. 2. Jun. 2005.

AUDRING, J. & MASINI, F. (orgs.) **The Oxford Handbook of Morphological Theory**. Oxford Books in Linguistics. Oxford University Press. New York, 2019.

AUGUSTINI, C. & LEITE, J. de D. **Benveniste e a Teoria Saussuriana do Signo Linguístico: o binômio conteingência-necessidade**. *Revista Línguas e Instrumentos Linguísticos*, edição 30, artigo 7, jul a dez, 2012. Disponível em <<http://www.revistalinguas.com/edicao30/artigo7.pdf>> Acesso em 11 nov 2020, 15:36.

AULETE, F. J. C. & VALENTE, A. L. dos S. **iDicionário Aulete Digital. Lexikon**. Disponível em <https://www.aulete.com.br/site.php?mdl=aulete_digital> Acesso em 10 set. 2021, 15:50.

BARBOSA, T. B. **Uma descrição do processo de referenciação em narrativas contadas em língua de sinais brasileira (libras)**. Dissertação. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013.

BASÍLIO, M. **Formação e classes de palavras no português do Brasil**. 3ª edição. Editora Contexto. São Paulo, 2011.

BASÍLIO, M. **Teoria Lexical**. Editora Ática. São Paulo, 1987.

BATTISON, R. *Lexical Borrowing in American Sign Language*. Linkton Press. Silver Spring, 1978.

BAUER, A. *The Use os Signing Space in a Shared Sign Language os Australia*. Ishara Press. Berlim, 2014.

BECHARA, E. *Gramática Escolar da Língua Portuguesa*. 2ª edição ampliada e atualizada pelo novo acordo ortográfico. Editora Nova Fronteira S. A. Rio de Janeiro, 2010.

BECHARA, E. *Lições de Português pela Análise Sintática*. 19ª edição. Nova Fronteira Editora. Rio de Janeiro, 2018.

BENVENISTE, E. *Problemas de Linguística Geral I*. Traduzido por Maria da Glória Novak e Maria Luiza Neri. 3ª Edição. Editora Pontes. Campinas, 1991.

BERLINK, R. A.; AUGUSTO, M. R. A.; SCHER, A. P. *Sintaxe*. In: MUSSALIM, F, & BENTES, A. C. (orgs.) *Introdução à Linguística: Domínios e Fronteiras. Volume 1*. Cortez Editora. São Paulo, 2001.

BEVILACQUA, C. R. & SILVA, F. M da. *Morfologia concatenativa e morfologia não-concatenativa: do princípio morfológico ao princípio prosódico*. Revista Confluência, Linceu Literário Português, n. 60. Rio de Janeiro, 2021.

BISOL, L. *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 3ª edição. Editora EDIPUCRS, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2001.

BRASIL. **Decreto 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br>>. Acesso em: 20 mai. 2019. 15:15.

BRASIL. *Lei 10.436, de 24 de abril de 2002*. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Brasília, 24 abr. 2002. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br>>. Acesso em: 20 mai. 2019. 14:25.

BRENTARI, D. *Sign Languages*. Cambridge Language Surveys. Cambridge University Press. New York, 2010.

CABRAL, L. S. *Introdução à Linguística*. 6ª Edição. Editora Globo. Rio de Janeiro, 1985.

CAMPELLO, A. R. e S. *Aspectos da Visualidade na Educação de Surdos*. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D.; MAURÍCIO, A. C. L. **Novo Deit-Libras – Dicionário Enciclopédico Trilíngue da Língua Brasileira de Sinais**. Volume 1 (A-H), 2ª edição. Editora da Universidade de São Paulo – EDUSP. São Paulo, 2012.

CARNIE, A. **Syntax. A Generative Introduction**. Third Edition. Blackwell Publishing Ltd. Londres, 2013.

CEGALLA, D. P. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. Companhia Editora Nacional. São Paulo, 2008.

CHAIBUE, K. **Universais Linguísticos Aplicáveis às Línguas de Sinais: Discussão sobre as categorias lexicais nome e verbo**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2013.

CHANDLER, D. **Semiotics. The Basis**. Second Edition. Routledge Taylor & Francis Group. New York, 2007.

CHOMSKY, N. **Syntactic structures**. The Hague. Mouton, 1957.

COMRIE, B. **Language Universals and Linguistic Typology: syntax and morphology**. Second Edition. The University of Chicago Press. Chicago, 1989.

COPPOLA, M. & SENGHAS, A. **Deixis in an emerging sign language**. In: BRENTARI, D. **Sign Languages**. Cambridge Language Surveys. Cambridge University Press. New York, 2010.

CORMIER, K.; SCHEMBRI, A.; WOLL, B. **Pronouns and Pointing in Sign Languages**. *Língua*, nº 137, pg. 230 a 247, 2013. Disponível em <www.sciencedirect.com> Acesso em 13 jan. 2020, 10:43.

CORTEZ, C. M. **Formalismo X Funcionalismo: abordagens excludentes?** Revista PERcursos Linguísticos, v. 1, n. 1. Vitória, 2011.

COSTA, J. D. R. da. **Unidade Linguística e Valor Referencial: uma discussão sobre referenciação e unidade linguística em uma teoria de enunciação**. Revista Littera Online, número 06. Departamento de Letras da Universidade Federal do Maranhão. Manaus, 2013.

COSTA, M. R. **Proposta de Modelo de Enciclopédia Visual Bilíngue Juvenil: Enciclolibras**. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília. Brasília, 2012.

COUTO, H. H. **Sobre o Conceito de Comunidade Surda**. Revista Estudos Linguísticos, v. 13, n. 2, jul/dez. Belo Horizonte, 2005.

CROFT, W. **Typology and Universals**. Second Edition. Cambridge University Press. Cambridge, 2003.

CROWLEY, T. **An Introduction to Historical Linguistics**. Oxford University Press. Oxford, 1992.

CRYSTAL, D. **A dictionary of Linguistics and Phonetics**. Sixth Edition. Blackwell Publishing. Oxford, 2008.

CUNHA, C. F. da & CINTRA, F. L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 7ª edição, 2ª impressão. Lexikon Editora Digital. Rio de Janeiro, 2016.

DASCAL, M. (org.) **Semântica. Fundamentos Metodológicos da Linguística**. Volume III. Campinas, 1982.

DIK, S. C. **The Theory of Functional Grammar. Part 1: The Structure of the Clause**. 2ª edição revisada. Ed. Mouton de Gruyter. Berlim, 1997.

DUBOIS, J; GIACOMO, M.; GUESPIN, L.; MARCELLESI, C.; MARCELLESI, J. B.; MEVEL, J. P. **Dicionário de Linguística**. Editora Cultrix. São Paulo, 1973.

DUCROT, O. **Princípios de Semântica Linguística (dizer e não dizer)**. Editora Cultrix. São Paulo, 1972.

ECO, U. **Segno**. Enciclopedia Filosofica Istituto editoriale Internazionale. Itália, 1973.

ECO, U. **Semiótica e Filosofia da Linguagem**. Tradução de FABRIS, M. e FIORIN, J. L. Série Fundamentos. Gjulio Einaudi Editore s. p. a. São Paulo, 1991.

EMMOREY, K.; CORINA, D.; BELLUGI, U. **Differential Processing of Topographic and Referential Functions of Space**. In: EMMOREY, K. & REILLY, J. (orgs.). **Language, Gesture, and Space**. Lawrence Erlbaum Associates, Publishers. New Jersey, 1995.

EPPS, P. & SALANOVA, A. P. **A linguística amazônica hoje**. LIAMES: Línguas Indígenas Americanas, volume 12. Primavera (2012). Disponível em < <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/liames/article/view/1481> > Acesso em 30 jun 2019, 08:47.

FARREL, P. **Grammatical Relations**. Oxford University Press. Oxford, 2005.

FAUCONNIER, G. **Mental Spaces. Aspects of Meaning Construction in Natural Language**. Cambridge University Press. Cambridge, 1994.

FEKETE, E. **Signs in Space: American Sign Language as Spatial Language and Cultural Worldview**. Dissertação. Kent State University. Ohio, 2010.

FELIPE, T.A. **O Signo Gestual-Visual e sua Estrutura Frasal na Língua dos Sinais dos Centros Urbanos Brasileiros**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1988.

- FELIPE, T. A. **A Relação Sintático-Semântica dos Verbos na Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS)**. Tese de Doutorado em Linguística. Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Rio de Janeiro, 1998.
- FERNANDES, J. D. C. **Introdução à semiótica**. In: ALDRIGUE, A. C. de S.; LEITE, J. E. R. (Org.). **Linguagens: usos e reflexões**, v. 8, 1ª ed. Editora da UFPB, João Pessoa, 2011.
- FERREIRA-BRITO, L. **Estrutura Linguística da Libras**. UFRJ. Rio de Janeiro, 1990.
- FERREIRA-BRITO, L. **Por uma Gramática de Língua de Sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, Departamento de Linguística e Filologia, 1995 [2010].
- FIDALGO, A. & GRADIM, A. **Manual de Semiótica**. UBI – Portugal. 2004/2005. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/fidalgo-antonio-manual-semiotica-2005.pdf>> Acesso em 03 de ago. 2019, 15:27.
- FIDALGO, A. **Semiótica Geral**. Universidade da Beira Interior. Covilhã, 1999. Disponível em <<http://bocc.ubi.pt/pag/fidalgo-antonio-semiotica-geral.pdf>> Acesso em 16 Dez. 2019, 13:54.
- FIORIN, J. L. (org.) **Introdução à linguística** (vol. 2). 4. ed. São Paulo: Contexto, 2005.
- FIORIN, J. L. (org.) **Introdução à linguística II. Princípios de Análise**. Editora Contexto. São Paulo, 2010.
- FREGE, G. **Estudios sobre semantica**. Ediciones Orbis, S. A. Barcelona, 1984.
- FREGE, G. **Lógica e Filosofia da Linguagem** Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1978.
- FROMKIN, V; RODMAN, R.; HYAMS, N. **An Introduction to Language**. 9ª Edição. International Edition. Wadsworth Cengage Learnig. Canadá, 2010.
- FRYDRYCH, L. A. K. **Rediscutindo as Noções de Arbitrariedade e Iconicidade: Implicações para o Estatuto Linguístico das Línguas de Sinais**. ReVEL, v. 10, n. 19.
- GESSER, A. **Libras? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade Surda**. Parábola Editorial. São Paulo, 2009.
- GIVÓN, T. **Syntax: An introduction**. Volume I. John Benjamins Publishing Company. Amsterdam, 2001.
- GRASSI, D.; ZANONI, G. G.; VALENTIN, S. M. L. **Língua Brasileira de Sinais: aspectos linguísticos e culturais**. Revista Trama, volume 7, número 14, pg. 57 a 68, 2011.

GREENBERG, J. **Language Universals. With Special Reference to Feature Hierarchies.** Mouton de Gruyter. New York, 1966a.

GREENBERG, J. **Universals of Language.** 2ª edição. The MIT Press. Massachusetts, 1996b.

GUILHERME, M. R. de C. **A relação entre a colocação dos clíticos e o parâmetro pro-drop no português brasileiro.** Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Belo Horizonte, 2012.

GUIMARÃES, C.; ANTUNES, D. R.; NOSSABEIN, I.; SANDOVAL, P.; GARCIA, L.; FERNANDES, S.; MIRANDA JR, A. **Corpus of semiotic analysis of sign language.** 2013. Disponível em < <https://www.researchgate.net/publication/259148156>> Acesso em 27 dez. 2019, 13:42.

GUIMARÃES, E. **Os Limites do Sentido. Um Estudo Histórico e Enunciativo da Linguagem.** Editora Pontes. Campinas, 1995.

HASPELMATH, M. **Understanding Morphology.** Understanding Language Series. Oxford University Press. New York, 2002.

HASPELMATH, M. **The Serial Verb Construction: Comparative Concept and Cross-linguistic Generalizations.** Revista Language and Linguistics, n. ° 13, volume 3. Taiwan, 2016.

HAVILAND, J. B. **Pointing, gesture spaces, and mental maps.** In: MCNEILL, D. **Language and Gesture.** Cambridge University Press. Cambridge, 2000.

HAWES, D. **The interaction between Surrogates and Tokens in American Sign Languages.** Dissertação. University of Manitoba. Winnipeg, 2016.

HERNANDORENA, C. L. M. **Introdução à Teoria Fonológica.** In: BISOL, L. **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro.** 3ª edição. Editora EDIPUCRS, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2001.

HODGE, G.; FERRARA, L. N.; ANIBLE, B. D. **The semiotic diversity of doing reference in a deaf signed language.** Journal of Pragmatics 143, 2019. Disponível em www.elsevier.com/locate/pragma Acesso em 27 dez. 2019, 17:46.

JOHNSTON, T. **Nouns and Verbs in Australian Sign Language: An Open and Shut Case?** Journal of Deaf Studies and Deaf Education, volume 6, nº 6. Fall, 2001.

JUNIOR, E. F. & FERRAZ, P. F. L. **A Iconicidade, da Semiótica à Linguística: situação do problema.** Anais do VI Congresso Internacional da Abralín. João Pessoa, 2009.

KARNOPP, L. **Aquisição Fonológica na Língua Brasileira de Sinais: Estudo longitudinal de uma criança surda.** Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Porto Alegre, 1999.

KATZ, J. J. **O Escopo da Semântica.** In: DASCAL, M. (org.) **Semântica. Fundamentos Metodológicos da Linguística.** Volume III. Campinas, 1982.

KEMPSON, R. M. **Semantic Theory.** Cambridge University Press. New York, 1979.

KLIMA, E. S. & BELLUGI, U. **The Signs of Language.** Harvard University Press. Cambridge, 1979.

LAUNEY, M. **The features of omnipredicativity in Classical Nahuatl.** In: Sprachtypologie und Universalienforschung (STUF), nº 57, vol. 1. Akademie-Verlag. Berlin, 2004.

LAUNEY, M. **Une Grammaire omniprédicative. Essai sur la syntaxe du nahuatl classique.** CNRS. Paris, 1994.

LEECH, G. **Semantics. The Study of Meaning.** Second Edition. Penguin Books. Great Britain, 1981.

LEITE, T. de A. **A Segmentação da Língua de Sinais Brasileira (Libras): um estudo linguístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos.** Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, 2008.

LESSA-DE-OLIVEIRA, A. S. C. **Diferenças entre a modalidade falada tridimensional e a modalidade escrita linear: uma questão sobre a tradução para língua de sinais.** Anais do III Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa. Florianópolis, 2012. Disponível em <http://www.congressotils.com.br/anais/anais/tils2012_traducao_escrita_lessadeoliveira.pdf> Acesso em 26 fev. 2021, as 15:38.

LEVINSON, S. C. **Pragmática.** Tradução de Luiz Carlos Borges e Aníbal Mari. Editora Martins Fontes. São Paulo, 2007.

LIDDELL, S. K. & JOHNSON, R. E. **American Sign Language: The Phonological Base.** Sign Language Studies. 1989.

LIDDELL, S. K. **American Sign Language Syntax.** Mouton Publishers. Grã Bretanha, 1980.

LIDDELL, S. K. **Think and Believe: Sequentiality in American Sign Language signs.** Language 60, volume 2. 1984.

LIDDELL, S. K. **Blended spaces and deixis in sign Language discourse.** In: MCNEILL, D. **Language and Gesture.** Cambridge University Press. Cambridge, 2000.

LIDDELL, S. K. **Grammar, Gesture and Meaning in American Sign Language**. Cambridge University Press. New York, 2003.

LIMA, H. J. **Categorias Lexicais na Língua Brasileira de Sinais: nomes e verbos**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2012.

LIMA-HERNANDES, M. C. **O Princípio da Iconicidade e sua atuação no Português do Brasil**. Revista Filologia e Linguística Portuguesa, n. 8. São Paulo, 2006.

LIRA, G. A.; SOUZA, T.A.F. **Dicionário da Língua Brasileira de Sinais**. V3. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em <www.acessibilidadebrasil.org.br> Acesso em 21 jun. 2019, 16:30.

LOBATO, L. M. P. **Sintaxe gerativa do português: da teoria padrão à regência e ligação**. Virgília. Belo Horizonte, 1986.

LOMBA, J. A. da. **A Motivação do Signo: aspectos do simbolismo sonoro e da expressividade da fala**. Revista Intercâmbio, Especial Expressividade. V. XXXVI. São Paulo, 2017.

LOURENÇO, G. **Concordância, Caso e Ergatividade em Língua de Sinais Brasileira: uma proposta minimalista**. Dissertação. Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Belo Horizonte, 2014.

LOURENÇO, G. **Por uma derivação sintática das construções bitransitivas em Língua Brasileira de Sinais**. In: I Congresso Nacional de Pesquisas em Linguística de Línguas de Sinais. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2016.

LOURENÇO, G. **Verb Agreement in Brazilian Sign Language: Morphophonology, Syntax & Semantics**. Tese. Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Belo Horizonte, 2018.

LYONS, J. **Linguagem e Linguística: uma introdução**. Guanabara. Rio de Janeiro, 1987.

LYONS, J. **Semântica**. Volume 1. Editorial Presença/Martins Fontes. Lisboa, 1977.

MACHADO, P. C. **A Influência da Linguagem Viso-Espacial no Desenvolvimento Cognitivo da Criança Surda**. Revista Linhas, volume 2, número 2. Universidade do Estado de Santa Catarina (UNIDESC). Florianópolis, 2001.

MAGALHÃES, M. M. S. **A gramaticalização de verbos em partículas na língua Guajá e sua relação com a omnipredicatividade**. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, Belém, v. 14, n. 3, set./dez. 2019. Disponível em <

https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/36610/1/ARTIGO_GramaticalizacaoVerbosP_articulas.pdf > Acesso em 28 jun. 2021, 15:34.

MAGALHÃES, M. M. S & PRAÇA, W. N. **A Morfologia Transcategorial e a sua Relação com o Padrão Omnipredicativo em Línguas da Família Tupi-Guarani.** ReVEL, vol. 17, n. 32, 2019. Disponível em < <http://www.revel.inf.br/files/36ede5260fa1e3e8838aa2ec3751fd90.pdf> > Acesso em 28 jun. 2021, 15:15.

MAGALHÃES, M.; PRAÇA, W. N. & CRUZ, A. **Gradação da Omnipredicatividade na Família Tupi-Guarani.** Forma y Función, vol. 32, nº 2. Bogotá, 2019.

MAIA, M. **Manual de Linguística: subsídios para a formação de professores indígenas na área de linguagem.** Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD), Ministério da Educação (MEC), Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) e Projeto Trilhas de Conhecimentos – LACED/Museu Nacional. Brasília, 2006.

MARCONI, M. de A. & LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica.** 5ª edição. Editora Atlas S.A. São Paulo, 2003.

MARCONI, M. de A. & LAKATOS, E. M. **Metodologia científica.** 5ª edição. Editora Atlas S.A. São Paulo, 2008.

MARCUSCHI, L. A. **Cognição, linguagem e Práticas Interacionais.** Lucerna. Rio de Janeiro, 2007.

MARENTETTE, P. F. **It's in her hands: A case study of the emergence of phonology in American Sign Language.** PHD Dissertation, McGill University, Department of Psychology. Montreal, 1995.

MATTOS, C. L. G. **A abordagem etnográfica na investigação científica.** In: MATTOS, C. L. G. & CASTRO, P. A. (orgs). **Etnografia e educação: conceitos e usos.** EDUEPB. Campina Grande, 2011.

MATHUR, G. & RATHMANN, C. **Verb agreement in sign language morphology.** In: BRENTARI, D. **Sign Languages.** Cambridge Language Surveys. Cambridge University Press. New York, 2010.

MCCLEARY, L. & VIOTTI, E. **Semântica e Pragmática.** Texto-base. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Florianópolis, 2009.

MCNEILL, D. **Language and Gesture.** Cambridge University Press. Cambridge, 2000.

MEDEIROS, D. V. **Icônico ou Arbitrário? Motivado ou Imotivado? O signo linguístico na Língua Brasileira de Sinais.** Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2019.

MEIRA, C. G. E.; PEREIRA, E.; SARZI, K. B. D.; PEIXOTO, M. S. S. **Ícone e Símbolo: a semiótica Pierceana na Língua Brasileira de Sinais**. Mimesis, vol. 18, n. 2. Bauru, 2017.

MELHORAMENTOS. **Dicionário: Língua Portuguesa**. 1ª edição, 9ª impressão. Editora Melhoramentos. São Paulo, 2006.

MENDONÇA, C. S. S. S. **Classificação Nominal em Libras: um estudo sobre os chamados classificadores**. Dissertação de Mestrado em Linguística. Universidade de Brasília. Brasília, 2012.

MEY, J. L. **Pragmatics. An Introduction**. Second Edition. Blackwell Publishers. Oxford, 2001.

MOREIRA, R. L. **Um Olhar da Semiótica para os Discursos em Libras: Descrição do Tempo**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2016.

MORRIS, C. **Fundamentos de la teoría de los signos**. Ediciones Paidós. Barcelona, 1985.

MUSSALIM, F, & BENTES, A. C. (orgs.) **Introdução à Linguística: Domínios e Fronteiras**. Volume 1. Cortez Editora. São Paulo, 2001.

MUSSALIM, F, & BENTES, A. C. (orgs.) **Introdução à Linguística: Domínios e Fronteiras**. Volume 2. Cortez Editora. São Paulo, 2004.

NAPOLI, D. J.; SUTTON-SCPENGE, R.; QUADROS, R. M. de. **Influence of Predicate Sense on Word Order in Sign Languages: Intensional and Extensional Verbs**. Artigo publicado no site da Linguistic Society of America (LSA). Disponível em <https://www.linguisticsociety.org/sites/default/files/07_93.3Napoli.pdf> Acesso em 13 jan. 2020, 12:47.

NAPOLI, D.J. **Morphological Theory and Sign Languages**. In: AUDRING, J. & MASINI, F. (orgs.) **The Oxford Handbook of Morphological Theory**. Oxford Books in Linguistics. Oxford University Press. New York, 2019.

NEGRÃO, E.; SCHER, A.; VIOTTI, E. **Sintaxe: explorando a estrutura da sentença**. In: FIORIN, J. (org.) **Introdução à Linguística**. Vol. II. Editora Contexto. São Paulo, 2010.

OLIVEIRA, L. M. de. **A categoria sintática predicativo na Língua Brasileira de Sinais: um estudo descritivo**. Dissertação. Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Recife, 2020.

OLIVEIRA, R. P. de. **Semântica**. In: MUSSALIM, F, & BENTES, A. C. (orgs.) **Introdução à Linguística: Domínios e Fronteiras**. Volume 2. Cortez Editora. São Paulo, 2004.

PADDEN, C. **Interaction of Morphology and Syntax in American Sign Language.** Dissertação. Universidade da Califórnia. San Diego, 1983. [publicada em Garland Outstanding Dissertations in Linguistics, Nova York, 1988].

PADDEN, C. MEIR, I.; ARONOFF, M.; SANDLER, W. **The grammas of space in two new sign languages.** In: BRENTARI, D. **Sign Languages.** Cambridge University Press. Cambridge, 2010.

PADDEN, C.; HUMPHRIES, T. **Deaf in américa: voices from a culture.** Harvard University Press. Cambridge, 2000.

PAGY, F. E. **Reduplicação na Língua Brasileira de Sinais (Libras).** Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, do Instituto de Letras da Universidade de Brasília. Brasília, 2012.

PAYNE, T. E. **Describing Morphosyntax: a guide for field linguists.** Cambridge University Press. Nova York, 1997.

PAYNE, T. E. **Exploring Language Structure. A Student's Guide.** Cambridge University Press. Cambridge, 2006.

PERLIN, G. T. T. **Identidades surdas.** In: SKLIAR, Carlos (Org.). **A surdez – um olhar sobre as diferenças.** Porto Alegre: Mediação, 2005.

PERLIN, G. T. T. **O Ser e o Estar Sendo Surdos: alteridade, diferença e identidade.** Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2003.

PERNISS, P.; ZWITSERLOOD, I; ÖZYÜREK, A. **Does Space Structure Spatial Language? Linguistic Encoding of Space in Sign Language.** Radboud University Nijmegen & Max Planck Institute for Psycholinguistics. PO Box 310, 600. Netherlands, 2011.

PETTER, M. M. T. **Morfologia.** In: FIORIN, J. L. (org.) **Introdução à linguística II.** Princípios de Análise. Editora Contexto. São Paulo, 2010.

PFAU, R.; STEINBACH, M.; WOLL, B. **Sign Language: An International Handbook.** Handbooks of Linguistics and Communication Science. De Gruyter Mouton. Alemanha, 2012.

PIERCE, C. S. **La Ciencia de la Semiotica.** Ediciones Nueva Visión. Buenos Aires, 1974.

PIERCE, C. S. **Semiótica.** Traduzido por COELHO-NETO, J. T. Editora Perspectiva. São Paulo, 2005.

PIVETA, E. M.; SAITO, D. S.; FLOR, C. da S.; PERASSI, R. L. de S. **Análise Semiótica da Língua de Sinais.** In: **Acta Semiotica et Linguistica.** Periódico do Programa de Pós-

Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba. Volume 18, nº 2. Campina Grande, 2013.

PIZZIO, A. L. **A Tipologia Linguística e a Língua de Sinais Brasileira: elementos que distinguem nomes de verbos.** Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2011.

PIZZIO, A. L.; CAMPELLO, A. R. e S.; REZENDE, P. L. F.; QUADROS, R. M. de. **Língua Brasileira de Sinais III.** Texto Base. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Florianópolis, 2009.

PLATÃO 427-347 a. C. **Teeteto e Crátilo.** Tradução direta do grego por Carlos Alberto Nunes. Universidade Federal do Pará, 1988. Gráfica e Editora Universitária da UFPA. Belém, 1988.

PRAÇA, W. N. **Morfossintaxe da Língua Tapirapé.** Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília. Brasília, 2007.

PROMETI, D.; COSTA, M. R.; TUXI, P. **Sinal-Termo, Língua de Sinais e Glossário Bilingue: atuação da Universidade de Brasília nas Pesquisas Terminológicas.** Anais do I Congresso Nacional de Libras da Universidade Federal de Uberlândia – I CONALIBRAS-UFU. Uberlândia., 2015.

QUADROS, R. M. & QUER, J. **A caracterização da concordância nas línguas de sinais.** In: SALLES, H. & NAVES, R.R. (orgs.) **Estudos gerativos de língua de sinais brasileira e de aquisição de Português (L2) por surdos.** Cânone Editorial. Brasília, 2010.

QUADROS, R. M. & QUER, J. **Back to back(wards) and moving on: On agrément, auxiliaries and verb classes in sign language.** In: QUADROS, R. M. (org.) **Sign Languages: spinning and unraveling the past, presente and future.** TISLR 9. Editora Arara Azul. Florianópolis, 2008.

QUADROS, R. M. de; NEVES, B. C.; SCHMITT, D.; LOHN, J. T; LUCHI, M. **Língua Brasileira de Sinais: Patrimônio Linguístico Brasileiro.** Editora Garapuvu. Florianópolis, 2018.

QUADROS, R. M. e KARNOPP, L. B. **Língua de Sinais Brasileira: Estudos Linguísticos.** Artmed. Porto Alegre, 2004.

QUADROS, R. M. et al. **Língua Brasileira de Sinais I, Texto-base.** Florianópolis. UFSC. 2009.

QUADROS, R. M. **Libras. Coleção Linguística para o Ensino Superior.** volume 5. Parábola Editorial. São Paulo, 2019.

- QUADROS, R. M. **Phrase Structure of Brazilian Sign Language**. Tese de Doutorado em Linguística. PUCRS. Porto Alegre, 1999.
- QUADROS, R. M.; PIZZIO, A. L.; REZENDE, P. L. F. **Língua Brasileira de Sinais IV. Texto-base**. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Florianópolis, 2009.
- QUADROS, R. M.; SCHMITT, D.; LOHN, J. T.; LEITE, T. A.; e colaboradores. **Corpus de Libras**. Disponível em <<http://corpuslibras.ufsc.br/>>. Acesso em 10 jul. 2019. 08:42
- QUADROS, R. M.; STUMPF, M. R. (orgs.). **Estudos da Língua Brasileira de Sinais**. Volume IV. Editora Insular. Florianópolis, 2018.
- QUADROS, R. M.; STUMPF, M. R.; LEITE, T. A. (orgs.). **Estudos da Língua Brasileira de Sinais**. Volume I. Editora Insular. Florianópolis, 2013.
- QUEIXALÓS, F. **The primacy and fate of predicativity in Tupi-Guarani**. In: LOIS, X.; VAPNARSKY, V. **Lexical Categories and Root Classes in Amerindian Languages**. Peter Lang International Academic Publishers. Bern, 2006.
- REIS, L. da S. **O processo referencial na Libras face às ocorrências anafóricas em Língua Portuguesa**. Tese de Doutorado. Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Cascavel, 2019.
- ROCHA, A. L. C. da & ECKERT, C. **Etnografia: saberes e práticas**. In: PINTO, C. R. J. & GUAZZELLI, C. A. B. **Ciências Humanas: pesquisa e método**. Editora da Universidade. Porto Alegre, 2008.
- ROCHA-LIMA, C. H. da. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. 49ª edição. José Olympio Editora. Rio de Janeiro, 2011.
- RODERO-TAKAHIRA, A. G. **Compostos na Língua de Sinais Brasileira**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2015.
- RODRIGUES, A. **Línguas e culturas dos povos Tupi**. Campinas: Curt Nimuendaju, 2007.
- ROSA, I. M. F.; KRIEGER, M.; ARAUJO, R. M. E.; LA PORTA, S. **Mapeamento estruturado da Libras para utilização em sistemas de comunicação**. In: **International Research Reports**, nº 48. Departamento de Engenharia Elétrica. PUC. Rio de Janeiro, 2016.
- ROYER, M. **Análise da ordem das palavras nas sentenças em Libras do corpus da Grande Florianópolis**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2019.

- SALLES, H. M. L. **Bilinguismo dos surdos**. Questões linguísticas e educacionais. Editora Cênone. Goiânia, 2007.
- SANDALO, M. F. S. **Morfologia**. In: MUSSALIM, F. & BENTES, A. C. (orgs.). **Introdução à Linguística: Domínios e Fronteiras**. Volume I. Cortez Editora. São Paulo, 2001.
- SANDLER, W. & LILLO-MARTIN, D. **Sign Language and Linguistic Universals**. Cambridge University Press. New York, 2006.
- SANDLER, W. **Prosody and Syntax in Sign Languages**. Revista PhilSoc, Transactions of the Philological Society, volume 108:3, p. 298-328, 2010.
- SANTAELLA, L. **O que é Semiótica**. Coleção Primeiro Passos. Editora Brasiliense. Brasília, 1990.
- SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral**. Trad. de CHELINI, A.; PAES, J. P.; BLIKSTEIN, I. Ed. Cultrix. São Paulo, 2006[1916].
- SAUTCHUK, I. **Prática de Morfossintaxe. Como e por que aprender análise (morfo)sintática**. 2ª Edição. Editora Manole. São Paulo, 2010.
- SCHLENKER, P. **Sign Language Semantics: Problems and Prospects**. Theoretical Linguistics, 2018. Disponível em < file:///C:/Users/Bia/OneDrive/Doutorado/Tese/3-%20Capítulo%201/textos/semântica/LS/schlenker_18_Sign-Linguag.3.pdf > Acesso em 21 dez. 2019, 21:19.
- SCHLENKER, Philippe. **Conditionals as definite descriptions: a referential analysis**. Research on Language and Computation, 2016. Disponível em < <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.124.914&rep=rep1&type=pdf> > Acesso em 24 mar. 2021, 17:18.
- SCHWAGER, W. & ZESHAN, U. **Word classes in sign languages**. Studies in Language, volume 32, nº 3, 2008.
- SHOPEN, T. **Language Typology and Syntactic Description**. Volume I: Clause Structure. Second Edition. Cambridge University Press. Cambridge, 2007.
- SILVA, F. M. da. **As Dicotomias Saussureanas e suas Implicações sobre os Estudos Linguísticos**. Revista de Educação, Linguagem e Literatura da UEG-Inhumas, REVELLI, v. 3, n. 2. Inhumas, 2011.
- SILVA, S. O. P. A. C. **Considerações sobre a posição dos verbos na Língua Brasileira de Sinais: uma análise descritiva a partir de diálogos entre Surdos**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2015.

SILVA, T. C. **Fonética e Fonologia do Português. Roteiro de estudos e guia de exercícios.** Editora Contexto. São Paulo, 2003.

SIMÕES, D. **Iconicidade Verbal. Teoria e Prática.** Dialogarts Publicações. Rio de Janeiro, 2009.

SOUZA, P. C. de & SANTOS, R. S. **Fonologia.** In: FIORIN, J. L. (org.) **Introdução à linguística** (vol. 2). 4. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

SPENCER, A. & ZWICKY, A. M. **The Handbook of Morphology.** Séries Blackwell Handbooks in Linguistics. Blackwell Publishing, 2001. Disponível em <<http://www.blackwellreference.com/subscriber/tocnode?>> Acesso em 1 dez. 2019, 13:54.

SPENCER, A. **Morphological Theory (An Introduction to Word Structure in Generative Grammar).** Tradutora: Maria Cristina Figueiredo Silva. 2008.

STOKOE, W. C. **Semiotics and Human Sign Languages.** Mouton: The Hague. Paris, 1972.

STOKOE, W. C. **Sign Language structure.** Silver Spring: Linstok Press, 1978.

STOKOE, W. C. **Sign Language structure: an outline of the visual communication systems of the American Deaf.** Departamento de Antropologia e Linguística. Universidade de Buffalo. Nova York, 1960.

STRAWSON, P. F. **Significado e Verdade.** In: DASCAL, M. (org.) **Semântica. Fundamentos Metodológicos da Linguística.** Volume III. Campinas, 1982.

STROBEL, k. **As imagens do outro sobre a Cultura Surda.** Editora da UFSC. Florianópolis, 2008.

STROBEL, K. L. & FERNANDES, S. **Aspectos Linguísticos da Libras.** Curitiba. SEED/SUED/DEE. 1998.

STUMPF, M. R. **Aprendizagem de escrita de língua de sinais pelo sistema SignWriting: língua de sinais no papel e no computador.** Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre, 2005.

SUASSUNA, L. **Pesquisa qualitativa em Educação e Linguagem: histórico e validação do paradigma indiciário.** Revista Perspectiva, v. 26, n. 1, p. 341-377. Florianópolis, 2008.

SUTTON, V. **Um Sistema de Escrita para Língua de Sinais.** Tradução parcial e adaptação do Inglês/ASL para Português/LIBRAS do livro “Lessons in SignWriting”, publicado originalmente pelo Deaf Action Committe for SignWriting – DAC, traduzido por Marianne Rossi Stumpf, com colaboração de Antonio Carlos da Rocha Costa e

Ronice Muller de Quadros. Apoio: Projeto SignNet, CNPq/ProTeM – UCPel/PUCRS/ULBRA. Disponível em: <<http://www.signwriting.org/archive/docs5/sw0472-BR-Licoes-SignWriting.pdf>>. Acesso em: 22 mar. 2012. 11:25.

SUTTON-SPENCE, R. **Mouthings and Simultaneity in British Sign Language**. In: VERMEERBERGEN, M.; LEESON, L.; CRASBORN, O. (Org.). **Simultaneity in Signed Languages: Form and Function**. Amsterdam: John Benjamins, 2007,

TAUB, S. F. **Use of Sign Space**. In: WILCOX, P. P. **Metaphors in American Sign Language**. Gallaudet University Press. Washington, 2000.

TAVARES, R. R. **Linguagem, cultura e imagem na pesquisa qualitativa: interpretando caleidoscópios sociais**. Cadernos EBAPE.BR, volume III, número 1, março, 2005. Disponível em <www.ebape.fgv.br/cadernosebape> Acesso em 31 jul 2020, as 15:32.

TEIXEIRA, V. G. **A Iconicidade e Arbitrariedade na Libras**. Anais do VII Simpósio Nacional de Estudos Filológicos e Linguísticos (VII SINEFIL). Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul. Campo Grande, 2015.

THOMAS, J. **Meaning in Interaction: na Introduction to Pragmatics**. Longman. Londres, 1995.

TKACHMAN, O. & SANDLER, W. **Thenoun-verb distinction in two Young sign languages**. In: HAVILAND, J. B. **Where Do Nouns Come From?** Gesture, volume 13, número 3, 2013.

VALLI, C. & LUCAS, C. **Linguistics of American Sign Language: an intriduction**. 3ª Edição. Clerc Books, Gallaudet University Press. Washington, 2000.

VICENTE, R. B.; DEFENDI, C. L.; LIMA-HERNANDES, M. C. P. **Divergências e Convergências Saussurianas à Linguística Funcionalista**. Revista Prolíngua, volume 11, número 2, out/dez. Periódicos UFPB. João Pessoa, 2016.

XAVIER, A. N. **Descrição Fonético-Fonológica dos Sinais da Língua Brasileira de Sinais (Libras)**. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, 2006.

ZUCHI, S. **Formal Semantics of Sign Language**. Language and Linguistics Compass, 6/11. 2012. Disponível em <<https://air.unimi.it/retrieve/handle/2434/230068/298589/lnc3.348.pdf>> Acesso em 12 dez. 2019, 21:22.

ANEXO I – Lista dos sinais utilizados nos dados como nomes

Sinais - Nomes	Pode funcionar como verbo?
ADMINISTRAÇÃO	sim
ADULTO	não
AGRESSÃO	sim
ALUNO	não
AMIGO	não
ANO	não
ÁREA	não
AREIA	não
ASSOCIAÇÃO	não
ATIVIDADE	não
AVAI	não
BARATO	não
BARREIRA	sim
BARULHO	sim
BILÍNGUE	não
BOLO	não
BOM	não
BRASIL	não
BRIGA	sim
CALMA	sim
CAMPEONATO	sim
CARRO	sim
CASA	sim
CERTO	sim
CHEFE	sim
CIDADE	não
CLARO	sim
CL-carro e kart	sim
CL-corrída	sim
CL-curva	sim
CL-rápido	sim
COISA	não
CONFUSÃO	sim
C-O-P-A	não
CORINTHIANS	não
CRUZEIRO	não
DEFEITO	não
DIA	não
DIFERENTE	sim
DIFÍCIL	sim

DILMA	não
DINHEIRO	sim
DIREITO	não
DOMINGO	não
EMOÇÃO	sim
EMPREGADA(O)	não
ENGRAÇADO	não
ESCOLA	sim
ESCOLA-CESAR-RAMOS	não
ESCURO	sim
ESPORTE	sim
ESTÁDIO	não
ESTADO	não
ESTRESSE	sim
ESTRUTURA	sim
EXEMPLO	sim
FÁCIL	sim
FACULDADE	não
FAMÍLIA	não
FESTA	sim
FIGUEIRENSE	não
FILME	não
FLAMENGO	não
FOCO	sim
FORTE	não
FRACO	sim
FRASE	não
FUTEBOL	sim
GESTO	sim
GOOGLE	não
GOSTOSO	não
GOVERNO	sim
GRANDE	sim
GRÊMIO	não
GREVE	sim
GRUPO	sim
HOMEM	não
HORRÍVEL	não
HOSPITAL	não
IDADE	não
IDENTIDADE	não
IFSC-PALHOÇA	não
IGUAL	não
IMPORTANTE	sim
INCLUSÃO	sim

INFÂNCIA	sim
INFORMAÇÃO	sim
INFORMAÇÃO-MIM	sim
INGLÊS	não
INTERESSANTE	sim
INTERNACIONAL (time)	não
INTÉRPRETE	sim
IRMÃO	não
JEITO	sim
JORNAL	não
JOVEM	não
KART	não
L2	não
LEGAL	não
LETRAS-LIBRAS	não
LÍNGUA-DE-SINAIS	sim
LIVRE	sim
LUGAR	sim
LUGARES (ONDE +++)	sim
MAIOR	sim
MANIFESTAÇÃO	sim
MÃOS	não
MÉDICO	não
MEDO	sim
MELHOR	sim
MENTE-ABERTA	sim
MENTE-FECHADA	sim
METODOLOGIA	não
METRÔ	não
MINAS-GERAIS	não
MOTOR	sim
MOVIMENTO	sim
MULHER	não
MUNDO	não
NAMORADO(A)	sim
NATURAL	não
NORMAL	sim
NOVIDADE	não
NOVO	não
OBJETIVO	sim
ÓBVIO	não
OPINIÃO	sim
OUVINTE	sim
PADRÃO	sim
PAÍS	não

PALAVRA	não
PÃO	não
PEDAGOGIA	não
PERIGO	não
PESSOA	não
POLÍCIA	não
POLÍTICA	não
PORTUGUÊS	não
POSSÍVEL	sim
PRAIA	sim
PRESIDENTE	sim
PRIMEIRO	não
PROBLEMA	sim
PROCESSO	sim
PROFESSOR	não
PROFISSIONAL	sim
PURO	não
QUARTA-FEIRA	não
QUATRO-MESES	não
QUINTA-FEIRA	não
REPRESENTANTE	sim
RESPONSÁVEL	sim
RIO-DE-JANEIRO	não
RIVAL	sim
RUA	não
RUIM	não
SACANAGEM	sim
SÃO-PAULO	não
SAÚDE	não
SEGUNDA-FEIRA	não
SEGUNDO	não
SEPARADO-EM-DOIS	sim
SEXTA-FEIRA	não
SIGNIFICADO	sim
SIMPLES	sim
SINAL-ASSOCIAÇÃO (nome próprio)	não
SÓCIO	sim
SURDO	não
S-U-S	não
TEATRO	não
TELEVISÃO	não
TEMA	sim
TERÇA-FEIRA	não
TERMINAL-ÔNIBUS-FLORIANÓPOLIS	não
ÚLTIMO	não

UNIÃO	sim
VELHO	não
VERBA	sim
VERDADE	não
VIDA	sim
VIOLÊNCIA	sim
VÔLEI	sim

ANEXO II- Lista dos sinais utilizados nos dados como verbos

Sinal	Pode funcionar como nome?
ABRIR	sim
ABRIR-MENTE	sim
ACABAR	não
ACHAR	não
ACOMODAR (fazer nada)	não
ACONTECER	não
ACOSTUMAR	sim
ACREDITAR	sim
ADMIRAR	sim
ADORAR	não
AGREDIR	sim
AJUDAR	sim
AJUDAR-NÃO	não
APOIAR	sim
APRENDER	sim
APROVEITAR	não
ASSISTIR	não
ATRAPALHAR	não
ATRASAR	não
AVISAR	sim
BATER-PAPO	não
BRIGAR	sim
BUSCAR	não
CAMISA-VESTIR	não
CL-bater-pessoas-cacetete	não
CL-carro-amassar	sim
CL-carro-andar	sim
CL-carro-bater	sim
CL-carro-correr	sim
CL-carro-derrapar	sim
CL-carro-desviar	sim
CL-carro-perseguir	sim
CL-carro-rodar	não
CL-carro-ultrapassar	sim
CL-deixar	não
CL-fazer-curva-carro	sim
CL-kart-correr	sim
CL-pessoas-vir	sim
COMBINAR	não
COMBINAR-NÃO	não

COMEÇAR	sim
COMPETIR	sim
COMUNICAR	sim
CONCORDAR	sim
CONECTAR	sim
CONHECER	sim
CONSEGUIR	não
CONSEGUIR-NÃO	não
CONSERTAR	não
CONTATAR	sim
CONTINUAR	sim
CONVERSAR	sim
COZINHAR	sim
CRESCER	sim
DANÇAR	sim
DAR	não
DEIXAR	não
DESAFIAR	sim
DESCOBRIR	sim
DESENVOLVER	sim
DESESPERAR	sim
DESFILAR	sim
DESISTIR	não
DIALOGAR	sim
DIRIGIR	sim
DIVULGAR	sim
EMBOLSAR (GUARDAR-BOLSO)	não
ENSINAR	sim
ENTENDER-NÃO	não
ENTRAR	sim
ERRAR	sim
ESCOLHER	sim
ESCREVER	sim
ESFORÇAR	sim
ESPALHAR	não
ESPERAR	não
ESTIMULAR	sim
ESTAR-EM-PROCESSO	não
ESTRESSAR	sim
ESTUDAR	sim
EVOLUIR	sim
EXPRESSAR	sim
FALAR	sim
FALAR-ORAL	sim
FALTAR	sim

FAZER	não
FECHAR-MENTE	sim
FICAR-EM-CASA-A-TOA	não
GOSTAR	sim
GOSTAR-NÃO	não
GUIAR	sim
IMAGINAR	sim
INCLUIR	sim
INFORMAR	sim
INFORMAR-MIM	sim
INTERAGIR	sim
INTERESSAR	sim
IR	não
IR-EMBORA	não
LEMBRAR	sim
LEMBRAR-NÃO	não
LER	sim
LUTAR	sim
MACHUCAR	sim
MANIFESTAR	sim
MELHORAR	sim
MISTURAR	sim
MORRER	sim
MOVIMENTAR	sim
MUDAR	sim
OBRIGAR	sim
ODIAR	sim
OLHAR	não
OLHAR-RECÍPROCO	não
ORALIZAR	sim
OUVIR-NÃO	não
PARAR	não
PARECER	não
PARTICIPAR	sim
PEGAR	não
PEGAR (gíria)	não
PENSAR	sim
PERDER	não
PERGUNTAR	sim
PESQUISAR	sim
PODER	sim
PODER-NÃO	não
PODIA (VERBO PODER, NO PASSADO)	não
POSSIBILITAR	sim
PRECISAR	não

PRENDER	sim
PREOCUPAR	sim
PROCESSAR (CONTINUAR)	sim
PUXAR-SACO	sim
QUERER	não
RECEBER	não
RECLAMAR	sim
REPRESENTAR	sim
RESOLVER	sim
RESPEITAR	sim
ROUBAR	não
SABER	não
SABER-NÃO	não
SEGUIR	sim
SENTIR	sim
SEPARAR	não
SER (É)	não
SER-NÃO	não
SER-POSSÍVEL	sim
SIGNIFICAR	sim
SINALIZAR (CONVERSAR-LIBRAS)	sim
SOFRER	sim
SONHAR	sim
SUBIR-DESCER-SUBIR (OSCILAR)	não
TENTAR	não
TENTAR-ENTENDER	não
TER	não
TER-NÃO	não
TER-VONTADE	sim
TIRAR	não
TORCER	sim
TRABALHAR	sim
TRANSFERIR	não
TRANSFERIR-VERBA	sim
TROCAR	sim
UNIR	sim
VER	não
VIAJAR	sim
VIAJAR-DE-AVIÃO	sim
VIVER	sim
VOLTAR	não
XINGAR	sim